

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
LINHA DE PESQUISA EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS – LIPED

THABATA LEA MAIER

A ORIGEM HISTÓRICA DA ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (ADUNB) – 1978-1982

São Paulo

2024

Thabata Lea Maier

**A origem histórica da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília
(ADUNB) – 1978-1982**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (Uninove) como exigência parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação, sob orientação do professor Dr. Carlos Bauer.

São Paulo

2024

Maier, Thabata Lea.

A origem histórica da associação dos docentes da universidade de Brasília (ADUNB) – (1978 -1982). / Thabata Lea Maier. 2024.

252 f. _____

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2024.

Orientador (a): Prof. Dr. Carlos Bauer.

1. ADUnB. 2. Associativismo e sindicalismo docente. 3. História da educação.

I. Bauer, Carlos. II. Título.

CDU 37

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Carlos Bauer – UNINOVE – Orientador

Professor Doutor Antônio Joaquim Severino – UNINOVE – Titular

Professor Doutor Erlando da Silva Rêses – UnB – Titular

Professor Doutor Celso Carvalho – UNINOVE – Suplente

Professor Doutor Evaldo Pioli – UNICAMP – Suplente

Nossos avós são seres tão especiais,
que Deus nos concede emprestá- los,
por uma temporada, como um ato de amor
e como uma forma de aprendizagem.
Aos meus avós maternos Pedro e Josephina e
aos paternos Adolf e Ericka,
que para sempre serão lembrados
de forma carinhosa e saudosa.

RESUMO

A presente pesquisa aborda a trajetória da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) no período de 1978 a 1982. Desde a sua fundação, em 24 de maio de 1978, a entidade sempre esteve compromissada com a defesa dos interesses dos professores e da promoção do ensino público, gratuito, laico e de qualidade para todos. Sua atuação foi marcada por momentos de grande adversidade política e social, incluindo a resistência à ditadura civil-militar. A pesquisa se justifica por discutir o contexto social e político em que os docentes da Universidade de Brasília (UnB) fundaram a ADUnB. Partimos das seguintes questões de pesquisa: Quais foram as relações, articulações e impactos do movimento docente na Universidade de Brasília? Quais são os protagonistas cujas ações e colaborações giram em torno da mobilização para a fundação da ADUnB? Quais estratégias e alianças foram empregadas pelos docentes da UnB? Como o contexto social, histórico e político gerou condições que permitiram o surgimento do associativismo e do sindicalismo docente na UnB? A metodologia está estruturada na revisão de literatura e no levantamento bibliográfico, tendo como base empírica fontes orais como entrevistas semiestruturadas, fotografias, jornais da grande imprensa, boletins, cartazes, atas e demais documentos impressos e escritos que propiciaram o resgate da memória dos seus artífices e do processo de construção crítica da história da ADUnB. Como resultados principais da pesquisa destacam-se: a ADUnB promoveu avanços significativos durante seus quatro anos de atuação na Universidade de Brasília, e, gradualmente, os docentes conseguiram conquistar direitos que haviam sido reprimidos pela ditadura que impunha autoritarismo no campus universitário; além disso, a ADUnB desempenhou um papel importante na superação das gestões oligárquicas que limitavam a participação da comunidade acadêmica nos processos decisórios da UnB.

Palavras-chave: ADUnB; associativismo e sindicalismo docente; história da educação.

ABSTRACT

This research addresses the trajectory of the Association of Teachers of the University of Brasília (ADUnB) in the period from 1978 to 1982. Since its foundation on May 24, 1978, the entity has always been committed to defending the interests of teachers and promoting teaching public, free, secular and quality for everyone. His performance was marked by moments of great political and social adversity, including resistance to the civil-military dictatorship. The research is justified by discussing the social and political context in which professors from the University of Brasília (UnB) founded ADUnB. We start from the following research assumption: what were the relationships, articulations and impacts of the teaching movement at the University of Brasília. Who are the protagonists whose actions and collaborations revolve around the mobilization for the founding of ADUnB. What strategies and alliances were used by UnB professors. How the social, historical and political context influenced the conditions that allowed the emergence of associations and teaching unionism at UnB. The methodology is structured on literature review and bibliographical survey, the empirical basis was based on oral sources such as semi-structured interviews, photographs, newspapers from the mainstream press, bulletins, posters, minutes and other printed and written documents that can collaborate with us in rescuing memory of its creators and in the critical construction of the history of ADUnB. As a result of the research, it is highlighted that ADUnB promoted significant advances during its four years of operation at the University of Brasília. Gradually, teachers managed to gain rights that had been repressed by the dictatorship, which imposed authoritarianism on the university campus. Furthermore, ADUnB played an important role in overcoming oligarchic management that limited the participation of the academic community in UnB's decision-making processes.

Keywords: ADUnB; associativism and teaching unionism teacher; history of education.

RESUMEN

Esta investigación aborda la trayectoria de la Asociación de Profesores de la Universidad de Brasilia (ADUnB) en el período de 1978 a 1982. Desde su fundación, el 24 de mayo de 1978, la entidad siempre ha estado comprometida con la defensa de los intereses de los profesores y la promoción de la enseñanza pública, gratuita, laica y de calidad para todos. Su actuación estuvo marcada por momentos de gran adversidad política y social, incluida la resistencia a la dictadura cívico-militar. La investigación se justifica discutiendo el contexto social y político en el que profesores de la Universidad de Brasilia (UnB) fundaron la ADUnB. Partimos del siguiente supuesto de investigación: cuáles fueron las relaciones, articulaciones e impactos del movimiento docente en la Universidad de Brasilia. Quiénes son los protagonistas cuyas acciones y colaboraciones giran en torno a la movilización por la fundación de ADUnB. Qué estrategias y alianzas utilizaron los docentes de la UnB. Cómo el contexto social, histórico y político influyó en las condiciones que permitieron el surgimiento del asociacionismo y del sindicalismo docente en la UnB. La metodología se estructura en revisión de literatura y relevamiento bibliográfico, la base empírica se basó en fuentes orales como entrevistas semiestructuradas, fotografías, periódicos de la prensa generalizada, boletines, carteles, actas y otros documentos impresos y escritos que puedan colaborar en el rescate de la memoria de sus creadores y en la construcción crítica de la historia de la ADUnB. Como resultado de la investigación, se destaca que la ADUnB promovió avances significativos durante sus cuatro años de funcionamiento en la Universidad de Brasilia. Poco a poco, los docentes lograron conquistar derechos que habían sido reprimidos por la dictadura, que impuso el autoritarismo en los campus universitarios. Además, la ADUnB jugó un papel importante en la superación de la gestión oligárquica que limitaba la participación de la comunidad académica en los procesos de toma de decisiones de la UnB.

Palabras clave: ADUnB; enseñanza del asociativismo y del unionismo; historia de la educación.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

ADFM - Associação dos Docentes da Faculdade de Medicina de Marília
ADUFEPE - Associação dos Docentes da Universidade Federal de Pernambuco
ADUFES - Associação dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo
ADUFU - Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia
ADUNB - Associação dos Docentes da Universidade de Brasília
ADUNESP - Associação dos Docentes da Universidade Estadual Paulista
ADUNICAMP - Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Campinas
ADUNIMEP - Associação dos Docentes da Universidade Metodista de Piracicaba
ADUSP - Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo
AI-1 - Ato Institucional nº 01
AI-5 - Ato Institucional nº 05
ALESP - Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo
ANDES/SN – Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APEMB - Associação dos Professores do Ensino Médio de Brasília
APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
APROPUC - Associação dos Professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
APRUMA - Associação dos Professores da Universidade Federal do Maranhão
APUBH - Associação dos Professores Universitários de Belo Horizonte
APUFSCA - Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina
ASU - Universidade Estadual do Arizona
ATL - Acampamento Terra Livre
BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPI - Centro Acadêmico Pedagogia do Oprimido
CEDOC - Centro de Documentação e Pesquisa
CET - Centro de Excelência em Turismo
CLT - Consolidação das Leis de Trabalho
CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
CONSUNI - Conselho Universitário
CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura
CPB - Confederação de Professores do Brasil

CUT - Central Única dos Trabalhadores
DCE - Diretório Central dos Estudantes
DCL - Diário da Câmara Legislativa
DF - Distrito Federal
DOPS - Departamento de Ordem Política e Social
DSI - Divisão de Segurança e Informação
DU - Diretório Universitário
FEUB - Federação dos Estudantes Universitários de Brasília
FUB - Fundação Universidade de Brasília
GRUPHIS - Grupo de Pesquisa em História e Teoria da Profissão Docente e do Educador Social
ICB-USP - Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo
IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia
ICC - Instituto Central de Ciências
IE - Internacional da Educação
ICH - Instituto de Ciências Humanas
MIT - Instituto de Tecnologia de Massachusetts
INEP - Instituto Nacional de Estudos Educacionais Anísio Teixeira
IP - Instituto de Psicologia
IPM - Inquerito Policial Militar
LDB - Lei de Diretrizes e Bases
LIPED - Linha de Pesquisa em Políticas Educacionais
MDB - Movimento Democrático Brasileiro
ME - Movimento Estudantil
MEC - Ministério da Educação
MGA - Média Geral Acumulada
PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação
PROIFES - Federação de Sindicatos de Professores e Professoras de Instituições Federais de Ensino Superior e de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
PROSUP - Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares
PT - Partido dos Trabalhadores
PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
REDALYC - Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
REDE ASTE - Rede de Pesquisadores e Pesquisadoras sobre Associativismo e Sindicalismo

dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação.

SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SINPRO-DF - Sindicato dos Professores do Distrito Federal

SINPRO-RIO - Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro

SINPRO-SP - Sindicato dos Professores de São Paulo

SINTEPP - Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras em Educação Pública do Pará

SINTFUB - Sindicato dos Trabalhadores da Fundação Universidade de Brasília

SNI - Serviço Nacional de Informações

UDF - Centro Universitário do Distrito Federal

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNB - Universidade de Brasília

UNE - União Nacional dos Estudantes

UNESP - Universidade Estadual de São Paulo

UNINOVE - Universidade Nove de Julho

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

URP - Unidade de Referência de Preços

USP - Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Autoridades compondo a mesa de inauguração da Universidade de Brasília
- Figura 2: Militares invadindo o campus da UnB em 1965
- Figura 3: Reprodução: Correio Brasiliense, p.1, 19/10/1965
- Figura 4: Invasão da UnB em 1968
- Figura 5: Reprodução: Correio da Manhã, p.1, 30/08/1968
- Figura 6: Manifestação durante a ocupação e greve estudantil da UnB em 1977
- Figura 7: Reprodução: Correio Brasiliense, p.1, 07/06/1977
- Figura 8: Invasão Policial da UnB em 1977
- Figura 9: Reprodução: Correio Brasiliense, p.5, 29/07/1977
- Figura 10: Reprodução Jornal do Brasil, p.19, 31/07/1977
- Figura 11: Reprodução Correio Brasiliense, p.05, 02/08/1977
- Figura 12: Reprodução Correio Brasiliense, p.08, 02/08/1977
- Figura 13: Reprodução Jornal do Brasil, p.22, 02/08/1977
- Figura 14: Reprodução Jornal O Globo, p.06, 02/08/1977
- Figura 15: Reprodução Correio Brasiliense, p. 13, 19/04/1980
- Figura 16: Reprodução Correio Brasiliense, p.15, 22/05/1980
- Figura 17: Reprodução Correio Brasiliense, p. 11, 23/08/1980
- Figura 18: Reprodução Correio Brasiliense, p.11, 26/11/1980
- Figura 19: Reprodução Correio Brasiliense, p.12, 20/03/1982
- Figura 20: Reprodução Correio Brasiliense, p.12, 20/03/1982
- Figura 21: Reprodução Correio Brasiliense, p.12, 07/04/1982
- Figura 22: Reprodução Correio Brasiliense, p.13, 29/04/1982
- Figura 23: Reprodução Correio Brasiliense, p.13, 26/08/1982
- Figura 24: Reprodução Correio Brasiliense, p.06, 04/10/1982
- Figura 25: Reprodução Correio Brasiliense, p. 13, 09/10/1982
- Figura 26: Reprodução Correio Brasiliense, p. 05, 11/10/1982
- Figura 27: Reprodução Correio Brasiliense, p. 04, 15/10/1982
- Figura 28: Reprodução Correio Brasiliense, p. 11, 16/10/1982
- Figura 29: Reprodução Correio Brasiliense, p. 16, 04/11/1982
- Figura 30: Reprodução Correio Brasiliense, p. 10, 05/11/1982
- Figura 31: Reprodução Correio Brasiliense, p. 01, 08/11/1982

Figura 32: Reprodução Correio Brasiliense, p. 09, 09/11/1982

Figura 33: Reprodução Correio Brasiliense, p. 09, 11/11/1982

Figura 34: Reprodução Correio Brasiliense, p. 11, 26/11/1982

Figura 35: Reprodução Correio Brasiliense, p. 12, 08/12/1982

Figura 36: Reprodução Correio Brasiliense, p. 13, 11/12/1982

Figura 37: Termo de Consentimento Prof. Dr. José Carlos Balthazar

Figura 38: Termo de Consentimento Prof. Dr. Sadi Dal Rosso

Figura 39: Termo de Consentimento Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses

Figura 40: Termo de Consentimento Profa. Dra. Eliene Novaes Rocha

Figura 41: Quadra de basquete onde ocorreu a invasão militar mais violenta na UnB

Figura 42: Placa em memória aos presos políticos da ditadura civil militar

Figura 43: - Primeira sede da ADUnB dentro da UnB

Figura 44: Sede Atual da ADUnB dentro da UnB

Figura 45: Parte dos Fundos da ADUnB, placa identificando a participação da ADUnB com o ANDES

Figura 46: Cartaz em homenagem aos 45 anos da existência da ADUnB

Tabela 1: Teses, dissertações e artigos

A luta em favor do respeito aos educadores
e à educação inclui que a briga
por salários menos imorais
é um dever irrecusável
e não só um direito deles.
A luta dos professores em
defesa dos seus direitos
e de sua dignidade
deve ser entendida como um momento importante
de sua prática docente,
enquanto prática ética.
Não é algo que vem de fora da atividade docente,
mas algo que dela faz parte.

Paulo Freire

Ser professor e não lutar
é uma contradição pedagógica

Paulo Freire

Ninguém ignora tudo.
Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um gesto nobre que nos humaniza, pois nos faz perceber que precisamos uns dos outros para construir nosso caminho e história.

Este trabalho em construção é o produto de minha dedicação pessoal em busca de alcançar meus objetivos na vida. No entanto, ele também é o resultado do apoio generoso de muitas pessoas que, de forma direta ou indireta, desempenharam um papel fundamental no sucesso desta empreitada.

Agradeço a minha filha Sophia Andreas Maier, razão da minha vida, motivo pelo qual busco e acredito num mundo melhor.

Ao meu companheiro Fabrício, por participar comigo de todo esse período e no enfrentamento de muitas dificuldades, angústias e inseguranças, e no suporte para obter tranquilidade no desenvolvimento deste trabalho. Ele nunca me deixou desistir.

A minha amada e querida família: meus pais Ana e Adolf, que sempre me incentivaram a estudar e que deram todo o suporte e apoio emocional em toda a minha jornada acadêmica; minha irmã Barbara, sobrinhos e cunhados que me ajudaram com uma palavra de incentivo, uma refeição ou um sorriso.

Expresso minha gratidão ao meu orientador, Carlos Bauer, pela confiança, paciência e dedicação dispensadas a mim ao longo deste trabalho. Sua orientação foi essencial para que eu concluísse esta pesquisa com confiança.

Agradeço a todos os professores da Linha de Pesquisa em Políticas Educacionais (LIPED), que participaram desta jornada e a todos os outros professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE).

Agradeço à Universidade Nove de Julho pela oportunidade e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio e a outorga da bolsa de estudos do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP).

Agradeço aos colegas do Grupo de Pesquisa em História e Teoria da Profissão Docente e do Educador Social (GRUPHIS) pela ajuda e orientação em todos os momentos da pesquisa.

Sou grata a todas as pessoas que contribuíram para tornar minha estadia em Brasília enriquecedora, em especial ao professor Luís Galetti, por sua orientação constante, e aos

professores entrevistados: Balthazar, Sadi, Erlando e Eliene, pela disposição em compartilhar suas valiosas experiências durante as entrevistas. Agradeço também a Antonio Carlos, conhecido como Toninho, por nos conduzir pelos locais históricos e significativos da UnB e na visita ao CEDOC. Expresso minha gratidão à Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) pela calorosa acolhida.

Expresso minha gratidão aos professores Severino e Erlando pelas valiosas observações durante a qualificação.

Por fim, que este seja o início de um longo caminho na pesquisa acadêmica.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 18 |
| 2 | CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E POLÍTICO DA FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA..... | 25 |
| 2.1 | Aspectos concisos da fundação da Universidade de Brasília - UnB..... | 27 |
| 2.1.1 | <i>Anísio Teixeira e a UnB.....</i> | <i>30</i> |
| 2.1.2 | <i>Plano Orientador da UnB.....</i> | <i>32</i> |
| 2.1.3 | <i>Fundação Universidade de Brasília.....</i> | <i>34</i> |
| 2.1.4 | <i>Organização Acadêmica da UnB.....</i> | <i>39</i> |
| 2.2 | Invasões militares na UnB..... | 42 |
| 2.2.1 | <i>Invasão de 1964: o dia da vergonha.....</i> | <i>44</i> |
| 2.2.2 | <i>Invasão de 1965: a grande crise.....</i> | <i>47</i> |
| 2.2.3 | <i>Invasão de 1968.....</i> | <i>52</i> |
| 2.2.4 | <i>Invasão de 1977: o início do fim.....</i> | <i>55</i> |
| 3 | ASPECTOS HISTÓRICOS DA ORGANIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA ADUNB | 62 |
| 3.1 | Da invasão de 1977 ao início da organização dos docentes..... | 63 |
| 3.1.1 | <i>Conselho Universitário.....</i> | <i>66</i> |
| 3.1.2 | <i>A cobertura jornalística da primeira assembleia.....</i> | <i>68</i> |
| 3.1.3 | <i>A criação das associações docentes (Ads) nas universidades brasileiras.....</i> | <i>73</i> |
| 3.2 | ADUnB: uma história de lutas..... | 74 |
| 3.2.1 | <i>Primeira reunião do Conselho de Representantes e a primeira diretoria (1978 – 1980)</i> | <i>80</i> |
| 3.2.2 | <i>A consolidação da Associação: a escolha do novo reitor.....</i> | <i>82</i> |
| 4 | SEGUNDA DIRETORIA (1980-1982)..... | 87 |
| 4.1 | Fortalecimento de uma entidade: gestão de João Cláudio Todorov (1978-1980)..... | 87 |
| 4.2 | Segunda diretoria da ADUnB (1980-1982) | 92 |

| | | |
|-----|--|------------|
| 4.3 | Aproximação da ADUnB com o SINPRO-DF..... | 95 |
| 4.4 | Uma análise jornalística dos desdobramentos da primeira greve dos docentes da Universidade de Brasília em 1982..... | 99 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 121 |
| | REFERÊNCIAS..... | 126 |
| | ANEXOS | |
| | Anexo A - Entrevista Prof. Dr José Carlos Balthazar..... | 137 |
| | Anexo B - Entrevista Prof. Dr. Sadi Dal Rosso..... | 155 |
| | Anexo C - Entrevista Prof. Dr Erlando da Silva Rêses..... | 171 |
| | Anexo D - Entrevista Prof. Dra Eliene Novaes Rocha..... | 185 |

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da educação no Brasil, os educadores desempenharam um papel essencial na defesa da promoção de uma educação pública, gratuita e de qualidade em todos os níveis, como parte dos direitos inalienáveis do exercício da cidadania. O engajamento desses profissionais em iniciativas voltadas ao aprimoramento constante do sistema educacional foi de importância fundamental para a consolidação dos progressos que desfrutamos atualmente em nossas escolas e universidades. Mesmo durante períodos desafiadores e sombrios, como a ditadura civil-militar que se estabeleceu após o golpe de Estado de 1964, as lutas dos docentes serviram como meios de resistência ao regime brutalmente imposto.

As organizações de professores universitários no Brasil, que já existiam antes da década de 1970, com importantes exceções que precisam ser localizadas e estudadas de forma satisfatória, adotavam práticas de assistência, cultura ou entretenimento, como indica Rêses (2008, p.53): “os sindicatos passam a ter funções meramente assistenciais, prestando serviços a seus associados, além de se constituírem em instrumentos estatais de sustentação do regime.”

No entanto, a partir da década de 1970 houve uma transformação significativa na natureza dessas associações, que passaram a adotar uma postura mais combativa e reivindicatória, baseada em um sindicalismo ativo, muitas vezes expresso por meio do enraizamento de suas ações no cotidiano da categoria, ao lado de protestos, mobilizações públicas e deflagrações de greves. Isso resultou em um aumento notável da representatividade dessas entidades.

A chamada abertura política marca o início de uma nova era na história do Brasil, caracterizada por práticas que desafiaram o regime autoritário visando à redemocratização do país. Nesse período, um clima de intensa reivindicação emergiu, com diversos grupos de trabalhadores envolvidos em lutas em todo o território nacional. Essas batalhas eram lideradas por associações e sindicatos que adotaram abordagens mais combativas para suas ações.

O envolvimento dos docentes da Universidade de Brasília (UnB) no movimento sindicalista teve início com as reuniões clandestinas realizadas na UnB, após a expulsão de alunos pela reitoria da universidade em 1977, decorrente da quarta invasão militar ao campus.

Analisar a emergência e o desenvolvimento do sindicalismo docente na Universidade de Brasília poderá contribuir com o fornecimento de elementos históricos valiosos para uma

compreensão mais aprofundada da estruturação da categoria dos profissionais que atuam no ensino superior no contexto brasileiro.

Ao levantar esses questionamentos, identificamos a criação de uma Associação importante de docentes universitários na Universidade de Brasília em 1978: a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB). Isso trouxe algumas questões importantes que orientaram esta pesquisa: Quais foram as relações, articulações e impactos do movimento docente na Universidade de Brasília? Quais são os protagonistas cujas ações e colaborações giram em torno da mobilização para a fundação da ADUnB? Quais estratégias e alianças foram empregadas pelos docentes da UnB? Como o contexto social, histórico e político gerou as condições que permitiram o surgimento do associativismo e do sindicalismo docente na UnB?

Com base nessas questões, definimos o problema de pesquisa, que é: O contexto histórico de criação da ADUnB e os sujeitos que desempenharam papéis significativos na articulação de iniciativas relacionadas a uma visão específica para a universidade durante o período da abertura política.

De maneira geral, este estudo divulga os resultados preliminares de uma pesquisa na área de História da Educação cujo objetivo principal é analisar o processo de criação da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) desde sua fundação, em 24 de maio de 1978, até a primeira greve ocorrida em 1982, nesse passo resgatando a memória das pessoas envolvidas nesse processo de mobilização.

Considerando que as discussões entre colegas, o diálogo profissional, a coordenação de iniciativas coletivas e a participação política têm influência significativa no desempenho docente dos membros do movimento sindical, o objetivo específico desta pesquisa é identificar, por meio de observação e entrevista, a percepção de professores associados à ADUnB.

Partimos do pressuposto de que a narrativa da história da educação deve ser construída a partir das vozes dos coletivos, das formações políticas de resistência e das lutas. Esta pesquisa foi produzida no âmbito do Grupo de Pesquisa em História e Teoria da Profissão Docente e do Educador Social (GRUPHIS), que faz parte da Linha de Pesquisa em Políticas Educacionais (LIPED) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE).

A participação do Gruphis na Rede de Pesquisadores e Pesquisadoras Sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores e das Trabalhadoras da Educação (Rede Aste) desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento deste estudo, ao proporcionar

dialógos críticos com pesquisadores, sindicalistas e outros interessados no tema por meio da fortuna bibliográfica, a realização de encontros nacionais e seminários internacionais.

A elaboração deste trabalho é o resultado de uma pesquisa abrangente que incluiu análise documental e revisão bibliográfica, recorrendo, principalmente, a fontes orais por meio de entrevistas, para dimensionar a importância da história educacional dos artífices do movimento associativista estudado, e não apenas para preencher lacunas que podem surgir devido à falta de registros escritos.

Revisão de literatura

No desenvolvimento deste estudo acadêmico, empenhamo-nos em conduzir uma pesquisa abrangente das investigações produzidas nos programas de pós-graduação em educação, para fins de levantar e analisar o processo de construção e criação da entidade de representação e luta dos trabalhadores e trabalhadoras da educação do Distrito Federal, a ADUnB.

Foi realizado o levantamento de teses e dissertações da Área de Educação nas bases de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), da Biblioteca da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), da Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e da Rede de Revistas Científicas Não Comerciais de Acesso Aberto de Propriedade da Academia (REDALYC).

A revisão de literatura foi iniciada no primeiro semestre do ano de 2023, no uso das palavras-chave relativas aos objetivos e ao objeto de nossa pesquisa, a saber: associativismo, história da educação, sindicalismo docente, sindicalismo na ditadura e Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), e abarcando pesquisas produzidas no período de 2018 a 2022, com prioridade para os estudos mais recentes sobre sindicalismo docente.

Não encontramos dissertações ou teses relacionadas à ADUnB, porém, foi identificada uma vasta produção sobre associativismo e sindicalismo dos trabalhadores em educação: foram nove trabalhos de mestrado e doutorado que abordam esse tema, os quais representaram contribuições relevantes para este estudo.

Foi localizado o livro *Sonho e realidade – o movimento docente na Universidade de Brasília*, de Murilo César Ramos (2021), trabalho de extrema importância que nos ajuda a

compreender a criação da ADUnB até a greve de 1984. O autor examina as interações no processo de sindicalização com uma abordagem pedagógica, destacando aspectos significativos do movimento docente na UnB.

Tabela 1: Teses, dissertações e artigos

| Pesquisa | Título | Autor | Ano |
|-------------|--|---------------------------------------|------|
| Dissertação | Sindicalismo docente: a participação sindical dos professores da rede municipal de Castanhal-PA no SINTEPP | Victor Fernando Ramos de Oliveira | 2019 |
| Dissertação | Conflito, resistência e solidariedade na história da educação pública paulista. Um estudo sobre a ocupação da ALESP pelos professores durante a greve de 1993 | Viviane Belizário de Freitas Guinossi | 2019 |
| Dissertação | História concisa do Sindicato dos Professores do ABC (1984-1990) | Carin Sanches de Moraes | 2019 |
| Dissertação | Da Confederação de Professores do Brasil (CPB) à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE): história da organização político-sindical dos trabalhadores em educação brasileiros (1983 a 1991) | Sebastião Carlos Pereira Filho | 2019 |
| Tese | História do Sindicato dos Professores de São Paulo (SINPRO - SP) em tempos de conflitos sociais e expansão do ensino privado (1975-1985) | Helida Balardini Lança Vicente | 2019 |
| Dissertação | Formação sindical do SINPRO-DF com a CUT: processo histórico de construção de uma hegemonia | Antonio Carlos Andrade de Souza | 2019 |
| Tese | Sindicalismo docente e as particularidades organizativas, ideológicas e reivindicativas do magistério público municipal | Marta Rosani Taras Vaz | 2020 |
| Tese | História da gênese do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro (SINPRO-RIO) em tempos de modernização conservadora do capitalismo no Brasil (1871–1931) | Andre Luis Gabriel | 2022 |

| | | | |
|------|--|----------------------------------|------|
| Tese | As raízes históricas e a consolidação política da Internacional da Educação (IE) [1912-1993] | Isabella Delcorso Cury de Mello. | 2022 |
|------|--|----------------------------------|------|

Fonte: Bases de dados consultadas. Elaboração da autora, 2023

A dissertação de Victor Fernando Ramos de Oliveira (2019) intitulada *Sindicalismo docente: a participação sindical dos professores da rede municipal de Castanhal-PA* realizou uma importante pesquisa sobre a participação dos docentes da rede municipal de ensino de Castanhal-PA nas ações do SINTEPP, identificando o posicionamento da direção enquanto classe social em meio ao refluxo no movimento docente; questionando o contexto de refluxo no movimento docente à participação dos docentes no Sindicato, sua identidade de classe social e o posicionamento da direção no SINTEPP.

A dissertação de Viviane Belizário de Freitas Guinossi (2019) traz como título *Conflito, resistência e solidariedade na história da educação pública paulista: um estudo sobre a ocupação da Alesp pelos professores durante a greve de 1993* analisa, de uma perspectiva histórico-política, o ato de ocupação da Assembléia Legislativa pelos docentes da rede estadual de ensino de São Paulo, sob coordenação da APEOESP, na greve de 1993, que objetivava contrapor-se ao processo de desvalorização e ao prejuízo social causado pela perda da autonomia dos professores e pela crise do sistema educacional brasileiro.

O estudo de Mestrado de Carin Sanches de Moraes (2019), *História concisa do Sindicato dos Professores do ABC (1984-1990)*, discute o sindicalismo dos trabalhadores de educação de forma a destacar os aspectos da trajetória social, sindical e política desse Sindicato no período de 1970 a 1980, em plena vigência da ditadura civil militar.

A dissertação de Sebastião Carlos Pereira Filho (2019), *Da Confederação de Professores do Brasil (CPB) à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE): história da organização político-sindical dos trabalhadores em educação brasileiros (1983 a 1991)*, nos traz um estudo da organização sindical em nível nacional protagonizada pela CNTE numa etapa de consolidação do novo sindicalismo, movimento do qual emergiram importantes lideranças sociais e políticas no âmbito de fatos políticos importantes do período de 1984 a 1990.

Hélida Balardini Lança Vicente (2019) defendeu a tese *História do Sindicato dos Professores de São Paulo (SINPRO-SP) em tempos de conflitos sociais e expansão do ensino privado (1975-1985)*. Nesse trabalho a autora analisa a atuação do SINPRO-SP naquele período diante dos obstáculos políticos do período da ditadura civil-militar, destacando a

participação da entidade, suas ações sindicais e as especificidades do sindicalismo docente.

Em seu trabalho de mestrado Antonio Carlos Andrade de Souza (2019) apresentou a dissertação denominada *Formação sindical do SINPRO-DF com a CUT: processo histórico de construção de uma hegemonia*, na qual analisa os resultados do Programa de Formação Sindical do SINPRO-DF, em parceria com a ECOCUT/CNTE, de 2004, identificando a concepção política de sociedade do Programa e as outras concepções ideológico-políticas presentes ao longo do período de 2016 a 2019.

A pesquisa de doutorado de Marta Rosani Taras Vaz (2020) apresentou o trabalho *Sindicalismo docente e as particularidades organizativas, ideológicas e reivindicativas do magistério público municipal*, no qual busca desvelar em que medida o sindicalismo docente – do magistério público municipal –, a partir de suas contradições e particularidades organizativas, reivindicativas e ideológicas, pode desempenhar uma atuação na perspectiva classista, relaciona as particularidades do sindicalismo docente do magistério público municipal com as perspectivas teóricas de sindicato e aponta os limites e possibilidades no que diz respeito à atuação na perspectiva revolucionária.

Gabriel, André Luís (2022) apresentou a pesquisa *História da gênese do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro (SINPRO-Rio) em tempos de modernização conservadora do capitalismo no Brasil (1871–1931)*. O estudo analisa a organização política e socioeducativa dos docentes da cidade do Rio de Janeiro no âmbito do associativismo docente, fundamentando-se nos marcos da publicação do Manifesto dos Professores Públicos de Instrução Primária da Corte (1871) e da fundação do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro e Região (SINPRO-Rio).

Em sua tese de doutoramento Isabella Delcorso Cury de Mello (2022) produziu o trabalho intitulado *As raízes históricas e a consolidação política da Internacional da Educação (IE) [1912-1993]*, no qual aborda os aspectos sociais, políticos e históricos que se desenvolveram em torno da Internacional da Educação (IE), com repercussão no mundo do trabalho educacional. No trabalho, a autora estabelece uma compreensão crítica das origens e embates políticos que formaram as primeiras organizações internacionais.

Esses trabalhos, em sua maioria, investigaram a gênese e a história das entidades associativas e sindicais de trabalhadores docentes e não docentes dos diversos níveis de ensino. Há muita referência à Educação Superior que contribui de maneira importante com a pesquisa que realizamos, na medida em que propõem um panorama analítico dos contextos social, político e econômico, principalmente, das décadas de 1970 e 1980, e que vários deles apontam a constituição do movimento sindical docente universitário. Assim, ajudaram, com

referências teóricas, históricas e políticas, a compor o contexto histórico do movimento docente na Universidade de Brasília e da memória da ADUnB.

Do ponto de vista metodológico, este estudo é caracterizado como uma pesquisa de natureza historiográfica. O objetivo central foi o de promover reflexões sobre a história da educação, destacando as lutas do movimento sindical docente na Universidade de Brasília, especialmente por meio da criação da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB). Para alcançar esse propósito, utilizamos abordagens da pesquisa documental (acervos de jornais, boletins informativos, atas, fotografias e outros materiais impressos) e da história oral (entrevistas semi-estruturadas).

Conduzimos quatro entrevistas com docentes que integraram as primeiras diretorias da ADUnB e foram militantes ativos do movimento docente local, um deles tendo participado da mobilização para a criação da Associação desde a diretoria provisória até 1982. Também realizamos uma entrevista com a atual diretora da ADUnB.

Para abordar essas questões relacionadas à ADUnB, este trabalho está organizado em quatro seções. A primeira Seção consiste em uma revisão da literatura sobre associativismo e sindicalismo dos trabalhadores em educação, visando compreender o panorama abrangente dos estudos conduzidos nesse campo. Durante essa revisão, identificamos uma lacuna na pesquisa referente à organização sindical dos docentes da Universidade de Brasília, o que motivou a escolha desse objeto de estudo.

A segunda Seção apresenta o contexto histórico, social e político de fundação da Universidade de Brasília, explicitando a estruturação social e política do Brasil a partir do golpe de estado de 1964, e todas as invasões militares ocorridas na UnB no período da ditadura civil-militar.

Na terceira Seção apresentamos o processo de organização e resistência dos docentes da Universidade de Brasília e a história da ADUnB, obedecendo o recorte temporal deste estudo, que vai de sua criação em 1978 até a primeira greve em 1982.

Na quarta Seção exploramos a trajetória das primeiras diretorias da ADUnB, cujo papel foi fundamental na consolidação da Associação, uma vez que elas contribuíram de maneira significativa e crucial no fortalecimento da ADUnB, tomando decisões importantes com base em reuniões e assembleias. Além disso, discutimos a aproximação da ADUnB com o SINPRO-DF, momento em que a reitoria da UnB procurava criar obstáculos à legitimação da Associação dentro da instituição. Também analisamos a mobilização dos estudantes e docentes durante a greve de 1982 e o impacto dessa mobilização no contexto universitário.

2 CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E POLÍTICO DA FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

A lembrança que me veio, instantaneamente, ao sabê-lo, foi a da noite vivida aqui há trinta anos, logo depois que essa faixa de terras entre a Asa Norte e o Lago foi concedida à nossa Universidade nascente. Eu, se fosse ciente, deveria ter, naquela hora, o sentimento profundo, que minha incidência não via, de que conquistara um bom pedaço do planeta Terra para nele edificar a Casa do Espírito, enquanto saber, cultura, ciências: a Universidade de Brasília, nossa UnB.

Darcy Ribeiro

A presente seção tem como objetivo abordar o contexto histórico, social e político de fundação da Universidade de Brasília (UnB), em 1962, nascida no bojo de um projeto desenvolvimentista que preconizava a produção de conhecimento e o avanço da ciência e da tecnologia como fatores decisivos para a construção da soberania nacional e capaz de alicerçar o desenvolvimento ulterior do país.

Essa perspectiva de se pensar a autonomia, a produção do conhecimento, a disseminação da cultura e o compromisso social da universidade brasileira foi abrupta e violentamente interrompida e maculada pela sanha golpista perpetrada contra o governo de João Goulart em 31 de março de 1964. O golpe de Estado de 1964 foi um episódio marcante e se inscreveu de forma trágica na história do Brasil. Sua urdidura conspirativa se processou como resultado de uma aliança política entre militares de alta patente das Forças Armadas do Brasil - Marinha, Exército e Aeronáutica -, civis conservadores, instituições religiosas, frações da burguesia nacional, corporações multinacionais e governos estrangeiros. Foi assim que, de 1964 a 1985, os oficiais do Exército Humberto de Alencar Castello Branco, Artur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Beckmann Geisel e João Baptista de Oliveira Figueiredo assumiram o papel de generais-presidentes do regime ditatorial que se instalou no país e vigorou por mais de vinte anos.

A sustentação do regime ditatorial se deu pela adoção de planos econômicos mirabolantes que favoreceram a concentração da renda nacional, medidas repressivas, perseguição dos opositores, funcionando por meio de atos institucionais, da Lei de Segurança Nacional e de decretos arbitrários e cerceadores das liberdades civis.

Simultaneamente à ação golpista o Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas instituiu a “operação limpeza”, caracterizada pela perseguição a lideranças de movimentos

sociais, o que dificultava, e mesmo inviabilizava, qualquer organização de resistência, intervindo em sindicatos, realizando aposentadorias forçadas ou demitindo funcionários públicos, promovendo exílios e prisões de opositores do regime, ações que se consolidaram a partir do Ato institucional nº 01 (AI-1), de 9 de abril de 1964.

Toda essa repressão estatal se expandiu para o cotidiano das universidades brasileiras, com a invasão de *campi* universitários e sedes de entidades estudantis, primeiros locais a serem ocupados por tropas militares. Por óbvio, não foi diferente para o caso da comunidade acadêmica da Universidade de Brasília (UnB), conhecida por seus compromissos sociais e pelo posicionamento político de seus professores e estudantes,

não apenas como vítima da tortura, assassinato e desencaminhamento profissional de seus jovens estudantes, em particular os que optaram pela via armada para o combate à ditadura – como pela demissão, expulsão e perseguição de professores, pesquisadores e outros profissionais das Universidades e Instituições de Pesquisa. (SILVA, 2014, p. 63)

Não foi por acaso que, diante da proximidade do *campus* da Universidade de Brasília (UnB) ao Palácio do Planalto e à esplanada dos ministérios, em particular dos prédios do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, a ação repressiva culminou com a invasão da UnB logo nos primeiros meses em que a ditadura militar se instaurou no Brasil.

A interferência direta ou indireta da ditadura civil-militar foi prática recorrente dos “anos de chumbo”¹ da década de 1970, impondo mudanças autoritárias no campo social, econômico, político e educativo como expediente de domínio desses espaços e dos sujeitos que os ocupavam. Em meados de 1974, ao lado do recrudescimento da tirania do regime, tem-se uma aparente diminuição do radicalismo autoritário dos militares, alterando o comportamento e o interesse pela redemocratização do país e das instituições. A tímida abertura política que se inicia no período gera um impacto positivo no sistema educativo brasileiro, em especial nas universidades, dando lugar a novas práticas de resistência.

A partir das próximas páginas apresentamos algumas características da ordem política, econômica e social do período que permitirá melhor compreensão do período em que vai se desenvolver a história da Associação dos Professores da Universidade de Brasília (ADUnB).

¹ Os chamados anos de chumbo estenderam-se, basicamente, do fim de 1968, com a edição do AI-5, em 13 de dezembro de 1968, até o encerramento do governo Médici em 1974, sendo considerado o período mais cruel, repressor e de intolerância política da ditadura civil-militar brasileira. (AQUINO, 2004)

2.1 Aspectos concisos da fundação da Universidade de Brasília (UnB)

No âmbito das atividades que realizamos no interior do Grupo de Pesquisa em História e Teoria da Profissão Docente e do Educador Social (Gruphis) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (Uninove), não nos parece ser possível estudar e analisar a história das associações e dos sindicatos dos trabalhadores da Educação, mormente a participação docente nesse processo, desconsiderando a historicidade, a importância acadêmica e cultural, social e política das instituições que os acolhe e que permitem o desenvolvimento de suas atividades pedagógicas e educacionais.

Razão pela qual, na presente Seção, apresentamos de forma concisa alguns aspectos da história da Universidade de Brasília (UnB), valendo-nos, principalmente, das entrevistas que realizamos com os ativistas da ADUnB, do boletim *Carta': falas, reflexões, memórias I*, série de informes de distribuição restrita publicados entre 1991 e 1995 pelo gabinete do Senador Darcy Ribeiro, e de fontes bibliográficas. O intuito é demarcar a importância dessa instituição naquele tempo histórico e seu significado para aqueles que constituíram e atuaram na Associação dos Professores da Universidade de Brasília (ADUnB).

A partir da instauração do regime ditatorial em 1964, diferentes instituições foram alvos de perseguições e violência física contra as pessoas envolvidas em suas atividades. Dentre elas, destacam-se as universidades, principalmente pelo fato de representarem espaços de resistência nos quais se preconizava a liberdade de pensamento, a autonomia institucional e docente, a prática científica da crítica e da contestação social, nesse passo resistindo às ações de truculência do regime que promoviam um cenário de incertezas, violências e perseguições pelo país afora.

A criação da Universidade de Brasília (UnB) se deu em 21 de abril 1962, dois anos após a fundação da nova capital brasileira. A instituição expressava, no campo da ciência e da cultura, o momento de efervescência política e social que o Brasil atravessava àquela época. O Boletim *Carta* registrou o posicionamento de João Cláudio Todorov² (1991, p. 27) sobre o fato: “a ousadia e irreverência foram às ferramentas de trabalho de Darcy Ribeiro para conseguir realizar o sonho obstinado de criar uma universidade inovadora para a nova Capital.” Partindo de uma visão humanista e comprometida com a excelência acadêmica,

²João Cláudio Todorov foi professor emérito (2006), Doutor Honoris Causa (2018) e reitor da UnB por dois períodos (1989; 1993-1997). Bacharel em Psicologia na Universidade de São Paulo (USP), em 1962, Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual do Arizona (ASU), em 1969, entre os anos 1974 e 2000 foi professor da Universidade de Brasília. De 1975 a 1976 dirigiu e administrou o Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UnB, Foi vice-reitor da Universidade de Brasília de 1985 a julho de 1989, quando assumiu a reitoria e completou o mandato do professor Cristovam Buarque, sendo, portanto reitor da instituição por dois períodos.

científica e tecnológica, a instituição assumia o compromisso de formar cidadãos conscientes do seu papel transformador na sociedade, respeitando a ética e valorizando identidades e culturas com responsabilidade social. Darcy Ribeiro, juntamente com outros intelectuais e políticos como o educador Anísio Teixeira e o arquiteto Oscar Niemeyer, responsáveis pela idealização, respectivamente, do projeto acadêmico e arquitetônico da UnB, teriam de enfrentar os desafios de viver sob uma ditadura em seguida. Darcy Ribeiro (1978, p. 125) rememora aquele momento inaugural nos seguintes termos: “A UnB foi organizada como uma Fundação, a fim de libertá-la da opressão que o burocratismo ministerial exerce sobre as universidades federais. Ela deveria reger a si própria, livre e responsavelmente, não como uma empresa, mas como um serviço público e autônomo.”

Na entrevista que nos concedeu, o professor Balthazar³ ofereceu a seguinte explicação a respeito da fundação da UnB:

Aos anos 1960, fins dos anos 1950, quando Brasília estava sendo construída, reapareceu, ressurgiu essa ideia, não vamos fazer uma criar uma universidade que seja uma instituição de produção do conhecimento, que seja integrado que não seja uma ajuntamento de unidades isoladas, com a administração fazendo essa forma diferente. E foi retomado a ideia do Anísio Teixeira, que foi usado na Universidade do Distrito Federal em 1935, o Darcy Ribeiro foi um dos grandes mobilizadores, Darcy Ribeiro era uma pessoa incrível, difícil conversar com ele, mas eu o conheci pessoalmente. Ele não parava de falar, mas eu tinha uma grande um charme muito grande, uma capacidade de convencimento extraordinário, então ele conseguiu convencer grande parte da intelectualidade brasileira, vir para Brasília para criar a Universidade de Brasília, e criou no formato completamente diferente, do que do que se tinha naquela época como Universidade. (BALTHAZAR, 2023, Anexo A, p. 140)

Criar a nova instituição no regime fundacional, como determinava o arcabouço jurídico do país, equivalia a dotá-la de personalidade jurídica de direito privado e sem fins lucrativos, sob autorização legislativa, foi a melhor forma encontrada para o desenvolvimento de atividades que não exijam execução por órgãos ou entidades de direito público, mas que mantinha os princípios fundamentais da autonomia administrativa, de gestão patrimonial pelos respectivos órgãos de direção e de custeio baseado em recursos da União e de outras fontes.

Nesse sentido, a Lei 3.998, de 15 de dezembro de 1961, assinada pelo então presidente

³ José Carlos Balthazar formou-se em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1972), Mestre em Engenharia Mecânica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1975) e Doutor em Filosofia pela Universidade de Londres, no Imperial College (1983). Foi professor da UnB de 1974 a 2014, ministrando várias disciplinas relacionadas a esses assuntos nos cursos de graduação e pós-graduação de Engenharia Mecânica e Engenharia de Produção. Participou da fundação da diretoria provisória da ADUnB como segundo secretário e atuou como suplente da secretaria da ADUnB de 2020 a 2022.

da República João Belchior Marques Goulart, estabelecia a criação da Fundação Universidade de Brasília (FUB), que seria inaugurada logo depois, em 21 de abril de 1962. João Cláudio Todorov (1991, p. 28) rememora: “Fundada em 15 de dezembro de 1961, a Universidade de Brasília do Reitor Darcy Ribeiro é a Universidade que vive os tempos de pioneirismo, muitas dificuldades, mas muitas realizações vividas em clima de euforia. É um marco na vida intelectual e cultural da nova Capital.”

Embora esses episódios tenham se dado durante a vigência do governo Goulart, as discussões que levaram à criação da UnB são mais remotas, tendo sido o resultado do esforço de uma série de intelectuais do porte de José Israel Vargas, Antonio Houaiss, Eduardo Galvão, Luiz Laboriau, José Leite Lopes, Florestan Fernandes, dentre outros nomes que se reuniam sob a liderança de Darcy Ribeiro e em torno da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Várias personalidades políticas daquele tempo apoiaram a iniciativa, pois tinham a dimensão do papel da ciência e da tecnologia na permanente e ininterrupta construção da soberania nacional e da forma pela qual o Estado brasileiro deveria se relacionar com os demais países e ocupar o seu lugar no concerto das Nações, .

Do ponto de vista da instauração do processo de institucionalização, temos uma interessante descrição da cronologia deste processo do nascimento da UnB estabelecida por um dos seus principais artífices, Darcy Ribeiro⁴ (1991, p. 7-11):

A 21 de abril de 1960, Juscelino manda ao Congresso Nacional uma Mensagem pedindo a criação da Universidade de Brasília. Seguiu-se para mim um longo trabalho, primeiro nas Comissões da Câmara dos Deputados, para conseguir a aprovação de uma lei libertária da criação em Brasília de uma universidade inovadora. Nesse trabalho, contei com a colaboração de Santiago Dantas, que deu forma ao Projeto de Lei, instituindo a universidade como urna organização não governamental, livre e autônoma, de caráter experimental e dotada de imensos recursos para constituir-se e para funcionar. Adveio o breve governo de Jânio Quadros, que me confirma por Decreto na qualidade de coordenador de planejamento da Universidade de Brasília. Em seu governo, adiantamos muito na fixação do terreno onde ficaria o campus da Universidade, entre a Asa Norte e o Lago. Contribuiu poderosamente para isso o plano urbanístico da Universidade, proposto por Lúcio Costa. (...) Minha primeira providência foi discutir com Anísio Teixeira se o Reitor deveria ser ele, que nesse caso teria de mudar-se para

⁴ Darcy Ribeiro formou-se em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1946), para em seguida especializar-se em Antropologia, dedicando os primeiros anos de vida profissional (1947-56) ao estudo dos índios de várias tribos do país. Fundou o Museu do Índio, que dirigiu até 1947, e colaborou na criação do Parque Indígena do Xingu. Escreveu uma vasta obra etnográfica e de defesa da causa indígena. Participou, com Anísio Teixeira, da defesa da escola pública por ocasião da discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação; criou a Universidade de Brasília, de que foi o primeiro reitor; foi ministro da Educação e chefe da Casa Civil do Governo João Goulart. Com o golpe militar de 1964 teve os direitos políticos cassados e se exilou. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/biografia>. Acesso: 09 set 2023

Brasília, ou se seria eu. Anísio, em sua generosidade, aceitou o cargo de meu Vice-reitor, o que comuniquei a Hermes Lima e assim saiu o Decreto do Presidente João Goulart que me fazia fundador e primeiro Reitor da Universidade de Brasília. (...) Os meses e anos seguintes foram os da alegria de dar nascimento à Universidade de Brasília, transfigurando a idéia em coisa concreta. Dela tive de afastar-me, primeiro para ser Ministro da Educação e depois para ser Chefe da Casa Civil. Anísio assumiu a Reitoria fazendo Frei Mateus Rocha, que levava adiante com todo entusiasmo a edificação do Instituto de Teologia Católica, o seu Vice-Reitor. Graças às funções que eu exercia na máquina do Estado, pude ajudar muito a Universidade. Por exemplo, na sua edificação, no equipamento de seus laboratórios e conseguindo residências para os professores que começavam a chegar às dezenas. Assim a Universidade foi crescendo e desdobrando suas potencialidades, até que o golpe militar que se abateu sobre o Brasil, regressivo e repressivo, caiu sobre ela com toda a fúria.

Os episódios atinentes ao processo de construção da UnB são assim retratados pelo professor José Carlos Balthazar (2023, Anexo A, p. 141):

a proposta de criação na Universidade de Brasília foi o primeiro documento assinado, o primeiro documento oficial assinado em Brasília após a transferência da capital para Brasília, que foi a proposta de criação da UnB. Que acabou sendo começou a operar em 1962 com essa proposta completamente revolucionária, o Darcy dizia que a UnB foi criada em cima de duas lealdades, a lealdade aos padrões internacionais de saber e a lealdade ao povo brasileiro na procura de solução para os seus problemas. Ele imaginava que era uma universidade que ia pensar o Brasil, que ia propor e resolver soluções e gerar também pessoal qualificado para a burocracia governamental. É uma universidade na capital federal, portanto é uma universidade para o Brasil, não é uma universidade para Brasília, não é uma universidade para o Distrito Federal, é uma universidade para o Brasil.

No campo educacional, entre outros pensadores sociais, se destacou nesse processo a figura proeminente de Anísio Teixeira por seu papel fundamental na reforma e no desenvolvimento educacional do Brasil, sendo associado diretamente à criação da Universidade de Brasília.

2.1.1 *Anísio Teixeira e a UnB*

Anísio Spínola Teixeira⁵ nasceu em Caetitê, sertão da Bahia, em 12 de julho de 1900.

⁵ **Anísio Teixeira** (1900-1971) foi um destacado educador, intelectual e pensador brasileiro, conhecido por suas significativas contribuições para a área da educação no Brasil. Ele desempenhou um papel fundamental na promoção da educação pública, na reforma educacional e no desenvolvimento de políticas educacionais no país. Suas principais contribuições: principal defensor da Escola Nova; expansão e melhoria do ensino público do

Foi um dos maiores educadores do país, dedicando sua vida à defesa da democratização e qualidade do ensino público, da pesquisa qualificada e comprometida com os problemas sociais, da promoção de homens e instituições a serviço da reinvenção da ciência, da cultura e da política, como podemos perceber na fala de Darcy Ribeiro (1991, p. 33):

Anísio foi essencialmente um educador. Quero dizer, um pensador e gestor das formas institucionais de transmissão da cultura, com plena capacidade de avaliar a extraordinária importância da educação escolar para integrar o Brasil na civilização letrada. Para ele, a escola pública de ensino comum é a maior das criações humanas e também a máquina com que se conta para produzir democracia. É, ainda, o mais significativo instrumento de justiça social para corrigir as desigualdades provenientes da posição e da riqueza.

Anísio Teixeira encontrou o seu lugar na história da educação brasileira como um dos idealizadores e signatários do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*⁶ (1932), defendendo a educação pública, laica e gratuita, “poucos intelectuais brasileiros conseguiram desenvolver tanto o conhecimento na área da educação como ele; sua vasta produção acadêmica: livros, estudos e artigos é um precioso legado para os interessados no desenvolvimento da educação.” (CAMARGO e LAZARTE, 2012 p.167)

Em quatro décadas de vida pública, publicou e editou inúmeros artigos, conferências e relatórios. Ao longo de sua produção, o tema da democracia, dentro e fora da escola, era dominante, tendo desenvolvido uma interpretação global da história da sociedade e da educação brasileiras, sempre buscando edificar pontes entre a reforma da sociedade pela educação e a desejada renovação cultural da sociedade nacional, no sentido de valorizar a ciência e a industrialização. Assim, em tudo o que escreveu, o educador baiano defendeu a educação como um direito de todos:

a universidade deveria ter o papel de destruir o isolamento; por meio da socialização do saber e de sua aquisição, formar o profissional para atuar em sociedade; alargar a mente humana, transmitindo o saber; desenvolver o saber humano e não apenas reproduzi-lo, contribuindo para a formação da cultura nacional. (TEIXEIRA, 1988, p.18)

Brasil; um papel fundamental na elaboração e implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961; forte influência internacional, trabalhando em organismos educacionais de agências multilaterais como a UNESCO. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/saiba-quem-foi-anisio-teixeira>. Acesso em: 09 set 2023

⁶ Refere-se a um documento escrito por 26 educadores, em 1932, com o título *A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo*. Circulou em âmbito nacional com a finalidade de oferecer diretrizes para uma política de educação. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/manifesto-dos-pioneiros-da-educacao-nova/>. Acesso em: 09 set 2023

Em 1935, esteve à frente da concepção e urdidura da Universidade do Distrito Federal, sendo um dos principais idealizadores da UnB juntamente com Darcy Ribeiro. Assumiu a reitoria da UnB, em 1962, quando seu primeiro reitor, o próprio Darcy Ribeiro, precisou se afastar para assumir a chefia do Gabinete Civil da Presidência da República. Com a instauração do governo ditatorial, em 1964, Anísio Teixeira foi afastado arbitrariamente do seu posto e aposentado compulsoriamente.

A presença fundamental de uma figura destacada como Anísio Teixeira nos primórdios da Universidade de Brasília tem um significado de imensa importância. Ele concebia a educação como um veículo essencial para o crescimento intelectual do indivíduo e, conseqüentemente, para o progresso da sociedade como um todo. Suas ideias transcenderam seu tempo, embora muitas vezes consideradas visionárias. A UnB é a mais notável concretização do pensamento do intelectual brasileiro: Anísio previu e realizou essa visão. Portanto, mesmo após todos esses anos, o espírito de Anísio Teixeira continua a pulsar em todos os recantos dessa universidade, representando verdadeiramente a essência da Universidade de Brasília.

Para que a UnB alcançasse a excelência acadêmica e mantivesse sua visão de vanguarda, tornou-se imperativo contar com um plano orientador sólido. Esse plano desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento e sucesso da instituição, garantindo que ela promovesse a excelência acadêmica e permanecesse alinhada a sua missão e valores essenciais.

2.1.2 Plano Orientador da UnB

O Plano Orientador representa, conforme informações fornecidas por Murilo Camargo e Leonardo Lazarte (2012), a idealização da organização acadêmica da Universidade de Brasília, estipulando suas regras, estruturas e concepção, sendo o primeiro livro publicado pela Editora Universidade de Brasília, cuja impressão foi concluída em 31 de maio de 1962 (UnB, 1962). Esse documento foi aprovado pelo Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília e serviria como referência para o projeto da UnB proposto por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Iniciada em 1962, sua construção foi interrompida pelo golpe militar em 1964.

O Plano Orientador tinha como pressuposto conceber o papel da universidade de formar cidadãos responsáveis e empenhados na procura de soluções democráticas para os problemas do país e na luta pelo desenvolvimento; preparar especialistas qualificados capazes

de promover o progresso social; formar cientistas, pesquisadores e artistas, assegurados os meios materiais e necessários para a autonomia universitária e do conhecimento.

A UnB esteve, desde sempre, engajada na pesquisa de soluções para os problemas nacionais: a “universidade necessária”, como escreveria Darcy Ribeiro, pautada na necessidade de se criar no Distrito Federal um tipo de educação superior que pudesse formar cidadãos com competências culturais, científicas e tecnológicas qualificadas para impulsionar o desenvolvimento nacional.

Em sessão na Câmara dos Deputados, a 9 de maio de 1963, Darcy enfatiza o compromisso da UnB com os problemas do povo: “A universidade, reunindo recursos materiais e técnicos, cientista e jovens, o faz para instrumentar a Nação para o pleno desenvolvimento, para que os problemas do povo sejam os problemas da universidade.” (RIBEIRO, 1963, p. 42)

Segundo seu Plano Orientador, a UnB foi idealizada com a intenção de atender a três requisitos:

- a) formar cidadãos responsáveis, empenhados na procura de soluções democráticas para os problemas com que se defronta o povo brasileiro na luta pelo desenvolvimento;
- b) preparar especialistas altamente qualificados em todos os ramos do saber, capazes de promover o progresso social pela aplicação dos recursos da técnica e da ciência;
- c) reunir e formar cientistas, pesquisadores e artistas e lhes assegurar os necessários meios materiais e as indispensáveis condições de autonomia e de liberdade para se devotarem à ampliação do conhecimento e à sua aplicação a serviço do homem. (UnB, 1962 p.20)

Logo, o Plano desempenha um papel crucial como documento estratégico que estabelece diretrizes, metas e objetivos institucionais que orientam a administração da universidade e a tomada de decisões estratégicas, assegurando a consonância entre seus princípios e objetivos institucionais e as demandas da comunidade acadêmica e da sociedade em geral. Como veremos adiante, é significativo que o plano orientador serviu de referência para a efetivação da Universidade de Brasília, sendo sua versão final aprovada pela Fundação Universidade de Brasília (FUB).

2.1.3 Fundação Universidade de Brasília

A inauguração de Brasília na década de 1960 foi um dos fatos mais marcantes na área da arquitetura e do urbanismo nacional, para além de seu significado propriamente acadêmico, intelectual e cultural. Fixada no meio do Planalto Central em 21 de abril de 1960, Brasília materializava a promessa do então presidente Juscelino Kubitschek⁷, após sua posse em janeiro de 1956, tendo sido um de seus primeiros atos o envio de mensagem ao Congresso a proposta de criação da nova capital em pleno cerrado brasileiro.

A pretensão de Kubitschek era construir Brasília de modo a acelerar o desenvolvimento econômico, como descreve o próprio ex-presidente:

Brasília não poderia e não deveria ser uma cidade qualquer, igual ou semelhante a tantas outras que existiam no mundo. Devendo constituir a base de irradiação de um sistema desbravador que iria trazer, para a civilização, um universo irrealizado, teria de ser, forçosamente, uma metrópole com características diferentes, que ignorasse a realidade contemporânea e se voltasse, com todos os seus elementos constitutivos, para o futuro. (KUBITSCHKEK, 2000, p.71)

Conforme apontado por Roberto A. Salmeron em *A universidade interrompida* (2012, p. 38), Lucio Costa, arquiteto e urbanista, autor do projeto Plano Piloto de Brasília, foi um dos pioneiros da proposta de instalação de universidade na capital do país, idealizada como um importante núcleo de irradiação cultural, de desenvolvimento econômico e de integração nacional. Sua instituição impediria que a estagnação cultural se instalasse em solo brasileiro. Antes da inauguração da capital e da transferência do Congresso, com o apoio de Cyro dos Anjos⁸ e Alcides da Rocha Miranda⁹, Juscelino Kubitschek havia criado uma comissão pró-criação da UnB no intuito de convencer os congressistas a votarem favoravelmente ao projeto de lei de criação da Universidade de Brasília.

Em 1961, Juscelino Kubitschek deixou a presidência ao fim do seu mandato sem ter conseguido que a lei de criação da UnB fosse aprovada pelo Congresso. Seu sucessor, Jânio Quadros, ao assumir a presidência manteve a comissão; após a sua renúncia, apenas seis

⁷ Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), médico e político mineiro, foi presidente do Brasil de 1956 a 1960, tendo João Goulart como seu vice-presidente, eleitos em votação separada, respectivamente, pelo Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). O lema de sua política econômica era cinquenta anos (de progresso) em cinco (de governo). Fonte: ARQUIVO NACIONAL (Brasil).

⁸ Escritor e subchefe do Gabinete Cível da Presidência da República para assuntos de educação e saúde no governo de Juscelino Kubitschek. (SALMERON, 2012, p. 41)

⁹ Arquiteto e primeiro coordenador do Instituto Central de Artes da UnB e pioneiro da vida cultural em Brasília. (SALMERON, 2012, p. 41)

meses depois de assumir o mandato, os deputados fizeram um esforço concentrado para aprovar os projetos de lei que estavam engavetados, incluindo o de aprovação da Universidade de Brasília.

Por feliz coincidência, Darcy Ribeiro estava em Brasília no dia da renúncia e na Câmara dos Deputados conseguiu que o presidente da sessão, deputado Sérgio Magalhães, juntasse aos muitos outros o projeto de lei relativo à criação da universidade. Era o 18º da ordem do dia! Foi aprovado praticamente sem discussão. (SALMERON, 2012, p. 76-77)

Partindo dos estudos realizados pelo professor Roberto A. Salmeron (2012), o Projeto de Lei 3998, que autorizou a criação da UnB, foi aprovado na Câmara dos Deputados em 15 de dezembro de 1961 e logo sancionado pelo então presidente da República João Goulart. O ato autorizativo de criação da nova universidade foi assinado no atropelo de uma confusão política e parlamentar, sem ter passado pelas discussões que deveriam preceder a aprovação de uma iniciativa de tão grande responsabilidade. Em seu discurso, Goulart defendeu que a missão da UnB seria a de promover a integração nacional e dar oportunidade de educação à “mocidade de todos os estados”, constituindo-se também como o centro cultural de Brasília “com o mesmo espírito inovador e o mesmo padrão de excelência que presidiram ao seu planejamento.” (Plano Orientador da Universidade de Brasília, 1962, p. 3)

A instituição da Universidade de Brasília (FUB) se consagrou pela lei 3.998¹⁰ de 15 de dezembro de 1961, por intermédio da ação do então presidente da república João Goulart, tendo sido inaugurada apenas em 21 de abril de 1962. De acordo com o artigo 2º de seus estatutos, essa fundação universitária se constituiria como entidade autônoma e “adquirirá personalidade jurídica a partir da inscrição, no Registro Civil das Pessoas Jurídicas, do seu ato constitutivo, com o qual serão apresentados os Estatutos e o decreto que os aprovar.” (BRASIL, 1961) Mais à frente, em seu Art.10, dispõe-se que “a Universidade de Brasília empenhar-se-á no estudo dos problemas relacionados com o desenvolvimento econômico, social e cultural do País e, na medida de sua possibilidade, na colaboração às entidades públicas e privadas que o solicitarem.” (BRASIL, 1961)

O professor Paulo Renato de Souza, quando ministro da Educação e do Desporto, descreveu a importância e a valorização da educação atribuída por Darcy Ribeiro ao projeto de criação da UnB:

¹⁰ BRASIL. Lei no 3.998, de 15 de dezembro de 1961: autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L3998.htm. Acesso em: 29 Mar. 2023.

A criação da Universidade de Brasília se deu através de uma lei, como manda a Constituição. Na semana anterior à da aprovação da lei da Universidade de Brasília, se deu a aprovação da antiga Lei de Diretrizes e Bases de 1961, e as duas na área da educação eram, na área da educação superior, na área da universidade, eram totalmente antagônicas, a universidade, a lei da Universidade de Brasília apontando o futuro e a Lei de Diretrizes e Bases na área de ensino superior olhando para o passado. (SOUZA, 1991, p. 22)

É importante ressaltar que a UnB trabalhava com a premissa de ser uma base transformadora para o desenvolvimento de um centro cultural autônomo, formando cidadãos responsáveis e empenhados na procura de soluções democráticas, capazes de promover o progresso social segundo suas qualificações nos específicos ramos do saber. As funções básicas foram definidas em seu Plano Diretor (UnB, 1962 p.23):

Ampliar as exíguas oportunidades de educação oferecidas à juventude brasileira.

Diversificar as modalidades de formação científica e tecnológicas atualmente ministradas, instituindo as novas orientações técnicas profissionais que o incremento da produção, a expansão dos serviços e das atividades intelectuais estão a exigir.

Contribuir para que Brasília exerça, efetivamente, a função integradora que se propõe assumir, através da criação de um núcleo de ensino superior aberto aos jovens de todo o país e a uma parcela da juventude da América Latina e de um centro de pesquisas científicas e de estudos de alto padrão.

Assegurar a Brasília a categoria intelectual que ela precisa ter como capital do país e torná-la, prontamente, capaz de imprimir um caráter renovador aos empreendimentos que deverá projetar e executar.

Garantir à nova Capital a capacidade de interagir com os nossos principais centros culturais, para ensejar o pleno desenvolvimento das ciências, das letras e das artes em todo o Brasil.

Facilitar aos poderes públicos o assessoramento de que carecem em todos os ramos do saber, o que somente uma universidade pode prover.

Dar à população de Brasília uma perspectiva cultural que a liberte do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo.

Em *Carta: falas, reflexões, memórias* (1991, p. 41), Geralda Dias Aparecida¹¹

¹¹ Geralda Dias Aparecida, graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (1967) e doutora em História pelo Colégio do México (1981). Foi professora (hoje aposentada) da UnB, idealizadora e ex-diretora do Centro de Documentação da UnB (CEDOC), tendo participado ativamente dos trabalhos da Comissão de Anistia da Universidade de Brasília, que trabalhou pela reintegração de professores perseguidos e exonerados durante a ditadura militar.

registrou seu posicionamento sobre a concepção de autonomia universitária que se buscava instalar na UnB:

O princípio básico em que se fundava era o da autonomia. Esta, já consagrada nas leis brasileiras de ensino, ganharia forma mais concreta na UnB ao ser definido a sua capacidade de exercê-la, através de lei do Congresso, e criadas às condições efetivas para torná-la viável. A lei de sua criação rompia com a legislação casuística que determinava o ordenamento e funcionamento acadêmico das demais universidades. Aqui, as definições de seus rumos seriam tomadas no âmbito da comunidade acadêmica.

Conforme o Plano Orientador (1962, p. 45-48), em 21 de abril de 1962 a Universidade de Brasília foi inaugurada com uma aula magna proferida pelo professor Anísio Teixeira no auditório Dois Candangos. Na ocasião, o ministro da Educação e Cultura, Antônio de Oliveira Britto, enfatizou o caráter inovador da UnB, nascida “com a alma, com o espírito de Darcy Ribeiro, de quem se pode discordar, mas em cuja fé nos princípios que defende que só encontramos devoção à Pátria, em cuja inteligência só alcançamos motivos de justa admiração e de cuja capacidade de realização esta obra é atestado irrecusável.” (Plano Orientador, 1962, p.47)

No acervo documental da UnB há uma fotografia (Figura 1) que retrata o momento histórico da inauguração da Universidade de Brasília (UnB) na qual diversas autoridades de então se reuniram, com destaque para Darcy Ribeiro, figura central na concepção da UnB. Seu discurso durante a cerimônia de inauguração enfatizou a importância da educação e da universidade como instrumentos de transformação social e desenvolvimento nacional. A presença de outras autoridades na mesa indica o reconhecimento e o apoio institucional ao projeto da UnB. Essa imagem não apenas documenta um evento específico na história da universidade, como também simboliza o compromisso com a educação e o progresso que a UnB representou e continua representando para o país.



Figura 1 - Autoridades compoendo a mesa de inauguração da Universidade de Brasília. Darcy Ribeiro aparece em pé, proferindo seu discurso. Fonte: <https://www.atom.unb.br/index.php/00100-05>>. Acesso em: 12 jun. 2023

Geralda Dias Aparecida detalhou em *Carta...* (1991, p. 39) suas impressões sobre a inauguração da UnB e as batalhas que a instituição viria a enfrentar ao longo dos anos:

Em 21 de abril de 1962, inaugurava-se a Universidade com algumas instalações provisórias e outras poucas definitivas. A homenagem, nesse dia, coube aos "Dois Candangos", operários que morreram soterrados na construção do auditório que levou esta denominação. Justamente ali era celebrado o ato fundacional do que poderia vir a ser apenas uma utopia ou a instituição real que refletia os desejos de transformar o ensino no País. Até esse 21 de abril, algumas batalhas foram travadas, através de negociações e convencimento, para quebrar a resistência daqueles que não aceitavam o projeto anunciado. A instalação de uma universidade em Brasília não constituía apenas um problema de ordem prática, mas suscitava a dúvida entre alguns intelectuais e políticos, incrédulos, com a ideia de que uma cidade sem tradição não poderia abrigar com eficiência uma instituição daquele porte ou, simplesmente, viria alterar a ordem da nova cidade.

A Universidade de Brasília desempenha um papel crucial no contexto educacional do Brasil. Sua contribuição vai além da formação de profissionais altamente qualificados: ela também se estende à geração de conhecimento, à promoção da diversidade e à busca de soluções para desafios sociais e científicos. Sua estrutura acadêmica diversificada permanece comprometida com o atendimento das crescentes demandas da sociedade, fornecendo uma educação abrangente e relevante. Seu impacto positivo é evidente em suas realizações e na influência duradoura que exerce tanto no Brasil quanto internacionalmente.

2.1.4 Organização Acadêmica da UnB

Pensar a organização acadêmica da Universidade de Brasília é pensar uma estrutura inteiramente nova, diferente das que organizavam as universidades tradicionais existentes, dado que essas instituições se organizaram, primariamente, como federações de escolas profissionais isoladas e organizadas academicamente com base em um arcaico sistema de cátedras¹², como indica Camargo e Lazarte (2012, p. 6).

O professor Balthazar, em sua entrevista, delineou como era a organização acadêmica proposta para a UnB. Uma das inovações estava no sistema de créditos, pelo qual o estudante escolhia primeiramente entre duas áreas: Humanidades e Ciências, de forma que “era um conjunto de disciplinas básicas que abrangia todas as áreas que cursaram nos quatro primeiros semestres” (BALTHAZAR, 2023, Anexo A, p.147); somente depois desses semestres cursaria disciplinas da área específica, podendo a qualquer momento trocar de área.

O grande passo da UnB, foi que não havia professor, não havia mais a figura do professor catedrático. As questões acadêmicas, questões didático-pedagógicas eram discutidas em um colegiado formado pelos professores com representação de alunos, representação de servidores e assim por diante. (*id.ib.*, p.147)

Uma das principais inquietações de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro era a de criar em Brasília uma universidade fundada na concepção de centro integrado de ensino e pesquisas, conforme padrões internacionais, mas indo além em termos de inovação pedagógica e curricular. Na visão de Darcy Ribeiro (2009, p.68.), “O projeto de estruturação da Universidade de Brasília é toda uma inovação. Contrasta não só com a forma de organização de nossas universidades tradicionais, como também com qualquer outro modelo de universidade existente.”

Para Fávero (2006, p.29), a UnB foi uma das três instituições mais importantes para o desenvolvimento da universidade no Brasil do século XX:

O movimento pela modernização do ensino superior no Brasil, embora se faça sentir a partir de então, vai atingir seu ápice com a criação da

12 Na década de 1950 e início da década de 1960, regia no Brasil o sistema de cátedras nas universidades brasileiras, de origem francesa: os professores mais importantes tinham uma Cadeira, eram os Professores Catedráticos, que eram auxiliados pelos Professores Assistentes e pelos Instrutores de Ensino. Disponível em: <https://www.ict.unesp.br/#!/sobre-o-ict/institucional/historia/decada-de-50-e-60/sistema-de-catedras-e-a-reforma-do-ensino-no-brasil-em-1968/>. Acesso em: 10 set 2023

Universidade de Brasília (UnB). Instituída por meio da Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, a UnB surge não apenas como a mais moderna universidade do país naquele período, mas como um divisor de águas na história das instituições universitárias, quer por suas finalidades, quer por sua organização institucional, como o foram a USP e a UDF nos anos (19)30.

A organização acadêmica inovadora da Universidade de Brasília representava uma mudança no paradigma de formação universitária, a começar de sua estrutura acadêmica: sistema duplo e integrado e macroestrutura tripartida em Institutos Centrais, Faculdades e Órgãos Complementares. Camargo e Lazarte (2012, p. 8) explicitam essa inovação e seus respectivos objetivos :

- Os Institutos Centrais de Ciências, Letras e Artes, dedicados ao “cultivo e ao ensino do saber fundamental”,
- As Faculdades Profissionais, dedicadas à pesquisa e ao ensino das áreas técnicas e ciências aplicadas, e
- Os Órgãos Complementares, para prestar serviços à comunidade universitária e à cidade.

O sistema duplo e integrado estruturava-se a partir de uma concepção na qual as ciências básicas pudessem ser desenvolvidas nos institutos centrais, que também seriam responsáveis pelo ensino das disciplinas correspondentes; as faculdades profissionais se incumbiriam das pesquisas aplicadas e também seriam responsáveis pela formação especializada em áreas técnicas aplicadas ou profissionais para os estudantes já preparados pela formação inicial dada nos institutos; os órgãos complementares, por fim, prestariam serviços à comunidade universitária, bem como a toda a sociedade, como previa o Plano Orientador (UnB, 1962). Institutos centrais e faculdades profissionais, com o apoio dos órgãos complementares, estruturavam a formação dos estudantes em quatro níveis ou ciclos, como descrevem Camargo e Lazarte (2012, p. 8):

- 1) o ciclo de formação básica (quatro semestres);
- 2) que poderia ser estendido para se completar o bacharelado (seis semestres), essa formação inicial era realizada pelos institutos;
- 3) a formação especializada (10 semestres); e
- 4) a pós-graduação (14 semestres).

Os institutos eram responsáveis pelos seguintes programas de formação:

- ciclo de formação básica para todos os estudantes da Universidade;
- cursos de bacharelado;
- cursos de graduação científica, mais quatro semestres após o bacharelado; e.
- programas de pós-graduação para candidatos ao doutoramento. (Id.ib.)

Darcy Ribeiro (1961) relata que era exequível, com o sistema proposto, “selecionar melhor os futuros quadros científicos e culturais do país, porque, ao invés de fazer-se esta seleção dentre os poucos alunos que, concluindo o curso secundário, se decidem por essa orientação, far-se-á dentre todos os estudantes que frequentem os Institutos Centrais e aí revelem especial aptidão para a pesquisa fundamental.”

Na descrição de Salmeron (2012), no primeiro semestre de 1962, precisamente no dia 9 de abril de 1962, iniciavam-se as atividades pedagógicas na UnB, quando as aulas ocorreram em salas emprestadas ao Ministério da Educação e Cultura. Os cursos foram reunidos em três grupos, chamados “cursos troncos”: 1) Arquitetura e Urbanismo; 2) Letras Brasileiras e 3) Direito, Administração e Economia. O curso de Arquitetura era coordenado por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer; o curso de Letras Brasileiras, por Cyro dos Anjos, e os cursos de Direito, Administração e Economia, por Victor Nunes Leal.

No entanto, o golpe de 1964 mudou os rumos das atividades da UnB, interrompendo drasticamente a continuidade no planejamento didático-pedagógico consignado no Plano Orientador e o desenvolvimento ulterior da UnB, da mesma maneira que alterou o rumo do país, infligindo severas intervenções e ações políticas desmobilizadoras. À época Darcy Ribeiro era ministro da Educação e saiu exilado do Brasil. Geralda Dias Aparecida descreve esse momento de apreensão em *Carta...* (1991, p. 43): “A movimentação política na Universidade começava a preocupar alguns setores extra universitários e a preocupação maior era com a posição ideológica dos professores. Comentava-se que havia uma tendência marxista na UnB, liderada pelos professores jovens, os instrutores.”

Em 9 de abril de 1964 o Comando Supremo da Revolução publica o Ato Institucional nº 1, concentrando poderes no governo federal e impondo punições a civis e militares que considerava subversivos. De posse desse ‘ato jurídico legal’, invadem o *campus* da universidade com suas forças militares e, em 13 de abril de 1964, Anísio Teixeira, então reitor da UnB, é exonerado do cargo pelo regime militar, que nomeia Zeferino Vaz em seu lugar. Conforme discorre Caio Navarro de Toledo em seu artigo *Zeferino Vaz: um reitor de direita que protegia as esquerdas?* (2015), Vaz esteve como Reitor-interventor da UnB por um

período de 17 meses (1964-1965) e seus posicionamentos político-ideológicos acabaram por desempenhar um papel crucial em sua trajetória no cenário educacional brasileiro, posto que colaborou com o regime autoritário e foi responsável por um conjunto de medidas controversas, incluindo a cassação de docentes e funcionários nos primeiros dias de sua interventoria. Em outros episódios, revogou o contrato de um professor de esquerda, Ernani Fiori, e expulsou vários estudantes acusados de ‘agitadores profissionais’.

Foram o “currículo revolucionário” e o prestígio alcançado como fundador e Diretor da FMRP-USP que credenciaram Vaz a ser convidado pelos golpistas de 1964 para o cargo de interventor da UnB. Relatos diversos dão conta de que, em sua curta passagem (abril de 1964 a agosto de 1965), evitou os reclamos da ultra-direita (civil e militar) que exigia que mais cabeças rolassem na UnB. Durante sua breve gestão, deu declarações contraditórias à imprensa: ora reconhecia a excelência da experiência educacional e científica da UnB – que desejava aprofundar –, ora desqualificava os docentes de ciências humanas pela “mediocre” formação acadêmica ou por serem meros “agitadores políticos”. (TOLEDO, 2015 p. 121)

Em diversos depoimentos, Vaz elogiou a decretação do Ato Institucional AI-5, desqualificou os críticos da ditadura e apoiou a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido político que respaldava a ditadura militar. Esses eventos e declarações contribuem para a compreensão da forte ligação de Zeferino Vaz com o regime militar. Nas palavras de Salmeron (2012, p. 179), ele participou “diretamente da preparação do golpe de Estado de 1964, com alguns de seus amigos que passaram a ocupar cargos importantes.”

Nessa conjuntura sociopolítica, o projeto original da Universidade de Brasília começa a se descaracterizar e o clima de insegurança passa a prevalecer no *campus*, como descreveremos a seguir.

2.2 Invasões militares na UnB

A ditadura civil-militar provocou fortes mudanças nos campos social, econômico, político e educativo brasileiro, que significaram o domínio desses espaços e dos sujeitos que os ocupavam. As universidades brasileiras foram as mais atingidas, entre elas a Universidade de Brasília, muito em função do caráter inovador de seu projeto no panorama da educação superior brasileira do período, assim como porque a lei que a criou foi proposta por Juscelino Kubitschek e sancionada por João Goulart e Darcy Ribeiro, e, enfim, pela proximidade do *campus* da Esplanada dos Ministérios. Não à toa, os estudantes e professores universitários da UnB foram considerados subversivos e perseguidos pelo regime.

Na análise do Relatório da Comissão da Verdade do ANDES-SN (2020, p. 15) há relatos de perseguição política contra estudantes universitários e professores, concretizada por meio de ações administrativas repressivas do Estado brasileiro, frequentemente resultando em interrupção de trajetórias acadêmicas e carreiras profissionais, detenções, torturas e, em alguns casos, assassinatos. Uma forma recorrente de repressão administrativa incluía a imposição de suspensões baseadas na alegadamente perniciosa ideologia política de estudantes e docentes; as acusações eram vagas e focavam atos, em tese, danosos à instituição, o que levava a modificações nos códigos disciplinares internos para melhor atender à perseguição política dentro das universidades públicas.

Quando se trata das formas administrativas de perseguição política praticadas na ditadura empresarial-militar brasileira contra docentes e técnico(a)s universitário(a)s, imediatamente recordamos as demissões e aposentadorias compulsórias ocorridas em diversas universidades. Tais expurgos foram, entretanto, apenas a mais grave expressão deste tipo de perseguição a trabalhadores e trabalhadoras universitário(a)s. De forma geral, as perseguições aconteceram em um ambiente de reforço do controle sobre as universidades, alcançado sobretudo a partir da nomeação de reitores quase sempre à revelia das consultas realizadas nas comunidades acadêmicas. (Relatório da Comissão da Verdade do ANDES-SN, 2020, p. 15)

No ano seguinte à instauração da ditadura civil-militar, a UnB foi palco da história trágica de resistência de estudantes e professores encetada após a demissão de 200 docentes, gerando nova invasão ao *campus* anos depois, em 1967, e na indicação de um representante militar na gestão do vice-reitor da UnB José Carlos de Almeida Azevedo.

Nos estudos realizados por Juliana Camargo (2022, p.105), somos informados de que ocorreram quatro invasões à Universidade de Brasília durante o período ditatorial - 1964, 1965, 1968 e 1977. Essas invasões impactaram fortemente os corpos docente e discente e a estrutura administrativa e acadêmica da universidade. No decorrer das incursões o *campus* foi esvaziado, o clima era de insegurança e perseguição. Interventores assumiram como reitores e cogitou-se até o fechamento da universidade devido à crise desencadeada pela demissão de grande parte do corpo docente e da invasão de 1968. Diante de todas essas ameaças, os estudantes não arrefeceram, resistiram e mesmo com o seu projeto original desconfigurado, a universidade permaneceu.

2.2.1 *Invasão de 1964: o dia da vergonha*

A primeira providência do regime ditatorial civil-militar foi realizar uma ‘operação limpeza’: tratava-se da eliminação do perigo de esquerdização da universidade por força da intensa politização social que tomava vulto no Brasil desde 1963 e início de 1964. Essa intervenção traduziu-se em intromissão abrupta na vida dos sindicatos, em repressão a partidos de esquerda, em cassação de mandatos políticos, no ‘empastelamento’ de jornais considerados de esquerda ou anti-regime, em aposentadorias forçadas, demissão, exílio e prisão de ‘elementos’ que demandavam o aprofundamento das mudanças sociais ou mudanças revolucionárias.

A repressão desencadeada com o golpe também se estendeu às universidades brasileiras, tendo em vista que, na concepção dos setores conservadores e reacionários, exerciam uma influência política e moralmente deletéria na sociedade brasileira. A perspectiva da universidade como lugar suscetível à penetração de ideologias consideradas subversivas era forte no meio militar; os militares reconheciam esses aspectos e preocupavam-se com sua influência no meio acadêmico, reagindo, então, no sentido do que eles entendiam ser uma necessária contrarrevolução.

O professor Balthazar (2023, Anexo A, p. 144) recorda o entusiasmo de Darcy Ribeiro no momento de efetivação da UnB, em 1962, assim:

Como eu te disse, ele (Darcy Ribeiro) tinha uma capacidade de convencimento muito grande, ele convenceu muita gente a vir para cá, muita gente boa, e começou o processo de implementação que infelizmente teve acidente grave em 1964, e por causa disso eu te digo que a UnB não é uma, não é? não tem a mesma situação das outras universidades, eu vejo a UnB como a única universidade brasileira que foi perseguida durante ditadura, que sofreu uma perseguição institucional.

O meio estudantil passou a ser alvo das ações do aparato militar e dos organismos direitistas que apoiavam o regime. Quase todas as entidades estudantis sofreram intervenções; inquéritos policiais militares (IPMs) foram criados pelo AI n. 1 de abril de 64, instaurados com o objetivo de controlar os atores do ambiente acadêmico e a universidade. Balthazar (2023, Anexo A, p.142) comenta: “a Universidade de Brasília foi vista nesse processo como uma grande ameaça à elite dirigente do país.”

A primeira invasão da UnB ocorreu em 09 de abril de 1964, nove dias após o golpe militar. Ficou conhecida como “o dia da vergonha”, expressão utilizada por Darcy Ribeiro

(1978). Os militares chegaram ao *campus* em 14 ônibus, invadiram salas de aula, revistaram estudantes à procura de material subversivo e armas; estavam também em busca de 12 professores que deveriam ser presos e interrogados. Como nenhum material foi encontrado invadiram a Reitoria e a biblioteca da UnB, que permaneceu fechada por duas semanas. Ao ser questionado sobre esses acontecimentos, Balthazar (2023, Anexo A, p.142) rememora:

Para você ter uma ideia de como eles viam a UnB como uma grande ameaça ao *status quo* e à situação política do país, o controle da política pela elite dirigente... Não foi à toa que a única operação militar do golpe de 64 foi a tomada da UnB. Foi o único e o grande troféu dessa tomada, foi a tomada da biblioteca, onde eles apreenderam um livro que tava o Vermelho e o Negro de Stendhal.

O meio acadêmico universitário sofreu profundas consequências em razão da intervenção militar, que se manifestou na forma de perseguições a estudantes e professores. É inegável que a comunidade acadêmica foi uma das mais impactadas pela repressão violenta do imposto pela ditadura militar. Durante a intervenção na Universidade de Brasília, ocorre a apreensão de documentos, livros, revistas e outros materiais considerados subversivos ou contrários à ideologia do governo que se impunha pela repressão. Entre esses materiais incluíam-se documentos relacionados a movimentos sociais, políticos e culturais que eram percebidos como ameaças ao novo regime. Sobre as apreensões e a situação de alguns professores da UnB, Balthazar (2023, Anexo A, p. 143) fez observações relevantes:

na Reitoria apreenderam a bandeira da China e o disco com o hino nacional chinês, que era parte de uma coleção de hinos e bandeiras de todos os países. Aqui na universidade tem cerimônias com estrangeiros, mas acharam que o fato de a bandeira estar lá é uma coisa assim. Foram professores, colegas que eu tive que presenciaram isso, ficaram estupefatos, porque ele não entendiam como é que eles estavam entrando na universidade, dentro da UnB, descendo aqui da L2. A direção na época era praticamente aqui onde está agora, estamos agora na parte mais nova, estava em construção lá o ICC, e conta um amigo que ouviu: - *Não tem resistência? Não tem nada?* E eles foram avançando, e alunos e professores assim olhando aquela coisa estranhíssima, aquela coisa estranha, e os militares invadindo a UnB.

Na explicação apresentada por Salmeron (2012, p.178) no livro *A universidade interrompida: Brasília, 1964-1965*, os representantes do aparato repressivo “traziam os nomes de doze professores que deviam buscar. Alguns deles estavam em suas residências e, atendendo ao chamado de Anísio Teixeira, apresentaram-se, pois não tinham nada a ocultar.”

Ainda conforme informações de Salmeron (2012, p.183), o reitor Anísio Teixeira foi destituído do cargo, assim como o Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília. O professor Zeferino Vaz foi nomeado logo após como reitor, devido ao fato de ter participado diretamente da preparação do golpe de Estado de 1964. Foi instituído um novo Conselho Diretor, cujos membros eram majoritariamente formados por pessoas sem interesse pelo ensino, passaram a aprovar todas as ações do reitor-interventor.

Darcy Ribeiro, no libelo *Carta...* (1991, p. 36), lembra o doloroso significado da destituição do Reitor Anísio Teixeria:

Nestes trabalhos estávamos, Anísio exercendo a reitoria, quando estoura o golpe militar de 1964, que se assanha, furioso, contra a Universidade nascente e destrói a rede nacional de centros educacionais do INEP. Anísio foi, mais uma vez, proscrito; eu, exilado. O corpo de sábios que leváramos para Brasília, como professores e pesquisadores, acossados pela brutalidade da ditadura, se demite, numa diáspora dolorosa. Morria outro sonho anisiano de Universidade.

Geralda Dias Aparecida (1991, p. 44) complementa lembrando a invasão de 1964 e a admissão do novo reitor da UnB, o qual, aliás, num primeiro momento se comprometeu a continuar com as idéias de Darcy Ribeiro e manter um diálogo com a comunidade acadêmica:

A *ideia* de que a UnB era um foco de subversão seria reforçada a partir da instalação do regime militar. Nove dias depois do golpe de Estado, em 9 de abril de 1964, ela foi ocupada pelas tropas da Polícia Militar de Minas Gerais. Efetuaram-se prisões de professores e alunos, e foi instaurado um inquérito policial militar/IPM para apurar a subversão no *campus*. Este IPM foi arquivado por falta de consistência das denúncias. Após a ocupação, foram destituídas as autoridades universitárias e nomeado o professor Zeferino Vaz, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, como interventor, e, logo em seguida, ele tomou posse como membro do Conselho Diretor da FUB. Eleito seu Presidente, foi conduzido automaticamente como reitor.

Dadas as incertezas diante da posse da nova reitoria, Zeferino Vaz gerou alguma confiança em razão de um de seus primeiros atos: conseguira a liberação dos professores e alunos detidos na invasão ao *campus*; no entanto, com o passar dos dias o reitor demonstrou que sua motivação política era maior que qualquer arbitrariedade: expulsou nove professores e quatro instrutores, alegando “conveniência administrativa”, o que levou a uma crise na universidade. Como consequência dessas expulsões, alguns docentes, por solidariedade e insegurança, solicitaram suas demissões. Esse sentimento de insegurança pairava por todo o

campus e os docentes chegaram a pensar em demissão coletiva, mas isso significaria a paralisação e o fim da estruturação da UnB como descrita no seu Plano Orientador, então, decidiram permanecer na ativa.

De todo modo, esse foi o início de um período de constantes intervenções e perseguições pela ditadura militar aos docentes e alunos, posto que considerava a UnB um “antro de comunistas”, mesmo que não se registrasse nenhuma ‘anormalidade’ que implicasse um clima de subversão e indisciplina na universidade.

2.2.2 *Invasão de 1965: a grande crise*

Após o incidente de 1964, Zeferino Vaz precisou de quinze meses para transitar de interventor a fervoroso defensor da UnB, por um lado, compreendendo a estrutura da universidade, interessando-se pelos trabalhos e pesquisas realizadas nela realizados, mas, por outro, buscando seguir as normas e desempenhar seu papel de intervenção. Com isso, três conflitos deram início à perseguição na Universidade de Brasília em 1965: os casos Fiori, Edna de Oliveira e Las Casas, como delineado por Salmeron. (2012, p. 192)

O primeiro caso remete à contratação do docente Ernani Maria Fiori para organizar o departamento de Filosofia; todavia, Fiori tenha sido aposentado compulsoriamente da Universidade do Rio Grande do Sul pelo Ato Institucional nº1¹³. Zeferino sabia que se tratava, na verdade, de uma demissão política e consultou juristas da UnB, que não viram problemas na sua contratação. O professor Fiori, ao responder ao pedido do reitor, lembrou o motivo político e ideológico da sua demissão da universidade gaúcha, e a própria contratação de Fiori tinha sido indicada pelo professor Antônio Luís Machado Neto, atual coordenador do Instituto Central de Ciências Humanas. Feita a contratação, o reitor Zeferino Vaz passa a sofrer pressão política pela admissão de um professor que havia sido demitido de uma universidade pública, fato que gerou outra tensão: os professores da UnB voltaram a reexaminar a retomada das expulsões e o recrudescimento da situação política opressiva na universidade. Em comunicado, os docentes alegaram interferência política na UnB e a intrusão da nova gestão na autonomia da universidade, o que feria o Estatuto da UnB. Salmeron (2012, p.192-197) informa em seu livro *A universidade interrompida: Brasília 1964-1965* que o professor Fiori foi demitido em 23 de julho de 1965 depois da resistência do próprio reitor Zeferino Vaz e da preocupação manifestada pelos docentes e estudantes da UnB

¹³ Dava ao Presidente da República poderes absolutos para muitas ações, como cassar direitos políticos de qualquer cidadão, expulsar e aposentar oficiais das forças armadas, demitir e aposentar funcionários.

– o motivo da demissão foi caracterizado como impedimento legal. Os docentes defendiam a contratação de Fiori alegando o princípio de autonomia universitária, e com isso a insegurança entre professores, estudantes e funcionários retornou ao *campus*.

Após o “caso Fiori”, o Ministério da Educação e Cultura regido por Flávio Suplicy de Lacerda iniciou o processo de chamar os professores de volta a suas instituições de origem, como forma de afastar os docentes da UnB. Foi o que ocorreu com a docente e antropóloga Edna Soter de Oliveira, que dirigia a Secretaria-geral da UnB e era estimada pelos estudantes, foi intimada a retornar ao Ministério contra a sua vontade. Os militares consideravam que essa proximidade de docentes e estudantes poderia incitá-los à subversão ou à greve. Zeferino Vaz foi contra essa determinação e esforçou-se em explicar detalhadamente a relevância de Edna no cargo, mas novamente questões políticas influenciaram a decisão da reitoria da UnB - nada poderia ser feito.

Concomitantemente, conforme aponta Salmeron (2012), o Ministro da Educação determinou o retorno à instituição de origem do docente e sociólogo Roberto Décio Las Casas, três meses após ter sido cedido à UnB. Os casos Fiori, Edna Soter e Las Casas se somaram às dificuldades vividas pela universidade com relação à estrutura física, à alimentação estudantil, à condição degradada dos materiais de laboratório e bibliográfico, situação que culminou em uma greve de três dias por parte dos estudantes no final de agosto de 1965. A greve foi considerada justa pelo reitor Zeferino Vaz e pelos docentes, mas ampliou o clima de tensão em vista de a universidade estar sendo muito visada pelos militares.

Preocupados com as ingerências externas e com a greve estudantil, os docentes reuniram-se em assembleia no dia 24 de agosto de 1965, juntamente com o reitor Zeferino Vaz, na qual foi apresentado o novo reitor da UnB Laerte Ramos de Carvalho, que transmitiu a todos os docentes sua posição política a favor do regime. Zeferino Vaz exprimiu-se a respeito das demissões de 1964 alegando que os professores eram “mediócras”, que os currículos de outros docentes deveriam ser revistos, o que gerou grande tumulto: de um lado, aplausos aos docentes que tomavam a palavra para defender suas opiniões sobre os colegas, de outro, o silêncio quando os reitores tomavam a palavra para a defesa dos gestores-interventores (SALMERON, 2012, p. 207). Tal ato foi visto pelo futuro novo reitor Laerte Ramos, indicado pelos militares, como indisciplina e subversão. No dia seguinte à assembleia, Las Casas foi devolvido ao ministério e Laerte Ramos tomou posse da nova reitoria da UnB; no dia 30 de setembro ocorre o pedido de demissão de 13 docentes que eram coordenadores de cursos da UnB. Na carta de demissão eles evidenciavam as preocupações com a autonomia

da Universidade de Brasília e a dignidade intelectual dos professores e estudantes, o que ocasionou a demissão em massa de 223 docentes.

Chegara o momento em que devíamos escolher com lucidez entre somente duas alternativas: aceitar as interferências externas ou recusá-las. Mas o único meio de recusá-las seria partir da universidade, não havia outro. Mesmo que quiséssemos, com cinismo, deixar de lado a moral e a dignidade, seria ilusório pensar que a aceitação de expulsões arbitrárias poderia contribuir para eliminar as tensões e restabelecer as condições normais da vida universitária. A experiência, em todos os lugares do mundo, mostra que não é assim que tais situações são resolvidas. Pessoas que exercem arbitrariedades, protegidas pelo poder, continuam a exercê-las cada vez mais, até serem excluídas de suas funções devido a injunções políticas fortes. (SALMERON, 2012, p.244)

Sobre essa grande pressão política e a demissão dos professores, Balthazar (2023, Anexo A, p. 142) menciona:

A repressão política é direcionada a pessoas, à figura de determinadas pessoas, não à instituição, é claro que isso tinha tido suas consequências. Alguns desses professores foram demitidos e por acaso vieram para a UnB. Exatamente por terem vindo para a UnB chamou a atenção: como que os milicos...- Pomba! Eu tiro esses caras lá da zona e vocês levam para Brasília? Exatamente para o quintal? Aí começou a grande pressão política que foi a origem da primeira grande crise da UnB, a crise de 1965 em que foram demitidos os 16 professores, inclusive alguns desses que tinham vindo para cá. Houve uma reação das pessoas que estavam aqui, que eram pessoas de grandes respeitabilidade, que acabou gerando o que Darcy chamava de a grande diáspora, que foi a demissão de praticamente todos os professores da universidade. Acho que a universidade tinha na época duzentos e poucos professores, 200 e tantos se demitiram. E aí foi então realmente um desastre muito grande. Mas quando eu te digo que foi uma grande repressão institucional, foi por causa disso. Porque dali para frente, embora as ideias permanecessem, essas ideias de ter uma universidade ativa, universidade dinâmica, universidade que pensasse o país, produzisse conhecimento, saíram esses 200. Chamaram outros, vai começar o processo de substituição. Mas esses outros que vieram também assumiram aquela ideia, aquele ideal de construir uma universidade.

Diante da demissão dos docentes coordenadores, no dia nove de outubro, os estudantes entraram em greve em solidariedade; com isso, Laerte Ramos solicitou ao Departamento Federal de Segurança Pública o envio de tropas militares à UnB e expulsou quinze estudantes. Na ocasião, o reitor alegou que o envio de tropas seria para a manutenção da ordem e preservação do patrimônio público, considerando a gravidade dos atos

indisciplinadas de docentes e estudantes, validando sua atitude na Lei 4.464¹⁴ de 9 de novembro de 1964 e no Decreto 1.872, art. 46, item XIII do Estatuto da Universidade¹⁵.

Conforme pudemos apurar com Salmeron (2012, p. 236-239), as tropas invadiram o *campus* em 11 de outubro de forma ostensiva e cercaram as entradas, impedindo estudantes e professores de entrar na UnB e promover agrupamento de pessoas.



Figura 2 - Militares invadindo o campus da UnB em 1965 - Fotos de Osvaldo José dos Santos. **Fonte:** https://www.justica.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/202204/anexo_1._invasao_da_unb_em_1965.pdf. Acesso em: 23 Set. 2023.

O precioso registro fotográfico, acima reproduzido, de autoria de Osvaldo José dos Santos, nos permite ter a dimensão da violência estatal que se abateu sobre a comunidade universitária da UnB, com a presença de soldados armados conduzindo as pessoas como se estivessem num campo de batalha, e não no *campus* de uma das principais universidades brasileiras.

Como resultado da intolerância num ambiente no qual a harmonia, o respeito recíproco e a saber deveriam ser permanentemente cultivados, o corpo docente reagiu com a demissão voluntária de 223 dos 305 professores da universidade. A divulgação dessa

¹⁴ Lei 4.464 – Dispõe sobre os órgãos de representação dos estudantes. Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4464-9-novembro-1964-376749-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso: 16 Jul 2023

¹⁵ O Decreto 1.872, art. 46, item XIII do Estatuto da Universidade atribui ao diretor competência para exercer o poder disciplinar e adotar, *ad referendum* do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília, as providências para a manutenção da ordem e da disciplina dentro da universidade. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dcm/dcm1872.htm. Acesso em 16 Jul 2023

demissão coletiva¹⁶ foi publicada no dia 19 de outubro de 1965 no Correio Brasiliense. Na reportagem fica claro que o reitor Laerte Ramos configura a reação institucional como ato disciplinar necessário para assegurar a normalidade na instituição de ensino.

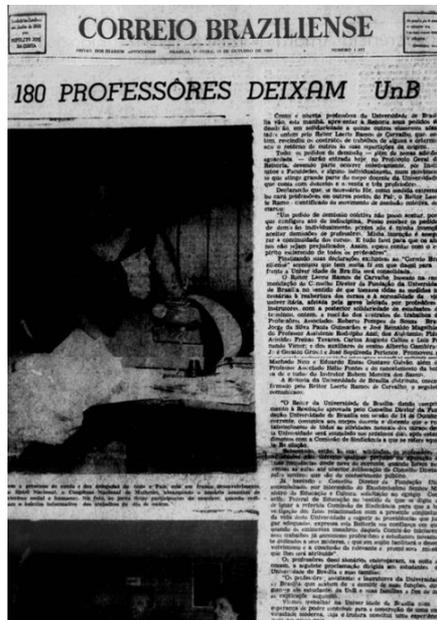


Figura 3 - Reprodução: Correio Brasiliense, p.1, 19/10/1965

No jornal Folha de S. Paulo de 20 de outubro foi divulgada a lista dos professores que se demitiram de forma voluntária: dos 305 docentes da UnB, 16 foram expulsos e 223 se demitiram, gerando um esvaziamento da universidade de 79% do corpo docente. Os estudantes, compreendendo a situação, manifestaram sua solidariedade em defesa da autonomia da UnB. (SALMERON, 2012, p.251)

A invasão militar de 1965 e a subsequente demissão de professores contrariavam completamente a ideologia que Darcy Ribeiro havia delineado, conforme suas próprias palavras consignadas em *Carta: falas, reflexões, memórias* (1991, p. 16):

Poucas coisas me doeram tanto, talvez nenhuma me doeu assim, como saber, um dia, que a imensa maioria dos sábios que trouxera para cá, em defesa da dignidade desta Universidade, por não aceitarem seu avassalamento, saíram em diáspora mundo afora. Eram mais de duzentos sábios e aprendizes, selecionados por seu talento, para plantar aqui a sabedoria humana. Cada um deles recebeu, com o contrato, um apartamento mobiliado, porque tudo deixaram ao virem para cá. Agora, dispersavam-se, de mãos vazias,

¹⁶ 180 professores deixam a UnB, Correio Brasiliense, n.1652, p.01, 19 out. 1965. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_01&pasta=ano%20196&pesq=universidade%20de%20bras%C3%ADlia&pagfis=20594. Acesso em: 16 Jul 2023

buscando algum trabalho nas universidades nacionais, também perseguidas e para eles fechadas, ou no estrangeiro.

Darcy Ribeiro idealizara a Universidade de Brasília sob uma visão profundamente inovadora e progressista, na qual a excelência acadêmica coexistia com o compromisso social e cultural sólido de promover uma educação abrangente e interdisciplinar.

2.2.3 *Invasão de 1968*

A terceira invasão foi a mais violenta e ocorreu em 29 de agosto de 1968, concomitantemente às mobilizações estudantis espalhadas que resistiam contra a ditadura militar por várias partes do Brasil. Com o assassinato do estudante Edson Luís de Lima Souto no restaurante estudantil Calabouço, no Rio de Janeiro, os estudantes tomaram a frente da luta contra o regime militar.

Geralda Dias Aparecida (1991, p. 49), em *Carta...*, narra esse momento de tensão: “Apesar dessa preocupação, a tensão nas universidades aumentou, no início de 1968, e tomou maior impulso com a morte do estudante Edson Luís, no restaurante “Calabouço”, no Rio de Janeiro, vítima de repressão policial.” E Roberto Samerón (2012, p. 465-475), em seu livro *A universidade interrompida...*, informa que uma operação conjunta das forças repressivas, envolvendo o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e o exército, invadiu a UnB e deteve mais de 500 pessoas, entre estudantes e docentes, na quadra de basquete - sessenta delas acabaram presas. No local do *campus* da UnB onde ocorreu o fatídico evento encontra-se uma placa comemorativa marcando os 50 anos dessa invasão.

Ainda segundo Salmeron, as forças repressivas alegavam que estavam em busca de estudantes que tinham prisão preventiva decretada, caso do estudante Honestino Guimarães, presidente da Federação dos Estudantes Universitários de Brasília (FEUB), considerada pela repressão como organização subversiva e paramilitar. Nessa invasão os militares arrombaram salas de aula, espancaram estudantes, docentes e parlamentares. A universidade foi transformada em praça de guerra e as salas de aula em cidadelas inimigas. Não bastasse isso, o então reitor da UnB, professor Caio Benjamin Dias, recusou o pedido de busca de estudantes no interior do *campus*, mas a polícia alegou, em comunicado oficial, que autoridades da UnB cediam salas para reuniões altamente subversivas.

Na imagem fornecida pelo CEDOC/UnB, apresentada a seguir, captura-se o momento em que estudantes da Universidade de Brasília são detidos pelas forças de segurança durante a invasão das forças militares de 1968. A fotografia revela a tensão

vivida pelos estudantes, circundados por soldados armados. Além de registrar um momento específico de repressão perpetrado por um regime de força no Brasil, refletem a resistência dos estudantes e seu empenho na luta por liberdade e democracia.



Figura 4: Invasão da UnB em 1968, considerada a mais violenta. **Fonte:** CEDOC/UnB

No dia 30 de agosto de 1968, o jornal *Correio da Manhã*¹⁷ publica uma reportagem sobre a invasão na UnB, informando que, do ponto de vista do governo, a ação reagia a um plano cujo objetivo era a derrubada do regime, e que cabia manter a população de sobreaviso sobre futuros incidentes que poderiam ser provocados pelos ‘subversivos’ estudantes e docentes.

¹⁷ Polícia invade universidade em Brasília: quatro feridos. *Correio da manhã*, nº23126, p.01, 30 ago. 1968. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano%20196&pesq=universidade%20de%20bras%C3%ADlia&pagfis=95078. Acesso em: 16 Jul 2023



Figura 5 - Reprodução: Correio da Manhã, p.1, 30/08/1968.

Um manifesto foi redigido por docentes, discentes e setor administrativo da UnB criticando a violência com que foram retirados do seu local de trabalho e a preocupação com a segurança da comunidade universitária, pleiteando garantias mínimas de segurança para prosseguirem com as aulas.

De abril até agosto, a UnB viveu uma grande movimentação política. Eram atritos entre estudantes e policiais infiltrados no *campus*, pressão de alunos pela melhoria da qualidade de ensino, protestos contra o estatuto em elaboração, pedidos de demissão de professores por parte dos alunos e manifestações que acompanhavam o movimento nacional. (RIBEIRO, 1991, p. 50)

Desde o golpe de Estado, as invasões na UnB tornavam-se cada vez mais violentas, particularmente a partir do ano de 1968, quando as invasões policiais passaram a ser mais frequentes, no contexto da repressão às mobilizações estudantis pela qualidade da educação e pela democracia que tiveram seu fôlego renovado com a edição do AI-5, em 13 de dezembro daquele ano. As ações militares não foram um desvio ou uma ação excessiva, mas, sim, uma operação planejada e calculada.

Em consequência, as invasões ao *campus* protagonizadas por forças do Exército voltavam-se contra o modelo acadêmico projetado por Darcy Ribeiro de uma universidade academicamente autônoma, de forma que “pudessem disciplinar e controlar sua aplicação, em consonância ao projeto político levado a cabo pelo regime militar!” (RIBEIRO, 1991, p. 39).

2.2.4 *Invasão de 1977: o início do fim*

Diante do esvaziamento ocasionado pela demissão de grande parte do corpo docente, pelas invasões e pela mudança de reitores, estabeleceu-se um clima de insegurança, incertezas e perseguição que levavam à desconfiguração do projeto inicial projetado para a UnB, cogitou-se o fechamento da universidade; ainda assim, a universidade permaneceu na resistência.

No ano de 1977, o reitor da Universidade de Brasília (UnB) era José Carlos de Almeida Azevedo, conhecido como capitão-de-mar-e-guerra, um interventor feito reitor da UnB pelas forças armadas. As funções do reitor estavam pautadas no Ato da Reitoria n.1.047/68: “orientar, coordenar e controlar as atividades de ensino, pesquisa e extensão de todas as unidades universitárias.” A esse respeito, comenta Dias (2013, p. 111):

A área de segurança não admitia perder o controle da UnB e fazia de tudo para garantir sua predominância na Instituição. Este poder se esvaziaria, caso a UnB efetivamente funcionasse de maneira autônoma como determinava a lei e se, no caso concreto, o vice-reitor, oriundo da Marinha, passasse a ter sua ação limitada a atos burocráticos, sem maiores poderes no domínio das finanças, ou em questões de substância.

O medo e a insegurança que assolavam a UnB era intensificado pela implantação da Divisão de Segurança e Informação (DSI) em todas as universidades do Brasil, a qual contava com a participação de docentes, funcionários e estudantes. O controle das universidades era fundamental para os militares, pois era um espaço que levava as pessoas a pensar crítica e autonomamente. Desde a decretação do AI-5 em 1968, durante o governo do general Costa e Silva, as atividades universitárias passam a ser fortemente controladas, de forma a impossibilitar a vida acadêmica. Como consequência, o movimento estudantil diminuiu sua força, principalmente após o decreto 477¹⁸ que fechou grêmios e diretórios acadêmicos, tornando subversão qualquer atividade política dos estudantes, além da repressão à organização e manifestação de professores e funcionários.

Uma nova fase do movimento estudantil ocorre nos anos de 1975 e 1976, quando os estudantes buscavam se organizar de modo que suas demandas não fossem enquadradas como

¹⁸ Decreto 477 - <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-477-26-fevereiro-1969-367006-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso: 16 Jul 2023

subversão. Na UnB não foi diferente, quando alunos do curso de Agronomia se reuniram para exigir um simples bebedouro: “Ali, naquele momento, sem que ninguém soubesse o que estava fazendo além de querer beber água, nascia um dos mais importantes pontos de concentração e organização dos estudantes, e que levaria à grande greve de 1977: a representação estudantil do departamento de Engenharia Agrônômica e Florestal. (RIBEIRO, 2009, p. 28)

A administração universitária previa a possibilidade de existência de um Diretório Universitário (DU). A assembleia de criação ocorreu em 26 de julho de 1975, com a aprovação do reitor Amadeu Cury, e para fazer parte dele os estudantes tinham que cumprir diferentes exigências, o que restringia as possibilidades de candidaturas. Com isso, o movimento estudantil na UnB foi retomando seu protagonismo, pautando suas reuniões e assembleias no debate da qualidade do ensino, da qualificação dos docentes, na atualização dos laboratórios e dos currículos.

Antes de deixar a Reitoria, em 24 de maio de 1976, Amadeu Cury cancelou as eleições para o DU e assinou um ato determinando a suspensão de quinze alunos que haviam participado de uma assembleia para discutir o Diretório. Ao assumir a reitoria em 25 de maio de 1976, Azevedo decidiu expulsar os principais integrantes das chapas que concorriam para a representação do DU, após a apuração gerando a intensificação das mobilizações.

A mobilização estudantil não estava restrita somente à UnB. No início de 1977 os estudantes voltaram às ruas com reivindicações: luta contra a ditadura militar, verbas para a universidade, melhoria do nível de ensino e da alimentação nos restaurantes universitários, defesa do ensino público e gratuito, revogação das punições e prisões impostas a colegas, fim da aplicação indiscriminada – principalmente na Universidade de Brasília – da pena de jubramento aos estudantes de menor rendimento, medida pela Média Geral Acumulada (MGA¹⁹) (POERNER, 1995, p. 302). Em 19 de maio de 1977 os estudantes celebrariam um Dia Nacional de Luta em diversas universidades do país, exigindo o fim das prisões, dos atos de exceção, das leis repressivas e reclamando liberdades políticas e democracia. Na UnB a mobilização contou com mais de mil estudantes, que desafiaram não só a decisão do Ministro da Justiça, mas também do reitor José Carlos Azevedo, que lançou mão de um Ato da Reitoria para proibir manifestações no interior da universidade.

¹⁹ A média geral calculada (MGA) era um valor ponderado, a cada semestre, a partir do conjunto das menções alcançadas em todas as disciplinas cursadas. O máximo era cinco. Se em mais de dois semestres consecutivos a MGA ficasse abaixo de 3,2 implicava o jubramento do estudante, ou seja, seu desligamento compulsório da universidade. Para ser representante estudantil era necessário alcançar MGA mínimo de 3,8. (RIBEIRO, 2009, p.31)

Conforme aparece registrado na fotografia abaixo, a UnB se tornou o centro de irradiação das manifestações de 1977, sendo a primeira a declarar greve por tempo indeterminado em protesto contra essa decisão do reitor, que havia punido disciplinarmente 16 participantes da manifestação. Foi a primeira manifestação de maior proporção na UnB desde 1968, com caráter explícito contra o regime militar (RIBEIRO, 2019). Conhecida como a “Greve de 1977”, foi um confronto político ocorrido na Praça Edson Luís, praça na qual nasceu a grande greve, quando os estudantes se dirigiram à Reitoria e entoaram palavras de ordem: “se houver punição, vai haver paralisação”. Diferentes departamentos da UnB estavam aderindo em decorrência da negativa da Reitoria das chapas que participariam das segundas eleições para o DU ocorridas em 1977 serem novamente censuradas, como nas primeiras eleições do ano anterior.

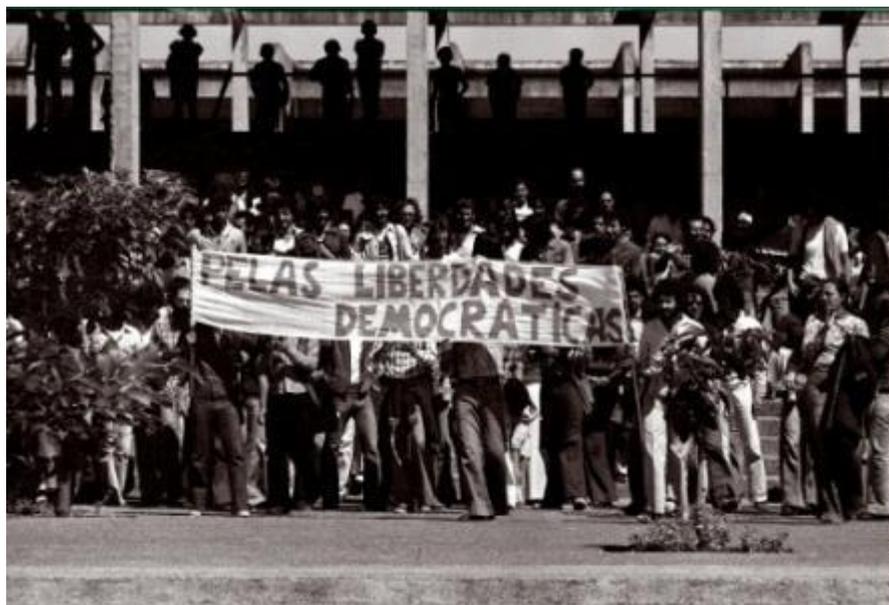


Figura 6: Manifestação durante a ocupação e greve estudantil da UnB em 1977. **Fonte:** CEDOC/UnB.

A greve estourou em 31 de maio de 1977 e durou quatro meses, tendo os estudantes paralisado as atividades acadêmicas de modo a ultrapassar os limites da UnB e impactar a política nacional, com a presença no *campus* de deputados da oposição: “Em 31 de maio de 1977, dez horas da manhã, o anfiteatro 9, o maior de todos do Minhocão, estava lotado. Os estudantes prometeram e cumpriram. Houve punição, vai haver paralisação.” (RIBEIRO, 2009, p. 99). A greve foi noticiada tanto em jornais da região quanto nos de âmbito nacional,

com destaque para a matéria publicada na edição 5243 do Correio Brasiliense²⁰.

Uma comissão de senadores foi negociar com o então Ministro da Educação, Ney Braga, e com o reitor, José Carlos Azevedo. Este último mostrava-se obstinado na aplicação de severas punições, dentre as quais expulsões, suspensões e cancelamentos de bolsas, aplicando força crescente de acordo com a resistência oferecida pelos estudantes.



Figura 7 - Reprodução: Correio Brasiliense, p.1, 07/06/1977

Na avaliação de Ribeiro (2019, p.100), “pela primeira vez a ditadura ficou em xeque. Ali estavam os filhos dos militares, dos deputados, dos senadores, dos ministros, dos altos funcionários e até representantes de embaixadas de outros países, bem como estudantes de todas as origens, de todas as classes sociais, de todo país sob os olhares do Brasil.”

No dia 2 de junho o *campus* foi tomado por policiais à paisana e cercado por tropas da polícia militar e no dia 07 de junho de 1977, por volta do meio dia, a Universidade de Brasília foi invadida de forma truculenta, resultando em prisões em massa, com o fichamento e a intimidação dos estudantes.

²⁰ GREVE GERAL PELA REVOGAÇÃO DAS PUNIÇÕES, n°5243, p.01, 01 jun 1977. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%201977&pesq=universidade%20de%20bras%C3%ADlia&pagfis=88846. Acesso em 17/07/2023

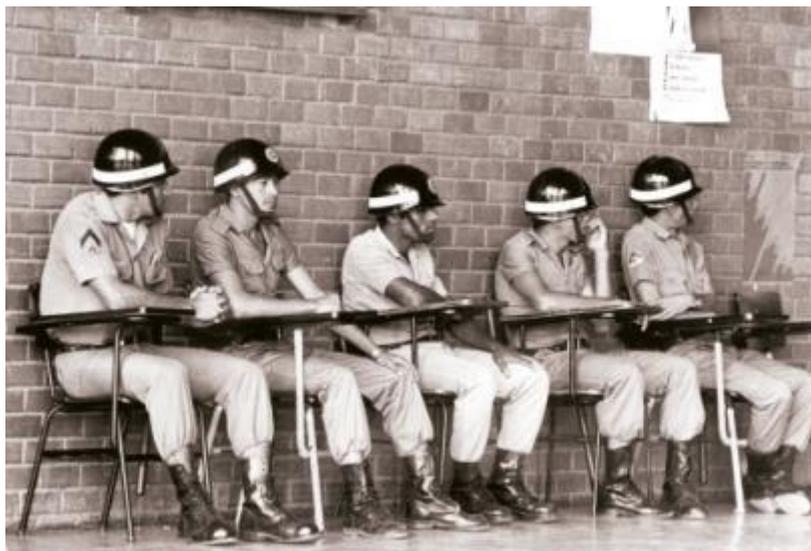


Figura 8: Invasão Policial da UnB em 1977. **Fonte:** Arquivo Central/UnB

A Figura 8 apresenta um registro visual das violações dos direitos humanos e da liberdade acadêmica durante o período da ditadura militar no Brasil. Evoca um período conturbado que reflete a atmosfera de repressão e intimidação. A presença ostensiva de militares armados no ambiente acadêmico simboliza a violação da autonomia universitária e o cerceamento da liberdade de expressão e organização estudantil.

Os estudantes da UnB seguiram nos protestos e, em reação, a Reitoria publicou o Ato da Reitoria nº187/77, de 18 de junho de 1977, que detalha as condutas que fundamentariam a abertura de inquéritos, e a Instrução da Reitoria nº 5/77, de 21 de junho de 1977, que estabelecia recesso acadêmico a começar em 22 de junho até 24 de julho de 1977. Dada a continuidade da greve e sob a alegação de garantir aulas a quem quisesse, a Reitoria lançou mão de um instrumento processual inerente às democracias, o *habeas corpus*, como demonstra matéria publicada no jornal Correio Brasiliense²¹ de 29/07/1977.

²¹ ORDEM NAS UNIVERSIDADES, Correio Brasiliense, nº 5302, p.05, 29 jul 1977. . Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%201977&pesq=universidade%20de%20bras%C3%ADlia&pagfis=92772. Acesso em: 17/07/2023

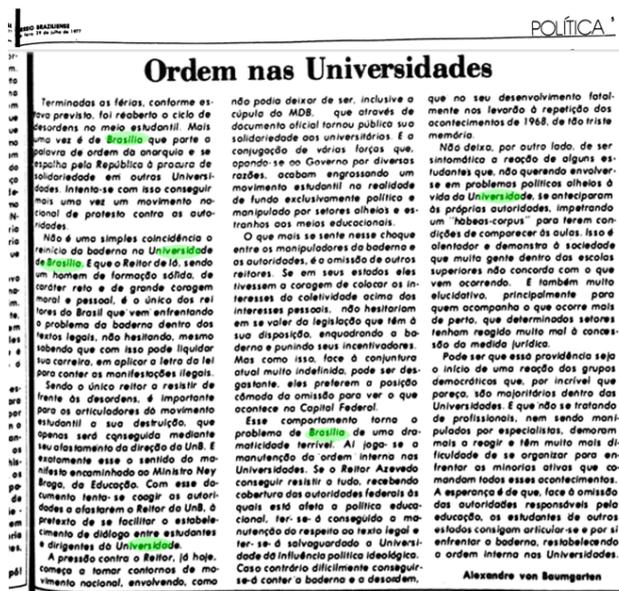


Figura 9 - Reprodução: Correio Brasiliense, p.5, 29/07/1977

Em 25 de julho de 1977, a UnB foi novamente invadida por tropas policiais, exercendo a brutal repressão de cerco policial que durou várias semanas, totalizando a prisão de 153 estudantes, assim justificando as prisões: “todas se deram por estarem ativando e participando do Movimento Estudantil, sob o pretexto de darem continuidade a greve deflagrada na UnB.” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2015, p.190). Naquele ano, a UnB tornou-se símbolo de resistência em todo país e muitas manifestações de solidariedade aos estudantes brasilienses foram realizadas em diferentes regiões brasileiras. (RIBEIRO, 2019. p. 158)

Com base nas informações apresentadas por Marco Antonio Dias em sua obra *UnB e comunicação nos anos 1970: acordo tácito, repressão e credibilidade acadêmica* (2013), é possível afirmar que, durante esse período, a UnB viveu sob a vigência de um acordo tácito. Segundo esse acordo, os professores eram orientados a se abster de envolvimento em movimentos políticos. Apesar das tentativas de reconstrução da instituição, os problemas decorrentes do afastamento de professores e da expulsão de estudantes persistiam, criando um ambiente de crise constante. Foi nesse contexto de crise que os docentes iniciaram a organização da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília.

Em 1977, apesar de alguns setores do governo alardearem uma pretensa abertura no regime, a violência persistia, culminando na quarta invasão da Universidade de Brasília (UnB), cujo propósito principal era conter a organização da resistência dos movimentos estudantis que estavam ressurgindo e se espalhando pelo país. Ao analisar esse contexto no

Brasil, é perceptível que, embora tenha ocorrido uma transição em direção à democracia, não houve uma ruptura completa com a autoridade do regime militar. Nesse cenário, os professores desempenharam um papel ativo na defesa da autonomia da UnB e na resistência às ameaças à democracia.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ORGANIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA ADUNB

Nesta Seção, pretendemos apresentar algumas das peculiaridades, mobilizando as fontes históricas levantadas acerca da trajetória do movimento docente de professores da Universidade de Brasília (UnB), centrando a atenção em suas práticas políticas, associativistas e sindicais presentes nas origens e nos primeiros anos de existência dessa agremiação docente.

Na consecução desse objetivo, localizamos os embates que a categoria dos professores produziu desde a sua fundação em 1977 até a primeira greve de 1982, quando o movimento eclodiu na Universidade de Brasília, após a quarta invasão militar, e os docentes responderam com a organização da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB). Mesmo com suas contradições, vicissitudes e formas de atuação ainda tentativas, dado o clima repressivo que ainda se mantinha à época, esses esforços organizativos se mostraram imprescindíveis para a defesa da autonomia da instituição universitária. Não se deve desconsiderar a inserção do movimento associativo docente no conjunto das reivindicações da classe trabalhadora, tampouco o papel que desempenhou na defesa dos interesses profissionais e corporativos dos seus representados.

O estudo da questão sindical precisa revisar seus conceitos de divisão do trabalho docente para incluir os demais trabalhadores que participam do processo pedagógico e do processo educativo pelo qual a sociedade qualifica seus cidadãos. Além disso, a especificidade do trabalho na educação não pode ser alcançada a tal dimensão que exclua os docentes de sua pertença comum ao conjunto de classe dos assalariados. (DAL ROSSO, 2011, p.26)

Estudar as ações e as perspectivas abertas pela organização associativista e sindical dos trabalhadores da educação nos faz reconhecer a importância da pesquisa sobre os trabalhadores docentes, com seu legado de lutas contra a intervenção política no mundo do trabalho, conforme nos apresenta Bauer (2012a, p.83):

Na medida em que participa da história e é histórico no seu próprio ser, o sujeito pode compreendê-la; por outro lado, essa compreensão é completamente limitada pela situação histórica particular na qual se efetua. Não obstante, se o homem é um ser ontologicamente determinado pelas condições ou possibilidades que lhe são dadas e pela consciência que dessa sua condição de ser-situado, segundo a mesma perspectiva existencialista ele é também projeto, futurição, pelo que não se encontra nem cabal, nem

fatalmente condenado a determinismos absolutos e inarredáveis.

Segundo a perspectiva apresentada, a reconstrução da trajetória da Associação dos Professores da Universidade de Brasília (ADUnB) está intrinsecamente ligada à sua busca por mudança social e política, visando estabelecer condições dignas de exercício da democracia política e social. A ADUnB representa um exemplo significativo de engajamento e mobilização em prol de valores democráticos e direitos sociais, destacando-se como uma voz ativa na defesa dos interesses da comunidade acadêmica e na promoção de um ambiente universitário mais justo e inclusivo. Essa análise evidencia não apenas a importância da ADUnB como agente de transformação, mas também ressalta o papel crucial das organizações sindicais e sociais na construção de uma sociedade mais democrática e igualitária.

3.1 Da invasão de 1977 ao início da organização dos docentes

A história da Universidade de Brasília (UnB) foi muito marcada pelas atitudes truculentas perpetradas pelos golpistas de 1964 no intuito de controlar suas atividades, inibir as ações da comunidade acadêmica, emudecer as vozes que questionavam as intervenções e ceifar os movimentos de resistência dos professores e estudantes que se produziam no seu interior.

Durante esses anos, a presença do Capitão de Mar e Guerra José Carlos de Almeida Azevedo, como reitor da UnB, foi rejeitada pela comunidade acadêmica por sua condição de interventor do regime ditatorial. Não à toa ele teve de enfrentar a decidida oposição de alunos e professores, relação que ficaria ainda mais tensa quando, em fins do mês de maio de 1977, permitiu que a polícia militar invadisse o *campus* da UnB para inibir uma greve estudantil e suspendesse 16 alunos identificados como líderes da manifestação do Dia Nacional de Lutas. O professor José Carlos Balthazar (2023, Anexo A, p. 143) comenta: “eles fizeram uma grande manifestação num dia chamado Dia Nacional de Lutas, e como consequência desta manifestação conseguiram fazer aqui no campus uma manifestação bastante forte.”

Motivados, os estudantes entraram em greve por tempo indeterminado reivindicando a anulação das suspensões. O ato repressivo gerou tensões no *campus*, com a presença de militares infiltrados à paisana e camburões por todos os espaços da UnB. José Carlos Balthazar (2023, Anexo A, p.143) lembra que, “em 1977 estava começando a haver um renascimento do movimento estudantil. Depois daquelas perseguições de 1968, das passeatas,

do Decreto-lei 477.” Era uma luta do movimento estudantil, dos estudantes contra a administração da universidade exercida pelo reitor José Carlos de Azevedo. Nas reminiscências de Sadi Dal Rosso²² (2023, Anexo B, p. 159), estávamos diante de um movimento “em defesa dos estudantes e pela autonomia universitária.”

Intensificaram-se, então, por todo o Brasil, a partir de 1977, as manifestações do movimento estudantil. Lacerda (2010, p.16) identifica que esses estudantes “foram os responsáveis por reconduzir a luta da sociedade civil pelo retorno da democracia, mudando de uma pauta de pura resistência vivenciada na década de 1960, para uma pauta de luta democrática.”

Como consequência, no dia 2 de junho de 1977 os docentes da UnB realizaram uma reunião com a finalidade de mediar com a reitoria a crise entre os estudantes. Nessa reunião, deliberaram por uma assembleia, que ocorreria no mesmo dia no Anfiteatro 8 do *campus*, com a presença de aproximadamente 100 professores, com intento de evitar uma invasão militar à universidade. Balthazar (2023) relembra que a luta do movimento estudantil gerou uma reação forte da administração da universidade, sem ter buscado qualquer mediação com o movimento estudantil, mas simplesmente abrindo um processo disciplinar e expulsando os estudantes, o que ampliou a crise na instituição.

Foi nesse cenário político que os docentes deram os primeiros indícios de que não permaneceriam passivos aos ataques da repressão, até porque os novos regimentos da UnB não favoreciam os favorecia por força da imposição de contratos precários de trabalho e desqualificação dos direitos dos docentes. Sobre episódio, o professor Balthazar (2023, Anexo A, p. 141) lembra que,

no bojo dessa crise, os professores, docentes, começaram a se movimentar, primeiro houve algumas convocações: - Não vamos discutir o assunto, vamos reunir. Reunia-se lá no anfi 8 - anfiteatro 8, para discutir situação, o que fazer e foi fazendo várias reuniões. Teve início no meio de uma dessas reuniões a gente foi fazer uma reunião na Reitoria. Enquanto a gente estava lá à universidade foi invadida pela polícia, quando a gente saiu pela porta da Reitoria, o *campus* estava todo ocupado por viaturas policiais, foi um negócio assim. Eu vejo claramente na minha frente aquela situação e era uma situação terrível!

²² Sadi Dal Rosso graduou-se em Ciências Sociais na Unisinos (1972) e realizou o mestrado e o doutorado em Sociologia na University of Texas System (1974-1978). Ingressou na Universidade de Brasília (UnB) em 1978 como professor do Departamento de Sociologia, sendo um dos responsáveis pela criação do doutorado em Sociologia em 1984. Coordenou estudos e publicações sobre o movimento sindical, tornando-se uma figura importante nesse meio, com forte participação no movimento de docentes universitários nos anos 1980 e 1990. Teve longa trajetória na ADUnB: 1º vice-diretor de 1982-1984, diretor de 1986-1988 e 1º secretário de 1992 a 1994, e presidente da Andes-Sindicato Nacional entre 1988 e 1990.

As assembleias docentes enfrentavam os militares à paisana validando-se na Lei 4.464²³ de 9 de novembro de 1964 e no Decreto 1.872²⁴, art. 46, item XIII do Estatuto da Universidade. Como comenta Dal Rosso (2023 Apêndice B, p.157), “havia um sistema, como na maioria das instituições federais, isso é só questão de pesquisar, havia um serviço de vigilância, e então isso tinha na UnB também, lá perto do gabinete do reitor tinha uma sala que era ligada ao pessoal do SNI.”

Mesmo diante destas intercorrências uma segunda assembleia ocorreu no dia seguinte, mais precisamente em 3 de junho de 1977, e uma reunião na Reitoria com militares nos corredores: uma reunião frustrante e intimidadora para os docentes, na qual o Reitor se vangloriou do trabalho acadêmico da UnB e, conforme registrado por Ramos (2021), ao mesmo tempo, aludiu à falta de instabilidade do cargo na UnB. Naquele mesmo dia, após a excruciante reunião, os docentes se reuniram e aprovaram uma nota a ser encaminhada à Administração Geral da UnB pela comissão de mediação formada pelos professores Frederico Simões Barbosa²⁵ e Henrique Krieger²⁶, com o fim de evitar nova invasão ao *campus* por tropas militares:

Os professores da Universidade de Brasília, reunidos em função da gravidade atual da situação interna nesta universidade, diante da iminente invasão do campus por forças policiais que impedem o exercício de nossas funções, vêm dirigir-se à Administração Central no sentido de: Providenciar a imediata retirada dos elementos estranhos à universidade; Impedir a entrada de forças policiais ao campus; Suspender as recentes punições a 16 estudantes desta universidade. Acreditamos serem estes os primeiros passos indispensáveis para normalizar a vida acadêmica no campus. (RAMOS, 2021, p.18)

Os docentes tentaram todos os meios legais para impedir uma nova invasão militar, contudo, em 06 de junho eles tomaram a universidade, prendendo estudantes, intimidando professores e funcionários, uma ação que se prolongou por todo o semestre daquele ano.

Polícia chegava no meio de uma assembleia de estudante, que fazia ali na entrada norte do ICC, os caras chegavam: - *Fulano e beltrano*. Pegava pelo cangote e jogava no camburão. Era assim, com os professores foram mais

²³ Lei 4464 Dispõe sobre os órgãos de representações de estudantes. Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4464-9-novembro-1964-376749-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso: 20 Jul 2023.

²⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dcm/dcm1872.htm. Acesso: 20 Jul 2023

²⁵ Docente do Departamento de Medicina Geral e Comunitária da Faculdade de Ciências e Saúde e do departamento. (RAMOS, 2021)

²⁶ Docente do departamento de Biologia Animal, Instituto de Ciências Biológicas. (RAMOS, 2021)

comedidos, tá, mas mesmo assim sofreu ameaça eu mesmo ouvia parte dessas pessoas, desses policiais, quando entrava lá no anfiteatro para fazer a reunião de professores, eu ouvi várias ameaças. Só que nunca implementaram abertamente o que faziam com os estudantes. Implementaram depois, teve vários professores detidos e uma série de coisas. Então, foi nesse caldo aí que a ideia de criar uma associação prosperou. (BALTHAZAR, 2023, Anexo A, p. 144)

Aquele foi um momento crítico da história da educação no Brasil, e da UnB em particular, dada a imposição de uma série de restrições à liberdade de expressão e à participação política de docentes e estudantes, em que a Reitoria da UnB buscava controlar o ensino e a pesquisa de acordo com sua ideologia, que muitos docentes críticos ao governo e às suas políticas autoritárias viram no Conselho Universitário (CONSUNI) uma oportunidade de manter um espaço de debate e manifestação dentro da universidade. Esses professores enfrentaram riscos consideráveis ao se posicionarem contra o regime, mas a presença no Consuni lhes proporcionou um fórum para defender suas ideias e proteger a integridade acadêmica da UnB.

3.1.1 *Conselho Universitário*

Estatuto e Regimento da UnB previam um Conselho Universitário, que foi convocado naquele mesmo ano para mediar a crise com os docentes. Políticos do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), funcionários do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e estudantes constituíram um grupo de resistência para o coletivo de professores, que já estavam se mobilizando em assembleias e abaixo-assinados diante do caos político que a UnB estava enfrentando.

O Estatuto e o Regimento Geral da UnB previam um Conselho presidido pelo Reitor, e composto pelo Vice-reitor, pelos cinco decanos, pelos nove diretores de institutos e faculdades, por representantes de congregações de carreira, por um representante dos órgãos suplementares, por dois representantes da comunidade, por um representante da associação dos ex-alunos (ainda não constituída) e por representação de quatro alunos integrantes do Conselho de Ensino e Pesquisa e do Conselho de Administração. (RAMOS, 2021, p.23)

No âmbito da UnB, o Conselho Universitário (CONSUNI) era (e ainda é) o órgão máximo de tomada de decisões no âmbito da instituição, ocupando funções normativas, deliberativas e de planejamento, tendo o Reitor como presidente e uma representação plural

dos diversos segmentos acadêmicos e da sociedade local. Entre as atribuições do CONSUNI, prescritas no Regimento Geral da UnB, estão a formulação de políticas globais, a aprovação da programação anual de trabalho e a avaliação do desempenho institucional de acordo com o artigo 12 desse Regimento.

O processo de implantação do CONSUNI teve início num clima de radicalização e intransigência da UnB, em 1977, a partir de importantes movimentos: os apelos conciliatórios dos docentes da UnB, de políticos do MDB, de representantes do MEC, de estudantes e de outras instâncias da sociedade. Em 17 de junho daquele ano, o CONSUNI teve sua primeira deliberação no auditório da Reitoria, em reunião com a presença de todas as representações da instituição elencados acima. Os docentes queriam um Conselho Universitário democrático no qual cada congregação de carreira dispusesse de um representante, já que existiam para a maioria dos cursos de graduação e pós-graduação, contudo, a Reitoria estabeleceu apenas um representante para todas as congregações, ou seja, nove representantes de acordo com o Regimento Geral. Na avaliação daquele momento, Ramos (2021, p.24) avalia que “os docentes interessados na solução pacífica da crise tentavam encontrar meios de influir na escolha dos nove representantes das congregações de carreira, fazendo com que chegassem ao Conselho Universitário professores de perfil menos conservador, portanto, menos submissos ao controle do reitor e sua equipe de decanos.”

O CONSUNI é um espaço de poder simbólico, que se traduz pela legitimidade dada à linguagem institucional de que cada um dos conselheiros é portador. Contudo, as falas de cada segmento desse Conselho expressam certa hierarquia, reconhecida no rito oficial da instituição. E não podia ser diferente naquela reunião dominada pelo formalismo jurídico, que visava assegurar a legalidade do ato punitivo contra os 16 estudantes. Assim, mesmo com esforços e articulações de alguns diretores de institutos e faculdades, o Conselho deliberou que o ato do Reitor fora legal e que não havia no processo qualquer circunstância atenuante para alteração da pena.

Diversos eventos se sucederam, dentre eles se destacam a comissão de inquérito sobre o movimento estudantil, assembleias, passeatas, reuniões, abaixo-assinados, e mais repressão policial, agressões e prisões que resultaram na expulsão de 30 estudantes e diversas punições que atingiram 64 estudantes. Informa Ramos (2021, p.29) que, do lado dos docentes, “Na universidade ocupada, abatidos, os professores que desde o início da crise vinham tentando realizar esforços para a sua solução tentam manter a sua mobilização.”

A organização dos docentes da UnB começaria a emergir logo após esses acontecimentos como forma de combater as atrocidades que o regime militar impunha.

Importante resaltar que o atrito entre o Conselho Universitário e o regime militar não foram resolvidas de forma pacífica, no entanto, o Conselho Universitário da UnB e os mesmos conselhos de outras instituições acadêmicas tiveram um papel significativo na resistência ao controle do governo sobre o ensino e a pesquisa, contribuindo para a preservação da autonomia universitária e para o eventual retorno à democracia no Brasil.

No caso específico do Conselho Universitário da UnB, esse papel fundamental se destacou na gestão e nas decisões acadêmicas e administrativas da instituição, no cumprimento de sua função de instância colegiada com a responsabilidade de deliberar sobre questões estratégicas, políticas e orçamentárias da universidade. Mesmo enfrentando desafios significativos devido ao contexto político e social do país, marcado pelo regime militar, as organizações estudantis e de professores estavam envolvidos em debates importantes relacionados à autonomia da universidade, à liberdade acadêmica e aos direitos democráticos.

3.1.2 A cobertura jornalista da primeira assembleia

A partir do golpe de Estado em 1964, iniciou-se uma intensa perseguição a entidades organizativas dos trabalhadores: sindicatos ativos foram fechados por determinação do governo, sob a acusação de subversão. Em 1968, instaurou-se uma ordem mais repressiva em razão da decretação do Ato Institucional nº5 – AI5²⁷, com excesso de brutalidade e repressão a qualquer pessoa que tentasse criar e estimular organizações coletivas de trabalhadores que não atendessem aos modelos estabelecidos pelo governo.

Podemos citar a Lei nº 4.330²⁸, de setembro de 1964, que regulava o direito de greve, a que tornou praticamente impossível promover paralisações, seja nas fábricas seja nas universidades, pois havia punições severas para quem aderisse aos movimentos paredistas, pois vistos como ilegais. Na apreciação de Ferreira (2012, p. 143), o trabalhador podia receber as seguintes punições: “a) advertência; b) suspensão até 30 dias; c) rescisão do contrato de trabalho; d) poderia ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional...1 a 3 anos de reclusão”. Sindicatos só podiam ser organizados sob o comando de dirigentes nomeados pelo próprio governo.

Reformulou-se, redinamizou-se e, o que foi pior, fez-se cumprir toda a legislação sindical defensora da ‘paz social’ do governo civil-militar e da negação da luta de classes.

²⁷ Baixado em 13 de dezembro de 1968, vigorou até dezembro de 1978.

²⁸ Lei nº 4330 (revogada pela Lei nº 7.783 de 28/06/1989) Link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14330.htm. Acesso em: 10 set 2023

Reforçou-se, por meio de novos instrumentos legais, o papel do sindicato como mera entidade assistencialista e agente intermediário entre o Estado e a classe trabalhadora. (ANTUNES, 1986, p.76). O movimento coletivo docente foi um importante instrumento no combate à ditadura civil-militar, no entanto, os professores foram muito perseguidos até a reabertura política. Dentre os professores cassados pelo regime, destacamos Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro.

Mesmo em condições desfavoráveis, os docentes conseguiram fortalecer as organizações coletivas e a resistência da categoria, de forma que tanto o movimento coletivo docente quanto o movimento estudantil sofreram forte censura e proibição.

A organização dos educadores na referida década (final da década de 1970 e início da década de 1980), pode então ser caracterizada por meio de dois vetores distintos: aquele caracterizado pela preocupação com o significado social e político da educação, do qual decorre a busca de uma escola pública de qualidade, aberta a toda a população e voltada precipuamente para as necessidades da maioria, isto é, a classe trabalhadora, e outro marcado pela preocupação com o aspecto econômico-corporativo, portanto, de caráter reivindicativo cuja expressão mais saliente é dada pelo fenômeno das greves. (SAVIANI, 2010, p.404)

Mesmo em condições desfavoráveis, em face do cenário de então, no dia 31 de julho de 1977 os professores da UnB convocaram uma assembleia pelos jornais, a fim de criar sua associação. A matéria foi vinculada pelo Jornal do Brasil²⁹, edição 114, e especificava local e horário para a realização da assembleia.

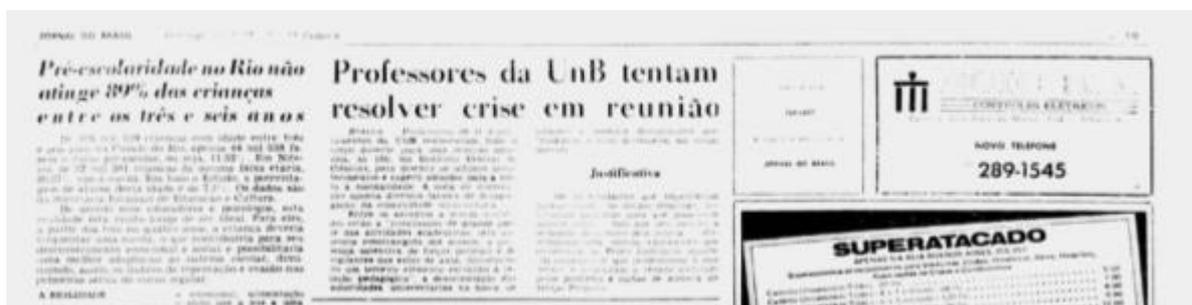


Figura 10 - Reprodução Jornal do Brasil, p.19, 31/07/1977

A assembleia foi realizada no dia 01 de agosto no Anfiteatro 8, com duração de 3

²⁹ PROFESSORES DA UNB TENTAM RESOLVER CRISE EM REUNIÃO. Jornal do Brasil, n.114, p.19, 3 jul. 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pasta=ano%201977&hf=memoria.bn.br&pagfis=102579. Acesso em: 19 mar 2023

horas e participação de aproximadamente 150 docentes, aprovando a criação de uma associação. Lembrando que a ação docente foi um importante instrumento no processo de combate à ditadura civil-militar, Bauer (1995, p.120) a compara à resistência de outras categorias de trabalhadores, os quais “Mesmo submetidos a toda sorte de perseguições e represálias o movimento operário não deixava de desenvolver suas lutas e perspectivas de resistência diante das atrocidades da ditadura militar.”

No dia 02 de agosto de 1977 foi publicada uma matéria no Jornal do Brasil e no Correio Brasiliense. O Correio Brasiliense³⁰ publicou uma nota sobre a reunião indicando que a assembleia realizada no dia anterior criticava a ação militar no *campus*; na mesma edição, em outra reportagem³¹, salientava as críticas do professor Edson Nery da Fonseca aos docentes que não participaram da assembleia e aos que a tumultuaram, enfatizando a importância da criação da associação, além de informações sobre o evento, destacando a declaração de princípios em que se expunha os motivos que levaram à criação da associação dos docentes.



Figura 11 - Reprodução Correio Brasiliense, p.05, 02/08/1977

³⁰ NOME NOVO. Correio Brasiliense, n.5306, p.05, 02 ago 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_02&Pesq=%22Universidade%20de%20Bras%20c3%20adlia%22&pagfis=90256. Acesso em: 01 ago 2023

³¹ PROFESSOR CONDENA OS QUE SE OCULTAM NA PROVOCACÃO ANÔNIMA. Correio Brasiliense, n.5306, p.08, 02 ago 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_02&Pesq=%22Universidade%20de%20Bras%20c3%20adlia%22&pagfis=90259. Acesso em: 19 mar 2023



Figura 12 - Reprodução Correio Brasiliense, p.08, 02/08/1977

Durante todo o mês de agosto essas assembleias foram assunto dos jornais locais de Brasília, caso do Jornal do Brasil³², que deu uma série de informações sobre a assembleia realizada no anfiteatro da UnB, além de divulgar a passeata realizada por docentes e alunos no Minhocão.



Figura 13 - Reprodução Jornal do Brasil, p.22, 02/08/1977

³² SITUAÇÃO ACADÊMICA DA UNB É DEBATIDA DURANTE TRÊS HORAS POR 150 PROFESSORES. Jornal do Brasil, n.116, p.22, 02 ago 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=%22Universidade%20de%20Bras%20C%3%ADlia%22&pasta=ano%201977&hf=memoria.bn.br&pagfis=102789. Acesso em: 19 mar 2023

A reação do reitor José Carlos de Almeida Azevedo veio por intermédio de reportagem publicada no jornal O Globo no dia 02/08/1977³³, no qual se destacava a participação dos professores em manifestações contra a reitoria e a manifestação do porta-voz da Reitoria e chefe do Departamento do curso de Direito, Paes Landim informando que seriam tomadas providências em razão da manifestação, com demissão dos professores.



Figura 14 - Reprodução Jornal O Globo, p.06, 02/08/1977

Em resposta às ameaças implícitas e veladas do Reitor, um novo abaixo-assinado foi conduzido à Reitoria. Com cerca de 160 assinaturas de professores, o documento tinha o propósito de registrar a indignação dos docentes em relação a situações consideradas antiacadêmicas. Em resposta, a Reitoria informou ter uma lista com o nome de mais de quarenta docentes que perderiam seus cargos se continuassem a realizar assembleias no *campus*. Segundo Ramos (2021), em seu livro *Sonho e realidade*, depoimentos de alunos davam conta de que as tropas policiais haviam ocupado as proximidades do Anfiteatro 8, local que estava sendo utilizado para realizar as reuniões.

Em setembro, início do segundo semestre acadêmico da UnB, ocorreram mais duas invasões militares ao na universidade, uma delas pela tropa de choque, comando de operações espaciais da policia militar. Os docentes limitarem-se, então, a realizar pequenas reuniões em suas residências visando à criação da associação, sendo que,

³³ REITOR DA UNB PODERÁ PUNIR PROFESSORES, O Globo, p.06, 02 ago 1977. Disponível em: https://duyt0k3aayxim.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/1977/08/02/01-primeiro_caderno/ge020877018ECO1-1234_g.jpg. Acesso em: 01 ago 2023

no segundo semestre e as conversas, né, continuaram algumas reuniões, começaram ser feitas, primeiro, no início, clandestinamente, a gente se reunia na casa de uma e de outra pessoa, discutia e fomos estabelecendo as bases na qual a associação deveria ser criada. Mais ou menos a gente já tinha um projeto de estatuto e uma série de coisas, marcamos uma assembleia geral, convocamos todos os professores. (BALTHAZAR, 2023, Anexo A, p. 144)

As articulações para implantação da associação foram suspensas por um curto período, com grupos menores se reunindo no segundo semestre do fatídico ano de 1977, tendo como pauta principal a criação da associação. A crise estudantil permaneceu e permanece viva na memória daqueles estudantes, pois foram eles que facilitaram a criação da ADUnB.

3.1.3 *A criação das associações docentes - ADs nas universidades brasileiras*

Com base nas informações fornecidas por Alaíde Rita Donatoni (1999), nos anos de 1970 intensificou-se o processo de organização em torno da criação de associações docentes nas universidades brasileiras, com um tom de combatividade diferente do da década de 1960: as associações criadas vinham permeadas por um caráter mais cultural e de lazer devido ao contexto político altamente autoritário da época, que inibia as ações coletivas dos professores no seu direito de livre associação.

No período da transição democrática, entre as décadas de 1970 e 1980, as associações foram sendo ajustadas a novas concepções, atuando como um modelo de movimento docente nacional coletivo que aderiu a lutas contra o regime civil-militar e pela redemocratização do país, pela autonomia profissional e política dos professores. Entre as associações docentes criadas na década de 1970 pelo país, podemos citar: a Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina (APUFSC), 1975; a Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP), 1976; a Associação dos Docentes da Universidade Estadual Paulista (ADUNESP), 1976; a Associação dos Professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (APROPUC), 1976; a Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Campinas (ADUNICAMP), 1977; a Associação dos Professores Universitários de Belo Horizonte (APUBH), 1977; a Associação dos Docentes da Universidade Metodista de Piracicaba (ADUNIMEP), 1977; a Associação dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo (ADUFES), 1978; a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), 1978; a Associação dos Docentes da Faculdade de Medicina de Marília (ADFM), 1978; a Associação dos Professores da Universidade Federal

do Maranhão (APRUMA), 1978; a Associação dos Docentes da Universidade Federal de Pernambuco (ADUFEPE), 1979, e a Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia (ADUFU), 1979.

Dentre os fatores que possibilitaram a criação das associações em diferentes universidades do Brasil, um dos mais relevantes foi a aproximação e o empenho dos docentes nos *campus* universitários. Desgastados pelo regime ditatorial, eles buscavam conceber um espaço de reflexões e discussões voltado a apontar caminhos para a redemocratização nacional e, por conseguinte, das próprias instituições de ensino superior públicas do país.

Nesse contexto, parece-nos relevante localizar e compreender quem são esses docentes que articularam e participaram da mobilização para a criação da ADUnB, reconhecendo-os como integrantes fundamentais da trajetória da Universidade de Brasília, na medida em que contribuíram para que ela se tornasse uma instituição dotada das qualidades propostas em seu projeto original: democrática, autônoma, comprometida com a soberania nacional, e que ao mesmo tempo fosse capaz de assegurar melhores condições de trabalho para os professores universitários. Rocha (2023, Anexo D, p. 188) fala sobre a importância da mobilização dos docentes para a criação da Associação: “O nascimento da ADUnB é o nascimento da defesa dos direitos dos professores, mas muito o nascimento de uma luta por dentro da universidade em defesa da democracia brasileira.” De fato, há que considerar que a mobilização dos docentes dentro de uma universidade representa uma ação crucial na defesa dos direitos profissionais, na promoção da qualidade da educação, na participação na governança institucional, na advocacia por questões sociais e políticas, na promoção da solidariedade comunitária e na resistência a ameaças externas.

Após diversas tentativas realizadas ao longo do período do regime civil-militar, os docentes da UnB progrediram em sua busca pela criação da Associação dos Docentes, estabelecendo assim um objetivo coletivo sólido. O movimento ganhou impulso, renovando a esperança de dias melhores na universidade, aspirando a uma maior presença de práticas democráticas no ambiente acadêmico e no país.

3.2 ADUnB: uma história de lutas

As ações coletivas dos docentes se destacam na história da educação brasileira, principalmente na construção dos sindicatos e das associações representativas dos seus interesses em todas as regiões e níveis de ensino do país. Tais instituições podem ser

consideradas uma forma de resistência, defesa e participação social, surgidas de processos históricos relevantes que precisam ser pesquisados e analisados do ponto de vista da sua contribuição à sociedade brasileira, posto que, na apreciação crítica desse processo, “a compreensão do sindicalismo docente como movimento implica a abertura de inúmeras questões de pesquisa que se desdobram para além dos limites da instituição e da categoria.” (DAL ROSSO, 2009, p.19)

Na história da educação brasileira, incontáveis professores se destacaram na luta pela educação pública, gratuita e de qualidade, procurando estabelecer condições para a universalização do acesso educação como parte inalienável do exercício da plena cidadania em nosso país. A atuação desses profissionais em atividades que buscam cada vez mais aprimorar o desenvolvimento do sistema educacional é extremamente importante para sustentar a relevância social e o compromisso das universidades com a construção da soberania nacional.

No período da ditadura estabelecida com o golpe civil-militar de 1964, a luta dos professores se deu na resistência ao regime instaurado, sendo um período difícil e sombrio para o magistério. Na entrevista que realizamos com o professor Sadi Dal Rosso (2023, Anexo B, p. 157), ele nos disse que, contraditoriamente, “o regime militar [...] teve um importante papel para o surgimento do movimento sindical, movimento docente.”

Recuperando a história, tem-se que somente na década de 1970 as associações de professores universitários viveram mudanças no seu nível de representatividade, no sentido de desenvolver as bases de um sindicalismo reivindicativo que se manifestava, entre outros modos, por meio de greves. Antes disso, essas associações eram, na maioria, assistencialistas, pois, como assevera Oliveira (2010, p. 28), “o magistério estava impossibilitado de se organizar em sindicatos, já que os funcionários públicos eram impedidos de fazê-lo”, por força das leis federais do regime ditatorial que impunham limitações severas à atuação dos sindicatos.

A abertura política iniciada em meados de 1970, embora limitada, marcou um novo momento na história do Brasil pela emergência de um clima reivindicatório das lutas de várias categorias de trabalhadores, incluindo os docentes. Pulularam movimentos liderados por associações e sindicatos em todo o território brasileiro, os quais, por seu caráter combativo e avesso ao peleguismo sindical, passou a ser chamado novo sindicalismo. Galvão (1995, p. 80) assinala que, “como alternativa para a atuação sindical, os servidores públicos, além de ignorarem a estrutura oficial, organizaram-se através de associações, desempenhando importante papel no movimento associativo da classe média e no movimento sindical mais

amplo.”

Objetivando a redemocratização do país, e seguindo exemplos dos movimentos sindicais e operários, os docentes perceberam que, unidos, poderiam lutar pra manter e ampliar direitos, recuperar memórias e sua história em defesa da educação pública, da democracia e da carreira, forjando novos modos de luta. Assim, iniciaram várias paralisações, greves e manifestações, expandindo as ações de resistência e de proposição nas universidades. Na opinião de Dal Rosso (2023, Anexo B, p. 157), “o movimento de repressão teve como efeito a reação, a reação dos professores de se organizar, se organizar e formar uma bela associação nacionalmente.”

A Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) surgiu, em fins da década de 1970, com um caráter associativista, visando aglutinar os professores da Universidade de Brasília (UnB). Por força disso, organizou e protagonizou uma série de ações no sentido de respaldar o trabalho docente dessa importante instituição de ensino superior nacional. Como caracteriza Ramos (2021, p. 38):

Criar a Associação dos Docentes da UnB era desejo nascido da resistência política ao autoritarismo vigente no país, tão bem representado na reitoria instalada no campus, mas era também o desejo de uma entidade representativa capaz de se voltar para os problemas inerentes à vida acadêmica, da pesquisa científica às questões trabalhistas, das quais a que se revelaria mais premente era a precária situação dos contratados como professores colaboradores e professores visitantes.

Inserido no bojo desses acontecimentos, Volnei Garrafa (2025, p. 220, apud ALMEIDA), em entrevista concedida a Admário Luis de Almeida, recordou alguns pormenores de sua participação na fundação da ADUnB: “Em maio de [19]78, nós criamos a ADUnB, Associação de Docentes da UnB, foi um passo fundamental. Fausto Ouvino, professor de matemática, foi presidente provisório até novembro daquele ano.”

É assim que a ADUnB surgia em meio aos dias tensos que vigoravam no final de 1977 e início de 1978, ainda na clandestinidade frente ao autoritarismo da Reitoria daquela universidade. Ramos (2021, p.38) afirma que “criar a associação dos docentes da UnB era desejo nascido da resistência política ao autoritarismo vigente no país, tão bem representado na reitoria.”

Na entrevista que nos foi concedida, o professor Sadi Dal Rosso trouxe algumas lembranças sobre a militância clandestina que se desenvolveu, em 1977, no interior da UnB:

Foi como reação ao que era a força e digamos a truculência do regime militar, era o Capitão Azevedo né, e então foi como reação ao movimento repressivo dentro da universidade, seja para reuniões, seja para escrever artigos em jornais, seja para apoio aos estudantes que fizeram a greve etc. (DAL ROSSO, 2023, Anexo B, p. 158)

A primeira assembleia para criação da ADUnB ocorreu no Auditório do Palácio do Comércio, na sede da Associação Comercial do Distrito Federal, presidida por Lindbergh Aziz Curi, no dia 24 de maio de 1978, às 20hs, uma quarta feira. Foram 115 professores que firmaram a ata. A exatos um ano e cinco dias após a histórica manifestação estudantil do Dia Nacional de Luta ocorrida na Praça Edson Luiz, nascia oficialmente a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília. Na memória do professor Sadi Dal Rosso (2023, Anexo B, p.152), a articulação para a assembleia “representou, digamos, um primeiro movimento coletivo de defesa da universidade pública e gratuita, contra o regime militar a nível nacional.”

A professora Eliene Novaes Rocha (2023, Anexo D, p.188), conversando conosco sobre as origens e o desenvolvimento do movimento associativista no interior da UnB, argumentou que

a criação da ADUnB, é uma consolidação de um entendimento dos docentes pela sobrevivência da UnB. Quando a gente vai conversar com as pessoas que viveram e que tiveram essa necessidade da materialidade da luta, é de que não era só uma defesa dos estudantes e dos docentes, era uma defesa da universidade como esse espaço pensado pelo Darcy Ribeiro, é um lugar de formação política, um lugar de pensar a liberdade, de pensar projetos de sociedade. Então, quando a ADUnB nasce, ela nasce com o intuito de defender os estudantes e os professores, mas ela nasce principalmente com o intuito de defender a universidade que tinha um interventor, que tinha um militar na sua Reitoria. Então, eu sempre digo que a história da ADUnB e da UnB se entrelaça numa defesa intransigente, primeiro pela democracia, porque os professores que lutaram pela criação da ADUnB foram os professores que fizeram a luta contra a ditadura.

Nessa primeira assembleia, a abertura da solenidade foi feita pelo professor Vladimir Carvalho e presidida pelo docente João Cláudio Todorov, sendo o discurso de apresentação da nova entidade proferido por Carlos Alberto Lima Torres. Nessa reunião, após as solenidades de abertura, foi aprovado o primeiro Estatuto da Associação, coordenado pelo professor Antônio Agenor Briquet de Lemos, para posterior registro em cartório.

O professor José Carlos Balthazar (2023, Anexo A, p. 148) nos trouxe algumas informações sobre a urdidura e os acontecimentos que se realizaram naquela que pode ser

considerada a primeira assembleia da ADUnB:

então, fizemos um script de como ia fazer. Um professor foi escalado, um professor mais antigo foi escalado para tomar a palavra e dar início à reunião: estamos aqui reunidos com alguns objetivos, fundar uma associação docente e tal, então, eu gostaria de propor a vocês que a gente convidasse o professor fulano - também era dos mais antigos da universidade - para presidir essa reunião, que concordou, foi o professor Todorov quem então presidiu esta reunião. Todorov fazia parte desse grupo das reuniões prévias. Aí você chama lá o fulano de tal para te ajudar a secretariar a reunião, aí ele chamou o professor Briquet para secretariar, para escrever a ata da reunião. Então, à medida que a reunião ia se desenvolvendo, o Briquet lá fazendo a ata que seria assinada por todo mundo, que seriam os fundadores. No final, a gente já tinha uma proposta de estatuto, tá aqui, foi distribuído lá na hora e foi discutido, foi aprovado, talvez com alguma ou outra mudança pequena, não me lembro bem, mas sem nada de mudança fundamental, e aí o estatuto previa que no final da assembleia fosse eleita, escolhida uma diretoria provisória.

Ramos (2021) nos informa que a diretoria provisória da ADUnB ficaria constituída pelo presidente, Fausto Alvim Júnior; primeiro vice-presidente, Edmar Lisboa Bacha; segundo vice-presidente, Luís Pasquali; primeiro secretário: Leandro Amaral Lopes; segundo secretário, José Carlos Balthazar; primeiro tesoureiro, Carlos Alberto Lima Torres, e segundo tesoureiro, Antônio Agenor Briquet de Lemos.

A primeira reunião oficial da ADUnB ocorreu em 05 de Junho, com a deliberação de um endereço oficial para a Associação, a publicação no Diário Oficial de Brasília do extrato do Estatuto³⁴, a confecção da circular encaminhada aos docentes da UnB noticiando a criação da Associação, coletas de fundos e o assunto principal da reunião: a deliberação sobre o contato oficial com a Reitoria comunicando sobre a associação. A segunda reunião, realizada em 12 de junho na residência do professor José Carlos Balthazar, deliberou sobre a falta de retorno da Reitoria e o envio de um ofício, no dia 16 de junho, comunicando a constituição da ADUnB. A terceira reunião foi notável, ocorreu em 19 de junho, para comunicar a primeira convocação do Conselho de Representantes, discutindo a seguinte pauta:

Regulamentação provisória do art. 19 do estatuto, referente à composição do conselho; 2) aprovação da pauta e eventuais emendas a ela; 3) comunicações diversas da diretoria sobre a instalação da ADUnB; 4) fixação de mensalidade e admissão de novos sócios; 5) sorteio da duração dos mandatos dos representantes, nos termos do art. 5º do estatuto; 6) escolha das comissões editorial, de regulamentação do estatuto, e sociocultural; 7)

³⁴ Fonte: https://www.dodf.df.gov.br/index/visualizar-arquivo/?pasta=1978/06_Junho/DODF%20105%2006-06-1978&arquivo=DODF%20105%2006-06-1978.pdf. Acesso: 09 ago 23

regulamentação provisória de eventuais eleições para completar o conselho de representantes, nos termos dos artigos 19º e 21º do estatuto; 8) consulta sobre atividades imediatas da ADUnB; e 9) assuntos gerais. (RAMOS, 2021, p.45)

É nesse campo coletivo de articulação e reflexão que a ADUnB vai sendo moldada e sua criação articulada, criando um espaço no qual os docentes refletiam sobre a importância da união de e para a coletividade, num momento propício, embora tímido, de abertura política, um pouco mais livre das medidas repressivas e da vigilância constante na UnB como ocorrera até então desde 1964.

Os objetivos da criação da Associação de Docentes da Universidade de Brasília ainda trazia elementos de preocupação com a segurança e a integridade física dos membros, ainda recorrendo a ações organizadas na clandestinidade, mas aos poucos iam se tornando mais serenas e tomando decisões mais consistentes. Ao lembrar-se desse percurso, Balthazar (2023, Anexo A, p. 145) menciona que

foi o início de toda a trajetória da ADUnB, a nossa primeira atividade foi, exatamente, nós trazemos o Darcy Ribeiro e o Oscar Niemayer para fazer um lançamento de livros que ele tinha escrito. Darcy tinha escrito um livro sobre a UnB e então nós tivemos um lançamento lá numa livraria no centro comercial e depois, no dia seguinte, fizemos uma reunião com ele, uma palestra com o Oscar e o Darcy lá no auditório do Correio Brasiliense. Daí se iniciou esse processo de constelação, nossa primeira tarefa era consolidar a Associação, fortalecer, e a gente foi fazendo isso aos poucos com o convencimento das pessoas a participarem. No início era muito difícil, porque era uma época de muito medo, as pessoas tinham receio de ir participar de uma reunião dessa, era um ato coragem! Teve pessoas que foram demitidas por causa disso, de participar dessas atividades. Logo em seguida veio a campanha da Anistia e várias outras que foram acontecendo.

A principal bandeira da ADUnB foi estabelecer uma relação entre seu nascimento e o movimento pela democratização da universidade, dado que se estava criando “uma entidade plural, aberta e democrática”, como indica o professor Balthazar (2023, Anexo A, p. 149):

A bandeira número 1 de luta da Associação: a democratização da universidade. E a gente queria que fosse uma entidade totalmente democrática, aberta, não tínhamos restrições. Nosso primeiro ato, o primeiro documento da ADUnB foi um ofício que a gente encaminhou ao Reitor da época, o capitão, comunicando a fundação, que tinha sido instalada a Associação e que a partir de então atuaríamos na universidade, e junto com um ofício grampeado, foi uma ficha de inscrição: se ele quisesse participar da sociedade não temos restrição, podia entrar (risos). Mas ele nunca respondeu (risos), mas a gente fez questão de ter essa característica e foi por isso que a gente foi convencendo (...) *não é movimento de um determinado*

grupo político. (Grifos nossos)

Em suma, a ADUnB nasceu da necessidade de enfrentar os desafios impostos pelo contexto político adverso da repressão, e sua história reflete o compromisso dos docentes da UnB com a preservação dos valores acadêmicos e democráticos. Nesse processo de formação, os docentes da UnB uniram forças para garantir que a instituição mantivesse sua integridade acadêmica e sua capacidade de promover o pensamento crítico e a pesquisa livre. A ADUnB tornou-se, então, uma voz ativa na defesa dos direitos dos professores e na promoção de um ambiente acadêmico saudável e democrático.

3.2.1 Primeira reunião do Conselho de Representantes e a primeira diretoria (1978-1980)

A primeira reunião do Conselho de Representantes da ADUnB tinha objetivos definidos: quais ações deveriam nortear a atuação da diretoria da Associação, tendo em vista os princípios de autonomia e representatividade. Mesmo diante de várias adversidades, Conselho e diretoria provisória não se intimidaram.

Nos apontamentos memorialísticos de Murilo César Ramos (2021, p. 46), a reunião ocorreu no dia 26 de junho de 1978, no Clube da Imprensa, onde estavam presentes os diretores Fausto Alvim, Edmar Bacha, Leandro Lopes, José Carlos Balthazar e Briquet de Lemos, além de conselheiros e professores. Dentre os assuntos pautados, o Conselho deliberou a solicitar à Reitoria da UnB um local para a realização da próxima reunião, o que foi negado pelo decano Luís Otávio de Souza Carmo.

Diante do afastamento de dois integrantes da diretoria provisória, por motivos de aperfeiçoamento profissional, e tendo o presidente em exercício Edmar Bacha discutido durante uma reunião em 3 de outubro de 1978 a possibilidade de realização de eleição da primeira diretoria efetiva da ADUnB,

O entendimento era de que repercutiria muito mal na comunidade a diretoria provisória iniciar o ano de 1979 desfalcada dos seus principais integrantes. Acreditavam ainda os diretores que uma diretoria efetiva eleita até o final de 1978 teria a oportunidade de, durante as férias acadêmicas, elaborar um consistente programa de atividades e iniciar o seu mandato com amplas possibilidades de sucesso. Finalmente, achavam eles que a diretoria provisória já podia dar por encerrada a tarefa que lhe havia sido delegada pela assembleia fundadora da ADUnB de instalar e estruturar adequadamente a associação. (RAMOS, 2021, p.48)

Como consequência, na reunião de 11 de outubro de 1978, diante de uma pauta extensa, foi proposta a realização da eleição do atual presidente nos dias 20 e 21 de novembro daquele mesmo ano, aprovada de forma unânime.

A diretoria provisória considera encerrada a missão de organizar a Associação que lhe foi confiada pela assembleia de constituição com prazo não superior a doze meses. A diretoria provisória considera da maior importância para a ADUnB ter-se o quanto antes uma diretoria eleita através de votação direta, aumentando o grau de representatividade da direção, o que permitirá maior força na tomada de posições em nome da Associação. Os licenciamentos do presidente e primeiro-vice-presidente, previstos para o período de férias, faria a Associação chegar ao início do 1º período letivo desfalcada na sua direção e, portanto com reflexos negativos em toda a Associação. A eleição durante o período de férias é impraticável e sua realização no fim do 2º período letivo permitiria à nova diretoria preparar sua programação de trabalho durante as férias e dar execução imediata a partir do início das aulas. (RAMOS, 2021, p.49-50)

Os docentes tornaram-se uma força hegemônica política desde a fundação da ADUnB, exercendo uma participação intensa e combativa desde suas primeiras assembleias. Aspirar à diretoria de uma Associação que estava dando seus primeiros passos era uma imensa responsabilidade. Balthazar (2023, Anexo A, p. 150) comenta que “nosso trabalho na diretoria provisória foi especialmente de consolidar e fortalecer a associação.”

Encerrado o prazo de inscrição de candidaturas, apresentaram-se duas chapas para concorrer à eleição da primeira diretoria efetiva da entidade, com mandato de dois anos. Volnei Garrafa (2025, p. 220, apud ALMEIDA), em entrevista concedida a Admário Luis de Almeida, declara, a respeito da primeira eleição da ADUnB, que “Foram apresentadas duas chapas, uma do professor Todorov e outra do professor Douglas Marques de Sá, da área de Artes. Já havia uma divisão, dentro do movimento docente, começando a florescer.”

Murilo César Ramos (2021, p. 50) argumenta que a Chapa 2 ganhou a eleição, pois “a divergência que levou à disputa teria sido causada pela convicção de alguns professores de que os principais cargos da diretoria deveriam ser ocupados por professores doutores e com dedicação exclusiva, para não deixar a entidade, acreditávamos, vulnerável diante da Reitoria.” As chapas em disputa estavam assim compostas:

Chapa 1: Douglas Marques de Sá (Desenho), presidente; Leandro Amaral Lopes (Economia), primeiro vice-presidente; Luiz Gonzaga Motta (Comunicação), segundo vice-presidente; Nelson Gonçalves Gomes (Geografia e História), primeiro secretário; Onildo João Marini (Geociências), segundo secretário; Muhdi Koosah (Urbanismo), primeiro

tesoureiro; e Antônio Briquet de Lemos, segundo tesoureiro.

Chapa 2: João Cláudio Todorov (Psicologia), residente; Elliot Watanabe Kitajima (Biologia Vegetal), primeiro vice-presidente; Maria Helena Henriques (Ciências Sociais), segundo vice-presidente; Nelson Gonçalves Gomes (Geografia e História), primeiro secretário; Elício Bezerra Pontes (Métodos e Técnicas), segundo secretário; Muhdi Koosah (Urbanismo), primeiro tesoureiro; e Dalva Mello (Medicina Complementar), segunda tesoureira. (RAMOS, 2021, p. 50)

A primeira diretoria da ADUnB foi empossada em 27 de novembro, na sede do Conselho Federal de Engenharia de Arquitetura, tendo como principal propósito promover mudanças dentro das universidades visando sua democratização e a representação dos professores na luta por seus direitos. Para tanto, a entidade precisava desenvolver ações concretas e efetivas a fim de fazer com que o movimento crescesse cada vez mais nas universidades. A nova diretoria carecia de articular ações para que a Associação se estabelecesse na UnB, de modo a ampliar sua representatividade, mobilizar novos sócios, lutar pelos direitos dos docentes e pela redemocratização da instituição. Uma das primeiras ações foi a formalização de uma audiência com o Reitor da UnB a fim de tratar da instalação efetiva da ADUnB no *campus*.

A situação de instabilidade dos docentes foi outro assunto tratado pela ADUnB, dado que as licenças para a realização de aperfeiçoamento, mestrado e doutorado estavam sendo negadas, principalmente aquelas associadas aos profissionais que participaram do movimento da criação da Associação.

3.2.2 *A consolidação da Associação: a escolha do novo Reitor*

Em 15 de março de 1979, assume a presidência da República João Batista Figueiredo, que indicava a disposição de dar continuidade ao processo de abertura política iniciado por Geisel (1974-1979). No seu primeiro ano de mandato, várias manifestações e mobilizações foram desencadeadas na universidade, sendo um dos marcos desse período a revogação do Decreto 477³⁵ que previa punições disciplinares a estudantes, funcionários e docentes que se envolvessem em tais ações. O Decreto terminou revogado em 16 de agosto de 1979 pela Lei federal 6.680³⁶, o que levou a um clima de menos repressão e refreou as ações autoritárias do

³⁵ Decreto 477 - <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-477-26-fevereiro-1969-367006-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso: 10 set 2023

³⁶ Lei Federal 6.680 - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L6680.htm#art5. Acesso: 10 set 2023

regime civil-militar.

Atuando nessa direção, a nova diretoria levantou questionamentos sobre a “falta de liberdade política e acadêmica da UnB”, como indica Ramos (2021, p.54), evidenciado no Boletim nº5 da ADUnB, que finalizava convocando a comunidade universitária à participação no processo de escolha do novo Reitor da UnB. O Boletim teve como base um plebiscito dos professores sobre o apoio ou não à administração de José Carlos Azevedo, tendo como resultado um percentual de 87% dos professores votantes manifestando-se contra a administração central da UnB, como indica Ramos (2021 p. 55):

O estigma político da Universidade de Brasília - que a acompanhava desde sua criação, revelando-se com todo o ímpeto logo após o golpe militar de 31 de março de 1964 e retornando tantas vezes ao *campus*, em 1965, 1967, 1968, 1976 e 1977 - estava, porém, prestes a conturbar mais uma vez a paz universitária.

Todas as universidades eram regidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5540/68³⁷, de 28 de novembro de 1968, que fixava as normas de organização e funcionamento do ensino superior, que em seu artigo 16 referia-se à nomeação de reitores e vice-reitores nas universidades nos seguintes termos:

A nomeação de Reitores e Vice-Reitores de universidades e Diretores e Vice-Diretores de unidades universitárias ou estabelecimentos isolados far-se-á com observância dos seguintes princípios:

I - O Reitor e o Vice-Reitor de universidade oficial serão nomeados pelo respectivo Governo e escolhidos de listas de nomes indicados pelo Conselho Universitário ou colegiado equivalente;

II - Quando, na administração superior universitária, houver órgão deliberativo para as atividades de ensino e pesquisa, principalmente se constituído de elementos escolhidos pelos Departamentos, a lista a que se refere o item anterior será organizada em reunião conjunta desse órgão e do Conselho Universitário ou colegiado equivalente;

III - O Reitor e o Diretor de universidade, unidade universitária ou estabelecimento isolado, de caráter particular, serão escolhidos na forma dos respectivos estatutos e regimentos;

IV - O Diretor de unidade universitária ou estabelecimento isolado, quando oficial, será escolhido conforme estabelecido pelo respectivo sistema de ensino, salvo nos casos previstos no § 1º deste artigo.

§1º Os Reitores, Vice-Reitores, Diretores e Vice-Diretores das instituições

³⁷ Lei nº5540/68, revogada pela lei 9394 de 1996 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15540.htm. Acesso: 10 set 2023.

de ensino superior, mantidas pela União, salvo o disposto no § 3º deste artigo, serão indicados em lista de seis nomes pelos respectivos colegiados e nomeados pelo Presidente da República. (BRASIL, 1968)

Recorde-se que a UnB foi constituída em regime fundacional, que consagrava em sua estrutura jurídica o princípio da elaboração da lista sêxtupla pelo Conselho Diretor da Fundação da Universidade de Brasília indicado pelo presidente, como nos foi dito por Balthazar (2023, Anexo A, p.148): “a lei a criou como fundação, essa lei não foi revogada, então o que está em vigor continua em vigor: existe um conselho diretor, existe uma fundação que é dirigida por um conselho diretor, presidida pelo reitor.” O professor Balthazar nos explica esse momento e esclarece a participação ativa da ADUnB na escolha do novo Reitor da UnB:

E foi através da movimentação da Associação que a gente fez a primeiras eleições para Reitor. Estava para vencer o mandato do Capitão, havia uma lista sêxtupla que era formulada pelo Conselho Universitário, encaminhada ao Reitor, e nós iniciamos o movimento. Claro que a gente não poderia ter poder de decisão lá no Conselho Universitário, embora alguns membros da ADUnB participassem do Conselho, mas não tinha poder de decisão. O que a gente fez na primeira vez? Uma espécie de consulta para indicar nomes... Não foi uma eleição, não era uma eleição, mas foi uma consulta feita a vários departamentos. Os vários departamentos indicaram o nome livremente e a gente pegou seis nomes mais indicados e mandamos lá para o Conselho: isso aqui são os nomes que a comunidade - e na época eram só docentes - que a comunidade indica para participar da lista, eu acho que um ou dois chegaram a participar da lista, mas depois declinaram, quando a lista inteira não foi aceita, não me lembro direito, mas eu acho que eles declinaram e foi escolhido então um, o Professor Geraldo de Matemática foi indicado pelo Conselho Universitário, foi escolhido o Reitor. Mas ele ainda tinha certa vinculação com esse passado político que a universidade queria democracia e houve toda uma movimentação de pressão e ele renunciou então ao cargo de Reitor, que ficou vago e que foi ocupado pelo vice-reitor, que na época tinha um mandato desencontrado, e que chamou então uma nova escolha de seis meses. E aí, nessa época, a gente já fez uma eleição, uma escolha por votação na universidade. (BALTHAZAR, 2023, Anexo A, p.150)

Nesse mesmo ano de 1979 chegou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 34 de autoria do Poder Executivo, que indicava os critérios de nomeação dos dirigentes das fundações: o presidente da República tinha o poder de nomear a seu arbítrio, e sem tempo de duração, todos os dirigentes das fundações mantidas pelo governo federal (RAMOS, 2021, p.57). A existência desse PL foi questionada por um importante colaborador da ADUnB, deputado Hermes Zanetti, do MDB, e as indicações para reitores nas fundações foram

retiradas do PL n° 5540, que seriam nomeados, então, diretamente pelo Presidente da República, sem qualquer instância universitária e docente.

Diante desse fato, a ADUnB soltou uma nota de repúdio ao PL e apoiou a proposta do deputado Franco Montoro do MDB que excluía do projeto as fundações universitárias; a votação foi desfavorável no Congresso: desconsiderada a emenda de Montoro, o projeto do regime foi aprovado em 7 de novembro de 1979, transformado na Lei n° 6733³⁸:

Art. 1° Serão livremente escolhidos e nomeados, em comissão, pelo Presidente da República os dirigentes das fundações instituídas ou mantidas pela União, qualquer que seja sua natureza ou finalidade e sem prejuízo de sua autonomia administrativa e financeira. (BRASIL, 1979)

Nessas circunstâncias, a ADUnB enviou uma carta aberta ao presidente militar da época, João B. Figueiredo, requerendo a exclusão da lei referente às fundações universitárias, alegando a necessidade de aprofundamento dos estudos sobre o processo de escolha de reitores e buscando permitir a participação do corpo discente, docente e administrativo no processo.

Essa foi apenas uma das ações realizadas pela Associação, na articulação e mobilização com parlamentares e outras associações, mas a lei 6733 foi aprovada pelo Congresso e ficou conhecida como a “Lei Azevedo”. Ela pretendia assegurar a continuidade da Reitoria de Azevedo, agora amparada por lei, dado que era considerada uma questão estratégica do regime civil-militar manter sob controle a Universidade de Brasília. Assim, em 16 de maio de 1980 José Carlos de Almeida tomou posse para um segundo mandato à frente da Reitoria da UnB. A ADUnB posicionou-se contra o novo mandato, sem conseguir exercer qualquer influência sobre ele, no entanto.

Nesse mesmo período, a Associação comemoraria seu segundo ano de existência e adotou um posicionamento político contrário à falta de autonomia universitária realizando duas ações importantes: a edição extra do Boletim da ADUnB com críticas à Reitoria recém indicada e com um chamamento para a realização do *I Fórum de Debates da UnB*, promovido pela ADUnB e pelo Diretório Central dos Estudantes cujo tema era “A luta pela democratização da UnB”. Seriam dias de debates sobre questões acadêmicas e de política universitária (RAMOS, 2021, p. 62). Essa ação demonstrou a maturidade da ADUnB e expôs sua condição de associação séria em defesa dos docentes já no início de sua instituição: o que se pretendia era ocupar cada vez mais espaços de participação na vida universitária da

³⁸ Lei n° 6733 - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16733.htm. Acesso: 10 set 2023

universidade, além de se posicionar sobre a Lei 6733.

4 SEGUNDA DIRETORIA (1980-1982) E A GREVE DE 1982

Nesta seção, abordamos a constituição da diretoria da ADUnB no biênio 1980-1982, com Volney Garrafa como presidente, e apresentamos os aspectos preliminares de organização da greve de 1982. Esse movimento em direção à greve foi um sinal de que um ator social estava entrando novamente em cena: os professores, e expressava um novo sindicalismo organizado e combativo desafiando o cenário político ainda repressivo e conferindo nova qualidade à luta política na transição da ditadura para o regime democrático.

Na análise realizada por Vicente (2019), ele ressalta a importância de reconhecer as estratégias de organização e luta dos professores para fins de analisar sua presença no momento específico da história da educação brasileira, ou seja, é fundamental reconhecer sua importância como agentes de mudança e transformação, cujas lutas e conquistas têm deixado um legado duradouro na construção de uma educação mais justa e igualitária.

Os anos de 1980 a 1982 foram cruciais para a história recente do Brasil, pois marcam o início da transição para um regime democrático e de superação de desafios econômicos e sociais persistentes. A crise econômica e a abertura política levaram a conflitos e incertezas no cenário político brasileiro. O governo militar teve de enfrentar a insatisfação popular e a pressão por reformas democráticas marcando o fim de um regime ditatorial que havia governado o Brasil desde 1964. Pressões internas e externas, bem como a deterioração da economia, levaram a um processo de abertura política gradual conhecido como abertura lenta, gradual e segura. O general Ernesto Geisel passou o governo a seu sucessor João Batista Figueiredo.

O processo de democratização das universidades brasileiras teve início, principalmente, na década de 1980, durante o período de redemocratização do país. Após anos de regime militar, começaram a surgir pressões por reformas políticas, sociais e educacionais, incluindo a abertura das universidades para uma participação mais ampla e diversificada da sociedade.

4.1 Fortalecimento de uma entidade: gestão de João Cláudio Todorov (1978 – 1980)

A gestão de João Cláudio Todorov³⁹ (1978-1980), embora enfrentasse desafios

³⁹ Em 1962, concluiu o bacharelado em Psicologia na Universidade de São Paulo e, no ano seguinte, a Licenciatura. Tornou-se doutor em Psicologia pela Universidade Estadual do Arizona (ASU) no ano de 1969. Entre os anos de 1974 a 2000 foi professor da Universidade de Brasília; de 1975 a 1976 dirigiu e administrou o

significativos, incluindo a repressão política do regime militar que governava o Brasil na época, foi marcada por um compromisso firme com os interesses dos docentes e uma atuação determinada na defesa da educação pública, gratuita e de qualidade, da autonomia universitária contra a interferência política externa na universidade e da liberdade acadêmica e de expressão.

Uma das preocupações da diretoria de Todorov era fortalecer a entidade e aproximar a ADUnB de outras entidades sindicais, como relata Ramos (2021 p.69),

o fato é que a ADUnB sequer existiria não fosse o apoio de tantas outras entidades similares, em cujas dependências eram feitas suas principais reuniões e assembleia. Assim, na cerimônia de posse da segunda diretoria efetiva, foi grande o comparecimento de representantes de sindicatos e associações brasilienses.

Essa aproximação é evidenciada em reportagem publicada no jornal Correio Brasiliense⁴⁰ no dia 19 de abril de 1980, na qual se relatava a participação e a unidade da ADUnB e de outras entidades sindicais na busca de conquistar representatividade política que garantisse que todos os cidadãos fossem representados por meio de eleições livres, democráticas e diretas.

Instituto de Ciências Biológicas (IB) da UnB. Lecionou, no ano de 1977, no curso de pós-graduação em Psicologia da Universidade Nacional Autônoma do México. No ano de 1979, foi diretor do Instituto de Ciências Humanas (IH) da UnB. Em 1985, foi decano de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade. Esteve na direção e administração do Instituto de Psicologia (IP) da UnB entre 1991 e 1993. Em 1999, assumiu a direção do Centro de Excelência em Turismo (CET) da UnB, onde ficou até 2001. Foi vice-reitor da Universidade de Brasília de 1985 até julho de 1989, quando assumiu a Reitoria e completou o mandato do professor Cristovam Buarque, sendo, portanto, reitor da Universidade de Brasília por dois períodos: entre agosto e novembro de 1989 e de novembro de 1993 a novembro de 1997. Disponível em: <https://noticias.unb.br/39-homenagem/5084-morre-o-ex-reitor-joao-claudio-todorov>. Acesso em 15 jan 2024.

⁴⁰ REPRESENTAÇÃO POLITICA NO DF. Correio Brasiliense, n°6279, p.13, 19 abr 1980. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=4158. Acesso em 15 jan 2024.



Figura 15 - Reprodução Correio Brasiliense, p.13, 19/04/1980

Outra forma de fortalecimento foi a presença da ADUnB no Fórum Intersindical de Entidades Permanentes de Brasília, importante coalizão sindical sediada na capital nacional durante o período de intensa mobilização social e política no país, tendo como sua representante Dalva Melo. Foi criado com o objetivo de unir diferentes entidades sindicais em torno de pautas comuns e de fortalecer a representação dos trabalhadores diante das autoridades governamentais e patronais, desempenhando um papel fundamental na resistência e na luta por direitos trabalhistas, liberdade democrática e justiça social.

A ADUnB não passou despercebida nos jornais locais do ano de 1980, referindo-se à permanência do Reitor José Carlos de Azevedo na UnB, como demonstra na reportagem publicada pelo jornal Correio Brasiliense⁴¹ de 22 de maio de 1980. Ele ficaria na Reitoria da Universidade de Brasília com apoio do presidente-general da época. A ADUnB se posicionou contrariamente à sua continuidade na Reitoria, e em favor da não interferência na livre organização do corpo docente para a escolha de diretores de faculdade, neste mesmo dia realizando uma assembleia com a presença de aproximadamente 200 professores no Anfi 8.

⁴¹ AZEVEDO DIZ QUE CONTINUA NA UNB. Correio Brasiliense, nº 6312, p. 15, 22 mai 1980. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pasta=ano%201980&hf=memoria.bn.br&pagfis=5567. Acesso em 15 jan 2024



Figura 16 - Reprodução Correio Brasiliense, p.15, 22/05/1980

Na reportagem publicada pelo Correio Brasiliense⁴² de 23 de maio de 1980, Todorov afirmava que os docentes estavam contra a permanência de Azevedo na Reitoria da UnB e “não aceitarão sem protestar, mesmo que não resolva a situação já que Azevedo.” Ele no posto após a nomeação do presidente República, favorecido Lei 6.733.

No ato público realizado na Ala Sul do Minhocão para discutir proposta de apoio aos estudantes e contra a reitoria de Azevedo houve exposições e shows musicais no bandeirão da universidade. No mesmo ato foi aprovada a ida de um grupo de professores ao Congresso Nacional para apresentar aos parlamentares uma nota de protesto contra a permanência e recondução de Azevedo à Reitoria da UnB.

⁴² ADUNB PROTESTA CONTRA PERMANÊNCIA DO REITOR Correio Brasiliense, nº 6313, p. 11, 23 mai 1980. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pasta=ano%201980&hf=memoria.bn.br&pagfis=5603. Acesso em 15 jan 2024.



Figura 17 - Reprodução Correio Brasiliense, p.11, 23/05/1980

No dia 26 de novembro de 1980, o Jornal Correio Brasiliense⁴³ publicou a reportagem sobre a presença de professores de várias universidades brasileiras em ato público na rampa do Congresso em defesa de melhores condições de trabalho e salário. Estiveram presentes representando a ADUnB os professores Todorov e Volnei Garrafa, sendo considerado este dia como “Dia Nacional de Paralisação”.



Figura 18 - Reprodução Correio Brasiliense, p.11, 26/11/1980

⁴³ GREVISTA NO CONGRESSO. Correio Brasiliense, nº 6499, p. 11, 26 nov 1980. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%3adlia%22&pagfis=12865. Acesso em 15 jan 2024.

Os anos de 1979 e 1980 foram marcados por movimentos reivindicatórios que reivindicavam a transição política da ditadura para o regime democrático no Brasil. Na Universidade de Brasília não poderia ser diferente: os professores desempenharam um papel de suma importância por sua participação combativa e representativa pela ADUnB.

Nos eventos ocorridos durante a gestão de Todorov, é evidente a presença da ADUnB como associação fortalecida e participativa, estabelecendo vínculos com outras entidades de cunho sindical como o SINPRO-DF. Seu desempenho e comprometimento com o movimento docente foram fundamentais para a construção de uma universidade democrática, autônoma e comprometida com a sociedade brasileira e a ciência.

4.2 Segunda diretoria da ADUnB (1980-1982)

A segunda diretoria da ADUnB tomou posse em 1º de dezembro de 1980 no Centro Cultural Missionário. A chapa eleita era composta pelos seguintes membros e cargos⁴⁴: presidente – Volnei Garrafa⁴⁵ (Faculdade de Medicina); 1º vice-presidente – Douglas Marques de Sá (Instituto de Artes); 2º vice-presidente – Leandro Amaral Lopes (Instituto de Ciências Humanas); 1º secretário – Maurício dos Santos Azeredo (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo); 2º secretário – Luiz Gonzaga Mota (Faculdade de Comunicação); 1º tesoureiro – Raul Minas Kuyumijan (Instituto de Geociências); 2ª tesoureira – Tânia Maria dos Santos Danni (Instituto de Ciências Biológicas).

Ramos (2021, p. 69) salienta que, no discurso de posse, Volnei Garrafa afirmou que a ADUnB iria funcionar dentro do campus da UnB no dia seguinte, transferindo sua sede para uma sala do Laboratório de Morfologia do Instituto de Ciências Biológicas. O professor Sadi Dal Rosso (2023, Anexo B, p 163) discorre sobre a nova sede da ADUnB:

Olha, nós estávamos fora da UnB. Nós estávamos com uma sede, cedida lá pelos professores do SINPRO-DF, né? Sempre tivemos uma boa relação com o SINPRO-DF e em determinado momento decidimos passar a entidade para dentro da universidade. Fomos lá, guarda esse nome: Variant! Volkswagem Variant, que era meu carro (risos). Botamos as caixas de coisas e a gente levou para a universidade e

⁴⁴ Disponível em: <https://adunb.org/adunb/a-diretoria>. Acesso em: 15 jan 2023

⁴⁵ Em 1973, começou a sua jornada como docente da Universidade de Brasília. Entre 1985 e 1989, Volnei foi decano de Extensão Universitária. Em 1991, iniciou o seu pós-doutorado na Universidade La Sapienza, em Roma, na área de Ciências da Saúde. Quatro anos depois, em 1995, o docente publicou o livro *Dimensão da ética em saúde pública*, que teve grande impacto nessa área de estudos. Em 2005, o Grupo de Bioética que coordenava recebeu a designação oficial de *Cátedra Unesco de Bioética da UnB*, após obter certificado de qualidade acadêmica internacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Volnei também coordenou a criação do Programa de Pós-Graduação em Bioética da UnB, em 2008. Permaneceu por 47 anos na instituição até se aposentar em 2020. Disponível em: <https://noticias.unb.br/39-homenagem/6106-volnei-garrafa-torna-se-professor-emerito-da-unb>. Acesso em: 15 jan 2024.

começou a funcionar. O presidente nessa época era o Volnei. Começou a funcionar lá na Biologia, que era o departamento dele. A Biologia, não sei que Biologia que era, mas tinha lá uma boa base, quer dizer, ele era professor lá, então levamos todo o material e botamos lá e lá começou a ser a sede, no subsolo da UnB. No Departamento de Biologia começou a funcionar a sede da entidade dentro da universidade, um passo muito importante por representar um avanço da universidade, ela não é estranha. Porque o argumento do Azevedo, lá isso é uma coisa externa à UnB, não temos nada a ver com isso; tem a ver sim, tem a ver! Então, nós podemos promover greves aqui dentro, podemos fazer isso, né? Então, esse é o papel dele quando entrou.

Durante o mandato, a diretoria enfrentou uma série de desafios e desempenhou um papel crucial na defesa dos interesses dos docentes da Universidade de Brasília. Entre as principais realizações e atividades da segunda diretoria da ADUnB destaca-se o fortalecimento institucional, isto é, o fortalecimento da estrutura organizacional da ADUnB, promovendo a participação ativa dos membros e consolidando a representação sindical dos professores da universidade, o enquadramento de professores visitantes e de colaboradores, além de negociações salariais e benefícios visando a valorização dos docentes e garantindo condições dignas de trabalho.

Em entrevista concedida a Admário Luis de Almeida⁴⁶ (2005, p. 220-221), Volnei Garrafa trouxe os seus objetivos na presidência da ADUnB para o período 1980-1982:

Fui, então, o segundo presidente da ADUnB, de [19]80 a [19]82. Vários membros da chapa derrotada na primeira eleição entraram na minha gestão, que foi uma gestão mais de esquerda do que a do professor Todorov. Nós colocamos na gestão de 80-82 dois pontos fundamentais de luta: primeiro, enquadramento de professores colaboradores e visitantes, porque duas terças partes dos professores da UnB, na época, eram temporários, tinham os contratos renovados por até seis meses dependendo de como se portavam diante do mando da Reitoria. Então, a luta pelo enquadramento dos professores foi uma das nossas bandeiras na ADUnB no período de 80-82. A outra foi a sindicalização dos professores. Naquela época, professor universitário se sindicalizar era feio, coisa de segunda categoria. Sindicalização era coisa de professor do primário. Realmente, havia um preconceito muito grande. E eu encasquei com isso. Fui ao sindicato dos professores e passei a fazer um movimento para sindicalizar as pessoas. E nós fomos a primeira universidade brasileira que sindicalizou os seus professores em massa. Conseguimos sindicalizar quase 300 professores. Nós tínhamos, no máximo, 400, 300 e poucos sócios e sindicalizamos quase todos. Foi uma vitória. Isso, aliás, me salvou. Eles queriam me mandar embora, mas diretor sindical tinha imunidade.

Os docentes da Universidade de Brasília (UnB) eram enquadrados em 3 categorias, segundo o estatuto da Universidade de Brasília, pelo Decreto 66.541⁴⁷ de 8 de maio de 1970,

⁴⁶ Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13745/1/Admario.pdf>. Acesso em: 20 set 2023.

⁴⁷ Disponível em: https://arquivocentral.unb.br/images/EstatutosUnB/Estatuto_UnB_1970.pdf. Acesso em 12 fev 2024.

art. 60:

O corpo docente da Universidade, formado por quantos exerçam em nível superior atividades inerentes ao sistema indissociável de ensino e pesquisa, abrangerá as seguintes categorias:

- a) professores do quadro;
- b) professores visitantes;
- c) auxiliares de ensino.

Dessa forma, professores visitantes e colaboradores eram regidos por contratos por tempo determinado que pudesse ser de 4 meses a dois anos, sendo esses professores excluídos automaticamente dos conselhos departamentais, como afirma Ramos (2021). A estabilidade era assegurada apenas aos professores do quadro de trabalho, considerados precários conforme Art. 64 do decreto 66.541: “A admissão como professor do Quadro far-se-á mediante concurso público de títulos ou de títulos e provas, este último aplicável apenas no caso de professor assistente.”

A grande maioria dos docentes da UnB não fazia parte do quadro, e a ADUnB antecipou essa problemática, conforme informado por Ramos (2021, p. 73) no Boletim da ADUnB nº20 de junho de 1981:

Dos 845 professores que possuímos nada menos que 415 são colaboradores (49,1%), 35 são visitantes (4,1%) e 27 são auxiliares de ensino (3,3%). Ou seja, temos na UnB, atualmente, 477 professores que não fazem parte do quadro de carreira, o que equivale ao assombroso dado de 56,5%. Esta situação é extremamente grave e injusta, quando sabemos que o trabalho executado pelos professores colaboradores comumente é o mesmo de assistentes, adjuntos e até titulares, dependendo da qualificação do docente. Além disso, os atuais docentes do quadro não tiveram acesso a esse quadro por concurso, mas sim por concessões de comissões que não demonstraram norma definida para tal atividade. A situação, pois, é injusta; trata-se do caso de trabalhadores da mesma categoria, regidos pelo mesmo tipo de lei (CLT) e, no entanto, com direitos diferentes, apesar de deveres idênticos [...].

O enquadramento desses professores visitantes e colaboradores visava um concurso de títulos ou critérios durante a gestão do reitor Azevedo, os quais não eram aplicados, a menos que compartilhassem pensamentos semelhantes aos dele, sendo esse um dos principais motivos que levaria à greve que ocorreria em 1982. Outro fator importante da gestão da nova presidência de Garrafa, assim como na de Todorov, foi o estímulo ao estreitamento dos laços e a aproximação da ADUnB a outras entidades, ações que levaram a um grande

comparecimento de sindicatos e associações brasilienses à posse. No próximo item falaremos um pouco mais da aproximação da ADUnB com a SINPRO-DF.

4.3 Aproximação da ADUnB com o SINPRO-DF

O Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO-DF) foi fundado em 14 de março de 1979⁴⁸, para representar professores e especialistas em educação da rede pública da capital do país, tendo como embrião a Associação Profissional dos Professores do Distrito Federal (APEMB). Segundo avalia Souza (2020 p. 61), o de destaque que essa entidade granjeou no Distrito Federal (DF) com os trabalhadores em educação deve-se ao fato de que ela sempre realizou políticas em educação e para a educação. Em seu Estatuto⁴⁹, disponível em seu portal⁵⁰, o SINPRO-DF evidencia no art. 2º a finalidade da entidade: “Constitui finalidade precípua do Sindicato: garantir melhorias nas condições de vida e de trabalho de seus representantes; defender a independência e autonomia da representação sindical e atuar na manutenção em defesa das instituições democráticas brasileiras.”

O SINPRO-DF preocupava-se, nesse período conturbado da ditadura civil-militar, com a consolidação e manutenção dos direitos trabalhistas dos professores do DF, nesse contexto representando a ADUnB: “Nos meados e final dos anos de 1980, no interior da categoria havia muitas discussões políticas e grupos organizados. Esse processo estava de acordo com a efervescência do momento político do país, de (re)organização dos movimentos dos trabalhadores.” (SOUZA, 2020, p. 61) A estratégia de Garrafa era realizar, primeiro, uma campanha entre os associados da ADUnB para que se filiassem ao Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO-DF), que passaria a representar também os docentes da UnB em dissídios coletivos, com ênfase nas negociações salariais. Esclarece o presidente da ADUnB, Volnei Garrafa (2021, p. 70 apud Ramos, 2021, p. 70):

Foi uma intuição que a gente teve, afirma Volnei Garrafa. Se o reitor da Universidade de Brasília negava, por uma série de razões de ordem jurídica e administrativa, o direito da ADUnB de envolver-se diretamente em questões trabalhistas, por exemplo - inclusive se opondo sistematicamente a receber em audiência a diretoria, desde o primeiro pedido feito pelo Fausto Alvim -, não haveria como ele se negar a dialogar com um sindicato como o

⁴⁸ Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/secretarias/>. Acesso em 10 jan 2024.

⁴⁹ Estatuto do SINPRO-DF – Disponível: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2014/11/estatuto-do-sinpro-df.pdf>. Acesso em 10 jan 2024.

⁵⁰ Disponível: <https://www.sinprodf.org.br/>. Acesso em 10 jan 2024

dos professores. E professores éramos todos, afinal.

Vale ressaltar que essa campanha contornava a proibição legal de existência de sindicatos de docentes de instituições públicas de ensino superior, como nos informaram em suas entrevistas os professores Sadi, Balthazar e Rêses. Sadi Dal Rosso (2023, Anexo B, p 164) declarou em sua entrevista:

Foi em 1978 e foi criada uma entidade que ligava, quer dizer na verdade nós passamos a ser sócios também SINPRO-DF então os professores não era digamos uma entidade que se que se aproximou, mas é que nós passamos a ser filiados ao SINPRO-DF também, para ter uma personalidade jurídica, porque o que o Azevedo usava de argumento era o seguinte: - Vocês não existem! Não existe nada na legislação que ampara vocês se organizar. Vocês não estão na universidade! Vocês não têm nem personalidade jurídica? E isso dava uma personalidade jurídica via o sindicato, então nós éramos filiados ao sindicato. Aí não foram todos os professores que eram da ADUnB. Foram uma maioria e teve ganhos salariais pela vida da negociação, negociação salarial via sindicato, isso ai já não foi greve, foi o tribunal. Foi um ganho salarial, é importante, agora isso se manteve até 1988 quando a constituição permitiu à filiação dos professores a organização sindical. Em 1988, mas antes disso, não havia o servidor público não podia se sindicalizar. O servidor público, professor universitário, não podia se sindicalizar. Ele não era permitido por lei, pela constituição vigente naquela época, por isso que só em 1988, na reforma, na mudança constitucional é que foi possível criar uma deliberação concreta, de que os professores podiam se sindicalizar, organizar o servidor público poderiam ser organizar sindicalmente, não é criar associações, criar entidades. Então foi isso que aconteceu. Isso foi uma manobra acho importante, não é, os professores alguns professores do SINPRO-DF também apoiaram esse movimento, a gente entrar e se filiar o SINPRO-DF.

O professor Balthazar (2023, Anexo A, p. 145) também discorre sobre a filiação de professores ao SINPRO-DF:

antes da constituição de 1988, havia restrições legais para sindicalização de servidores públicos então, a ADUnB era uma associação não era um sindicato, mas nós já lutávamos, já atuávamos de forma sindical é por meio do sindicato dos professores do Distrito Federal. O sindicato permitia e admitia a filiação de professores de universitários e um grande um grupo grande que era o mesmo tempo associada da ADUnB era filiado aos SINPRO-DF.

Ao avaliar a conjuntura e os principais desafios que estavam colocados para a ADUnB na sua relação com as demais organizações associativistas do DF, o Prof. Erlando Rêses

(2023, Anexo C, p 178) nos declarou em sua entrevista: “É importante dizer que esse surgimento da ADUnB teve forte, digamos assim, impulso dado pelo setor da educação pública do Distrito Federal, que inclusive tinha uma aproximação até física.”

A aproximação da ADUnB com o SINPRO-DF fortaleceu a representatividade dos docentes, na medida em que propiciou uma atuação conjunta em defesa dos interesses da categoria. Tal aproximação era parte de uma estratégia que tinha como propósito estimular os associados da ADUnB para que se filiassem ao SINPRO-DF, e é relatada da seguinte maneira pelo professor Sadi Dal Rosso (2023, Anexo B, p 165):

Bom, ele significou um caminho para a manutenção forte da ADUnB e do próprio SINPRO-DF. Eu acho que o seu significado primeiro manteve uma entidade de luta que era a ADUnB, não é? E que era, digamos, contra a constituição porque não previa a sindicalização de professores da universidade, de servidores públicos. Então ela representa uma rebeldia dos professores, e mais pragmaticamente representa a possibilidade de você entrar com ações judiciais, então ações judiciais, por exemplo, para reajuste salarial, ou para a questão profissional, os concursos, né? ou ações semelhantes. Seria possível levantar as ações que foram impetradas nos tribunais aqui do Distrito Federal porque a UnB era local, mas como entidade pública nacional. Os estudantes vinham de outros lugares, entram na UnB desde que preencham os critérios. Agora ADUnB era representante do local, então com esse ingresso no SINPRO nos permitiu fazer uma ação jurídica e conseguir ganhos concretos salariais e contratos de trabalho.

Essa estratégia de aproximação e representação com o SINPRO fez com que em 1982 o Reitor Azevedo recebesse em audiência, pela primeira vez, os professores da UnB organizados na forma de uma associação, não pela ADUnB, claro, que era uma associação ainda não reconhecida pelo Reitor Azevedo.

Mesmo com o regime ditatorial ainda em vigor, os docentes da UnB alcançaram relevância significativa no movimento sindical-associativista de trabalhadores. A partir desse momento, os professores passaram a contar com um espaço de discussão para além de seus ambientes de trabalho, pois possibilitou não apenas a união de esforços em prol da redemocratização das universidades e do país, mas também uma compreensão nacional do que ocorria no ensino superior brasileiro dentro da Universidade de Brasília.

Todavia, não podemos deixar de reconhecer que a transição do regime ditatorial para o regime democrático foi e continua sendo gradualmente conquistada por meio das lutas de diversos segmentos da sociedade civil brasileira, os quais buscaram e buscam alternativas de mobilização em todo o país visando esses objetivos, mas que precisam se fortalecer e se consolidar para evitar que a sanha golpista e autoritária se insurja novamente entre nós.

Nesse aspecto, atualmente a ADUnB é um sindicato consolidado e fortalecido como, discorre Rêses (2023, Anexo C, p. 178) em sua entrevista:

É consolidado! Com as suas diferenças, com as suas nuances, como eu já aponte, mas é um movimento consolidado, que a gente espera que ele seja cada vez mais crescente [...] que seja uma sindicalização efetiva, que possa participar da vida do sindicato, se movimentar com as grandes pautas que a gente tem, como a gente diz, quando se tem uma força organizada a tendência de vitória é bem maior, uma força organizada com maior número, claro, com maior densidade de pessoas ela tem a possibilidade de vitória é maior [...]

A relação do nascimento da ADUnB com a redemocratização da Universidade de Brasília (UnB) foi um processo gradual e multifacetado ocorrido durante a transição do regime ditatorial para o regime democrático no Brasil. Durante esse período, a UnB passou por mudanças significativas em sua estrutura e funcionamento, voltadas à garantia de uma gestão mais participativa, transparente e democrática. Isso implicou a ampliação da participação dos diferentes segmentos da comunidade universitária, envolvendo diretamente professores, estudantes e funcionários nas decisões administrativas e acadêmicas da instituição, no respeito à liberdade de expressão e à autonomia universitária.

Nos excertos das entrevistas que realizamos com os professores José Carlos Balthazar, Sadi Dal Rosso, Erlando Rêses e com a professora Eliene Novaes Rocha, abaixo reproduzidos, o reconhecimento do significado da participação da ADUnB no processo de redemocratização da UnB se mostra de maneira bem visível, vejamos:

Sim, isso sempre foi a bandeira número 1 de luta da Associação: a democratização da universidade. E a gente queria que fosse uma entidade totalmente democrática, aberta, não tínhamos restrições [...] e eu acho que foi essa atitude que permitiu ela ter o crescimento contínuo, e sempre na frente com essa bandeira, nosso objetivo primeiro é a democratização da universidade. [...] A posse dele (Cristovan Buarque) foi assim, a marca da mudança, da saída do autoritarismo para a universidade democrática. Dali em diante todos os leitores foram escolhidos [...] depois os funcionários organizaram, passaram a participar desse processo e sempre foi, desde então a UnB sempre escolheu, sempre teve o Reitor escolhido por eleições, sempre participaram professores, alunos e funcionários. (BALTHAZAR (2023, Anexo A, p. 151)

Sim, eu diria que é mais, digamos, o movimento nacional, e não só de professores, o movimento nacional que derrubou o regime, e que foi a grande força social, que foi compulsivo fazer, construir, digamos, a sociedade brasileira. E começou a criação dos movimentos de professores, não, na verdade eram os metalúrgicos, os portuários, os ferroviários. Depois veio mais para os setores, digamos, docentes e técnico-administrativos, a criação de centrais, centrais em São Paulo, lá na Beira Mar, eu tive lá. Enfim, então tivemos esse movimento, eu acho que ele é uma parte do movimento, grande movimento nacional que foi a palavra de ordem *Diretas Já*

em 1985. Esse é o grande movimento que, claro, que fundaram sindicatos, que então organiza os professores, que tinham uma organização nacional de professores, mas existe até hoje, mais fraca. (DAL ROSSO, 2023, Anexo B, p. 167)

Eu diria que sim, acho que o próprio livro *Sonho e Realidade* demonstra isso, essa luta ela começa lá no final dos anos [19]70, na constituição da ADUnB, adentra os anos 80. a gente vê reitores com alinhamento democrático: foi o caso do Cristóvão Buarque, que foi governador do Distrito Federal, o senador, que fomos nós os primeiros a assumir, então, essa frente e de lá para cá a universidade só fortaleceu esse campo democrático em sua vida ao ponto de nós termos inclusive derrubado o Reitor. Reitor acusado de corrupção na sua gestão ...a força dos estudantes, se ocupasse ali a Reitoria, e ele tendo que renunciar ao seu mandato. Então, a associação dos docentes, obviamente, tem representado muito esse campo democrático, popular, uma representação firme [...] (RÊSES, 2023, Anexo C, p. 181)

Então eu diria que não dá para pensar a ADUnB sem a grande luta pelo direito, e isso se reproduziu historicamente não só no seu nascimento, mas por exemplo a ADUnB foi instituição central na primeira eleição direta para Reitor, quando eleger o Cristóvão que foi o primeiro Reitor eleito após a ditadura, ADUnB foi fundamental na posse do Ibaneis, que foi o Reitor eleito e que só tomou posse por pressão interna da Universidade, porque a época sentiu uma questão porque o Ibaneis no caso não era brasileiro era espanhol ,então inclusive tem registro, falas assim muita gente de como foi importante o papel que eu sindicato assumiu ali dessa pressão social para que o Ibaneis de tomasse posse, a ADUnB foi central no afastamento do Reitor Timothy acusado de corrupção inclusive na gestão de 2008, a ADUnB foi fundamental na posse nas eleições que aconteceram porque a ADUnB e junto com o DCL e o SINTFUB coordenaram historicamente as consultas públicas para Reitor, elas foram coordenadas pela ADUnB, DCL e SINTFUB nas consultas para Reitor em geral são feitas na Universidade pelos três segmentos e depois ADUnB aparece como uma ampla fundamental para garantir a nomeação dos Reitores que foram eleitos pelas suas comunidades, e que fossem no caso nomeados pelos ministros como uma primeira indicação, então eu diria que a ADUnB é esse, é também esse movimento de reconfiguração dos processos democráticos dentro da UnB, e que ele reflete para fora porque a UnB é uma instituição muito importante não só Distrito Federal, mas como uma das instituições ensino superior mais importantes do Brasil, então a gente vai vendo que ela vai reproduzindo na vida política, essa ação da defesa da intransigente da Democracia dentro e fora da Universidade do Brasil (ROCHA, 2023, Anexo D, p. 188)

Os depoimentos das pessoas que entrevistamos expressam uma consciência histórica e política da atuação desempenhada pela ADUnB no processo da luta pela redemocratização brasileira, sua contribuição no fortalecimento do papel social da universidade e o compromisso inarredável que tem assumido na valorização docentes dessa universidade e do movimento associativista e sindical mais amplo do país.

4.4 Uma análise jornalística dos desdobramentos da primeira greve dos docentes da Universidade de Brasília em 1982

As greves aparecem de forma constante no interior da sociedade capitalista, materializando as dificuldades laborais, os baixos salários e a perspectiva que os trabalhadores têm de alcançar melhores condições de vida pelo desempenho das tarefas que

executam. Muitas vezes os movimentos paredistas são tratados de forma violenta e seus participantes perseguidos pelas autoridades governamentais com o intuito de desmobilizá-los e de não permitir que as suas reivindicações sejam atendidas. Esses conflitos, tradicionalmente, têm chamado à atenção dos meios de comunicação de massa, como é o caso dos jornais que procuram acompanhá-los e registrar suas consequências e repercussões na vida social.

No caso da greve dos professores da UnB, realizada em 1982, a cobertura jornalística se fez de maneira constante, produzindo o acompanhamento pormenorizado desse movimento. Por essa razão, na fundamentação empírica e documental deste estudo consultamos os arquivos da grande imprensa, especificamente o jornal Correio Braziliense, para realizar um levantamento do período de ocorrência do movimento grevista. Constatamos que houve uma cobertura que ia desde as questões apresentadas pela ADUnB até a realização da greve dos docentes da UnB.

No início do ano letivo de 1982, a presença da ADUnB nas manchetes de jornais já prenunciava o que poderia acontecer naquele ano. A principal reivindicação da Associação era a entrada para o quadro premanente da UnB dos professores colaboradores, visitantes e auxiliares de ensino. Conforme descreve Ramos (2021), a ADUnB contabilizava 19 pedidos de audiência com o reitor, todos não atendidos.

No dia 20 de março de 1982, o Correio Brasiliense⁵¹ publicou uma matéria relatando a paralisação de dois cursos em prol de melhores condições de ensino e pela contratação de novos professores.

⁵¹ AS GREVES NA UnB. Correio Brasiliense, n°6968, p.12, 20 mar 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20c3%adlia%22&pagfis=28116. Acesso em: 15 jan 2024.



Figura 19 - Reprodução Correio Brasiliense, p.12, 20/03/1982

Nessa mesma publicação⁵², o jornal informava que a ADUnB estava discutindo a realização de uma possível greve por melhores condições salarial.



Figura 20 - Reprodução Correio Brasiliense, p.12, 20/03/1982

Nas duas reportagens percebemos duas questões importantes que eram pautadas na

⁵² BANDEJÃO REABRE SEGUNDA. TERÇA, DECIDE-SE NOVA GREVE, n° 6968 p.12, 20 mar 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=28116. Acesso em: 15 jan 2024.

UnB, no período, por parte dos estudantes: o reitor Azevedo havia privilegiado algumas áreas da UnB, principalmente a de Ciências Políticas, em prol de seus projetos pessoais, como declarou Ramos (2021), o que trouxe como consequência a criação de um forte movimento de reivindicações, em especial para o curso de Medicina da UnB. A segunda questão girava em torno do preço da comida que era oferecida no chamado bandeirão universitário, dado o reajuste abusivo de valores, o que levou, na ocasião, a que os estudantes da UnB ocupassem o restaurante e a que, por conta dos protestos, fossem acusados de depredar o espaço.

Todas essas mobilizações estudantis geraram desconforto para os docentes, por desnudarem questões sérias e concretas do seu dia a dia no trabalho educacional: elas trouxeram à tona questões administrativas e salariais próprias da carreira docente. Esse desconforto foi reproduzido no Jornal Correio Brasiliense⁵³ no dia 07 de abril de 1982, vinculando a notícia de que a ADUnB havia recolhido mais de 400 assinaturas durante a assembleia reivindicando melhores salários e enquadramento dos professores, as quais seriam entregues à Reitoria.



Figura 21 - Reprodução Correio Brasiliense, p.12, 07/04/1982

Mesmo a Reitoria de Azevedo não reconhecendo todo o esforço da ADUnB, a entidade não se calou. E novamente o Correio Brasiliense⁵⁴ publicou: representantes da

⁵³ PROFESSOR DA UNB LUTA POR MAIORES SALÁRIOS. Correio Brasiliense, n° 6983, p. 12, 07 abr 1982. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=28726. Acesso em 15 jan 2024.

⁵⁴ ADUNB RECLAMA MELHORES SALÁRIOS. Correio Brasiliense, n° 7004, p. 13, 29 abr 1982. Disponível em:

entidade denunciaram a defasagem salarial da UnB desde 1979; recolheram 495 assinaturas reivindicando melhores salários, participação mais efetiva nas decisões da universidade e acesso ao quadro da universidade de 50% do efetivo de professores visitantes e colaboradores. Encabeçaram essa denúncia os professores Volnei Garrafa, Mauricio Azevedo e Sadi Dal Rosso.



Figura 22 - Reprodução Correio Brasiliense, p.13, 29/04/1982

Diante de todas os problemas da UnB, nos dias 24 e 25 de agosto, liderados pela ADUnB e pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE)⁵⁵, e com apoio do SINPRO-DF, realizou-se o *II Fórum de Debates da Universidade de Brasília*. As principais pautas desse fórum foram as reivindicações acadêmicas e políticas, incluindo melhores condições de ensino e pesquisa, enquadramento dos professores e democratização do ensino. Precedentemente, o Jornal Correio Brasiliense⁵⁶ tinha publicado, no dia 28 de agosto de 1982, a informação de que a UnB estava distanciada da comunidade e ficava cada vez mais elitizada. No *II Fórum* foram realizados 15 grupos de discussão reunindo mais de 600 alunos, com um encerramento que contou com a presença de cerca de 1500 estudantes.

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=29446. Acesso em 15 jan 2024.

⁵⁵ Diretório Central dos Estudantes (DCE) é a entidade estudantil de maior representatividade dos estudantes (corpo discente) de uma instituição de ensino superior, sejam elas universidades, faculdades ou centros universitários.

⁵⁶ UNIVERSIDADE FECHADA? ADUNB DIZ QUE UNB ESTÁ DISTANCIADA DA COMUNIDADE E CADA VEZ MAIS ELITIZADA. Correio Brasiliense, n° 7126, p. 13, 26 ago 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=33612. Acesso em 15 jan 2024.



Figura 23 - Reprodução Correio Brasiliense, p.13, 26/08/1982

Ramos (2021, p. 77) descreve os eventos das semanas seguintes e as tensões que estavam se desenrolando na Universidade de Brasília da seguinte maneira: “Seguiram-se semanas de assembleias, reuniões, passeatas até o MEC, acampamento no estacionamento do Ministério, além das esperadas tentativas de um diálogo produtivo com a Reitoria sobre as reivindicações dos estudantes de Medicina, Enfermagem, Engenharia Mecânica e Engenharia Florestal.” Esses anseios não passaram despercebidos pela mídia jornalística.

No dia 04 de outubro de 1982, o Correio Brasiliense⁵⁷ se solidarizava com a ADUnB e afirmava seu posicionamento a favor do movimento de greve dos estudantes. O diretor da entidade, Volnei Garrafa, comprometia-se a oferecer os préstimos da Associação para ser a mediadora do processo, “se assim os alunos quiserem.”

No entanto, a Reitoria de Azevedo continuou se posicionando de maneira indiferente diante dessa greve dos estudantes.

⁵⁷ ALUNOS ASSUMIRAM A REPROVAÇÃO NA UNB. Correio Brasiliense, n° 7162, p. 06, 04 out 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=35059. Acesso em 15 jan 2024.



Figura 24 - Reprodução Correio Brasiliense, p.06, 04/10/1982

No dia 9 de outubro de 1982, o jornal Correio Brasiliense⁵⁸ informava a seus leitores que, após a realização de uma assembléia, foram favoráveis à divulgação de uma nota à população que traçava o diagnóstico da situação da época na UnB e de como ela tinha sido conduzida nos últimos anos, consequência da centralização do autoritarismo. Na matéria, os representantes da Associação docente destacavam a ausência de diálogo com a Reitoria da UnB, apesar de várias tentativas realizadas.

⁵⁸ ADUNB VÊ UNIVERSIDADE SENDO ESVAZIADA. Correio Brasiliense, n° 7167, p. 13 09 out 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUNB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20adlia%22&pagfis=35239 . Acesso em 15 jan 2024



Figura 25 - Reprodução do Correio Brasiliense, p.13, 09/10/1982

Nos dias seguintes, o jornal Correio Brasiliense⁵⁹ continuava divulgando a notícia da crise da UnB; informavam que até aquele momento só havia promessas advindas da Reitoria e que a situação de esvaziamento da universidade começava a ficar insustentável. Na mesma matéria também se dizia que, após a realização das assembleias, os estudantes decidiram permanecer em greve e que a ADUnB continuava apoiando a movimentação estudantil, e reiterava a situação precária em que se encontravam os docentes que aguardavam no interior da instituição. Segundo a matéria, o Reitor Azevedo permanecia desconsiderando os problemas apresentados por estudantes e professores e afirmando que a situação não estava fora de controle.

⁵⁹ ATÉ O MOMENTO, PROMESSAS. Correio Brasiliense, nº7169, p 05, 11 out 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=35331 . Acesso em 15 jan 2024



Figura 26 - Reprodução Correio Brasiliense, p.05, 11/10/1982

De fato, durante esse período foram realizadas várias assembleias e estudos sobre o quadro de professores da UnB. Um deles foi publicado no jornal Correio Brasiliense, em 15 de outubro de 1982, com o título “Professores vão hoje à ministra”⁶⁰, no qual se constatava que 64% dos professores não estavam enquadrados, sendo a maioria deles professores colaboradores que não possuía estabilidade funcional nem direito a voto nos colegiados departamentais.

O relatório foi entregue pessoalmente à Ministra da Educação Esther Ferraz, e a ADUnB posicionou-se informando que a greve estudantil ocorria devido à falta de professores e à queda na qualidade de ensino, divulgando convocatória de assembleia para discutir a possível realização de uma greve geral dos professores até que essa questão fosse resolvida. O professor Sadi Dal Rosso (2023, Anexo B, p 162) lembra em sua entrevista que a “primeira das grandes greves que nós fizemos, no movimento docente, foi para que isso Autarquias e Fundações tivesse um regime único de trabalho, e que seria aquele representado pela pelas Autarquias, que era com concurso público.”

⁶⁰ PROFESSORES VÃO HOJE A MINISTRA. Correio Brasiliense, n°7173, p. 04, 15 out 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=35470. Acesso em 15 jan 2024

O único pronunciamento que o reitor Azevedo fez na ocasião foi para atacar o que chamava pejorativamente de “Ministério da Imprensa” e dizer que não considera a greve dos estudantes impactante nos designios da UnB.



Figura 27 - Reprodução Correio Brasiliense, p.04, 15/10/1982

No dia seguinte, 16 de outubro de 1982, o Jornal Correio Brasiliense⁶¹ continuou divulgando informações sobre o colapso que estava em curso na UnB. A Associação docente se posicionou, por seu presidente Volnei Garrafa, convocando nova assembleia para decidir pela greve dos professores da universidade.

⁶¹ PROFESSORES PODEM IR À GREVE GERAL. Correio Brasiliense, nº7174, p. 11, 16 out 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%3%adlia%22&pagfis=35497. Acesso em 15 jan 2024



Figura 28 – Reprodução: Correio Brasiliense, p.11, 16/10/1982

Entre 1980 e 1982, a demanda estudantil voltou-se para a estruturação de suas entidades representativas e para a redemocratização da universidade. Os governantes civis-militares não detinham mais controle total sobre o processo de abertura política que havia sido colocado em marcha no país, pois nessa fase a influência política da sociedade civil passou a se manifestar com maior vigor e organização. A participação de estudantes e professores em assembleias e greves fortaleceu o sentimento de solidariedade e reconstrução da vida acadêmica e de valorização da presença da UnB no cotidiano da vida social, e ressurgiram as articulações na direção de construir de um novo cenário.

É é nesse novo cenário que a ADUnB começa se movimentar e se organizar. A luta por direitos dos professores da UnB já estava em pauta há mais de cinco anos, agora era o momento de se organizarem por uma pauta de reivindicações acadêmicas e políticas que, ao lado da busca da redemocratização político-social, conquistasse melhores condições de trabalho e salários – esse será um dos principais focos que guiarão as ações da ADUnB durante a greve dos estudantes da UnB. As assembleias realizadas no primeiro semestre de 1982 proporcionaram espaços de discussão que permitiriam, não apenas a união de forças em prol da redemocratização das universidades, mas também a democratização do ambiente de trabalho docente.

O Reitor da Universidade de Brasília, no entanto, mantinha-se na postura de desconsiderar o movimento de greve estudantil e se recusava a aceitar as reivindicações da ADUnB. Em sua entrevista, o professor Sadi Dal Rosso (2023, Anexo B, p 166) relata esse

momento de maneira enfática: “Na época a Reitoria trabalhava com esse argumento que eu falei para vocês: - *Vocês não existem*. Como não existimos?”

A crise instaurada com a greve dos estudantes persistia na UnB, os jornais locais intensificavam sua cobertura jornalística sobre o assunto. O Reitor Azevedo afirmou ao MEC, durante audiência em 19 de outubro, que a crise estudantil estava em vias de se abater, mas não era dessa forma que as notícias publicadas no Jornal Correio Brasiliense relatavam os acontecimentos que afligiam a comunidade acadêmica. Em 20 de outubro de 1982, a manchete do Correio Brasiliense era “Reitor da UnB acha inviável uma greve geral”⁶², trazendo no corpo da matéria a informação de que o Reitor havia garantido à então Ministra da Educação Esther Ferraz que não haveria greve na universidade. Mas o campus estava bem agitado, pois paralelamente à greve estudantil ocorreria a eleição para o DCE e a mobilização para a assembleia da ADUnB. No dia 21 de outubro de 1982, o Jornal Correio Brasiliense trazia como destaque: “Greve é imatura: o reitor da UnB analisa paralisação dos estudantes”;⁶³ já o Reitor Azevedo afirmava, na mesma reportagem, que “A greve que já dura mais de dois meses é imatura, e prejudicial apenas aos estudantes, que poderiam fazer suas reivindicações assistindo as aulas.” Nas páginas do jornal o dirigente informava que não via “motivos para greve.” Em 29 de outubro o jornal correio Brasilense publicava a matéria “Reitor pouca lógica”, na qual reportava, novamente, que “os estudantes não têm motivos para lutas por melhores condições de ensino na UnB, já que a Universidade tem um dos melhores ensinos do país.”

As declarações do Reitor mostravam que a crise na UnB ainda não estava resolvida, apesar de ele manter a postura de não reconhecer o estado de greve estudantil nem o DCE e a ADUnB como entidades representativas no interior das instâncias da universidade. Um exemplo evidente dessa postura ocorreu durante entrevista concedida por ele aos estudantes do Jornal Laboratório Campus, do Departamento de Comunicação.

Campus: Muitas pessoas que vivem o dia a dia na UnB dizem que há dificuldades entre a comunidade e a administração central.

Azevedo: Uma prova de que não é verdade está aqui. Vocês.

Campus: E a ADUnB? Outro dia na abertura do Fórum...

Azevedo: Que Fórum?

Campus: O Fórum de Debates promovido pelo DCE e pela ADUnB, o

⁶²Disponível

em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=35671. Acesso em 15 jan 2024.

⁶³

Disponível

em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=35701. Acesso em 15 jan 2024.

presidente do Sindicato dos Professores...

Azevedo: Quem é ele?

Campus: Professor Libério.

Azevedo: Ele é professor de quê?

Campus: De segundo grau da rede oficial. E ele disse que veio discutir com a Reitoria problemas de salário...

Azevedo: Comigo não.

Campus: Foi o que ele disse. Que o senhor recebeu o Sindicato, mas não recebeu a ADUnB.

Azevedo: Ah! Mas isso foi há um ou dois anos.

Campus: Então, como é essa relação?

Azevedo: Não há porque receber instituições no âmbito da Universidade que não são oficiais. O Sindicato é uma entidade oficial, tem atribuições definidas, razão pela qual eu recebo.

Campus: O senhor não reconhece, então, qualquer representatividade na ADUnB?

Azevedo: Não é que eu não reconheça a representatividade na ADUnB. O que eu não reconheço é representatividade na ADUnB para discutir o que ela tem se proposto a discutir. (apud RAMOS, 2021, p.085)

Os dias imediatos foram marcados por intensas manifestações dos estudante, sendo que em uma delas mais de 5.000 universitários de diferentes cursos exigiram a ampliação da participação estudantil nos órgãos colegiados e a criação de uma comissão autônoma para avaliar a necessidade de professores em cada departamento da UnB. Já a ADUnB prosseguiu com a realização de assembleias para analisar e discutir a crise dos estudantes e sua própria pauta de reivindicações, como mencionado por Ramos (2021, p. 78): “Foi enviado um ofício ao reitor, reiterando a solicitação de audiência tantas vezes feita e expondo as reivindicações da assembleia. Um prazo foi estabelecido para a resposta: às 9 horas da manhã de quinta-feira, 4 de novembro, quando ocorreria uma nova assembleia.” A assembleia foi mencionada pelo Jornal Correio Brasiliense⁶⁴, em 4 de novembro de 1982, sendo uma maneira de convocar os docentes a participarem do evento.

⁶⁴ REITOR NEGOCIA COM ALUNOS. Correio Brasiliense, n.7192, p.16. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%3%adlia%22&pagfis=36184. Acesso em: 15 jan 2024.



Figura 29 - Reprodução Correio Brasiliense, p.16, 04/11/1982

A resposta do Reitor Azevedo se deu por meio de um ofício com uma extensa explicação à ADUnB, justificando os motivos pelos quais não a reconhecia como uma associação que representava os professores da UnB. Vale ressaltar que essa foi a primeira vez que o Reitor se dirigiu diretamente à associação.

Durante a assembleia realizada em 4 de novembro de 1982, após uma votação que contou com a participação de docentes não filiados à Associação, foi aprovada a paralisação de três dias e a realização de um plebiscito nos dias 09 e 10 de novembro para decidir os rumos do movimento. Essa decisão refletiu o progresso na conscientização e valorização dos professores, bem como a situação precária enfrentada por eles, colaboradores e auxiliares. Cabe lembrar que houve resistência de um grupo de professores que apoiava o modelo autoritário de gestão da universidade, conforme mencionado por Volnei Garrafa em entrevista concedida a Ramos. (2021, p. 79)

Toda esse ativismo dos professores da UnB, incluindo suas ações e iniciativas em busca de condições de trabalho, correções salariais e contratuais durante as assembleias, além das discussões sobre política educacional, foram acompanhadas e reportadas no Jornal Correio Brasiliense. Passados alguns anos da eclosão desse movimento docente registrado no interior da UnB, podemos dizer que as notícias publicadas pelos jornais contribuíram para a difusão das reivindicações da categoria e sua assimilação por parte da opinião pública, que acompanhava seus desdobramentos com atenção.

As fontes utilizadas nesta pesquisa nos ajudaram a compreender o desenrolar do movimento paredista e do contexto bastante conturbado de criminalização do movimento sindical, o contexto da luta, bem como as estratégias utilizadas pelos grupos em conflito: ADUnB e Reitoria da UnB.

Em 5 de novembro de 1982, o jornal Correio Brasiliense publicou duas matérias relacionadas aos eventos grevistas, anunciando a paralisação dos docentes da UnB por três dias, sob os títulos “Reitor debate com alunos e estranha greve”⁶⁵ e “Professores só voltam na segunda”⁶⁶. Ambas destacavam que o reitor Azevedo não reconhecia a greve dos docentes nem a ADUnB como associação representativa. Em entrevista ao jornal, o Reitor declarou: “Não sei se existe ou não greve dos professores. O que me consta é que cerca de 80 professores se reuniram pela manhã de hoje (ontem) e decidiram, junto a uma associação - ADUnB, que não é representativa da categoria, pois não tem respaldo legal, paralisar suas atividades.”



Figura 30 - Reprodução Correio Brasiliense, p.10, 05/11/1982

⁶⁵ REITOR DEBATE COM ALUNOS E ESTRANHA GREVE. Correio Brasiliense, n° 7193, p. 10, 05 nov 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=36212. Acesso 15 jan 2024.

⁶⁶ PROFESSORES SÓ VOLTAM NA SEGUNDA. Correio Brasiliense, n° Correio Brasiliense, n° 7193, p. 10, 05 nov 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=36212. Acesso 15 jan 2024.

No dia 08 novembro de 1982 a matéria publicada⁶⁷ relatava a nova assembleia que seria realizada no mesmo dia, o que o Correio Brasiliense caracterizou como “Dia D” na Universidade de Brasília. Na assembleia, votou-se a favor de mais três dias de paralisação, da criação de uma comissão de negociação com a Reitoria e de um plebiscito a ser realizado nos dias 9 e 10 de novembro.



Figura 31 - Reprodução Correio Brasiliense, p.01, 08/11/1982

De acordo com Ramos (2021), a comissão encarregada das negociações com a Reitoria seria composta pela diretoria da ADUnB, líderes do SINPRO-DF e professores sindicalizados escolhidos em assembleia. Esse comitê acabou pelos seguintes docentes e dirigentes: Volnei Garrafa, Maurício Azeredo, Antônio Ibañez, Sadi Dal Rosso, Maria Cristina Diniz Leal, Lia Zanotta Machado e Ronaldes de Mello e Souza. Sobre a participação nessa comissão, o professor Sadi Dal Rosso (2023, Anexo B, p 154) declara:

O representante é aquele que faz o caminho entre a diretoria e a base dos professores, né? Então, ele tem um papel capilar que vai, que liga a diretoria até as bases do movimento. É muito importante, tem uma estrutura departamental, quase departamental de representantes. Era praticamente do departamento, às vezes era de institutos, a depender da quantidade filiada, que tinha então o papel dele, era capilar. O papel era de, digamos, facilitar a mobilização, facilitar a filiação dos professores etc.

⁶⁷ PROFESSORES DA UnB TEM ASSEMBLEIA. Correio Brasiliense, n° 7196, p. 1, 08 nov 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=36342 . Acesso 15 jan 2024.

A realização da assembleia foi divulgada em 09 de novembro de 1982 com a matéria “ADUnB”⁶⁸, na qual se informava que durante sua realização foram discutidos temas como a organização do plebiscito sobre as reivindicações dos docentes, incluindo o enquadramento imediato dos professores colaboradores, visitantes e auxiliares, de acordo com o projeto de carreira das fundações.



Figura 32 - Reprodução Correio Brasiliense, p.09, 09/11/1982

Em 11 de novembro de 1982, no Anfiteatro 8, é apresentado o resultado do plebiscito: 58% dos docentes votantes manifestaram-se favoráveis à greve. Sobre esse momento crucial e importante, não só para os docentes da UnB, mas também para a Associação que os representava, Ramos (2021, p. 80) discorre sobre a presença dos docentes na assembleia realizada no mesmo dia:

Em votação simbólica, diante do resultado inequívoco do plebiscito naquela manhã de 11 de novembro, em meio a uma greve de estudantes, por unanimidade da assembleia os professores da Universidade de Brasília deflagraram a sua própria greve geral, por tempo indeterminado, no quarto ano de existência da ADUnB, tempo mais do que suficiente para que aquela entidade, nascida e sustentada nas condições políticas mais adversas, declarasse a sua maioria.

⁶⁸ ADUnB. Correio Brasiliense, n° 7197, p.09, 09 nov 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20c3%adlia%22&pagfis=36398. Acesso 15 jan 2024.

A notícia da greve dos professores da UnB foi divulgada em 11 de novembro de 1982⁶⁹. Segundo a reportagem, a comissão encarregada das negociações já estava pronta para iniciar o diálogo com a Reitoria após a assembleia. A greve geral dos docentes da UnB iniciou-se quando todas as tentativas de negociação foram insatisfatórias.



Figura 33 - Reprodução Correio Brasiliense, p.09, 11/11/1982

As assembleias desempenham um papel crucial na organização e condução de uma greve, pois asseguram a participação democrática dos trabalhadores e reforçam sua capacidade de reagir a tempo e atingir seus objetivos coletivos. Elas não apenas envolvem o corpo docente, mas também os estudantes. Durante as assembleias, a ADUnB consultava todos os professores dos departamentos, promovendo uma tomada de decisão coletiva, transparente e representativa. Isso fortalecia os interesses comuns, criando um senso de movimento coletivo que conferia legitimidade ampliada à greve.

Durante o período da greve, surgiu uma questão relativa ao mandato da segunda diretoria da ADUnB, que expiraria em 27 de novembro. Foi realizada uma assembleia para buscar uma solução conciliatória para a entidade, na qual foi deliberada a eleição de uma nova diretoria. No entanto, sua posse só ocorreria após o término da greve. Apenas uma chapa se apresentou para o pleito, assim composta: presidente - Antônio Ibanez Ruiz, da Faculdade de

⁶⁹ PROFESSORES DECIDEM GREVE NAS URNAS, n.7199, p.09. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%3%adlia%22&pagfis=36470. Acesso em 15 jan 2024.

Tecnologia; 1º vice-presidente - Sadi Dal Rosso, do Instituto de Ciências Sociais; 2ª vice-presidente - Isolda Hora Accioli, do Instituto de Ciências Exatas; 1º secretário - Pedro Murrieta Santos Neto, da Faculdade de Tecnologia; 2ª secretária - Harue Yamashita, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; 1º tesoureiro - Aldo João de Sousa, da Faculdade de Tecnologia; 2ª tesoureira - Liliane de Almeida Maia, do Instituto de Ciências Exatas.

Foram dias de intensas negociações infrutíferas com a reitoria. O Reitor Azevedo ainda se recusava a reconhecer a greve dos professores e a receber a comissão, invalidando a greve ao não reconhecer a ADUnB como entidade líder do movimento grevista e representante dos docentes. O professor Sadi Dal Rosso (2023, Anexo B, p 166) relembra, saudoso, dos piquetes realizados por ele e seus colegas durante a greve:

Paramos a universidade, bloqueamos as salas de aula, aliás, um dos professores que era importante nesse movimento faleceu este ano. Era da engenharia, faleceu este ano, nesta conversa eu vou prestar uma homenagem a ele (Prof. José Camargo da Costa⁷⁰, o nome do professor foi enviado posteriormente via celular). Sabe que ele ia, a gente ia pela sala de aula tirando os professores da sala de aula, e ele tinha um kit de greve: a sacolinha assim, com alicate, com chaves, com outras coisas, porque a gente ia na sala de aula, tirava os professores e os alunos da sala de aula, pegava a chave e fechava a porta (começa a demonstrar como fechava as portas das salas de aula) e trancava e aí ia embora com a chave. Então, falo isso emocionadíssimo, porque o nosso colega faleceu neste ano, era da Engenharia Elétrica.

Em 25 de novembro, os professores deliberaram em assembleia realizar uma passeata até o prédio da Reitoria. Essa passeata foi noticiada pelo Correio Brasiliense⁷¹ em 26 de novembro de 1980. A manifestação silenciosa dos docentes até a Reitoria obrigou o reitor Azevedo a receber os membros da comissão, que entregaram um documento com todas as reivindicações. No entanto, mesmo diante desse acontecimento, Azevedo não fez qualquer menção de se pronunciar sobre a greve ou sobre as demandas dos docentes.

⁷⁰ Foi graduado em Engenharia Elétrica pela UnB em 1979, obteve o mestrado em 1982 pela Universidade de Campinas (Unicamp), o doutorado em 1988 pelo Institut National Polytechnique de Grenoble (INPG), na França, e o pós-doutorado em 1998, pela Delft University of Technology. Fazia parte do corpo docente da UnB desde 1982 e foi professor titular até 2023. Era um defensor da educação e da Universidade de Brasília, além de contribuir com a luta sindical. Nas ações da ADUnB, Camargo foi assíduo colaborador e militante. Foi membro do Conselho de Representantes, atuou em diversas comissões de trabalho produzindo orientações para a atuação do Sindicato. Aqui também deixou sua marca, pelo compromisso com a UnB e o fortalecimento das ações sindicais em defesa da categoria docente. Disponível em: <http://www.ene.unb.br/index.php/institucional/noticias/64-nota-de-pesar-jose-camargo-da-costa> . Acesso 15 jan 2024.

⁷¹ O REITOR E A GREVE. Correio Brasiliense, n° 7214, p. 11, 26 nov 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%3%adlia%22&pagfis=37052 . Acesso 15 jan 2024.



Figura 34 - Reprodução Correio Brasiliense, p.11, 26/11/1982

Em depoimento a Murilo César Ramos Ramos (2021, p. 82), Volnei Garrafa relembra esse momento vivido:

Volnei recorda o início tenso, com ele fazendo o discurso tão longamente ensaiado sobre a legitimidade e representatividade da ADUnB, alcançadas com a filiação, já naquela época, de cerca de 50% dos professores da UnB. Tensão só quebrada, e ligeiramente, quando o presidente da ADUnB abriu a pasta que o acompanhava em todas as assembleias e reuniões e, retirando dela uma proposta de sócio, estendeu-a a Azevedo, convidando-o a também filiar-se à entidade. O Reitor, é claro, não tendo qualquer intenção de tornar-se sócio da ADUnB, também não pronunciou-se favoravelmente a qualquer das reivindicações que levaram os professores à greve e que não tinham sido atendidas.

Podemos notar que a ADUnB começou a ser reconhecida pela direção da UnB devido às intensas negociações em torno das demandas defendidas na greve em curso. Como reflexo disso, surgiu a comissão de intermediação composta por seis professores do Departamento de Direito. É interessante notar que esses professores não eram associados à ADUnB, mas se dispuseram a atuar como intermediários entre a entidade e os docentes em greve. Com a mediação da Comissão de Intermediação e da comissão da ADUnB, após horas de deliberação, um acordo foi alcançado com o Reitor Azevedo. Esse acordo abrangia todas as reivindicações dos docentes e representava uma vitória não apenas política, mas também o reconhecimento da ADUnB como entidade de representação docente da Universidade de Brasília. O acordo foi distribuído a todos os departamentos, aguardando a aprovação de todos os docentes. Assim, em 07 de dezembro, durante assembleia da categoria, decidiu-se pelo

encerramento do movimento paredista, marcando o fim da primeira e histórica greve intermediada pela ADUnB.

Em 08 dezembro de 1982, o Correio Brasiliense anuncia o fim da greve e o retorno às aulas dos professores e estudantes da UnB⁷².



Figura 35 - Reprodução Correio Brasiliense, p.12, 08/12/1982

No dia 09 de dezembro toma posse a nova diretoria da ADUnB, com a sensação de dever cumprido, fato também divulgado no Correio Brasiliense⁷³ de 11 de dezembro de 1982, no qual se destaca o discurso de posse do diretor Antônio Ibañez.

⁷² UNB: PROFESSORES VOLTAM ÀS AULAS. Correio Brasiliense, n° 7226, p. 12, 08 dez 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=37493. Acesso 15 jan 2024.

⁷³ DIRETORIA ELEITA DA ADUNB PROMETE LUTA. Correio Brasiliense, n° 7229, p. 13, 11 dez 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pagfis=37588. Acesso 15 jan 2024.



Figura 36 - Reprodução Correio Brasiliense, p.13, 11/12/1982

A compreensão da evolução do movimento paredista e a análise dos motivos que o originaram tiveram como elemento de viabilização a consideração das posições dos envolvidos, incluindo a Reitoria. Segundo relatos, a greve de 1982 é reconhecida como histórica, uma das mais impactantes, instrutivas e construtivas na trajetória da Universidade de Brasília. Sua principal conquista foi a solidificação da unidade acadêmica e o reconhecimento da importância da ADUnB, a par do enfraquecimento da gestão de Azevedo, conforme avaliou Dal Rosso (2023, Anexo B, p. 166) em sua entrevista: “Ora, para a própria universidade significou enfraquecimento fundamental da Reitoria, enfraquecimento.” Ao revisitar a história da instituição, torna-se evidente o quanto foi alcançado desde sua fundação, e faz-se notável que os movimentos grevistas desempenharam um papel fundamental na evolução e na manutenção da vitalidade da ADUnB ao longo dos anos de sua existência. É novamente Dal Rosso (2023, Anexo B, p 166) que analisa o movimento docente daquele período:

O movimento saiu fortalecido, por exemplo, encaminhou a questão do fim dos contratos temporários, dos contratos de colaboradores, dos professores colaboradores que eram contratados. E ele não teve impacto no salário, porque, apesar de que as instituições tinham dotação legal individualizada, as fundações, então, não precisavam ter os mesmos salários.

A greve de 1982 emergiu como a estratégia mais eficiente para chamar a atenção da Reitoria da época sobre as reivindicações dos docentes, que eram frequentemente ignoradas quando a categoria tentava negociar acordos de maneira mais amena. O movimento grevista ganhou impulso crescente com o apoio dos estudantes e se revelou indispensável para o sucesso e as conquistas alcançadas pela autonomia e a democratização da universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da criação da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) se mostra inseparável da historicidade da UnB, na medida em que ecoa o período ditatorial instaurado a partir de 1964 e dos acontecimentos subsequentes que povoaram os anos da transição democrática brasileira. Seus artífices se envolveram diretamente na luta pela construção de uma universidade comprometida com as transformações políticas, econômicas e sociais e pela soberania nacional, ao mesmo tempo em que se preocupavam com a defesa dos interesses mais elementares do exercício da profissão e da carreira docentes no dia a dia da universidade. A trajetória da ADUnB é marcada por seu apoio à organização e às reivindicações estudantis, envolvendo-se nos movimentos da sociedade civil, nas campanhas em defesa da educação pública e no compromisso com o reestabelecimento da democracia no Brasil.

Nessa perspectiva, com base em Tavares (2014), o sindicalismo docente se destaca pela capacidade de unir os profissionais em torno de objetivos compartilhados, especialmente na promoção de uma educação democrática de qualidade e no enaltecimento da profissão docente. Diante de tais desafios, os sindicatos de professores atuaram como defensores primordiais dos direitos dos educadores e da excelência educacional, visando o benefício de toda a sociedade.

Ao longo do estudo realizado, procuramos abordar alguns aspectos da história dessa associação docente que estiveram presentes desde os primórdios da sua fundação até a primeira greve em 1982, examinando os anos que consideramos cruciais na constituição de sua trajetória formativa e na sua consolidação política e social. Dessa sorte, procuramos abordar o processo de fundação da Universidade de Brasília em 1962, seguido da criação da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília em 1978 e culminando na ocorrência da primeira e significativa greve da Associação em 1982.

A problemática e o período histórico educacional desta pesquisa trouxeram a oportunidade de localizar, ouvir e registrar as vozes dos protagonistas envolvidos na mobilização dos docentes que participaram da criação da ADUnB. Ao adotar uma abordagem de história oral centrada nas experiências vividas e percebidas pela categoria docente, somos convidados a mergulhar nas narrativas pessoais dos professores e, assim, revelar suas vivências, desafios e conquistas ao longo de suas trajetórias profissionais. Por meio dessas histórias, podemos entender, não apenas os eventos históricos e as políticas educacionais que

moldaram seu ambiente de trabalho, mas também as emoções, os valores e os ideais que estiveram em jogo. E.P. Thompson (1992) enfatiza a importância de capturar as vozes e experiências dos grupos marginalizados e dos trabalhadores comuns na construção da história.

Portanto, ao adotar uma abordagem de história oral centrada na categoria docente reconhecemos a importância de suas experiências individuais e imputamos relevância a suas vozes na construção de uma narrativa histórica inclusiva e autêntica, capturando nuances que escapam das narrativas oficiais, compreendendo melhor as complexidades da profissão docente e os impactos das mudanças sociais, culturais e políticas em seu trabalho diário.

Em suas origens, os objetivos da criação da Associação de Docentes de Brasília (ADUnB) esteve permeado por elementos de informalidade, preocupações com a segurança e a integridade física dos docentes, ações organizadas na clandestinidade; aos poucos, no entanto, foram se tornando consistentes e ofereceram as condições para sua materialização de fato e de direito na cotidianidade universitária. A ADUnB nasceu da necessidade de enfrentar os desafios impostos pelo contexto político adverso da repressão, e sua história reflete o compromisso dos docentes da UnB com a preservação dos valores acadêmicos e democráticos. Nesse processo de formação, os docentes da UnB uniram forças para garantir que a instituição mantivesse sua integridade acadêmica e sua capacidade de promover o pensamento crítico e a pesquisa livre, e a ADUnB tornou-se uma voz ativa na defesa dos direitos dos professores e na promoção de um ambiente acadêmico saudável e democrático.

A ditadura civil-militar no Brasil promoveu um cenário de incertezas, violências e perseguições, em diversos setores, desde o início do golpe de Estado. A UnB, com uma história recente entre as universidades, sofreu com pelo menos quatro invasões que ocorreram nas diferentes fases do regime ditatorial. É em razão, especialmente, de uma dessas invasões, a de 1977, perpetrada pelo governo civil-militar para barrar as mobilizações estudantis que retornavam e estavam se espalhando pelo país, que nasceu a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, que tinha como foco principal a democratização da universidade e a defesa dos direitos dos docentes. Durante esse período, diversas organizações, entre elas a ADUnB, desempenharam papel crucial na resistência à repressão, lutando pela preservação dos direitos humanos e da liberdade acadêmica. Mesmo diante dessas adversidades, os sindicatos de professores permanecem como pilares fundamentais na defesa dos interesses da comunidade educacional e no aprimoramento do sistema de ensino.

Vários sujeitos desempenharam papéis significativos na articulação dessa iniciativa. Entre eles, destacam-se os professores por seu engajamento nas lutas em defesa dos direitos trabalhistas e na promoção de uma visão específica para a universidade durante o período de

transição política. Além deles, os estudantes também contribuíram para a criação e a consolidação da ADUnB, apoiando a causa dos professores e participando ativamente das mobilizações e debates em prol da democratização e autonomia da universidade. Essas ações foram fundamentais para estabelecer a ADUnB como uma importante entidade representativa dos docentes da UnB, influenciando diretamente no curso dos acontecimentos na instituição durante a abertura política no país.

A redemocratização foi impulsionada por uma série de movimentos sociais e políticos que, no âmbito educacional, pressionaram por reformas na educação superior e pela defesa da universidade como espaço de produção e disseminação do conhecimento livre de interferências externas. Por meio de debates, assembleias, manifestações e outras formas de mobilização, a comunidade acadêmica da UnB contribuiu ativamente para a construção de um ambiente universitário mais democrático e inclusivo.

Para além disso, a redemocratização da UnB também envolveu a revisão de normas internas, a adoção de políticas de inclusão e diversidade, o fortalecimento dos órgãos colegiados e a promoção de uma cultura institucional pautada nos valores democráticos e no respeito aos direitos humanos. Essas mudanças levaram à consolidação da UnB como instituição de ensino superior comprometida com a excelência acadêmica, a pluralidade de ideias e o desenvolvimento social e cultural do país.

Concluimos que a ADUnB promoveu inúmeros avanços durante seus quatro anos de atuação, de 1978 a 1982, na Universidade de Brasília. Gradualmente, mesmo sob o regime militar, os docentes conquistaram direitos que haviam sido reprimidos por uma ditadura que impunha sua visão autoritária no *campus* universitário e se notabilizava por gestões oligárquicas que limitavam a participação da comunidade acadêmica nos processos decisórios da UnB.

A criação da ADUnB melhorou as relações entre os docentes e enriqueceu a aprendizagem. Eles aprenderam a discutir em conjunto, a ouvir o outro e a respeitar diferentes pontos de vista, independentemente das concepções político-pedagógicas em debate. As discussões em reuniões e assembleias foram essenciais para que expressassem seus anseios, preocupações, questionamentos e sugestões em relação à universidade. Isso instigou os docentes da UnB a participarem do movimento em prol das lutas em defesa da categoria, que se uniu nacionalmente em torno da criação de uma entidade representativa, desse modo demonstrando a força das associações docentes.

No curso de sua história, a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) se tornou uma das principais vozes da sociedade civil na resistência àquele estado

de coisas e se postou pela manutenção do ensino superior público, gratuito e de qualidade no país, somando-se à luta democrática travada pela sociedade brasileira contra o regime ditatorial. Essas lutas resultaram na consolidação de uma associação forte em defesa dos docentes e de uma universidade democrática, possibilitando ações pensadas em conjunto pela comunidade acadêmica, como ocorreu nas eleições diretas para reitor da UnB em 1985.

Atualmente, a ADUnB destaca-se como uma entidade consolidada e reconhecida pela reitoria da UnB, com sede estabelecida no *Campus* Universitário Darcy Ribeiro. Desde a criação de uma diretoria provisória, a ADUnB já foi gerida por 22 diferentes diretores, estando atualmente sob a administração da Prof.^a Dr.^a Eliene Novaes Rocha, que tem a distinção de ser a quinta mulher a ocupar a presidência do sindicato. A entidade é formada por 10 professores, dos quais 7 são titulares e 3 são suplentes. Todos têm participação efetiva no sindicato, sem distinção de papéis, o que assegura coesão na liderança, previne divisões e promove uma dinâmica democrática.

A ADUnB direciona seus esforços à abordagem de questões cruciais, com um destaque especial para a aproximação do sindicato às demandas reais da categoria, como salários e condições de trabalho. Essa aproximação visa a retomada de debates essenciais que haviam sido negligenciados, incluindo campanhas salariais e a participação em lutas significativas como as de reestruturação da carreira e a liberdade de greve. Desde 2018, a prioridade tem sido trazer para o sindicato as questões concretas que afetam diretamente os docentes como aposentadoria, carreira, salário e condições de trabalho, tanto do ponto de vista da articulação política com o ANDES e outros órgãos quanto em termos jurídicos, oferecendo suporte legal adequado à categoria.

Outro aspecto fundamental tem sido a relação sinérgica com o sindicato nacional, especialmente após uma década de participações mais formais nas ações do ANDES. A conquista do PROIFES evidencia a importância desse alinhamento, que consolida essa entidade como o principal espaço de lutas e representação em âmbito nacional. Essas estratégias refletem um compromisso renovado, não apenas com as necessidades imediatas dos docentes, mas também com a fortificação do Sindicato como agente de mudança e defesa dos direitos da categoria, demonstrando um alinhamento estratégico essencial para o fortalecimento e a unidade da luta docente em um contexto mais amplo.

Por fim, a ADUnB tem revitalizado sua articulação política, não apenas externamente, mas também internamente, estreitando laços com segmentos diversos da universidade como o Sindicato dos Trabalhadores da Fundação de Brasília (SINTFUB) e o corpo estudantil. Esse esforço visa a colaboração construtiva com a Reitoria, sempre que possível, e uma postura

crítica, quando necessária para o enfrentamento dos desafios políticos contrários aos interesses da comunidade acadêmica. O objetivo principal é fomentar a unidade dentro do próprio sindicato e com outras forças políticas da universidade, criando uma frente unificada de luta. A realização de atos unificados de docentes, servidores administrativos e estudantes simboliza essa reconexão e reestruturação, e reflete o compromisso da ADUnB de combater o enfraquecimento da militância sindical e reafirmar seu papel crucial na defesa dos direitos e na promoção de melhorias para toda a comunidade acadêmica.

Existem diferentes formas de se recompor criticamente a história da ADUnB. A periodização que escolhemos buscou abranger as lutas travadas pelos dirigentes da entidade que entrevistamos desde sua criação até 1982, apresentando algumas facetas desse processo histórico que nos ajudaram a produzir uma visão crítica sobre o papel do sindicalismo docente na contemporaneidade e a compreender a sua importância no curso mais geral da história da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Admário Luís de. **Cristovam Buarque e a UnB: a (re) definição do papel social da universidade (1985-1989)**. 245f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **O que é sindicalismo?** 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AQUINO, Maria Aparecida de Aquino. Brasil: Golpe de Estado de 1964. Que estado, país, sociedade são esses? Cultura e Poder: O golpe de 1964 - 40 anos depois. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v.29, n.01, Jul 2004. p.87-105. Disponível: https://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria29_01.pdf. Acesso: 20 jul 2023

ARQUIVO NACIONAL. SIAN: Sistema de Informações do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/oliveira-juscelino-kubitschek-de>. Acesso em: 02 out 2023

BAUER, Carlos. **Contribuição para a história dos trabalhadores brasileiros**. A hegemonia vermelha. São Paulo: Edições Pulsar, 1995.v.II.

_____, Educação Brasileira – Itinerários históricos e filosóficos. **EccoS – Rev. Cient.**, vol.9. n. 1, jan-jun 2007. p.11-14. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/issue/view/v9n1>. Acesso em 25 jul 2023.

_____, Apontamentos sobre a produção do conhecimento científico e a construção do conceito de historicidade. **Revista História & Ensino**, v. 18, n.1, Jan-Jun 2012 a. p. 71-87. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11706>. Acesso em 25 jul 2023.

_____, **A natureza autoritária do estado no Brasil contemporâneo: elementos de história e questionamentos políticos**. São Paulo: Editora José Luis e Rosa Sundermann, 2012b.

BAUER, Carlos; DINIZ, Cássio; PAULISTA, Maria Inês (org). **Sindicalismo e Associativismo dos Trabalhadores em Educação no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

BOMENY, Helena. Universidade de Brasília: filha da utopia de reparação. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v.31, n. Especial Sociedade e Estado 30 anos, 2016. p. 1986-2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3399/339950940009.pdf>. Acesso em 25 jul 2023.

CAMARGO, Juliana Marques de Carvalho. **Invasão, repressão e violência: uma análise da cobertura do jornal Correio Braziliense sobre as invasões da Universidade de Brasília durante o regime militar**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP, Araraquara, 2022.

CAMARGO, Murilo S. de; LAZARTE, L. O Plano Orientador da Universidade de Brasília de 1962 e suas repercussões na universidade brasileira atual. In: **Diálogos entre Darcy e Anísio** - O projeto da UnB e a educação brasileira. 1 ed. Brasília, DF: Verbena Editora, 2012, v.1, p. 167-217.

COMISSÃO DA VERDADE DO ANDES-SN. **Relatório final da pesquisa: a ditadura empresarial-militar nas universidades públicas brasileiras.** Brasília: Imprensa ANDES-SN, 2020.

CUNHA, Luis Antônio. Desenvolvimento desigual e combinado no ensino superior – Estado e mercado. Campinas: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 88, out 2004. p. 795-817. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/g5KbJp9RCcHCtXnQhHJwvJN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 ago 2023.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior.** 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

DAL ROSSO, Sadi. **Contribuição para a teoria do sindicalismo no setor da educação.** 2009. Disponível em: <https://redeaste.irice-conicet.gov.ar/sites/default/files/Dal%20Rosso.pdf> . Acesso em 16 jul 2023

DAL ROSSO, Sadi. Elementos para a teoria do sindicalismo no setor da educação. In: Dal ROSSO, S. **Associativismo e sindicalismo em educação** - Organização e lutas. Brasília: Paralelo 15, 2011. p.17-28.

DIAS, Marco Antonio Rodrigues. **UnB e comunicação nos anos 1970: acordo tático, repressão e credibilidade acadêmica.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

DONATONI, Alaíde Rita. **Trajetória do movimento docente do Ensino Superior: um resgate histórico da origem e desenvolvimento da ANDES.** 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP,1999.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968. **Educar em Revista**, n.28, dez 2006. p. 17-36. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/yCrwPPNGGSBxWJcmLSPfp8r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 jun 2023.

FERREIRA, Amarílio. **Sindicalismo e proletarização: a saga dos professores brasileiros.** São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Historia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo

FERREIRA, Amarílio; BITTAR, Marisa. A ditadura militar e a proletarização dos professores. Campinas, SP: **Educ. Soc.**, Campinas, 2006. v.27. p.1159 – 1179.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. Somos todos trabalhadores em Educação? Reflexões sobre identidades docentes desde a perspectiva de sindicalistas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, mai-ago 2007. p.225-240, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/8jJ6XfZjQ9JLpmQVSbrhtyn/abstract/?lang=en>. Acesso em 10 ago 2023.

FERREIRA, Rafael Leite. **O novo sindicalismo urbano em Pernambuco (1979-1984): entre mudanças e permanências.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São

Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2022.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional.** In FAZENDA, I. Metodologia da pesquisa educacional. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FONSECA, Dirce Mendes da. **A ideia da Universidade de Brasília: uma análise do discurso.** Caderno *Linhas Críticas*, Brasília, v. 3, 1997. p 3-4. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v3i3-4.2613>. Acesso em 12 jul 2023.

GALVÃO, Marisa Nunes. **Sindicalismo e universidade** – trabalho, ciência e democracia na construção do movimento sindical nas universidades estaduais paulistas. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília.** Brasília: Senado Federal, 2000.

LACERDA, Gislene Edwiges de. **As esquerdas entre os estudantes: memórias dos militantes juizforanos durante a transição democrática brasileira (1974-1984).** 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF, Juiz de Fora, 2010.

LOMBARDI, José Claudinei. História e historiografia da educação no Brasil. In: Conferência apresentada no **III Colóquio do Museu Pedagógico**, 2003, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. Bahia. Disponível em: http://histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis14/art4_14.pdf. Acesso em: 20/07/2023

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Verbete Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Dicionário Interativo da Educação Brasileira.** São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/manifesto-dos-pioneiros-da-educacao-nova/>. Acesso em 12 jul 2023.

NÓVOA, Antônio. **Le temps des professeurs.** Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987. v. 2

NÓVOA, Antônio. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, 1999. v. 25. p. 11-20.

OLIVEIRA, Dalila. Andrade . **Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil.** Curitiba: Editora UFPR, Curitiba, 2010. p. 17-35.

PEREIRA FILHO, Sebastião Carlos. **Da Confederação de Professores do Brasil (CPB) à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE): história da organização político-sindical dos trabalhadores em educação brasileiros (1983 a 1991).** 2019. 246f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho/ UNINOVE, São Paulo, 2019.

POERNER, Artur José. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. 4 ed. São Paulo: Centro de Memória da Juventude, 1995.

RAMOS, Murilo César. **Sonho e realidade – o movimento docente na Universidade de Brasília (1977-1985)**. 2 ed. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2021.

RÊSES. Erlando da Silva. **De vocação para professor: organização sindical docente e identidade social do professor**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação da Universidade de Brasília - UnB, DF, 2008. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1149/1/TESE_2008_ErlandoDaSilvaReses.pdf. Acesso em 27 set 2023.

RIBEIRO, Darcy. Universidade de Brasília. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v.36, n.83, jul-set. 1961. p. 161-230. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/fran/artigos/unbdarci.html>. Acesso em: 25 jul 2023.

RIBEIRO, Darcy. **A UnB na Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados em sessão do dia 09/05/1963**. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1963.

_____, **UnB, invenção e descaminho**. v.3. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.

_____, **Universidade para quê?** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

_____, **Carta: falas, reflexões, memórias/ informe de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro**. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1991

_____, **Confissões**. Rio de Janeiro: Companhia da Letras, 1997.

_____, **Testemunho**. Brasília: Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

RIBEIRO, Ramaiana. **UnB 1977: o início do fim**. Brasília: Paralelo 15, 2009

SALMERON, R. **A universidade interrompida: Brasília 1964-1965**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas do Brasil**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2010.

SINPRO. Estatuto do Sindicato dos Professores no Distrito Federal, 2010. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2014/11/estatuto-do-sinpro-df.pdf>. Acesso em 10 jan 2024.

SILVA, Luiz Heldebrand Pereira da. A universidade e o cinquentenário do golpe civil militar de abril de 1964. In: VALLE, M.R. **1964-2014: golpe militar, história, memória e direitos humanos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p.63-89

SOUZA, Antonio Carlos Andrade de. **Formação sindical do SINPRO-DF com a CUT: processo histórico de construção de uma hegemonia**. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, DF,

2020.

TAVARES, Manuel. Contribuições para a história do sindicalismo docente em Portugal: dos grupos de estudo à afirmação e crise do movimento sindical docente. **Education Policy Analysis Archives/Archivos Analíticos de Políticas Educativas**, Arizona, v.22, n.37, , Mai 2014. p.1-24.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e universidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1988.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO Caio Navarro de. Zeferino Vaz: um reitor de direita que protegia as esquerdas?. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v.07, n.02, dez 2015. p.116-132.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano Orientador da Universidade de Brasília**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade**. Brasília: Fac Livros, 2015.

ZEQUERA, Luz Helena Toro. **História da educação em debate: as tendências teórico-metodológicas na América Latina**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2006

Legislação

BRASIL. **Lei no 3.998**, de 15 de dezembro de 1961: Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências. Brasília

_____. **Decreto n° 500** de 15 de janeiro de 1962. Institui a Fundação Universidade de Brasília.

_____. **Decreto n° 1.972** de 12 de dezembro de 1962. Aprova o Estatuto da Universidade de Brasília.

_____. **Decreto n° 1278** de 12 de dezembro de 1962. Aprova o estatuto da Universidade de Brasília.

_____. **Lei n° 4.464** de 9 de novembro de 1964. Dispõe sobre os Órgãos de Representação dos estudantes e dá outras providências.

_____. **Lei n° 5540** de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências.

_____. **Decreto n° 477** de 26 de fevereiro de 1969. Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências.

_____. **Decreto n° 6.6541** de 8 de maio de 1970. Aprova o novo Estatuto da Universidade de Brasília.

_____. **Lei n° 4330** de 1 de junho de 1974. Regula o direito de greve, na forma do art. 158, da Constituição Federal.

_____. **Lei n° 6.680** de 16 de agosto de 1979. Dispõe sobre as relações entre o corpo docente e a instituição de ensino superior, e dá outras providências.

_____. **Lei n° 6.733** de 4 de dezembro de 1979. Dispõe sobre a nomeação dos dirigentes das fundações instituídas ou mantidas pela União.

Reportagens consultadas

180 PROFESSORES DEIXAM A UNB. **Correio Brasiliense**, n.1652, p.01, 19 out. 1965. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_01&pasta=ano%20196&pesq=universidade%20de%20bras%C3%ADlia&pagfis=20594. Acesso em: 16/07/ 2023

ADUNB PROTESTA CONTRA PERMANÊNCIA DO REITOR. **Correio Brasiliense**, n° 6313, p. 11, 23 mai 1980. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=5603. Acesso em 15 jan 2024.

ADUNB RECLAMA MELHORES SALÁRIOS. **Correio Brasiliense**, n° 7004, p. 13, 29 abr 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20c3%adlia%22&pagfis=29446. Acesso em 15 jan 2024.

ADUNB VÊ UNIVERSIDADE SENDO ESVAZIADA. **Correio Brasiliense**, n° 7167, p. 13 09 out 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20c3%adlia%22&pagfis=35239. Acesso em 15 jan 2024

ADUnB. **Correio Brasiliense**, n° 7197, p.09, 09 nov 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20c3%adlia%22&pagfis=36398. Acesso 15 jan 2024.

ALUNOS ASSUMIRAM A REPROVAÇÃO NA UNB. **Correio Brasiliense**, n° 7162, p. 06, 04 out 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20c3%adlia%22&pagfis=35059. Acesso em 15 jan 2024.

AS GREVES NA UnB. **Correio Brasiliense**, n° 6968, p.12, 20 mar 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20c3%adlia%22&pagfis=28116. Acesso em: 15 jan 2024.

ATÉ O MOMENTO PROMESSAS. **Correio Brasiliense**, n° 7169, p 05, 11 out 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20C3%20adlia%22&pagfis=35331. Acesso em 15 jan 2024

AZEVEDO DIZ QUE CONTINUA NA UNB. **Correio Brasiliense**, n° 6312, p. 15, 22 mai 1980. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20C3%20ADlia%22&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=5567. Acesso em 15 jan 2024

BANDEJÃO REABRE SEGUNDA. TERÇA, DECIDE-SE NOVA GREVE, **Correio Brasiliense**, n° 6968 p.12, 20 mar 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20C3%20adlia%22&pagfis=28116. Acesso em: 15 jan 2024.

DIRETORIA ELEITA DA ADUNB PROMETE LUTA. **Correio Brasiliense**, n° 7229, p. 13, 11 dez 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20C3%20adlia%22&pagfis=37588. Acesso 15 jan 2024.

GREVE GERAL PELA REVOGAÇÃO DAS PUNIÇÕES, **Correio Brasiliense**, n° 5243, p.01, 01 jun 1977. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%20197&pesq=universidade%20de%20bras%20C3%20ADlia&pagfis=88846. Acesso em 17/07/2023

GREVISTA NO CONGRESSO. **Correio Brasiliense**, n° 6499, p. 11, 26 nov 1980. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20C3%20adlia%22&pagfis=12865. Acesso em 15 jan 2024.

NOME NOVO. **Correio Brasiliense**, n. 5306, p. 05, 02 ago 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_02&Pesq=%22Univrsidade%20de%20Bras%20C3%20adlia%22&pagfis=90256. Acesso em: 01 ago 2023.

O REITOR E A GREVE. **Correio Brasiliense**, n° 7214, p. 11, 26 nov 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20C3%20adlia%22&pagfis=37052. Acesso 15 jan 2024.

ORDEM NAS UNIVERSIDADES. **Correio Brasiliense**, n° 5302, p. 05, 29 jul 1977. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%20197&pesq=universidade%20de%20bras%20C3%20ADlia&pagfis=92772. Acesso em: 17/07/2023

POLICIA INVADE UNIVERSIDADE EM BRASÍLIA: QUATRO FERIDOS. **Correio da Manhã**, n° 23126, p. 01, 30 ago. 1968. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano%20196&pesq=universidade%20de%20bras%C3%ADlia&pagfis=95078. Acesso em: 16 Jul 2023

PROFESSOR CONDENA OS QUE SE OCULTAM NA PROVOCAÇÃO ANÔNIMA. **Correio Brasiliense**, n. 5306 p. 08, 02 ago 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_02&Pesq=%22Universidade%20de%20Bras%c3%adlia%22&pagfis=90259. Acesso em: 19 mar 2023

PROFESSOR DA UNB LUTA POR MAIORES SALÁRIOS. **Correio Brasiliense**, n° 6983, p. 12, 07 abr 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%c3%adlia%22&pagfis=28726. Acesso em 15 jan 2024.

PROFESSORES DA UnB TÊM ASSEMBLEIA. **Correio Brasiliense**, n° 7196, p. 1, 08 nov 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%c3%adlia%22&pagfis=36342. Acesso 15 jan 2024.

PROFESSORES DA UNB TENTAM RESOLVER CRISE EM REUNIÃO. **Jornal do Brasil**, n. 114, p. 19, 31 jul. 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=%22Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=102579. Acesso em: 19 mar 2023

PROFESSORES DECIDEM GREVE NAS URNAS, **Correio Brasiliense**, n. 7199, p. 9. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%c3%adlia%22&pagfis=36470. Acesso em 15 jan 2024

PROFESSORES PODEM IR A GREVE GERAL. **Correio Brasiliense**, n° 7174, p. 11, 16 out 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%c3%adlia%22&pagfis=35497. Acesso em 15 jan 2024

PROFESSORES SÓ VOLTAM NA SEGUNDA. **Correio Brasiliense**, n° 7193, p. 10, 05 nov 1982. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%c3%adlia%22&pagfis=36212. Acesso 15 jan 2024.

PROFESSORES VÃO HOJE À MINISTRA. **Correio Brasiliense**, n° 7173, p. 04, 15 out 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%c3%adlia%22&pagfis=35470. Acesso em 15 jan 2024

REITOR DA UNB PODERÁ PUNIR PROFESSORES, **O Globo**, p. 06, 02 ago 1977. Disponível em:

https://duyt0k3aayxim.cloudfront.net/PDFs_XMLs_paginas/o_globo/1977/08/02/01-primeiro_caderno/ge020877018ECO1-1234_g.jpg. Acesso em: 01 ago 2023

REITOR DEBATE COM ALUNOS E ESTRANHA GREVE. **Correio Brasiliense**, n° 7193, p. 10, 05 nov 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20c3%20adlia%22&pagfis=36212. Acesso 15 jan 2024.

REPRESENTAÇÃO POLITICA NO DF. **Correio Brasiliense**, n° 6279, p.13, 19 abr 1980. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20C3%20ADlia%22&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=4158. Acesso em 15 jan 2024.

SITUAÇÃO ACADÊMICA DA UNB É DEBATIDA DURANTE TRÊS HORAS POR 150 PROFESSORES. **Jornal do Brasil**, n. 116, p. 22, 02 ago 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=%22Universidade%20de%20Bras%20C3%20ADlia%22&pasta=ano%201977&hf=memoria.bn.br&pagfis=102789. Acesso em: 19 mar 2023

UNB: PROFESSORES VOLTAM AS AULAS. **Correio Brasiliense**, n° 7226, p. 12, 08 dez 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20c3%20adlia%22&pagfis=37493. Acesso 15 jan 2024.

UNIVERSIDADE FECHADA? ADUNB DIZ QUE UNB ESTÁ DISTANCIADA DA COMUNIDADE E CADA VEZ MAIS ELITIZADA. **Correio Brasiliense**, n° 7126, p. 13, 26 ago 1982. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=%22ADUnB%22%20%22Universidade%20de%20Bras%20c3%20adlia%22&pagfis=33612. Acesso em 15 jan 2024. Acesso em 15 jan 2024.

Sites consultados

ADUNB. Site da ADUnB, 2022. Site oficial da associação dos Docentes da Universidade de Brasília. Disponível em: <https://adunb.org/>. Acesso em 10 abr 2022.

BIOGRAFIA DARCY RIBEIRO. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/biografia>. Acesso: 09 set 2023.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Site da Hemeroteca. Plataforma de pesquisa de jornais e revistas nacionais. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 10 abr 2022.

LUSTOSA, Daniel. Volnei Garrafa torna-se Professor Emérito da UnB. UnB notícias, 2022. Disponível em: <https://noticias.unb.br/39-homenagem/6106-volnei-garrafa-torna-se-professor-emerito-da-unb>. Acesso em: Acesso em: 15 jan 2024.

MENEZES, Ebenezer Takuno, Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Educabrazil, 2001. Disponível em: <https://www.educabrazil.com.br/manifesto-dos-pioneiros-da-educacao->

nova/. Acesso em: 09 set 2023.

MORRE O EX-REITOR JOÃO CLAUDIO TODOROV, UNB NOTÍCIAS, 2021. Disponível em: <https://noticias.unb.br/39-homenagem/5084-morre-o-ex-reitor-joao-claudio-todorov>. Acesso em 15 jan 2024.

NOTA DE PESAR - PROFESSOR JOSÉ CAMARGO DA COSTA. UnB Departalemnto de Engenharia elétrica, 2018. Disponível em: <http://www.ene.unb.br/index.php/institucional/noticias/64-nota-de-pesar-jose-camargo-da-costa> . Acesso 15 jan 2024.

O SISTEMA DE CÁTEDRAS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS. UNESP, 2023. Disponível em: <https://www.ict.unesp.br/#!/sobre-o-ict/institucional/historia/decada-de-50-e-60/sistema-de-catedras-e-a-reforma-do-ensino-no-brasil-em-1968/>. Acesso em: 10 set 2023.

SAIBA QUEM FOI ANÍSIO TEIXEIRA E CONHEÇA SEU LEGADO. Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/saiba-quem-foi-anisio-teixeira>. Acesso em: 09 set 2023.

SINPRO-DF. Site do SINPRO-DF, 2024. Site oficial do Sindicato dos professores do Distrito Federal. Disponível: <https://www.sinprodf.org.br/>. Acesso em 10 jan 2024.

UNB, Site da UnB, 2022. Site oficial da Universidade de Brasília. Disponível: <https://www.unb.br/> . Acesso 10 abr 2022

Revisão de literatura

GABRIEL, André Luís. **História da gênese do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro (SINPRO-Rio) em tempos de modernização conservadora do capitalismo no Brasil (1871–1931)**. 305f Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, SP, 2022.

GUINOSSI, Viviane Belizário de Freitas. **Conflito, resistência e solidariedade na história da educação pública paulista: um estudo sobre a ocupação da Alesp pelos professores durante a greve de 1993**. (2019). 412f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, SP, 2019.

MELLO, Isabella Delcorso Cury de. **As raízes históricas e a consolidação política da Internacional da Educação (IE) [1912-1993]**. 359f.Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, SP, 2022

MORAES, Carin Sanches de. **História concisa do Sindicato dos Professores do ABC (1984-1990)**. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, SP, 2019.

OLIVEIRA, Victor Fernando Ramos de. **Sindicalismo docente: a participação sindical dos professores da rede municipal de Castanhal-PA no SINTEPP**. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, PA, 2019.

PEREIRA FILHO, Sebastião Carlos. **Da Confederação de Professores do Brasil (CPB) à**

Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE): história da organização político-sindical dos trabalhadores em educação brasileiros (1983 a 1991). 365f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, SP, 2019.

SOUZA, Antonio Carlos Andrade de. **Formação sindical do SINPRO-DF com a CUT:** processo histórico de construção de uma hegemonia. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, DF, 2019.

VAZ, Marta Rosani Taras. **Sindicalismo docente e as particularidades organizativas, ideológicas e reivindicativas do magistério público municipal.** 249f. Tese (Doutorado em Educação) Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, 2020.

VICENTE, Héliida Balardini Lança. **História do sindicato dos professores de São Paulo (SINPRO-SP) em tempos de conflitos sociais e expansão do ensino privado (1975-1985).** 769f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, SP, 2019.

ANEXOS

ANEXO A

As perguntas trazem uma contextualização prévia histórica dos períodos demarcados, entre o final da década de 1970 até a decretação da primeira greve em 1982, e serão dirigidas aos participantes do processo de construção da ADUnB. A própria construção da ADUnB é uma construção de pessoas que mesmo se arriscando, desafiando o sistema, tiveram coragem de enfrentar e criar uma associação, numa universidade muito visada, por estar no centro do poder e numa ditadura, num projeto de universidade diferente dos que os governos civis-militares instalados em 1964 desejavam.

Entrevista Prof. Dr José Carlos Balthazar, realizada em 30 de Maio 2023 - Brasília.

Entrevistador: Thabata Lea Maier e Prof. Dr^o. Carlos Bauer

Trajetória na ADUnB:

Diretoria Provisória - 1978 - 2^o secretário.

2020 – 2022 – Suplente para a secretaria

Thabata Maier e Carlos Bauer – Para começar, gostaria de agradecer a sua disposição de colaborar com a construção do nosso trabalho acadêmico que está empenhado e recuperar a história dos movimentos políticos associativistas e sindicais dos trabalhadores da educação, como também procurar preservar a memória de todos os ativistas. Antes de iniciarmos a entrevista eu gostaria que o senhor falasse um pouco mais sobre você, seu nome completo e sua formação e onde está atuando nesse momento.

José Carlos Balthazar - Bom meu nome José Carlos Baltazar, eu sou engenheiro mecânico formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1972, depois eu fiz pós-graduação, fiz mestrado na Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1973-1974. Mais tarde fiz doutorado na Imperial College de Londres e 1979 a 1983 e também fui pesquisador visitante no laboratório Nacional de física da Inglaterra em 1994 -1995, antes de vir para UnB, trabalhei em manutenção aérea, trabalhei na Varig durante três anos, depois isso aí um pouquinho antes De eu me formar, e depois então na pós-graduação na PUC. Eu recebi o convite para vir para a UnB e vim para cá em 1974 para trabalhar no departamento de engenharia mecânica, professor da área de sistemas mecânicos, de lá eu trabalhei na engenharia mecânica até 2008 e em 2008 eu fui convidado para ser o Vice-Reitor da

Universidade lá da UnB no período da Pró-Reitoria Pró-Tempore, então ai eu sai do departamento, e na volta quando terminou o período de Reitoria Pró-Tempore em dezembro de 2008, o diretor da minha faculdade convidou a gente, nós estávamos no processo de expansão, me convidou para coordenar implementação de um curso de Engenharia de Produção, que eu tinha algumas ligações também, embora não fosse exatamente minha área de atuação, mas eu sempre tinha trabalho, tinha ligações com a parte da Engenharia de Produção, então junto com outros colegas começamos os trabalhos. De 2009 a 2014 eu trabalhei nessa tarefa, fora aí alguns momentos que eu ocupei cargo na administração da Universidade, na reitoria, mas eu trabalhei nessa área de Engenharia de Produção, até me aposentar em 2014, basicamente fui levado a aposentaria por problemas de saúde, eu não cheguei a me aposentar por incapacidade não, mas eu tinha um problema de saúde relativamente sério, que estava atrapalhando no trabalho. Então depois aí 45 anos 40 anos só de UnB eu me aposentei, e estou aqui até hoje.

Você participou de algum movimento estudantil? Quais eram as principais bandeiras do movimento Estudantil do seu tempo do Estudante?

Bom eu comecei a minha atividade estudantil ainda no colégio no curso secundário, eu fiz colégio no Colégio Estadual Júlio Castilhos em Porto Alegre que era reconhecido como um colégio de elevado nível e também muito ativo nessas questões de movimento estudantil. Então logo que eu entrei, se deu em 1964 constantemente junto com o golpe militar e logo que eu entrei eu comecei a trabalhar atuar dentro do Grêmio Estudantil que a gente tinha na época, em 1966 eu saí, comecei em 1967 a faculdade de engenharia, e transposição foi quase automática no movimento estudantil da secundarista para a participação nas atividades os centros acadêmicos da escola engenharia.

Houve algum tipo de enfrentamento com os golpistas de 1964 que marcou sua vida profissional?

De enfrentamento não, apenas acompanhei a situação que estava acontecendo, conheci pessoas que tiveram problemas, que foram perseguidos uma série de coisas, mas eu pessoalmente não tive problema algum, não exercia atividade estudantil na época que talvez merecesse qualquer preocupação nesse sentido. Poucas participações em passeatas e manifestações, mas nada muito, eu não tinha papel de liderança nenhuma, então não tive problema não.

Quando e como se deu seu ingresso no mundo do trabalho educacional conte-nos um pouco sobre essa militância sindical como ela começou e quais foram os principais embates que porventura tenha participado?

Como eu te falei em 1974 eu fui convidado por colega a vir para UnB na época no meu curso de Tecnologia Mecânica tinha passado por problemas, porque muitos professores tinham se demitido e então havia uma premícia de pessoas para trabalhar na área. Então um dia este meu amigo disse: - *não quer ir trabalhar em Brasília?* (risos)

Como nasceu e se consolidou o movimento sindical docente na UnB?

Bom aí eu tenho que fazer uma resposta um pouco mais elaborada e tomar um pouco mais de tempo, eu tenho que colocar vocês, não sei se o Sadi falou para você ou o Erlando. O Erlando não creio que tenha falado, pois o Erlando é mais novo aqui na UnB, mesmo o Sadi que é mais antigo, mas eu ainda sou bem mais antigo que o Sadi. Veja o seguinte a UnB tem uma característica muito particular nesse aspecto de formação de uma Universidade Brasileira, eu reputo como a UnB como a primeira Universidade Brasileira de fato, tá não a primeira tentativa, mas a primeira Universidade, e eu te explico o porquê. As outras Universidades brasileiras tirando a Universidade do Distrito Federal em 1935, não por acaso foi idealizada pelo Anísio Teixeira, foi uma tentativa de implementar uma Universidade no Brasil que não deu muito certo, em 1938 ela foi fechada acusada de estar cheia de comunistas, e foi incorporada a UFRJ então na época se chamava Universidade do Brasil. E acabou essa tentativa, mas as ideias ficaram e levaram. Então quando, houve a mudança da capital para Brasília se reavivou essa ideia de criar uma Universidade no Brasil, eu falo que as anteriores eu não conto muito como uma Universidade porque a primeira Universidade brasileira que foi a Universidade do Brasil foi fundada em 1920, por uma questão puramente burocrática tá não foi um plano de Universidade, não, eu não sei se você sabe como é que a Universidade do Brasil foi criada? Em 1920 existia no ensino superior no Brasil, bem iniciou em 1508 com a vinda da família Real Portuguesa quando Dom João o príncipe, depois virou Dom João VI, quando ele parou na Bahia e criou a faculdade de medicina, depois foram fundadas outras escolas de Direito: Recife, São Paulo, mais para o fim do século XIX começou a serem fundadas as escolas de engenharia. Mas ainda era instituições de ensino superior, assim isoladas, e em 1920 e alias, contrariando toda uma lógica da colonização das Américas, na América Espanhola as Universidades existem desde o século XVI (1500 e não sei quando) lá do Peru a Universidade de São Marcos foi fundado, depois a Universidade de São Domingos e várias outras, então essa estrutura de uma Universidade já existia na América Espanhola, mas no Brasil por uma série de questões históricas a gente não vai entrar e aprofundar aqui não isso não existiu tá, existia algumas no século XIX, algumas escolas superiores que funcionavam isoladamente, basicamente era Medicina, Direito e Engenharia. Só depois no início do século XX começaram a aparecer algumas outras escolas né, não dizer até do Leite

Lopes, ele dizia que essas escolas essas faculdades foram criadas essas três, porque os colonizadores precisavam de gente que tratasse das doenças deles, precisavam de engenheiro para construir as casas deles e precisavam de advogados que mediassem os conflito entre eles, então forma-se esta gente aí. Mas assim, pensar numa instituição que fosse o centro de produção de conhecimento , para o país isso não existia tá existia formar gente que entende de medicina, entende de engenharia que entendia de lei e cada um atuando no seu quadradinho. Em 1820 isso é folclore tá, é, mas eu já li essa história em vários locais, mas conta se que eu se eu não me engano chamava o Rei da Bélgica que se não me engano chamava Leopoldo, ele tinha uma visita programada ao Brasil era uma visita de Estado e dentre os protocolos lá da visita estava à atribuição de um título de Doutor Honoris Causa, a ele. E aí, antes da visita obviamente o pessoal do governo brasileiro, Itamarati possivelmente, se reuniu. O que é Doutor Honoris Causa? É um título dado por uma Universidade, mas nós não temos nenhuma Universidade (risos) e aí o que é uma Universidade? É um centro de ensino superior que tem várias carreiras de coisas e tal, já tinha no Rio de Janeiro, várias de engenharia, já tinha medicina, já tinha direito, já tinha várias outras, você a então junta tudo aí e vamos formar uma universidade. Então formaram por decreto, quer dizer na realidade pegaram as instituições superiores existentes, criaram uma Reitoria e tá criado, mas nada assim que fosse uma instituição pensada para produzir e difundir conhecimento, que é o papel histórico das Universidades desde o início lá pelo século XIII- século XII. E assim foram, criou-se primeiro que foi a Universidade do Brasil que depois virou Universidade que hoje é o UFRJ, depois em São Paulo no início dos anos 30, 1934 eu creio que foi quando se criou a USP muito dentro de um movimento de reação da Elite paulista contra o Governo Central, produziu alguma coisa, porque também apesar de ter sido formado na mesma ideia, juntando instituições já existentes, mas, se tentou dar uma liga entre elas, criando lá à famosa Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras, quando trouxeram professores estrangeiros para trabalhar e fazer essa ligação de produção foi a primeira vez que se pensou em produção de Ciência, de produção do conhecimento dentro da Universidade.

Então, voltando aos anos 60, aos fins dos anos 50, quando Brasília estava sendo construída, ressurgiu essa ideia, vamos criar uma universidade que seja uma instituição de produção de conhecimento, que seja tudo integrado que não seja um ajuntamento de unidades isoladas, com uma administração fazendo essa forma diferente. E foi retomado a ideia do Anísio Teixeira, que foi usado na Universidade do Distrito Federal em 1935, o Darcy Ribeiro foi um dos grandes mobilizadores, Darcy Ribeiro era uma pessoa incrível, difícil conversar com ele, mas eu o conheci pessoalmente. Ele não parava de falar, mas eu tinha um grande um charme

muito grande, uma capacidade de convencimento extraordinário, então ele conseguiu convencer grande parte da intelectualidade brasileira, vir para Brasília para criar a Universidade de Brasília, e criou no formato completamente diferente, do que se tinha naquela época como Universidade. Ele conseguiu, tem histórias incríveis também que se contam folclóricas, até de como a UnB foi criada, já que eu contei do Rei da Bélgica eu te conto que no início havia uma resistência muito grande do governo até uma universidade em Brasília, porque o governo temia muito o movimento de estudantes, contava até que, por exemplo, o Darcy: - *Pô, eu tô saindo do Rio de Janeiro para me ver livre dos estudantes você quer trazer estudantes para cá* (risos). Ai é, conta-se a história que o de o convencimento do Juscelino para apoiar a instalação da UnB, foi uma conversa que ele teve em um voo, é o parece, eu soube dessa história por uma pessoa que foi ligada por parentesco, ao então chefe que tinha um alto cargo lá no Governo, não me lembro, se era Casa Civil, ou se era secretário, tinha um cargo que era muito alto, como era o nome do sujeito? Era um escritor que ocupava o cargo, eu não me lembro de exatamente esta me falhando a memória o nome dele, e que queria também apoiava essa ideia de criar uma Universidade em Brasília, eis que em um voo ele chegou pro Juscelino e disse: - *Presidente, você sabe, você já ouviu falar do Thomas Jefferson, segundo presidente dos Estados Unidos? Signatário da declaração de independência dos Estados Unidos?* Ele disse: - *Sei, Sei. Pois é, você sabe o que tá escrito na lápide no túmulo dele? Ele não colocou lá que foi signatário da declaração da Independência, nem que foi o segundo Presidente dos Estados Unidos, nada! Ele só pediu que colocasse lá fundador da Universidade da Pensilvânia.* Juscelino provavelmente, na vaidade dele topou. E aí o processo passou a ser elaborado, e o ato a proposta de criação da Universidade de Brasília foi o primeiro documento oficial assinado em Brasília após a transferência da capital para Brasília, que foi a proposta de criação da UnB. Que começou a operar em 1962 com essa proposta completamente revolucionária, o Darcy dizia que a UnB foi criada em cima de duas lealdades, a lealdade aos padrões internacionais do saber e a lealdade ao povo brasileiro na procura de solução para os seus problemas. Ele imaginava que era uma Universidade que ia pensar o Brasil, que ia propor e resolver soluções e gerar também pessoal qualificado para a burocracia governamental. É uma Universidade na Capital Federal, portanto é uma Universidade para o Brasil, não é uma Universidade para Brasília, não é uma Universidade para o Distrito Federal, é uma Universidade para o Brasil. E começou a ser implantado foi um entusiasmo muito grande, como eu te disse ele tinha uma capacidade de convencimento muito grande, ele convenceu muita gente a vir para cá, muita gente boa, e começou o processo de implementação que infelizmente teve um acidente grave

em 1964, e por causa disso eu te digo que a UnB , não tem a mesma situação das outras Universidades, eu vejo a UnB com uma única Universidade Brasileira que foi perseguida durante ditadura, mas sofreu uma perseguição institucional. Nas outras Universidades, como aconteceu na USP por exemplo, houve pessoas, docentes famosos que foram perseguidos que foram, mas assim uma pressão direta sobre a instituição, isso não é do meu conhecimento ter existido, na época era aluno lá na (inaudível) 1974, e, sei eu soube de várias professores que foram demitidos. Mas assim, eram pessoas, a repressão política é direcionada a pessoas, a figura de determinadas pessoas, não há instituição, é claro que isso tenha tido suas consequências. Alguns desses professores foram demitidos por um acaso vieram para UnB. E exatamente por ter vindo para UnB, que chamou atenção como que os milicos: - *Pomba! Eu tiro esses cara lá da zona e vocês levam para Brasília? Exatamente para o meu quintal?* Ai começou a grande pressão política que foi a origem, da primeira grande crise da UnB, que foi a crise em 1965, onde foram demitidos os 16 professores, inclusive alguns desses que tinham vindo para cá, houve uma reação às pessoas que estavam aqui eram pessoas de grandes respeitabilidade, que acabou gerando, o Darcy chamava de a grande diáspora, que foi a demissão de praticamente todos os professores da universidade, acho que a Universidade tinha na época duzentos e poucos professores 200 e tantos se demitiram. E aí foi então realmente, foi um desastre muito grande. Mas quando eu te digo que ouve uma grande repreensão e repressão institucional, foi por causa disso. Porque dali para frente, embora as ideias permanecessem, essas ideias de ter uma Universidade ativa, Universidade dinâmica, que pensasse o país uma Universidade que produzir esse conhecimento, saíram esses 200 professores, e ai acharam outros, e disseram vai começar o processo de substituição. Mas esses outros que vieram também assumiram aquela ideia, aquele ideal de construir uma Universidade e isso foi o pivô de várias crises , a Universidade de Brasília foi vista nesse processo como uma grande ameaça, a elite dirigente do país, é bastante curioso isso, a gente percebe em várias situações, que até hoje se mantém, parece que é um negócio instalado na garganta de muita gente. Por exemplo, nas crises a última grande crise que houve que foi de 2008, e mesmo nessa época O Estadão, o Estado de São Paulo ainda fazia editoriais baixando o cacete na UnB, para você ter uma ideia de como eles viam a UnB como uma grande ameaça, ao Status Core é a situação política do país, o controle da política pela elite dirigente. Não foi à toa que, a única operação Militar do golpe de 64 foi à tomada da UnB. Foi à única e o grande troféu dessa tomada, foi à tomada biblioteca onde eles aprenderam um livro que tava o Vermelho e o Negro de Stendhal tá, não sei se já ouviu essa história.

Sim já ouvi.

E na Reitoria aprenderam a bandeira da China, e o disco com o Hino Nacional Chinês, que era parte de uma coleção dos hinos e bandeiras de todos os países, aqui na Universidade tem cerimônias com estrangeiros, mas acharam que o fato da Bandeira tá lá é uma coisa assim. Foi os professores, colegas que eu tive que presenciaram isso, ficaram estupefatos, porque ele não entendiam como é que eles estavam entrando da Universidade, dentro da UnB, descendo aqui da L2. A direção na época onde era praticamente aqui onde tá agora, estamos agora à parte mais nova, estava em construção lá o ICC ,e um amigo conta, que ouviu: - *Não tem resistência? Não tem nada ?*E eles foram avançando, e alunos e professores assim olhando aquela coisa estranhíssima, aquela coisa estranha, e os militares invadindo da UnB . Bom e aí esse processo continuou houve outras invasões, outros eventos desse tipo em 1968, uma invasão muito grande, que todos os, não sei se já viu ali tem uma quadra de basquete.

Sim

Professores e alunos foram presos naquela quadra e depois, teve mais, umas quatro, cinco invasões e a última que ocorreu foi em 1977. Então, você imagine esse ambiente todo, esse ambiente político que, que foi gerado por toda essa história, e que muita gente principalmente, dos professores que aqui atuavam e resolveram lutar e preservar. Bom, em 1977 estava começando a ver um renascimento do movimento estudantil. Depois aquelas perseguições de 1968, das passeatas, do Decreto Lei 477, tá, não sei se você sabe o que é o 477? É uma legislação que estabeleceu sérias linhas de repressão do movimento estudantil, expulsão de estudantes.

Isso mesmo

Uma série de coisas para você ver, muito amigos meus foram atingidos pelo 477. Então, depois daquela repressão violenta de 1968, a reunião da UNE lá em Ibiúna aquela coisa toda, houve um período de refluxo do movimento estudantil que começou a se rearticular nessa época por volta de 1974/ 1975/ 1976/ 1977, houve uma permissão para reabertura dos diretórios acadêmicos. E então em 1977, os estudantes começaram a se organizar em torno do que era , chamado de o diretório universitário. Em abril, acho que foi abril ou maio não me lembro bem, eles fizeram uma grande manifestação num dia que foi chamado Dia Nacional de Luta, e como consequências desta manifestação conseguiram fazer aqui no campus, foi uma manifestação bastante forte, uma duas dezenas de alunos foram expulsos da Universidade, aí uma crise se instalou mais uma das crises, e eu já estava aqui na UnB nesta época, e até então era uma luta do movimento estudantil dos estudantes contra a administração da Universidade. A administração da Universidade era exercida na época pelo Capitão de Mar e Guerra José Carlos Azevedo, tinha vindo em 68 com interventor na UnB, contasse que a

idéia era acabar com a UnB, fechar de vez com a Unb , mas provavelmente consideraram um custo muito alto para fazer isso, e trouxeram alguém que tinha uma certa familiaridade com a vida acadêmica, o Capitão Azevedo era físico, e tinha doutorado no MTI se não me engano. Então disseram vai lá e resolve este negócio. E o Azevedo veio, e como se sabe o Capitão Azevedo era um homem da ditadura aqui na UnB, e Ele não fugia de nada não. O Capitão Azevedo tinha uma personalidade muito forte, autoritária e fazia e desfazia. Então quando houve esta manifestação dos estudantes, O Capitão Azevedo abriu um processo e acabou com expulsão desse grupo de alunos, e houve reação dos outros e se instalou uma crise muito grande.

No bojo dessa crise, os professores, docentes, começaram a se movimentar, primeiro houve algumas convocações: - *Não vamos discutir o assunto, vamos reunir*. Reunia-se lá no anfiteatro 8 - anfiteatro 8, para discutir situação, o que fazer e foi fazendo várias reuniões. Teve início no meio de uma dessas reuniões nós fomos foi circular para reitoria, fazer uma reunião com o Reitor enquanto nós estávamos lá a Universidade foi invadida pela polícia, quando a gente saiu pela porta da Reitoria, o campus estava todo ocupado por viaturas policiais, foi um negócio assim. Eu vejo claramente na minha frente aquela situação e era uma situação terrível! Porque a polícia chegava, no meio de uma assembleia de estudante, que faziam ali na entrada norte do ICC, os caras chegavam: - *Fulano e beltrano*. Pegava pelo cangote e jogava no camburão, era assim, com os professores foram mais comedidos tá, mas mesmo assim sofreram ameaças, eu mesmo ouvia da parte dessas pessoas, desses policiais, quando entrava lá no anfiteatro para fazer a reunião de professores, eu ouvi várias de uma vez ameaças. Só que nunca implementaram abertamente, quando faziam com os estudantes. Implementaram depois, teve vários professores presos, detidos, e uma série de coisas. Então foi nessa nesse caldo aí que a ideia de criar uma associação prosperou, sabe então isso tudo já foi colocado em recesso, ficou fechado durante meses, depois reabriu já no segundo semestre e com a polícia ocupando o campus. Eu dei aula, por exemplo, com a polícia de metralhadora na porta da sala de aula, era um clima pesadíssimo! Isso já foi no segundo semestre e as conversas , continuaram algumas reuniões começaram ser feitas, primeiro no início clandestinamente, a gente se reunia na casa de uma de outra pessoa, discutia e fomos estabelecendo as bases e na qual a associação deveria ser criada tá. Mais ou menos a gente já tinha um projeto de estatuto e uma série de coisas, marcamos uma assembleia geral convocamos, todos os professores, foi uma assembleia geral, que era impensável fazer aqui dentro do campus, nós tivemos que fazer a assembleia fora do campus lá no auditório da Associação Comercial do Distrito Federal e então em maio 28 mais de 1978, 24 de maio, foi feita, realizou a época compareceram a essa

assembleia eu diria assim em torno de 10 a 15% do dos professores em atividade aqui na UnB tá. A gente definiu o estatuto e elegeu a primeira diretoria da qual eu fiz parte, então fizemos uma diretoria provisória queria implementar a associação. Então, foi o início de toda a trajetória da ADUnB a nossa primeira atividade foi exatamente, nós trouxemos o Darcy Ribeiro e o Oscar Niemayer para fazer um lançamento de livros que ele tinham escrito. Darcy tinha escrito um livro sobre a UnB e então nós temos um lançamento, lá numa livraria lá no centro comercial e depois no dia seguinte fizemos uma reunião com ele, uma palestra com o Oscar e o Darcy lá no auditório do Correio Brasiliense, daí iniciou esse processo, nossa primeira tarefa era consolidar a associação fortalecer e a gente foi fazendo isso aos poucos com o convencimento das pessoas a participarem, no início era muito difícil, porque era uma época de muito medo às pessoas tinham receio, de ir e participar de uma reunião dessa era um ato coragem! Tiveram pessoas que foram demitidas por causa disso, de participar destas atividades, logo em seguida veio à campanha da Anistia do qual a gente se engajou, e várias outras que foram acontecendo. Nesse período, é um período, onde logo em seguida, no fim de 1979, que eu saio da Universidade, eu saio da UnB, vou fazer meu Doutorado no Exterior e fico lá até 1984. Então aí eu fiquei meio, um pouco ausente desse movimento, mas eu sei que aconteceram coisas muito importantes. Foi ai que foi determinado o dia que associação já se considerava um pouco fortalecida e convocou a primeira reunião aqui para dentro do campus, foi um desafio! Vamos fazer uma reunião dentro do campus. Foi feito e depois foi à assembleia, e assim foi sendo feito, o engajamento na luta contra autoritarismo, na luta contra ditadura, principalmente contra o autoritarismo que existia dentro da própria UnB é isso desembocou em greves e foi assim por diante. Porque na época, antes da Constituição de 1988, havia restrições legais para sindicalização de servidores públicos então, a ADUnB era uma associação não era um sindicato, mas nós já lutávamos, já atuávamos de forma sindical é por meio do sindicato dos professores do Distrito Federal. O sindicato permitia e admitia a filiação de professores de universitários e um grande um grupo grande que era o mesmo tempo associada da ADUnB era filiado aos SIMPRO-DF e foi através do SIMPRO-DF que a gente teve lá uma das grandes vitórias nossas que foi a incorporação da URP, que tá até hoje e é objeto de discussão e debate e tem um ofensiva de Governos, todos os Governos lá para frente tentaram tirar e não conseguiram, então, isso foi feito dali em diante. Na Constituição de 1988. Antes disso houve uma proliferação de associações docentes, praticamente todas as universidades criaram suas associações na esteira da nossa. Eu acho que pioneira a ADUnB tem só a ADUSP. Acho que a ADUnB é a segunda associação de docentes formado no país, mas depois começaram a seguir ela começou a aparecer esse movimento se expandiu e

começaram a aparecer associações em todas as Universidades, pelo menos Universidades públicas, que levou em algum momento nos anos 80 eu não me lembro exatamente o ano, porque eu acho que eu não estava aqui, a fundação da ANDES na época a associação também porque não podia ser sindicato. Então a Associação Nacional De Docentes De Ensino Superior, a gente chamava a ANDES, que mais tarde em 1988, uma com uma nova Constituição que permitiu a sindicalização dos Servidores Públicos, a ANDES se transformou então em sindicato nacional e a ADUnB se transformou em uma sessão sindical do ANDES, que é até hoje então esse aí quando difunde, onde aconteceu essa coisa toda.

Muito bem professor. Várias perguntas já foram respondidas, mas para lembrar um pouquinho, no dia 23 de maio o Correio Braziliense publicou uma convocação assinada por 182 professores para Assembleia constituinte da Associação dos docentes da Universidade Brasília

Acho que não era este número que você tem não era 182, era 113, mas eu tenho um colega que tem a cópia dela.

Como e por quem foi este momento articulado, o que ele representava naquela quadra da história do Brasil?

Bom eu te falei este plano de fundo especificamente, representava uma ação de resistência à ditadura e ao autoritarismo implantado dentro da UnB. Ainda tinha muito das ideias do Darcy Ribeiro, da ideia, da proposta iniciação da Universidade apesar de todos os contratempos das crises, a estrutura acadêmica da UnB tinha sido pouco tocada, então a Universidade o cursos ainda funcionavam dentro basicamente da mesma ideia, na época 1968 as Universidades brasileiras elas funcionavam dentro de um esquema, de uma estrutura que tinha eu diria talvez, uma projeção das Universidades da Europa, Univesidade Francesa praticamente como professor catedrático, que era responsável por uma área e ele era o Senhor Feudal daquela área, então e ele que contratava ele que demitiu professores e coisa e tal. E a UnB não teve isso, a UnB já foi criada a partir do início com uma estrutura departamental, e com os cursos organizados em forma de créditos , não tinha mais aquela formulação seriada, a UnB desde o início foi adotou regime de créditos, pouco similar que tinha nas Universidades Americanas, com diferença fantásticas e uma das coisas características principais da UnB na época, era que usa o aluno faz prestar vestibular ele não fazia vestibular como é hoje., hoje o vestibular praticamente não existe mais, mas ele não fazia, não prestava vestibular para um determinado curso, para determinada carreira, o aluno entrava na UnB ele tinha só duas opções na hora de fazer inscrição por vestibular: que era a área de humanidade é a área de ciências. Então ele entrava de fazer uma pré-escolha do curso que desejaria levar mais aquilo não era.

Então os alunos entraram, por exemplo, engenharia mecânica que era o meu curso ele fazia uma pré-opção, mas ele fazia na realidade vestibular para área de ciências e ele entrava para o chamado curso básico da Universidade, que era conjunto de disciplinas básicas que abrangia todas as áreas que cursavam nos quatro primeiros semestres. Então o aluno que entrava, ele no fim do segundo semestre é que ele pedia para confirmar opções. - *Não, eu quero mesmo ir para engenharia mecânica.* Mas se ele quisesse migrar de curso ele podia, existe algumas regrinhas lá para ser obedecidas, tanto que eu tive nessa época alunos meus que migraram da engenharia mecânica para medicina por exemplo e alunos da medicina que vieram para engenharia mecânica, porque você fazia já tinha um conjunto de disciplinas que permitia caminhar ali dentro e ter uma ideia mais concreta daquilo que você pretende fazer na vida, claro que isso aí tinha problemas burocráticos, uma série de coisas, mas a ideia era essa que funcionava bem eu posso te dizer, eu tive alunos por exemplo, aí tem outra coisa você podia fazer mais de um curso simultaneamente. É que os cursos eles tinham uma sobreposição de disciplinas bastante grande, então tinha determinado grupos de disciplinas que eram obrigatória para um curso e optativas para outro curso, então vamos fazer os dois. O primeiro aluno que eu orientei aqui, para você ter uma ideia o primeiro aluno que eu orientei, engenharia mecânica ele se formou simultaneamente em engenharia mecânica e em regência em música.

É Fantástico! Os exemplos eram bastante comuns, existia essa mobilidade, depois à medida que os anos foram passando, a coisa foi enrijecendo, foi se perdendo essa característica inicial, mas ainda era assim. Os departamentos eles eram dirigidos por um grupo de professores, ao contrário né isso foi o grande passo da UnB, foi que não havia professor, não havia mais a figura do professor catedrático. As questões acadêmicas, questões didática pedagógicas, eram discutidas em um colegiado formado pelos professores com representação de alunos, representação de servidores e assim por diante. Então tudo isso foi paulatinamente sendo podado, a UnB foi criada por lei, eu digo isso porque muitas outras Universidades eram simplesmente decretos, eram autarquias criadas por decretos governamentais. A UnB foi criada por lei, uma que foi votado no Congresso e que deu toda essa característica diferente que ela tinha, e ela tinha autonomia total à lei assegurava para UnB uma autonomia didática a administrativo fantástica, quando eu digo que a UnB era uma Universidade perseguida institucionalmente, foi porque, um corte aqui, uma corte lá, um decreto acolá, foram comendo pelas beiradas e foram tirando essas prerrogativas da UnB. Então o que a UnB era no início, que é uma Universidade totalmente autônoma, ela tinha autonomia de tudo inclusive didática, ela tinha liberdade pela lei de criação, tinha liberdade inclusive para estabelecer seus regimes

acadêmicos e sem perguntar para o MEC, e isso foi sendo podado aos pouquinhos, foi aqui, foi ali, e finalmente ao longo do tempo, lá no Governo do Sarney, ela deixou de ser uma Universidade autônoma passou a ser uma autarquia como todas as outras, apesar de ainda ter uma fundação, porque ela leva o nome de fundação, porque a lei criou como fundação essa lei não foi revogada, então o que está em vigor continua em vigor, que existe um conselho diretor, existe uma fundação que é dirigida por um conselho diretor, presidida pelo Reitor é assim por diante, enquanto essa lei não for revogada continuasse aí essa coisa aí teoricamente mas na prática hoje a UnB funciona como igual às outras Universidades, não tem diferença nenhuma é uma autarquia de regime especial igual às outras.

Vamos voltar, você lembra se teve um professor que articulou essa publicação para essa convocação ou foi um grupo de professores?

Não foi um grupo, não sei se precisar, eu participei deste grupo, mas eu não sei quantos eram, mas eu me lembro de cabeça, mas eu diria que talvez uns 10 a 20 professores, mas a gente planejou tudo direitinho.

Como se deu a constituição da primeira diretoria da Associação dos Docentes da UnB? Como foi a escolha do seu nome para presidente?

Na realidade nas reuniões prévias, a gente já tinha definido script. Então que era um problema, não tinha quem convocar, então por isso que foi feita essa convocação coletiva, de cento e tantos professores que assinaram essa convocação. E nas reuniões decidimos fazer uma manifesto uma convocação quem quiser aderir, quem quiser assinar essa convocação, a gente publica, assim e aí? Vamos reunir um bando de professor lá no auditório, e aí como é que é não aí a gente já faz? (risadas) Então já fizemos um script, de como ia fazer, um professor foi escalado, um professor mais antigo foi escalado para tomar a palavra e dá início. A reunião: estamos aqui reunidos com alguns objetivos, fundar uma associação docente e tal então, eu gostaria de propor a vocês que a gente convidasse o professor fulano também é era dos mais antigos da Universidade, para presidir essa reunião, concordou e foi o professor Todorov foi quem então presidiu esta reunião. O Todorov convidou também, Todorov fazia parte desse grupo das reuniões prévias aí você chama lá o fulano de tal o para te ajudar para secretariar a reunião, aí ele chamou o professor Briquet para secretariar, para fazer escrever a ata da reunião, então à medida que a reunião ia se desenvolvendo, o Briquet lá fazendo ata, que seria assinada por todo mundo, que seriam os fundadores no final. A gente já tinha uma proposta de estatuto, tá aqui foi distribuído lá na hora e foi discutido, foi aprovado, talvez com alguma ou outra mudança pequena, não me lembro bem, mas sem nada de mudança fundamental, e aí o estatuto previa que no final da assembleia fosse eleita, escolhido uma

diretoria provisória,

Que também já estava com nomes acertados, então o professor Todorov. – *Olha, tem uma proposta aqui do professor fulano para presidente, beltrano para vice, para secretário e coloco a discussão e o debate aí na assembleia.* Debateu-se, se aprovou tá, e a gente assumiu imediatamente.

Seu cargo só para lembrar qual era mesmo?

Meu cargo, era eu acho que era segundo secretario, era o presidente, dois vices, primeiro secretário, segundo secretario, tesoureiro e segundo tesoureiro.

E teve dinheiro envolvido, vocês ajudaram com financeiramente com alguma coisa no momento?

Eu acredito que passamos o chapéu lá, que tinha despesas iniciais de registro da entidade, então a gente contribuiu, eu lembro que fizemos uma vaquinha, eu lembro que eu contribui, isso se não me engano com 500 cruzeiros. Eu acho que é esse valor. (risos) Mas enfim, mas a gente estabeleceu uma taxa de uma mensalidade, com todo mundo concordou e dali pôr em diante tinha uma mensalidade. Uma característica foi que a gente também, teve lá esse grupo, cento e tantos presentes na assembleia, mas a gente achava que poderia ter mais gente, que não pode comparecer, então a gente manteve a ata de fundação aberto durante uma semana, para adesões. Então quem assinasse a ata naquela semana, seria considerado sócio fundador. E ai teve vários, a adesão cresceu razoavelmente depois, eu andava lá com o livrinho de departamento em departamento para catar assinatura (risos).

Você lembra o nome de alguma dessas pessoas que participaram, destes primórdios do movimento docente da UnB, nessa primeira reunião?

Sim, tem o professor que aliás me chamou para estas reuniões, professor Luiz Pedone da administração, os Luis Gonzaga Mota da comunicação, Professor Todorov, tinha alguns professores da Geociência, professor Dani, da Matemática Professor Fausto Alvim, enfim, tinha um grupo que foi quem articulou isso tudo , e essa primeira diretoria ela foi presidida pelo professor Fausto Alvim da matemática, que foi convidado, ele tinha sido o primeiro aluno a ser graduado pela UnB e ele era professor do departamento de matemática, então assim como um gesto simbólico, o convidamos para ser o presidente da primeira diretoria, ele aceitou foi ótimo, foi um grande amigo meu.

Em sua opinião é possível estabelecer uma relação entre o nascimento da ADUnB e movimento pela democratização da Universidade?

Sim Isso sempre foi à bandeira número 1 de luta da associação: a democratização da Universidade. E a gente queria que fosse uma entidade totalmente democrática, aberta não

tínhamos restrições. Nosso primeiro ato, o primeiro documento da ADUnB foi um ofício que nós encaminhamos ao Reitor da época, ao Capitão, comunicando à fundação que tinha sido instalada a associação e que então a partir de então atuaríamos na Universidade, e junto com um ofício grampeado, foi uma ficha de inscrição: se ele quisesse participar da sociedade não teríamos restrições, poderia entrar (risos). Mas ele nunca respondeu (risos), mas a gente fez questão de ter essa característica e foi por isso que a gente foi convencendo, - *Não é movimento de um determinado grupo com um grupo político*. Claro que tinham pessoas que participavam dessas reuniões preparatórias de coisas e tal eram articuladas tinha gente que nós sabíamos que tinham participações em partidos políticos e coisa e tal, mas a gente nunca permitiu que isso fosse: - *Isso aqui é uma é uma associação foi fundada pelo pessoal do partido tal*. Não tinha nada disso! A gente permaneceu, fez questão de dizer que era uma entidade plural e aberta, e democrática e que a gente aceitava a participação de quem quisesse. Isso é muito bom, isso foi muito bom porque havia na época pressões políticas de determinados partidos, correntes políticas, de quererem dirigir a associação para determinados posicionamentos embora alguns até a gente concordava, mas a gente disse a associação não tem vinculação partidária, ideológica. Ela é uma associação democrática e o nosso trabalho na diretoria provisória foi especialmente de consolidar e fortalecer a associação, e eu acho que foi essa atitude que permitiu ela ter o crescimento contínuo, e sempre na frente como é essa bandeira, nosso objetivo primeiro é democratização da Universidade. E foi através da movimentação da associação, que a gente fez a primeiras eleições para Reitor, quando estava para vencer o mandato em 1984 por aí, que estava para vencer o mandato do Capitão, havia uma lista sêxtupla que era formulada pelo conselho universitário, que era encaminhada a Presidência da República para a indicação do Reitor, e nós iniciamos o movimento, claro que a gente não poderia ter poder de decisão lá no conselho universitário, embora alguns membros da ADUnB participassem do conselho, mas não tinha poder de decisão, o que a gente fez na primeira vez, uma espécie de consulta, para indicar nomes para o conselho universitário. Não foi uma eleição, não é era uma eleição, mas foi uma consulta feita a vários departamentos, os vários departamentos indicaram o nome livremente e a gente pegou seis nomes mais indicados e mandamos lá para o conselho, isso aqui são os nomes que a comunidade, e na época eram só docentes, que a comunidade indica para participar da lista, eu acho que um ou dois chegaram a participar da lista mas depois declinaram, quando na lista inteira não foi aceita, não me lembro direito, mas eu acho que eles declinaram e foi escolhido então um, o Professor Geraldo de matemática foi indicado pelo conselho universitário, foi escolhido o Reitor. Mas ele ainda tinha uma certa vinculação com esse passado político que a

Universidade queria democracia e houve toda uma movimentação, de pressão e ele renunciou então o cargo de Reitor ficou vago que foi ocupado pelo Vice-Reitor, que na época tinha um mandato desencontrado, e que chamou então uma nova escolha de seis meses e aí nessa época a gente já fez uma eleição, uma escolha por votação na Universidade. Nessa época, eu acredito que ainda só participaram do docentes e estudantes, os servidores ainda não estavam organizados, então não participaram e eu sei que foi feita nessa lista, aí já era no Governo Sarney, já tinha encerrado o mandato do Figueiredo, né este professor Geraldo que foi nomeado isso foi poucos dias antes do Figueiredo deixar o poder, deixar a Presidência, que seria para o Tancredo e que acabou sendo o Sarney. Nesse processo houve essa movimentação toda, fizemos essa escolha, essa indicação, foi aceita pelo conselho universitário que elaborou, eu não sei se todos os que foram indicados participaram da lista, eu não tenho ideia! Eu não me lembro bem, mas o professor que foi escolhido foi o Professor Cristóvão Buarque, e ele fazia parte da nossa lista. A posse dele foi assim, a marca da mudança, da saída do autoritarismo para a Universidade democrática. Dali em diante todos os Reitores foram escolhidos desta maneira. Depois os funcionários organizaram passaram a participar, nesse processo e sempre foi desde então a UnB sempre escolheu, sempre teve o Reitor escolhido por eleições, sempre participaram professores, alunos e funcionários.

A única decisão disso foi exatamente, a Reitoria da qual participei, que foi ela em função de uma das piores crises que é uma Universidade passou em 2008, que houve então a renúncia do Reitor e do vice, em função de problemas de política interna. A Universidade ficou acéfala, e eu era o membro do conselho universitário, membro mais antigo do conselho universitário, então a gente se auto convocou numa reunião do conselho e o Ministro da Educação, na época era Haddad tinha solicitado que a gente indicasse três nomes para ele nomear um Reitor Pro Tempore. Então essa situação de crise, o Reitor foi escolhido numa assembleia de docente, eu levei a ele os nomes, ele nomeou na mesma hora, o Professor Roberto, e no dia seguinte o Professor Roberto me convidou para ser Vice Reitor, então a gente ficou oito meses numa Reitoria Pró-Tempore, cuja objetivo fundamental era organizar um novo processo de escolher o novo Reitor, foi feito também, foi repetido sempre até hoje.

Para finalizar, o Sr. teria algum ponto importante que não discutimos, e que o senhor queira considerar importante sobre a pesquisa da formação ADUnB?

Olha, eu acho que a ADUnB por ter tido isso pioneirismo, ter junto com a ADUSP, e depois ela foi muito ativa no processo de construção da ANDES, e que hoje a gente chama ANDES que é sindicato, mas era a ANDES era associação mesmo. Primeiro a ADUnB sempre foi uma das entidades de bastante peso específico, ainda é uma das maiores entidades sindicais, tem

um peso específico bastante grande e pelo fato, de a gente está também na capital da República, isso nos dá o poder de atuação bastante grande. A ADUnB aparece muito nessas atividades, qualquer manifestação que se tenha de professores e magistério, sempre você vai ver que tem em grande parte, é o pessoal da ADUnB lá na frente do ministério. Até hoje tem um peso específico bastante grande dentro da ANDES, acho que isso é uma característica, no início desse processo logo ainda no Governo Sarney, houve uma mudança legislativas que como eu te falei tornaram a UnB mais uma, mas isso não afetou a nossa situação. E para o ANDES, a gente até então atuava quase que autonomamente, fazendo uma associação docente, tínhamos uma participação na ANDES, mas o fato de juridicamente, legalmente a UnB tinha um estatuto diferente das outras universidades, nos dava uma certa autonomia de atuação, depois que passou a ser o mesmo Balaio, aí praticamente a gente passou se efetivamente atuar dentro da ANDES, na ANDES do início depois quando virou a entidade sindical mas isso aí é detalhe.

Obrigada Prof. Balthazar, eu e o Professor Carlos Bauer agradecemos por toda sua ajuda na pesquisa.

Figura 37 - Termo de Consentimento Prof. Dr. José Carlos Balthazar

UNINOVE
UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Professor José Carlos Balthazar

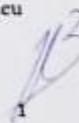
Gostaríamos de convidá-lo para participar voluntariamente da pesquisa "**Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília - ADUnB - (1978-1982)**". A presente pesquisa tem como objetivo reunir e analisar os discursos produzidos pelos representantes da Associação dos docentes da Universidade de Brasília; buscando suas vozes, para compreender o seu papel político e importância no processo de consolidação da profissionalização do professor e demais trabalhadores da educação que congrega em suas fileiras, concebendo-a como um importante capítulo da história da educação brasileira contemporânea.

A coleta de dados dessa investigação consiste na realização de entrevistas com personagens que participaram ativamente da construção do **ADUnB**. Também é resguardada ao entrevistado a garantia de receber esclarecimentos sobre a metodologia desta pesquisa, antes e durante o seu curso.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, para ter ciência do estudo "**Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília - ADUnB - (1978-1982)**", bem como uso dos resultados desta investigação, que poderão contribuir para estudos futuros.

Ressalto que ficou claro para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos necessários no percurso do estudo. Após o término da pesquisa, as gravações permitidas serão devolvidas aos entrevistados que tiverem interesse em recebê-las.

Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, tendo clareza de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o percurso, sem penalidades se for esse o meu desejo, como também autorizo a divulgação pública do meu nome próprio no corpo do trabalho e em suas referências.



Esta pesquisa não resultará em nenhuma despesa financeira aos participantes, assim como também não haverá nenhuma compensação financeira pela sua participação. Informamos que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em duas vias. Se forem necessários maiores esclarecimentos, me coloco a disposição dos entrevistados deste estudo por meio do telefone: +55 11 46613649 ou e-mail: carlosbauer@uni9.pro.br

Carlos Bauer e Thabata Lea Maier, responsáveis por esta pesquisa.

"Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília - ADUnB (1978-1982)"

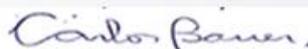
ASSINATURA DOS PARTICIPANTES



José Carlos Balthazar, entrevistado



Thabata Lea Maier, responsável pela pesquisa



Carlos Bauer, responsável pela pesquisa

ANEXO B

Entrevista Prof. Dr. Sadi Dal Rosso, realizada em 29 de Maio 2023 - Brasília.

Entrevistador: Thabata Lea Maier e Prof. Dro. Carlos Bauer

Trajetória na ADUnB:

1982 – 1984 - 1º vice-presidente.

1986 – 1986 - Presidente

1992 – 1994 – 1º Secretário

Thabata Maier e Carlos Bauer – Primeiramente, gostaria de agradecer sua disposição em colaborar com a construção do nosso trabalho acadêmico que está empenhado em recuperar a história dos movimentos políticos associativistas e sindicalistas dos trabalhadores da educação como também procurar preservar a memória dos seus ativistas.

Antes de iniciarmos eu gostaria que o professor falasse um pouco mais sobre você, seu nome completo, sua formação e onde está atuando nesse momento?

Sadi Dal Rosso - Humhum, tá meu nome completo é Sadi Dal Rosso, e eu sou professor da UnB só que agora aposentado, de dois anos para cá. Então minha relação como departamento de sociologia, é uma relação especialmente de orientação de projetos, orientação de teses de mestrado e doutorado. O que eu faço basicamente é isso aqui (Sadi mostra o livro: Associativismo e Sindicalismo em educação e crises do capitalismo contemporâneo, 2022) escrever livros, artigos, né, então essa é praticamente minha atividade hoje, mas eu não estou dando aula. Eu não estou lecionando nesse momento.

Quando e como foi o processo de escolha do seu curso universitário, em que instituição você estudou e como se deu o seu processo de formação acadêmica?

Eu sou originalmente do Rio Grande do Sul, lá eu comecei a trabalhar na Unisinos, fiz o curso de Ciências Sociais na Unisinos, e depois eu fui para o exterior fazer mestrado e doutorado, eu fui para a Universidade do Texas em Austin, Austin é a capital do Texas né, e isso foi 74, 1974. Em 1978 eu terminei o doutorado e vim para UnB, mas ainda não era concurso público, eu vim basicamente com bolsista de pesquisa, e só depois eu entrei efetivamente no programa. Quero chamar os professores colaboradores. Hoje começou a entrar de novo essa nomenclatura de colaboradora, se você vai a Universidades, usam muito o termo colaborador como se fosse uma coisa mais delicada para o trabalhador, na verdade o colaborador para

mim ele só traz a imagem que eu não tinha papéis assinados. Não tinha a garantia de estabilidade, como os professores, quer dizer, na UnB foi o grande número, foi nessa época, eram professores colaboradores, grande número. Alguns poucos eram professores com estabilidade, pessoas que vieram do Rio de Janeiro, de Minas Gerais tinham estabilidade, e essa foi uma das razões da primeira greve da UnB que foi em 1981 - 1982 e relativamente à questão salarial e a questão da estabilidade dos empregos, que hoje, tá digamos, esse ponto avançou bastante porque hoje os professores têm essa estabilidade, desde que faça o concurso, mas os níveis salariais caíram.

Caíram muito

Então essa é minha carreira

Você participou dos movimentos estudantis? Quais eram as principais Bandeiras dos movimentos estudantil do seu tempo de estudante?

Particpei muito pouco do movimento estudantil, estava no Rio Grande do Sul, no começo do regime militar, então a minha participação foi pequena, e então sobre o movimento estudantil tenho poucas referências.

Houve algum tipo de enfrentamento com os golpistas de 1964 que marcou sua vida profissional?

Não. Claro que sim, teve interferência, mas eu não fui preso político, mas, eu tive lá os meus problemas, por exemplo, eu tenho um documento aqui em algum lugar, sobre a tentativa de, quer dizer a recomendação de cancelar o contrato de trabalho pelo SNI, e então isso documental tem eu tenho documento aqui, a recomendação então, eu deveria ter ficado na UnB mais, mas por lá alguns mecanismos eu consegui ficar.

Como e quando se deu o seu ingresso no mundo do trabalho educacional?

Olha foi lentamente né, eu fiz Ciências Sociais, Sociologia no Rio Grande do Sul, mas também fiz Filosofia, então quando começa a formação Universitária tem esse engajamento né, mas não, não participei do movimento estudantil, e aí sim participei muito do movimento, do Andes que resultou no Andes, participei muito, localmente, nacionalmente tudo isso, eu participei muito.

Quais eram as principais características do trabalho docente nesse período?

Olha o trabalho docente ele foi muito, primeiro seu ponto de vista tecnológico né, o que acontece como eu nasci em 1946 eu antecedeo a existência de computador. Percebe? é ai isso e das redes nem falar, porque as redes dez, vinte anos depois dos computadores né, então isso afetou muito o movimento o movimento dos professores, os movimentos sindicalistas. Por causa da, começamos a entrar no mundo do computador e começamos a entrar no

mundo das redes, que nos coloca, mas eu tenho um telefonema que possa falar com a China nesse momento, então teve um efeito muito grande. Em sala de aula, só ultimamente é que vem vencendo, digamos usados extensivamente, os computadores e as redes, vem sendo usadas, agora pelo lado político eu poderia dizer que o que mais afetou o que mais afetou o movimento docente foram os anos do regime militar, seja por repressão, estava contando para você das várias invasões da UnB, das quais eu peguei a última que foi já em e 1980, 1982, 1985, que foi uma, na verdade foi um cerco a Universidade cercaram a Universidade, botaram o exército, policiais militar para cercar a Universidade então não entrava e não saia, quem entrou, entrou que não entrou não entra, né. Então o regime militar, da ditadura militar ele teve um importante papel para o surgimento do movimento sindical, movimento docente, né. Nós nos engajamos, não fomos à primeira instituição a se engajar, a instituição ADUnB, ela foi construída, foi criada a primeira foi 1977 por causa da greve dos estudantes.

Então surgiu a entidade como apoio em defesa dos professores, como um apoio aos estudantes né, surgiu em 1977, antes de eu chegar à UnB, então quer dizer eu não estou originalmente entre os que criaram a ADUnB aquela Assembleia de criação em 1977, eu não era professor estava fechando o meu doutorado 1977-19 78 eu fiz a defesa da tese, e voltei em agosto pra cá e aí entrei na UnB. Então o que eu quero dizer aqui, o movimento de repressão teve como efeito a reação, dos professores para se organizarem, se organizarem e formarem uma bela Associação, e nacionalmente também foi assim, puxados muito, pelo pessoal da USP, que tinha forte papel e pelo pessoal também da Católica de São Paulo, também foi forte lá, o Mercadante que é nosso Ministro do Banco BNDS, era docente (gargalhadas) e era do movimento sindical, é em 1970 e foi acho que 1977 por aí.

Por esse período né

É eu inclusive estava esses dias a perguntar, conversando com a professora lá da USP, porque tá apresentando na USP, cadê o Baldijão? Pô, faz muito tempo que eu não vejo mais o Baldijão há anos? (risadas). Baldijão tem um papel muito importante na organização, ele fazia contatos, o Maciel de Santa Catarina também.

Como nasceu e consolidou o movimento sindical docente na UnB?

Então, isso já praticamente respondi, ele surgiu como reação ao impacto do movimento da ditadura militar sobre Universidade, quer seja, por exemplo, como estudantes que perderam a vida, quer seja de professores que eram censurados publicamente ,e eram os diretores que funcionavam também como um canal de repressão da Reitoria que se estendia para baixo né, para os professores né, e havia um sistema de dentro da UnB, havia um sistema como na maioria das instituições, instituições federais isso é só questão de pesquisar, havia um serviço

de vigilância, e então isso tinha na UnB também, lá perto do gabinete do Reitor, tinha uma sala uma sala que era ligado ao pessoal do SNI.

Então esse foi um papel e eu estava falando uma coisa que é muito, é uma coisa muito delicada, porque eu tô levantando um problema, dizendo que muitos diretores eram representantes do regime da ditadura nos departamentos, e vinham fazer censuras aos professores que, por exemplo, estavam tentando organizar o movimento inicial, mas isso eu acho que é possível de encontrar em outros lugares, também outras Universidades, por exemplo, no Rio de Janeiro se não tem já no campo da pesquisa isso aí, eu acho que poderia ser levantado.

Sim foi um período muito conturbado.

Era tão conturbada que eles vinham a cavalo como falava o Nilton Cruz né, quando corriam atrás da gente na Esplanada e a cavalo dando chicotada tentando pegar e dar chicotada na gente que corria na frente espalhando isso, era o Nilton Cruz que foi quando fecharam a Universidade quando ela foi cercada em 1985, finalzinho do governo Figueiredo né.

Então em 1977 houve uma militância com clandestina no interior da UnB, e de que forma que ela marcou essa criação da Associação dos docentes da Universidade de Brasília, como esses professores começaram?

Pois é então foi uma digamos, uma reação a grande greve dos estudantes, os estudando foram expulsos, 20 estudantes foram expulsos da universidade estudantes, inclusive uma que é Deputada Federal aqui, hoje, então foi como reação ao que era a força e digamos a truculência do regime militar, era o Capitão Azevedo, e então foi como reação ao movimento repressivo dentro da Universidade, seja para reuniões, seja para escrever artigos em jornais, seja para apoio aos estudantes que fizeram a greve etc.

Numa conjuntura em que houve a demissão de mais de 200 professores em 1965 que se seguiria de uma nova invasão policial no Campos em 1967, a repressão de 1968 em posição de um representante militar na vida da UnB, o capitão do mar e guerra e Doutor em física pela Massachusetts Institute Tecnology, José Carlos de Almeida Azevedo feito seu vice-reitor, influenciaram no nascimento do movimento sindical docente na UnB?

Nesse sentido que eu falei, influenciaram muito! Mas só que foi digamos isso se verificou em 1977 quando foi feita a assembleia que criou a ADUnB, e da qual o pessoal tem até ali, até hoje tem a lista de presença dessa Assembleia, bom isso eu tô pensando porque eu não vivi isso aí né era mais do pessoal nosso né, que tem até hoje se você talvez o Erlando tenha falado para você, tem o professor Balthazar participou dessa Assembleia, se você conseguisse fazer

uma entrevista com Baltazar.

Já está agendado para amanhã.

Seria muito importante ou com o Ibañez, Antônio Ibañez Ruiz. O Todorov acho que já faleceu.

É possível recordar qual eram as pautas das assembleias e o teor dos abaixo assinados emitidos pelos docentes de 1977?

Olha, era mais em defesa dos Estudantes e pela autonomia universitária, pela autonomia universitária né. Então como ele de 1977 já não é o meu terreno (gargalhada) muito porque eu não tô dando depoimento pessoalmente meu.

De que forma a expulsão de sete alunos o segundo semestre de 1976 e as reivindicações por liberdade democrática e Anistia Ampla e restrita para os presos políticos mobilizavam os professores no interior da UnB naqueles dias?

Aí exatamente está se referindo não o movimento da UnB, que o movimento foi 1977 e o número de demitido foi maior... foi de 20 estudantes. Alguns professores né, por exemplo, o professor Coutinho, não ele não foi demitido, ele tomou posição pública, durante a reunião do gabinete da Reitoria da UnB com o Reitor, e tomou posição pública contra a demissão dos estudantes ele e mais outro professor, então a pergunta era mesmo o que era as datas estão um pouquinho, não são tão corretas assim.

Como começou essa mobilização?

Então foi aí que fizemos alguns telefonemas para casa de um, casa de outro chamando pessoalmente as pessoas, que vieram para essa assembleia e foi a primeira Assembleia, e os alunos já chegaram à Assembleia com a proposta.

Proposta já né

Já

No dia 31 de julho de 1977, os professores publicaram nos jornais de Brasília convocação para uma reunião, até ser realizada no dia 1 de agosto. O que representa esse gesto?

Pois é, essa é a decisão para criar a entidade né, e isso aí tá bem, bem claro no livro do Murilo, tem essa informação muito precisa. (Referencia ao livro: Sonho e Realidade – o movimento docente na Universidade de Brasília – 1977-1985 de Murilo César Ramos, 2021)

Muito precisa, tá bem claro mesmo.

Então a convocação era para ser uma questão formal porque era para uma entidade formal, não era uma entidade digamos por baixo, era para ser uma entidade formal, como ela é até hoje! Ela tem um estatuto, um regimento, eleições, tem diretoria, a gente faz contribuições

mensais para manter a entidade, e então uma publicação dessa matéria é uma interpretação que eu tô fazendo agora é primeiro pela formalização, e segundo representando uma primeira ação coletiva do movimento dos professores. Você vê que em 1968 teve um o protesto dos professores, que foi a demissão dessas pessoas que foram embora da UnB, pessoas que foram embora .

Foram embora?

Foram embora, era 200, 300 professores. Alguns retornaram, alguns poucos, mas retornaram e outros, por exemplo em 1964, outros fugiram mesmo, né, por exemplo, eu tenho uma entrevista grande na época, com o Teotônio dos Santos que é da teoria da dependência, depois a Vânia Bambira que é da dependência também, o André GunderFrank né, o Rui Mauro Marini, foi professor nosso aqui, são todos da teoria da dependência esse grupo aí, e eu já tô me referindo aos anos 1960 – 1962 - 1964 né, mas nessa época de 1964 fugiram. Fugiram para não serem presos, fugiram, Teotônio que eu tenho mais entrevista, Teotônio e Vania fogem para São Paulo e lá ficam trabalhando no digamos, submundo, dos que fugiam da repressão. Depois fugiram para o exterior, fugiram para o Chile que na época recebia muitos de nós né.

No dia 23 de Maio O Correio Braziliense publicou uma convocação assinada por 182 professores para a assembleia constituinte da Associação dos docentes da Universidade de Brasília em 24 de maio de 1978. Como e porque esse movimento foi articulado? O que ele representava naquela quadra da história do país?

Olha que número grande! Então, primeiro número, 182 que assinaram a ata da Assembleia convocação na UnB. Devia ter, quando eu cheguei à UnB, 525 professores, mas isso aí foi em 1978, em 1977 eu acho que era menos o que isso, acho que devia ser menos de 500 professores né, então 40% né, uma boa proporção. Uma boa proporção! E então, o que isso representou? Representou digamos um primeiro movimento coletivo de defesa da Universidade pública e gratuita, contra o regime militar a nível nacional, embora não deva ter saído nessa primeira carta contra o regime militar, mas subjetivamente sim né, dos professores isso você vai sentir mais entre o pessoal que viveu essa carta, viveu este documento. E em que se articulava isso? Isso, diretas já né, que depois foi, quer dizer no começo, essa época não tinha diretas já em ação, realmente 1977, mas, você tinha a organização de grupos e nas cidades à formação da Resistência, nos bairros né, e que vai terminar nas Diretas Já em 1985. Que terminou não acontecendo né, continuou um governo indireto que foi oTancredo que veio a falecer, aí entro o Sarney, mas o Sarney não foi eleito pelo povo, não foi voto direto, que agora esse cara, aí que foi até o ano passado presidente foi

eleito!(risadas)

Foi! (Risadas), é verdade. Como se deu a Constituição da primeira Diretoria da Associação dos docentes da UnB?

Aí eu não tenho informação. Porque eu não participe disso, então você pode perguntar para o Balthazar, e se você quiser conversar com Ibañez também.

Embora as discussões em torno das questões políticas nacionais tivessem certa preponderância entre os ativistas da associação, como os problemas inerentes à vida acadêmica, da pesquisa científica às questões trabalhistas, das quais a que se revelaria mais premente era a precária situação dos contratados como professores colaboradores e professores visitantes, eram assimiladas e encaminhadas pelo dirigentes da ADUnB?

Sim, sim essa foi a primeira grande greve que os professores puxaram, foi com este tema, a questão dos professores colaboradores e o contrato sujeito à rescisão diretamente pelo contratante. Você não tinha concurso público né, e fora aqui, o nível salarial era menor, os colaboradores relativamente aos demais professores estáveis. Agora sob o ponto de vista acadêmico, a Universidade sempre manteve um nível de produção acadêmica relativamente alta, mas é só produção acadêmica mesmo! Não é propriamente esse impacto relativo aos contratos formais, e informais então né, contratos. Depois a questão do salário, depois a questão da autonomia universitária, eleição, nós éramos Fundação! Isso é uma questão importante! Uma coisa muito importante porque, existiam dois tipos de Universidades Públicas no Brasil nessa época, as Fundações e as Autarquias. Autarquias, eu posso indicar a Federal do Rio de Janeiro, Federal de Minas Gerais Federal, do Rio Grande do Sul, da Bahia, de Pernambuco, Fortaleza, Ceará, eram autarquias né. Mas nos anos 1960, houve uma reforma institucional da educação e aí criaram as Fundações. Porque as Autarquias elas viam com um conjunto de regras para o ingresso e para a demissão dos professores, então por que passou para Fundações? Inspiração Norte-Americana, inspiração dos gringos, foi no sentido para facilitar a demissão, a facilidade de demissão nas Universidades publicas, então eram públicas fundacionais, eram 16 essas Universidades eu posso nomear algumas aí para você então (...) Em São Paulo, tem em São Carlos era fundação, tem a Paulista de Medicina...

Uma fundação também!

Uma Fundação também. Depois descendo para o sul, a Universidade de Pelotas, a Universidade de Rio Grande e de Santa Maria, eram três Fundações lá. Aí você subindo então, você tem aqui em Minas Gerais, você tinha Uberlândia, que era a fundação e as demais, Ouro Preto, além de Ouro Preto em Minas (...) eu não lembro depois subindo, subindo na Bahia a Bahia creio que não teve! Já tinha uma Federal grande, autarquia. Alagoas

será Fundação a Sergipe era Fundação.

A grande maioria das Universidades?

Não, não era a maioria não! Era a maioria das Universidades que foram fundadas depois de 1960. A UnB foi à primeira delas. Então, elas foram criadas como Fundações e não como Autarquias, depois olha, que interessante essa informação! Que ninguém tem, só eu que posso dar... não é? Então a primeira das grandes greves que nós fizemos, no movimento docente, foi para que isso Autarquias e Fundações tivesse um regime único de trabalho, e que seria aquele representado pela pelas Autarquias, que era com concurso público né,

Essa greve que o senhor está falando, é a de 1982?

É, mas eu sei muito bem, depois eu posso dizer, Amazonas era Fundação, Pará era Fundação, Maranhão era Fundação, Rio Grande do Norte era Fundação, lá no Acre era a Fundação, Cuiabá era Fundação, Mato Grosso era Fundação, Goiás? Caramba! Goiás eu não tenho certeza, eu acho que era Autarquia, não tenho certeza. Então era 16 que tiveram, essa foram criadas com esse regime jurídico de Fundação, que é um misto de público e privado né. Então, por exemplo, quem elegeu o Reitor é um grupinho lá, da chamada mesa diretiva e que ia para o Presidente da República assinava sim ou não, botava outro conforme o Presidente queria, então não tinha espaço muito para autonomia da universidade.

O senhor recorda dos nomes das pessoas que participaram nos primórdios dos movimentos sindicais docentes da UnB?

Pois é encaminhei você já (risos). Mas tem o Todorov que foi o reitor da UnB. Tem meus colegas de departamento também, me deixa ver quem é que era do departamento naquela época lá. Tem a Fernanda, não a Fernanda não era (...) Fernanda era mais recente do que eu na UnB (...) Sendo do departamento não tinha muita gente não, não tinha muita gente que participou dessa Assembleia.

As articulações para a eleição da primeira diretoria efetiva levaram à inscrição de duas chapas concorrentes, sendo eleito presidente, em 1978, para um mandato de dois anos, João Cláudio Todorov. Como se desenvolveu esse pleito, quais foram as questões que polarizaram o debate eleitoral?

Como não vivi nessa época então talvez lendo o Murilo, ou pergunta para o Balthazar, ou para o Volnei Garrafa, ele poderá dar nomes.

Na estrutura organizativa da ADUnB temos a existência de um Conselho de representantes, como o mesmo se constitui e qual era o seu papel na vida cotidiana da entidade?

Pois é, o representante é aquele que faz o caminho entre a diretoria e a base dos professores

né, então ele tem um papel capilar, que vai, que liga a diretoria até as bases do movimento. É muito importante, tem uma estrutura departamental, quase departamental aos representantes. Era praticamente do departamento, às vezes era de institutos a depender da quantidade filiados que tinha, então o papel dele, era capilar. O papel era de, de digamos, para facilitar a mobilização, para facilitar a filiação dos professores etc.

No dia 1º de dezembro de 1980, a Associação dos Docentes da UnB assumiu um espaço no campus e passou a funcionar dentro da UnB. O que representou esse momento para a história da entidade?

Olha, nós estávamos fora da UnB. Nós estávamos com uma sede, cedida lá pelos professores o SIMPRO-DF né. Sempre tivemos uma boa relação com o SIMPRO-DF e determinado momento nós decidimos passar a entidade para dentro da universidade. Fomos lá, guarda esse nome! Variant! Volkswagem Variant, que era meu carro (risos). Botamos as caixas de coisa e agente levou para universidade e começou a funcionar. O presidente nessa época era o Volnei. Começou a funcionar lá na Biologia, que era o departamento dele. A Biologia, não sei que Biologia que era, mas tinha lá uma boa base, quer dizer, ele era professor lá, então levamos todo o material e botamos lá e lá que começou a ser a sede no subsolo da UnB. No departamento de Biologia começou a funcionar a sede da identidade dentro da Universidade, então um passo muito importante para representar um avanço da Universidade, ela não é estranha. Porque o argumento do Azevedo, lá isso é uma coisa externa a UnB, não temos nada a ver com isso, tem a ver sim, tem a ver. Então nós podemos promover greves aqui dentro podemos fazer isso né, então esse é o papel dela quando entrou.

Em 1978 a ADUnB se fazia representar formalmente no Fórum Intersindical de Entidades Permanentes de Brasília, uma articulação que tinha por propósito fundamental a inserção dos movimentos sociais locais em todas as lutas políticas relevantes da época, da campanha pela anistia à conquista de autonomia política pelo Distrito Federal, além da volta das centrais sindicais. Era representante da ADUnB nesse fórum a professora Dalva Melo, o Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO-DF) A estratégia tinha um pré-requisito, que era o de realizar, primeiro uma campanha entre os associados da ADUnB para que se filiassem ao SINPRO-DF. Passaria a representar também os docentes da UnB em dissídios coletivos, com ênfase nas negociações salariais. Vale ressaltar que esta foi à primeira campanha de sindicalização realizada entre professores universitários federais em todo o Brasil; uma campanha que engenhosamente contornava a proibição legal de existência de sindicatos para os docentes das instituições públicas de ensino superior. O Senhor Poderia

comentar um pouco mais sobre isso?

Eu poderia sim! Foi em 1978 e foi criada uma entidade que ligava, quer dizer na verdade nós passamos a ser sócios também SIMPRO-DF então os professores não era digamos uma entidade que se que se aproximou, mas é que nós passamos a ser filiados ao SIMPRO-DF também, para ter uma personalidade jurídica, porque o que o Azevedo usava de argumento era o seguinte: Vocês não existem! Não existe nada na legislação que ampara vocês se organizarem. Vocês não estão na Universidade! Vocês não tem nem personalidade jurídica? E isso dava uma personalidade jurídica via o sindicato, então nós éramos filiados ao sindicato. Aí não foram todos os professores que eram da ADUnB. Foram uma maioria e teve ganhos salariais pela via da negociação, negociação salarial via sindicato, isso ai já não foi greve, foi o tribunal foi o tribunal. Foi um ganho salarial, é importante, agora isso se manteve até 1988 quando a Constituição permitiu à filiação dos professores a organização sindical. Em 1988, mas antes disso, não havia o servidor público não podia se sindicalizar. O servidor público, professor universitário, não podia se sindicalizar. Isso não era permitido por lei, pela Constituição vigente naquela época, por isso que só em 1988, na reforma, na mudança constitucional é que foi possível criar uma deliberação concreta, de que os professores podiam se sindicalizar, organizar o servidor público poderiam ser organizar sindicalmente. Então foi isso que aconteceu. Isso foi uma manobra acho importante, alguns professores do SIMPRO-DF também apoiaram esse movimento, a gente entrar e se filiar o SIMPRO-DF. É que o SIMPRO-DF passou por altos e baixos também, hoje tá uma entidade de muita força aqui no Distrito, que é esse SIMPRO aqui (aponta para um folheto de convocação para assembleia no SIMPRO-DF), este aqui ó, o SIMPRO-DF, sindicato dos professores do Distrito Federal, esse aí foi o papel que ensejou a saída da greve né.

Nos primórdios do movimento associativista da UnB, num momento histórico em que não era facultado aos servidores públicos se sindicalizarem, houve uma inusitada aproximação com o Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO-DF), como parte de uma estratégia que tinha como pré-requisito estimular os associados da ADUnB para que se filiassem ao SINPRO-DF. Em sua opinião, o que esse momento representou e qual é o seu significado na história do associativismo docente nacional?

Bom ele significou um caminho para a manutenção forte da ADUnB e do próprio SIMPRO-DF. Eu acho que o seu significado primeiro, manteve uma entidade de luta que era a ADUnB não é, e que era digamos, contra a Constituição porque não previa a sindicalização de professores da universidade, de servidores públicos. Então ela representa uma rebeldia dos professores, e mais pragmaticamente representa a possibilidade de você entrar com ações

judiciais, então ações judiciais por exemplo, pra reajuste salarial, ou para a questão profissional, os concursos né, ou ações semelhantes. Seria possível levantar as ações foram impetradas nos tribunais aqui do Distrito Federal né, porque a UNB era local, mas como entidade pública nacional. Os estudantes vinham de outros lugares, entram na UnB desde que preencham os critérios. Agora ADUnB era representante do local, então como esse ingresso no SIMPRO, nos permitiu fazer uma ação jurídica e conseguir ganhos concretos salariais e contratos de trabalho. Já mudança de status profissional, cerca de porque nós éramos, (apontou para os dedos da mão) um, dois, três, quatro. Isso só mais recentemente que houve.

No bojo da emergência e consolidação de associações de docentes em todo o país, que geraram depois a criação de uma forte entidade nacional, a Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior (ANDES), como se deu a participação da ADUnB nesse amplo processo político e social?

Olha, nós pegamos, quer dizer, eu vou colocar mais pegamos, no sentido de que, eu cheguei em 1978 na UnB e a Andes ela já estava sendo criada, organizada, na verdade não era bem criada. Organizada, tá se estruturando como o movimento dos professores de todas as Universidades públicas e privadas do Brasil. Então começou eu acho que começou por 1976-1977, e veja a Assembleia dos professores da UnB é só em 1977, então o movimento já tinha andado um pouco como eu falei por exemplo: USP, Católica de São Paulo, Campinas também foi importante, depois Santa Catarina, depois Bahia, Recife, Minas Gerais, Fortaleza. Eram entidades que vocês estavam se articulando entre elas, para a criação de uma entidade nacional. Essa parte digamos, a ADUnB entrou já estava avançando isso aqui, então foi um regresso que já começavam a fazer articulações nacionais, eu participei efetivamente só depois de acho que foi em 1980, 1981. E uma atividade que ocorreu lá no Rio Grande do Norte, é (...) depois participei da entidade de criação do Andes em São Paulo. Aí sim nós vamos ter uma delegação pequena. Nossa delegação, o professor Douglas que era da área de artes que já faleceu, infelizmente, que foi delegado comigo. Mas eram três ou quatro ou cinco delegados aqui da UnB, quando foi fundado o Andes lá em Campinas. Então, a isso foi a digamos a participação nossa, chegamos já estava começando o movimento Nacional, quero dizer, que era um movimento que não era digamos de dentro só das Universidades, eram movimentos sociais maiores da sociedade, de organização da sociedade. E aí também nós entramos nesse movimento, ele foi importantíssimo porque retira o regime militar do Brasil, a ditadura chega a um ponto final, é o que está faltando um pouco hoje! Articulação das bases, as comunidades de base. Tem muita religião e pouca política! (risos)

Quatro anos depois da fundação da ADUnB, em 11 de novembro de 1982, em meio a

uma greve de estudantes e contrariamente às expectativas da reitoria, por unanimidade da assembleia os professores da Universidade de Brasília deflagraram a sua própria greve geral e por tempo indeterminado. O que representou esse movimento paredista para a história da entidade e da própria universidade?

Ora, para a própria Universidade significou enfraquecimento fundamental da Reitoria, enfraquecimento. Na época a Reitoria ela trabalhava com esse argumento que eu falei para vocês: - *Vocês não existem*. Como não existimos? Paramos a Universidade, paramos a Universidade né, bloqueamos as salas de aula, aliás um dos professores que era importante nesse movimento, ele faleceu esse ano. Era da engenharia, faleceu esse ano essa conversa eu vou representar uma homenagem a ele. (Citar o nome do professor que foi enviada posteriormente via celular?) Sabe que ele ia, a gente ia pela sala de aula tirando os professores da sala de aula, e ele tinha um kit de greve: a sacolinha assim, como com alicate, com chaves com outras coisas, porque a gente é ia na sala de aula tirava os professores os alunos da sala de aula, pegavam a chave e fechava a porta (começo a demonstrar como fechava as portas das salas de aula) e trancava e aí ia embora com a chave. Então falo isso emocionadíssimo, porque o nosso colega faleceu neste ano, era da Engenharia elétrica.

Qual era o nome dele?

Eu não falei porque eu não tô não tô lembrando, mas eu vou lembrar e vou te dar para você , eu te passo depois pôr o celular

No dia 9 de dezembro, quinta-feira, a ADUnB protocolou na reitoria documento informando sobre a decisão da assembleia, aprovando o acordo e pondo fim à greve, solicitando, ao mesmo tempo, audiência com o reitor para acertar os detalhes da implementação do pacto que havia selado a interrupção da ação grevista. O fim quase da greve, traria o refluxo no movimento docente?

Não. Acho que o movimento docente saiu fortificado. Não compete nem perguntar em enfraquecimento do movimento. Não, o movimento saiu fortalecido, por exemplo encaminhou a questão do fim dos contratos temporários, dos contratos de colaboradores, dos professores colaboradores que eram contratados. E ele não teve impacto no salário, porque, apesar de que as instituições eles tinham dotação legal individualizada as Fundações, então não precisavam ter os mesmos salários. Por exemplo São Carlos tinha um salário mais alto do que aqui, professores de São Carlos, alguns outros lugares também tinham salario mais alto do que aqui, o nosso salário dos 16 chegou em determinado momento sei lá pelos 14 mais baixos ,então digamos o reajuste salarial tem que diretamente com o empregador da Fundação, que era o Reitor da Universidade. Se ele conseguir um fundo, a gente consegue.

Em meio ao temor dos professores participarem das assembleias e outros fóruns, quais foram os mecanismos de condução e participação democrática criada pela entidade?

Não se coloca essa pergunta, acho que é um julgamento muito acentuado. Não há bases para afirmar que enfraqueceu o movimento não isso aí tem que ser tirada. Isso aí está colocando como se nós tivéssemos uma perda da entidade, não a entidade cresceu! Cresceu, foi parte daquele movimento social que no Brasil inteiro que era um movimento de base, pela luta das Diretas Já. Tanto é verdade que em 1985 estava Milton Cruz correndo atrás da gente, a cavalo aí na Esplanada dos Ministérios, nós estamos fazendo um movimento na rua né, cercou a universidade, cercou com carros militares, também a polícia mandavam na gente. Foi naquela época que foi o cerco de Brasília, não sei se vocês lembram essa estrada para Goiânia, aqui era uma estrada que tinha um batalhãozinho pequeno, sei lá 10 policiais e que fechavam o trânsito aí, todo mundo que passava lá, todo o carro que passava tinha que apresentar sobre documentação, aqui a saída para São Paulo aqui, essas aí daqui é para Goiânia, saída para São Paulo e Rio aqui e a saída por norte da Bahia, a Bahia – Fortaleza, todo o Nordeste. Tinham outro, não tinham três! Tinha três rodovias que eram fechadas completamente, mas foi em 1985 na época João Figueiredo. Veja o que eu quero dizer, é que não houve enfraquecimento, porque nós estávamos enfrentando essas coisas. Estavam correndo lá na frente da Esplanada dos Ministérios, da República, correndo do General Newton Cruz, que era o Comandante do Planalto, do Exército do Planalto, ele era Comandante e que fechou então a universidade e fechou as entradas da cidade.

Em sua opinião, é possível estabelecer uma relação entre o nascimento da ADUnB e o movimento pela democratização da universidade?

Sim, eu diria, que é mais digamos, o movimento nacional, e não só de professores, o movimento nacional que derrubou o regime, e que foi a grande força social, que foi compulsivo fazer, construir digamos a sociedade brasileira. E começou a criação dos movimentos de professores, não na verdade eram os metalúrgicos, os portuários, ferroviários. Depois veio mais para os setores, setores digamos, docentes e técnicos administrativos, a criação de centrais, centrais em São Paulo, lá na Beira Mar, eu tive lá. Enfim, então tivemos esse movimento, eu acho que ele é uma parte do movimento grande movimento nacional que foi a palavra de ordem era Diretas Já em 1985. Esse é o grande movimento, que claro, que fundaram sindicatos, que então organiza os professores, que tinham uma organização Nacional de professores mas, existe, até hoje, mais fraca.

E para finalizar você teria algum ponto importante que eu não perguntei e que você considera importante para essa pesquisa sobre seu período na ADUnB o que você tem a

recordação?

Veja bem, o que eu acho importante, é fazer essa ligação que eu estou colocando aqui. Essa ligação do movimento local, com o movimento social brasileiro, que foi para as ruas, as grandes cidades, era praticamente uma criação das grandes cidades urbanas, pegava do Sul ao Norte, então isso aí eu acho que é fundamental você olhar o surgimento da ADUnB de como uma parte, digamos uma parcela da organização dos assalariados nas Universidades, os professores assalariados nas Universidades. Logo depois o assalariamento dos técnicos administrativos, então fortaleceu ainda mais, depois nas Universidades privadas também, Na época Uninove não participava, mas participava a Católica de São Paulo, participava a Católica de Campinas. Foi importante a Católica do local da criação do encontro que criou a ANDES - Associação Nacional Dos Docentes, que o ANDES só veio depois, em 1988, quando eu já era presidente do ANDES e que transformamos um sindicato. É associação e transformamos em sindicato, que foi já foi uma assembleia, um congresso no Rio de Janeiro, congresso extraordinário, finalzinho de puxado lá pela UFRJ, UERD(?), por aquela outra Federal que tem no Rio de Janeiro que é a Federal Fluminense, tem ainda uma outra Federal. Então isso foi em 1988, que nós levamos para aquilo que seria a meta, que ela não poderia ficar inconstitucional e que era o argumento que o Azevedo usava: - *Vocês não existem! Sai pra lá!*

Até que começaram aperceber

Até que a gente parou a Universidade, e agora existe! Então a Fundação da entidade ela foi um passo importante, um passo muito importante.

Sim, tá certo Professor Sadi, muito obrigada. Eu e o professor Bauer agradecemos muito por essa entrevista, iremos transcrever e será disponibilizado para o senhor.

Tudo bem fica à vontade se quiser algum esclarecimento. Eu só enfatizo novamente, não desligue do grande movimento social brasileiro.

Figura 38 - Termo de Consentimento Prof. Dr. Sadi Dal Rosso



UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Professor Doutor Sadi Dal Rosso

Gostaríamos de convidá-lo para participar voluntariamente da pesquisa **“Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília - ADUnB - (1978-1982)”**. A presente pesquisa tem como objetivo reunir e analisar os discursos produzidos pelos representantes da Associação dos docentes da Universidade de Brasília; buscando suas vozes, para compreender o seu papel político e importância no processo de consolidação da profissionalização do professor e demais trabalhadores da educação que congrega em suas fileiras, concebendo-a como um importante capítulo da história da educação brasileira contemporânea.

A coleta de dados dessa investigação consiste na realização de entrevistas com personagens que participaram ativamente da construção do **ADUnB**. Também é resguardada ao entrevistado a garantia de receber esclarecimentos sobre a metodologia desta pesquisa, antes e durante o seu curso.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, para ter ciência do estudo **“Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília – ADUnB –(1978-1982)”**, bem como uso dos resultados desta investigação, que poderão contribuir para estudos futuros.

Ressalto que ficou claro para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos necessários no percurso do estudo. Após o término da pesquisa, as gravações permitidas serão devolvidas aos entrevistados que tiverem interesse em recebê-las.

Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, tendo clareza de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o percurso, sem penalidades se for esse o meu desejo, como também autorizo a divulgação pública do meu nome próprio no corpo do trabalho e em suas referências.

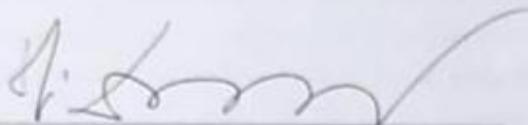
1

Esta pesquisa não resultará em nenhuma despesa financeira aos participantes, assim como também não haverá nenhuma compensação financeira pela sua participação. Informamos que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em duas vias. Se forem necessários maiores esclarecimentos, me coloco a disposição dos entrevistados deste estudo por meio do telefone: +55 11 46613649 ou e-mail: carlosbauer@uni9.pro.br

Carlos Bauer e Thabata Lea Maier, responsáveis por esta pesquisa.

"Apostamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília - ADUnB-(1978-1982)"

ASSINATURA DOS PARTICIPANTES



Sadi Dal Rosso, entrevistado



Thabata Lea Maier, responsável pela pesquisa



Carlos Bauer, responsável pela pesquisa

ANEXO C

Entrevista Prof. Dr Erlando da Silva Rêses, realizada em 29 de Maio 2023 - Brasília.

Entrevistador: Thabata Lea Maier e Prof. Dr. Carlos Bauer

Thabata Maier e Carlos Bauer – Para começar, gostaria de agradecer a sua disposição de colaborar com a construção do nosso trabalho acadêmico que está empenhado e recuperar a história dos movimentos políticos associativistas e sindicais dos trabalhadores da educação, como também procurar preservar a memória de todos os ativistas. Antes de iniciarmos a entrevista eu gostaria que o senhor falasse um pouco mais sobre você, seu nome completo e sua formação e onde está atuando nesse momento.

Erlando da Silva Rêses - Esta bem! Meu nome é Erlando da Silva Rezes, professor da Universidade de Brasília desde 2009, sendo que tem um dado importante, que eu fui aluno da Universidade, desde a graduação desde 1993, tendo conhecida a Universidade antes de ser aluno pela extensão Universitária. A minha chegada à docência, foi uma chegada tranquila, já conhecendo a cidade, já conhecendo o funcionamento da Universidade, pelo menos algumas coisas em termos de extensão Universitária. Então, isso me fez desenvolver algumas coisas já com tranquilidade, uma delas a extensão universitária, mas também o contato com a Universidade me fez aproximar dos movimentos sociais populares, e nisso prestar concurso para a área de educação, tendo obviamente feito Sociologia que também foi parte obviamente dessa aproximação que os movimentos sociais, e eu digo que vem daí esse meu histórico: aproximação com movimento sindical, porque na graduação eu tive a aproximação com o movimento estudantil, já reconhecendo alguns aspectos relevantes da organização desse coletivo, desse setor dentro da Universidade, disputamos espaços na Universidade como o centro acadêmico, diretório Central dos Estudantes e por vai. O Toninho que nós estamos conversando agora, ele é da mesma época nesse período que eu, e ele inclusive era do centro acadêmico de Pedagogia. Recordo-me um fato histórico, quando ele era do centro acadêmico de Pedagogia em 1992, que Paulo Freire esteve aqui na Universidade de Brasília e ali ele inaugurou o centro Acadêmico que chama Centro Acadêmico Pedagogia do Oprimido -CAPI, o Toninho é um dos fundadores. Toninho estou falando com muita tranquilidade o nome dele por ele estuda o sindicalismo docente do Distrito Federal e da educação básica e eu o orientei no mestrado e agora oriento no doutorado. A minha formação acadêmica, pois é, eu fiz a graduação em Sociologia, foi licenciatura e bacharelado, sou professor portanto também da Educação Básica, fui Professor durante 12 anos de Sociologia na Educação Básica, fiz

mestrado em Sociologia e pesquisando sobre o ensino de Sociologia, se quiser eu posso desenvolver mais não como é o caso, e depois, o doutorado e o doutorado já foi com ênfase na questão sindical que foi a formação do sindicalismo da Educação Básica no Brasil, investiguei a partir da cidade do Rio de Janeiro. Minha tese está disponível, eu vou te enviar ou o livro publicado através da tese para você tomar mais conhecimento.

Ótimo, O senhor já falou como se deu seu ingresso no mundo do trabalho Educacional, quais eram as principais características do trabalho docente no período do seu ingresso?

As principais, olha nós temos algo inclusive está movimentando o setor hoje que é algo exclusivo de algumas instituições, dentre elas a UnB que é a URP, que é a unidade de referência enfim, que na época lá em 1989, nós com uma ação na justiça ganhamos o direito a ter percentual dessa unidade de referência, nos nossos salários que representa algo significativo de 26%. E agora os técnicos administrativos tiveram uma derrubada de liminar no Supremo Tribunal Federal pelo Gilmar Mendes, Ministro Gilmar Mendes, está um alvoroço grande na UnB, hoje por exemplo eu estava lá hoje trabalhando e vi que teve Assembleia dos técnicos e tal e uma ameaça grande de se tirar esse mesmo direito para os professores. Então a época que eu ingressei tinha também algo nesse sentido relacionado à URP. Essa UUP é algo que movimento o setor, e é bom lembra que entro logo em 2009, eu já assumo a filiação do movimento docente, e já tem um grande movimentação a partir de 2010, eu me lembro bem deste ano foi um ano de muita movimentação neste sentido de defesa da URP ameaçada. Em 2012 explode uma greve, não estava na pauta a URP, para o nosso acalento, o nosso alento, mas sim a pauta dos docentes das instituições de ensino superior ou seja nível Nacional, uma delas a carreira. Ali naquela época a gente foi duramente atingido, porque tem uma Federação que disputa com a gente, o espaço de filiação, espaço de controle do sindicalismo docente, que é o PROIFES. Sou do Andes, filiado ao Andes, seção sindical filiado ao Andes, mas além disso eu também fui da diretoria do Andes. A essa época, não mas enfim, era uma disputa que existia, e a gente tem como pauta dentro do sindicato uma carreira estruturada, com chamados estepes, que você tem um percentual de reajuste de salarial a partir do seu tempo de trabalho, passando de níveis ai vai, coisa que esse sindicalismo paralelo destruiu nessa greve. Em acordo com o governo, que é importante dizer, que esse sindicalismo nasce dentro do seio do Governo, aquela época Governo Lula, elemento do Ministério da Educação, então era um pauta forte. Então de 2009 - foi a minha entrada para 2012, nós tivemos essa efervescência, passando tanto pela pauta local que é a URP chegando a essa Nacional como por exemplo a carreira docente.

Conte-nos um pouco sobre a sua militância sindical quando ela começou e quais foram

os principais embates que porventura tenha a participado?

Então como eu disse, eu já entrei em 2009 fazendo parte do movimento sindical

Assim que entrou na UnB?

Assim que entrei, é importante dizer, eu diria, aliás vou falar a partir de dois parâmetros, um é esse que eu venho de um histórico de atuação, de participação, de reconhecimento de que nós estamos na sociedade capitalista que tem as diferentes forças em disputa, então precisava como eu inclusive, estou incluído isso nas minhas aulas, de uma determinada força da classe trabalhadora, por ai vai. Mas também é preciso reconhecer aqui, que a atração muitas das vezes para ingresso no movimento sindical se dá exatamente por essa pauta da URP que eu falei antes aqui, porque teria direito aquela época da conquista só que a gente tivesse filiação à sessão sindical, então ADUnB hoje é uma sessão sindical gigante está entre as cinco maiores do sindicato nacional e olha que tem mais de 90, a última eleição agora 96 sessões sindicais de estados está entre as cinco. Cerca de 2.600 filiados muita coisa, então essa sessão do sindical tem uma força expressiva grande. Isso me motivou nessa história de ligação aos movimentos sociais e populares, que eu venho inclusive da alfabetização dos jovens e adultos, educação de jovens e adultos pela linha de Paulo Freire, que a Uninove tem uma boa referência lá que o José Eustáquio Romão, que foi amigo de Paulo Freire, eu venho desse alinhamento e fico com filiação depois partidária, afiliado ao PT. O que me demandou, ou que me estimulou vamos dizer assim está mais envolvido, reconhecer esses movimentos então foi mais por conta disso mesmo, e de lá para cá não sai, continuo então atuando, como você pode ver acabei de falar para você que tá tendo uma movimentação agora cerca dessa pauta da URP.

Falando desta sua militância política, como você caracteriza a importância dela na sua formação humana, na sua compreensão crítica da realidade social?

Eu vejo que isso ajuda muito na perspectiva de defesa da classe trabalhadora, em todo sentido do lado senso. Eu consigo defender hoje a categoria ou grupo social indígena, por exemplo que está com PL no Congresso Nacional PL 490 que é do marco temporal, para ser votado obviamente uma pauta bomba, destruidora dentro do contexto de direito do território dos povos indígenas no Brasil , então eu consigo me alinhar isso fácil, reconhecer que também é uma pauta minha, que diz respeito a minha história, diz respeito a minha luta e por vai além de outras, obviamente mas estou citando essa premente que foi agora da semana passada para cá, que é essa de retirada de direitos dos povos indígenas. A gente tem uma tradição forte aqui de ter movimentos sociais, Brasília é o centro capitania, várias lutas de grupos e movimentos atuantes no nível nacional e uma força que tem aqui, é o até o ATL -Acampamento Terra

Livre, acabou de acontecer um agora no mês de abril então isso oxigena a nossa luta, a nossa força, e a gente também trabalha com o espírito solidariedade classe ou seja se um grupo lá tá precisando da nossa solidariedade, da nossa ação, da nossa atuação porque não fazê-lo? Então para além, nós somos muito criticados, por isso é preciso dizer isso Thabata, por termos uma ação não meramente corporativa de defesa só da categoria de docência obviamente que defendemos, nós temos a perspectiva da atuação classista que chama de defender aqueles que estão obviamente também oprimidos, por esse sistema, por esse modelo de sociedade, enfim da sociedade capitalista e muitas pautas nos diz respeito. Amanhã, hoje estamos aqui a 29, amanhã é uma dia de mobilização Nacional, dia 30 em Brasília, capitaneando pautas como revogação do novo ensino médio, a crítica até 40% do ensino realizada a distância que é uma regulamentação, a gente viu que depois do bum do ensino remoto, essas plataformas digitais ganharam propulsão

Ganharam o poder.

Ganharam o poder, tão com muita força e muito lucro e o governo em 2018 governo, o governo de Jair Bolsonaro, saiu com a regulamentação, com a resolução permitindo isso fortalecendo esse setor. Então para nós, isso é muito grave! Porque a gente defende todo e em qualquer instância, em toda e qualquer situação o ensino presencial, enquanto perspectiva de Formação. Então para nós, essa é uma pauta também. Outras pautas que estão no bojo dessa discussão, falei da indígena e também amanhã vai estar em pauta essa questão local nossa, vai ser um dia de grande movimentação, porque inclusive Brasília é esse centro irradiador de forças nível Nacional, mas às vezes o local não corresponde tanto sabe, é isso que vem de fora, mas amanhã por inclusive URP está no bojo da pauta e vai mobilizar bem a nossa universidade.

Falando um pouquinho da sua trajetória acadêmica, me corrija se eu tiver alguma errada, você iniciou na UnB em 1993, durante sua graduação em sociologia e finalizou em 2008 com seu doutorado em 2009 ingressou como docente na UnB. Nessa trajetória como se deu sua relação com a ADUnB? Conte-nos um pouco mais sobre essa sua trajetória no movimento do sindicalismo docente dentro da ADUnB?

Renato, acho que já lhe respondi isso, enfim você tá falando em 2009 pra cá,

Isso de 2009 para cá, é quando você ingressou como professor.

Nossa atuação tem sido firme e forte. Inclusive eu concorri uma das vezes à presidência da ADUnB, só que ADUnB, hoje mais não, mas até pouco tempo, ela servia de um espécie de trampolim para se chegar a Reitoria ou seja grupos de direita disputavam fortemente a ADUnB. Coisa de duas gestões atrás ainda era assim, duas três gestões atrás ainda era assim.

Nós deixamos de ter a presença desse pessoal até depois da chegada do Governo Bolsonaro, esse pessoal meio que foi acomodado, no governo e deixou de disputar. Mais a ADUnB , e eu concorri com alguém que nem era conhecido no meio sindical, enfim foi alguém assim preposto de um grupo político, que queria ali obviamente ter aquele espaço, vamos dizer assim, um espaço de privilégio. Tem muito recurso, você viu o grau de filiação, mais de 2.600 pessoas, então tem muito recurso e por consequência tem uma força política e um controle financeiro grande, isso fazia com que quem se candidatasse ali pudesse galgar espaços para chegar a Reitoria ,e assim foi inclusive, até pouco tempo deste modelo. Então disputei, perdi porque nós temos posições firmes, não era por ser neófito no movimento, nada disso, mas é porque de fato existia uma articulação política já em torno de candidaturas. A UnB é conhecida por sua também força conservadora, existe um grupo conservador forte, ao ponto de existir a presença da extrema direita, eu mesmo fui vítima de linchamento público por conta daquilo que a gente fala e escreve , e de fazer recortes tal, hoje conhecido como Fake News , de retirar aspecto, que a gente descontextualizar o que a gente fala, fazer linchamento político: - *Olha lá tá defendendo comunismo*. E esse movimento capitaneado por um grupo, ele fez muitas pessoas vítimas, nós temos professores ainda fora do país. A professora Débora Diniz que trabalhou a questão da Defesa do Aborto continua fora, os professores que se movimentaram de um departamento para outro, de uma unidade para outra e por ai vai. Naquela época eu sofri isso, como estava bem organizado sindicalmente, dai a importância disso na vida das pessoas estarem organizadas, eu me servi do apoio do sindicato para fazer a defesa, rebater esse tipo de situação, mas eu não chamei só a minha situação, podia ter sido individualista e fazer isso, mas não eu, capitanei tudo que estava acontecendo com vários colegas, fiz um texto e nós soltamos enquanto sindicato e isso para todo mundo ler e ver , enfim, outras pessoas preferiram obviamente o caminho da Justiça e a própria ADUnB preferiu de repente reunir os casos para ver se abria um processo judicial, acho que não acabou fazendo porque não foi convocado, nem assinei nada, enfim acho que não fez ,ficou a intenção. Então só para te dizer isso, então ADUnB hoje está nesse contexto de viver por exemplo, sobre égide de uma ameaça das forças conservadoras, ela fica ali no campo de um progressismo, mas de um progressismo mais conciliador, não é que hoje obviamente tem forte vinculação com o Governo do Lula ,e eu venho numa posição mais crítica a isso, chega a ser essa outra força, uma terceira força vamos dizer assim, então hoje eu me posiciono dessa forma com relação a nossa seleção sindical.

Entendi, está certo, você quer falar mais sobre o Andes? Sobre sua trajetória no Andes?

Não assim, eu acho que a ADUnB por ser uma sessão sindical do Andes, que o que tá

faltando mais para nossa sessão, era assumir de fato, com ênfase a perspectiva do sindicato Nacional, a gente vê que por ter forças políticas diferenciadas, importante dizer que nós acabamos de sair de uma eleição com três chapas, acaba que algumas coisas são boicotadas, isso não é bom não é legal para a ADUnB porque a ADUnB por estar em Brasília às vezes fica deslocada, da perspectiva Nacional e não é bom pelo contrário, quanto mais vinculada perspectiva Nacional mais força ganhar a sessão sindical. Então a gente percebe isso, eu sou alguém. uma voz destoante e fico a todo momento reivindicando essa aproximação ou divulgação dos documentos, fazer uma integração dos grupos de trabalho, o nível Nacional para o nível local e por vai então, eu diria que essa aproximação apesar de ter reconhecido depois que forças progressistas assumiram a sensação sindical ter acontecido um pouco mais de aproximação, mas ainda não suficiente eu diria, ainda está insuficiente, porque já tivemos até ameaça dessa situação sindical, do nosso sindicato nacional para outra como essa por exemplo paralela que chama PROIFES.

Você acha que ainda a identidade do docente que se filiou lá no mundo do trabalho, no início, lá em 1978 ela mudou para aqui, para quando você iniciou em 2009 ou até hoje?

Interessante, boa você fazer essa pergunta que a gente faz o chamado encontro de gerações, encontramos pessoas na história do sindicalismo por exemplo te apresentei via contato o Professor Valnei Garrafa e o professor Murilo César que é o Autor do livro Sonho e Realidade da história do movimento docente aqui na UnB, na década de 70, quando começou inclusive o diga de passagem a ADUnB chega a ter mais idade do que o próprio Andes. ADUnB tem 45 anos o Andes tem 42, inclusive é preciso dizer que o Andes surge ali aos auspícios ali da ADUnB dentro da UnB nesse período. A ADUnB abrigou sede do Andes dentro da própria UnB, importante dizer está no livro Sonho e Realidade, bem essas pessoas elas tiveram um papel relevante, hoje você conversou com o Sadi Dal Rosso, o Sadi Dal Rosso tem uma diferença para as personagens daquela época, eu diria porque o Sadi que continua na ativa e ele faz parte do coletivo de docente ligada ao Andes aqui junto comigo, escreveu e escreve nessa área inclusive tem um livro que vai acabar de sair. Não é diretamente sobre o sindicalismo docente, mas você acabou de ver um livro associativismo e sindicalismo dos trabalhadores da educação agora lançado recentemente Deise Mancebo e a Márcia Ferreira, e o Sadi ele foi desse período, lutou muito pela institucionalização da ADUnB e do próprio Andes dentro da UnB funcionamento e tal, e outros professores esses dois que eu citei Volnei Garrafa e Murilo César eles não têm mais, acompanhado essa vida sindical docente, assim como é que eu diria tão organicamente, esporadicamente são lembrados aqui, acolá, como Murilo fez uma palestra semana passada os 45 anos ADUnB,

por conta da autoria do livro ele foi convidado se limita a isso. Tô te indicando ele porque ele vivenciou aquele período, mas não tem a vida, uma continuidade da vida sindical, sabe docente, é como se eu diria para você que é ruim dizer isso, mas é como se tivesse sim já contribuído já dado sua cota e não tem que dar mais então, então para mim não essa perspectiva de militância que eu tenho que eu propugno para ninguém até porque o capitalismo não tá ali na esquina e vai acabar então os conflitos de classe vamos continuar o tempo inteiro, então essa é a diferença então essa geração ela pode ter sido marcada e de fato às vezes a gente percebe, isso por um certo assim um momento saudosista muitas vezes, é lembrado assim esse pessoal daquela época gosta muito de contar história sobre aquela época e para trazer para o presente às vezes fica difícil acompanhar conjuntura e tal às vezes fica com as coisas mais digamos, assim sutis, mais breves, assim tão elaborado como foi àquela época, de fazer assembleias massivas como tem fotos no livro *Sonho e Realidade*, grandes movimentações. O Sadi por exemplo, tem uma foto histórica que ele tá lá com a Ministra Margarida, em que é transformada de associação para sindicato 1990 importante essa foto do seu trabalho, tô sabendo que por indicação minha que você vai lá no CEDOC, no Centro de Documentação Andes, tem essa foto lá e como tem um espaço memória lá você pode encontrar várias fotos de grandes movimentações na UnB que foi o nascedouro do Andes, então a lembrança que muitas vezes essas pessoas tem é de um certo saudosismo, mesmo assim sabe aquela coisa uma coisa áurea assim que, que ficou lá atrás mas não faz o movimento, digamos da dialética, quer trazer esse passado para alimentar o presente e fazer com que fique enquanto o movimento muito importante na história do movimento sindical docente.

Até o professor Sadi lembrou de uma situação bem saudoso teve um momento na greve de 1982 que eles fechavam a sala de aula, eles fechavam tiravam todo mundo e trancavam a sala .

Hoje a gente conheceria como piquete. Acabamos de sair de uma greve aqui dos professores da Educação do Distrito Federal e essa continua sendo a principal luta de quem faz da greve, é fazer o piquete, de fazer com que o próprio o próprio colega não trabalhe, não tenta de fazer o convencimento ali o processo de conscientização política e eles faziam dessa forma. (risos)

Hoje não conseguiu fazer mais isso?

Não, os próprios estudantes quando foram chamar professores, colegas professores em sala na quinta-feira, foi à última Assembleia que fez a suspensão da greve que eu estive presente. eles foram rechaçados, foram banidos das salas, colegas professores. Estamos falando de estudantes da graduação, quando iam na sala de professores ministrando aula, para tentar ver

se a turma parava, todo o processo de convencimento eles foram banidos foram rechaçados enfim

Como o professor avalia a consolidação do movimento sindical docente dentro da UnB

É consolidado! Com as suas diferenças, com as suas nuances, como eu já aponte mas é um movimento consolidado, que a gente espera que ele seja cada vez mais crescente, porque dentro do setor da educação assim como da saúde a gente tem visto pelas taxas das pesquisas nacionais, que tem crescido o número de pessoas na área do setor de serviços, sobretudo desses dois setores e assim a gente espera que também ou seja dentro do movimento sindical, mas o nosso grande apelo é que seja com participação orgânica e não tá ali filiado por conta de um atrelamento, de uma situação de benefício ligada a URP e por vai. Mas, que seja uma sindicalização efetiva, que possa participar da vida do sindicato, se movimentar com as grandes pautas que a gente tem como a gente diz quando a tem uma força organizada a tendência de vitória é bem maior, uma força organizada com maior número claro, com maior densidade de pessoas ela tem a possibilidade de vitória é maior, mais do que de repente ali alguns gatos pingados fazendo uma determinada luta, então acho que é um temor, uma crise, ou dificuldade de vários campos políticos sobretudo sindical que a gente tem visto nos últimos tempos. Muita gente chama de crise do sindicalismo e a gente espera que não seja assim até porque digamos, porquê de repente tem um governo mais alinhado que a gente vai ter pauta sempre favorável a nossa categoria, o nosso setor não, estamos, acabou de ser aprovado o Arcabouço Fiscal, ou seja está em movimentação mas tem que ser aprovado em todos as casas, Câmara e Senado, que na verdade nos atinge enquanto os servidores públicos, com relação a reajustes, que é o novo pacote Fiscal, acabamos de sair de um modelo de Arrocho, digamos de um Pacote Fiscal e hoje a gente tem só uma mudança, de uma nomenclatura para outra

Da Emenda Constitucional 95, foi essa que fez esse Arrocho, para essa agora então estamos vendo muita diferença então quer dizer que a luta continua.

A luta continua como sempre. Como você avalia a conjuntura que a ADUnB foi criada?

Quais eram os principais desafios que estavam colocados para a organização associativistas dos professores da Universidade de Brasília?

Bem, é importante dizer que esse surgimento da ADUnB teve forte, digamos, assim impulso dado pelo setor da educação pública do Distrito Federal, que inclusive tinha uma aproximação até física. O sindicato dos professores funcionando dentro das dependências de terreno da UnB, o Toninho. O Antônio Carlos está investigando isso ele traz a movimentação inclusive dos professores do Distrito Federal antes da ditadura militar antes dos anos 60, O Toninho ali

tem um material que nós já publicamos, ele inclusive de 1956 a 1964. Então nós temos uma publicação por nesse período e ali a gente já vê o que é uma grande movimentação, pequena não viu inclusive existiu no Congresso Nacional a CPI da Educação, então significa que a coisa era bem intensa. Naquela época inclusive tinha movimentação dos professores em várias dimensões e ordens que inclusive chegou a se fazer trabalho com alfabetização de jovens e adultos com Paulo Freire. Tem relatos de pessoas aqui com mais de 80 anos que Toninho colheu para sua pesquisa que demonstra isso, então teve esta movimentação, depois obviamente por conta da ditadura teve o seu prejuízo de organização, mas é importante dizer que na retomada dessa discussão, tem até escritos dessa época se criou a primeira associação dos docentes do Distrito Federal e tal, e ela continua ali depois na retomada nos anos 70 e isso de uma certa forma mexeu com a organização dentro da Universidade, então professores hoje que estão lá, viram e até ajudaram. Tem uma professora chamada Nair Bicalho por exemplo, ela hoje esta num programa de direitos humanos, enfim ela é uma dessas pessoas que estão aí que em maior ou menor grau que teve envolvida, com essa organização e o que eu diria ela, não tem só aquela fase que você certamente está lendo agora, estudando e tal é meramente mutualista, associativistas recreativa cultural, nasceu de luta, de luta mesmo, com expressões mesmo de direitos, conquista de direitos, muito bem elencados ali como pautas, como pautas e obviamente depois dos anos 70 isso só vem a se fortalecer com a presença dos movimentos sociais populares, movimento estudantil, outros movimentos, Negros LGBTQI+ Mais Gêneros então se fortaleceu esse campo sindical com certeza depois anos 70.

A sua trajetória você pegou então o governo Lula quando você começou em 2009, você pegou também o governo Dilma, depois veio o governo Bolsonaro e agora novamente o governo Lula. Você vê alguma diferença em relação ao sindicalismo?

Bem, o que a gente pode pontuar, eu falei para você de uma federação paralela dentro do Governo Lula, por quê, porque o nosso sindicato ele tem como digamos, centralidade a sua autonomia, foi independência e um sindicato deve ser assim, independentemente de governo de patrões e no nosso caso até de reitorias de administrações, e a gente tinha essa bandeira já. No Governo Lula infelizmente, teve esse processo de cooptação que a gente chama a CUT é um desses setores que se deixou cooptar por gente da direção, assumiram cargos, não fizeram grandes mobilizações, não chamavam mobilizações de rua contra o governo que ela ajudou a instituir colocar, então meio que a gente ficou isolado vamos dizer assim e sem poder fazer grandes movimentações, porque o nosso sindicato é diferente de um sindicalismo como a CUT, a nossa central era que a CESP, tinha uma diferença digamos de densidade de pessoas, uma mobilização chamada pela CUT é bem mais expressiva obviamente, então no

Governo Lula sofremos isso. No Governo Dilma por conseguinte, não foi diferente. No Governo Temer mudou com relação de forças, então de fato assumimos mais o campo que é a CUT ,começou a se movimentar também , o me lembro muito bem de vários atos 24 de maio me recorda aqui de 2016 salvo engano foi 2017, foi um grande ato aqui na Esplanada que tivemos bomba de gás lacrimogênio, bala de borracha se bem que foi a policia do Distrito Federal , na época do Rodrigo Valemberg , Governador Rodrigo Valemberg que não tá diferente hoje viu, mas enfim é uma das polícias mais repressoras que existem, então nós sofremos esse tipo de situação e bem de 2016 para cá foi isso, apesar de que também teve uma digamos uma baixa movimentação ou em menor grau no início do Governo Bolsonaro, aumentou obviamente com o tempo, chegamos a fazer movimentação de rua, podia ser maior mas uma vez, a gente dependia da CUT articulando junto com a gente, o PT e a CUT, enfim e não conseguimos fazer ter muitas conquistas assim , por exemplo foi aprovada contra a reforma trabalhista, contra a Reforma da Previdência, enfim a contra Reforma do Ensino Médio tudo isso foi aprovado nesse período, à Emenda Constitucional 95/2016, então tudo isso representou ataques à classe trabalhadora ,que infelizmente foi aprovado neste período, poderia ter sido maior de idade efervescência política nas ruas e tal assim, mas tinha uma ameaça grande à gente percebia isso a Extrema Direita no poder, uma instalação de novo período de ditadura militar, tudo espalhava ali para nós então não foi digamos com muita força ou não foi com a força devida, que a gente se articulou com todo o campo da esquerda nesse período infelizmente.

Em linhas Gerais, eu sei que o professor já comentou, mas se quiser complementar com mais alguma informação, qual foi à importância da Associação Nacional dos docentes do ensino superior a Andes, no interior do movimento sindical docente brasileiro e no processo de organização e desenvolvimento da ADUnB, em sua opinião qual é o papel que essa entidade tem desempenhado na história dos trabalhadores em educação brasileira?

Importância enorme! A Andes como eu já pontei antes, ele com 42 anos enquanto sindicato , é importante pontuar que grandes conquistas hoje da categoria docente dos professores das instituições superiores ,se deve à luta firme e segura que o Andes tem, em várias pautas, tanto as salarial como corporativa , reajuste carreira, horas de trabalho e por vai , quantas as pautas mais relacionadas ao tempo do serviço público, quanto servidores públicos federais por exemplo. obviamente no campo das Municipais Estaduais tem as Universidades lá que tem um lance também organizado o Andes tem essa configuração . reuni os professores das redes Municipais, Estaduais e Federais, dos SEFESP institutos federais , então é uma entidade

grande ,um dos maiores sindicatos de docentes da América Latina e isso faz com que ele tenha e assim a gente espera , que vem um novo mandato que inclusive vou fazer parte , que seja sindicato autônomo e de fato combativo. Eu citei por exemplo, manifestações 2016 estava lá o Andes, eu mesmo sofri lá a gás lacrimogênio, na cara bomba, bala de borracha e por vai ,então que ele continua com esse espírito nós já começamos, agora com essa nova gestão que vai se iniciar uma movimentação junto com a diretoria que está se encerrando, conta por exemplo esse arcabouço fiscal , estaremos na luta pela revogação do novo ensino médio que já é uma luta uma pauta da histórica e por vai ou seja essas grandes pautas, essa questão do Marco Temporal PL 490 que ataca os povos indígenas. Então tudo isso a gente se envolve, então que a gente continua sendo essa força a importância do Andes na história do sindicalismo brasileiro e que ele a gente ouve isso, tem servido de exemplo de modelo para outras frentes de luta sem atrelamento a governos. Cada vez mais firmes nas suas pautas, então ele é ele é sindicato sempre de referência realmente para fazer essas grandes batalhas.

Em sua opinião é possível estabelecer uma relação entre o nascimento da ADUnB pela redemocratização da Universidade?

Eu diria que sim, acho que o próprio livro Sonho e Realidade demonstra isso, essa luta ela começa lá no final dos anos 70, na constituição da ADUnB, adentra os anos 80 a gente vê, reitores com alinhamento democrático foi o caso do Cristóvão Buarque , que foi Governador do Distrito Federal, que fomos nos primeiros assumir então essa frente e de lá para cá universidade só fortaleceu esse campo, é democrático em sua vida ao ponto de nós termos inclusive derrubado o Reitor acusado de corrupção na sua gestão ,a força dos estudantes, se ocupasse ali a Reitoria e ele tendo que renunciar o seu mandato. Então associação dos docentes obviamente tem representado muito nesse campo democrático, popular , uma representação firme, com relação a fortalecimento dessa perspectiva dentro da Universidade. É claro que se você me perguntar como já disse antes se poderia ser um pouco melhor? Diria assim , assumindo mais a perspectiva sindical enquanto tal , eu infelizmente o fato recente agora foi os estudantes pedir um transporte para ir lá na movimentação dos professores do Distrito Federal ,e até um dia antes de transporte estava confirmado e no mesmo dia já não estava mais , então foi ruim é ruim, por exemplo se a gente compara isso que é do âmbito da luta sindical com outra pauta tipo a comemorativa dos 45 nada contra, que tenha comemorativa dos 45, mas porque também não tem os esforços para despender recursos aonde tem que onde tem a luta sindical , onde tem esforços para combater, a enfim é tudo que tem atormentado na política.

Sobre a greve de 82, você acha que os direitos que foram adquirido com essa greve em

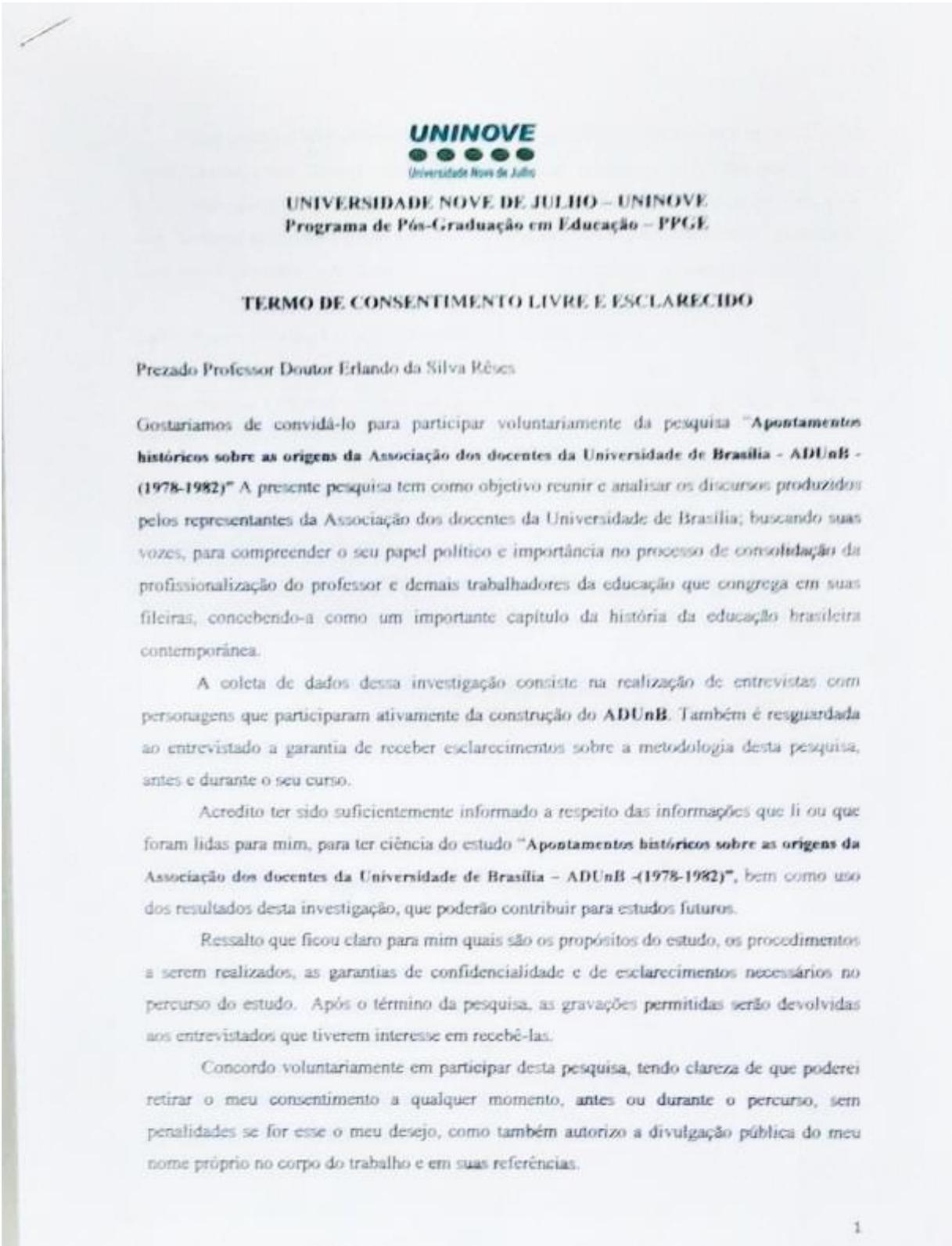
1982 ainda permanece com os docentes hoje ou você acha que teve perdas?

A gente fala muito em Direito conquistados, direitos conquistados é difícil da gente dizer que houve recuo, mas apesar de que muitas pautas-bombas e prejudiciais aos trabalhadores têm surgido , até ameaça da rompimento com direitos conquistados da CLT por exemplo, os trabalhadores da iniciativa privada, mas muitos dos nossos, um dos mais atacados tem sido a Previdência, então direitos conquistados algo de fato que a gente tem lembranças e eu te digo, a gente tem que fazer com que as coisas deixem de ser mais saudosistas, sejam mais dialéticas no sentido presente reforçado, desculpa, o passado reforçar o presente esse vide movimento de energia e força para luta, do que ficar meramente como algo lá conquistado e pronto, mas não sempre trazer inclusive para as novas gerações. A gente tem um quadro de professores que se aposentam, professores se aposentam que saem de licença e vem os temporários, então é sempre importante estar trazendo à tona quais foram essas conquistas para que a gente não perca esse ponto da história e achar que tá tudo resolvido e não preciso lutar.

E para finalizar teria algum ponto importante que considera para essa pesquisa sobre o período da ADUnB para o senhor queira falar?

Eu acho que já te reportei tudo que eu queria, só reforço que cada vez mais a ADUnB fazendo obviamente com que seja e ela mesma seja de caráter sindical no sentido de defesa mesmo das pautas, da luta dos docentes, das docências das instituições de ensino superior, sem perder de vista a também a sua perspectiva classistas porque não, e dizer assim que ela se aproximando mais das lutas aqui em Brasília, das pautas nacionais, também um desejo nosso que isso aconteça ,porque ela participa pouco ainda e sendo ela uma das grandes seções sindicais ou seja tem condições de fazer isso melhor do que tem sido feito.

Figura 39 - Termo de Consentimento Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses



UNINOVE
Universidade Nove de Julho

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Professor Doutor Erlando da Silva Rêses

Gostaríamos de convidá-lo para participar voluntariamente da pesquisa **"Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília - ADUnB - (1978-1982)"**. A presente pesquisa tem como objetivo reunir e analisar os discursos produzidos pelos representantes da Associação dos docentes da Universidade de Brasília; buscando suas vozes, para compreender o seu papel político e importância no processo de consolidação da profissionalização do professor e demais trabalhadores da educação que congrega em suas fileiras, concebendo-a como um importante capítulo da história da educação brasileira contemporânea.

A coleta de dados dessa investigação consiste na realização de entrevistas com personagens que participaram ativamente da construção do ADUnB. Também é resguardada ao entrevistado a garantia de receber esclarecimentos sobre a metodologia desta pesquisa, antes e durante o seu curso.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, para ter ciência do estudo **"Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília - ADUnB - (1978-1982)"**, bem como uso dos resultados desta investigação, que poderão contribuir para estudos futuros.

Ressalto que ficou claro para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos necessários no percurso do estudo. Após o término da pesquisa, as gravações permitidas serão devolvidas aos entrevistados que tiverem interesse em recebê-las.

Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, tendo clareza de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o percurso, sem penalidades se for esse o meu desejo, como também autorizo a divulgação pública do meu nome próprio no corpo do trabalho e em suas referências.

1

Esta pesquisa não resultará em nenhuma despesa financeira aos participantes, assim como também não haverá nenhuma compensação financeira pela sua participação. Informamos que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em duas vias. Se forem necessários maiores esclarecimentos, me coloco a disposição dos entrevistados deste estudo por meio do telefone: +55 11 46613649 ou e-mail: carlosbauer@uni9.pro.br

Carlos Bauer e Thabata Lea Maier, responsáveis por esta pesquisa.

"Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília - ADUnB-(1978-1982)"

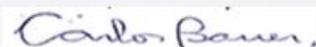
ASSINATURA DOS PARTICIPANTES



Erlando da Silva Rêses, entrevistado



Thabata Lea Maier, responsável pela pesquisa



Carlos Bauer, responsável pela pesquisa

ANEXO D

Entrevista Prof. Dra Eliene Novaes Rocha, realizada em 30 de Maio 2023 - Brasília.

Entrevistador: Thabata Lea Maier e Prof. Dr^o. Carlos Bauer

Trajetória na ADUnB:

Atualmente diretora da ADUnB

Thabata Maier e Carlos Bauer - Gostaria de agradecer a sua disposição de colaborar com a construção do nosso trabalho acadêmico que está empenhado e recuperar a história dos movimentos políticos associativistas e sindicais dos trabalhadores da educação, como também procurar preservar a memória de todos os ativistas. Como que é hoje a ADUnB? Como que se caracteriza a ADUnB, qual é o papel dela na UnB hoje?

Eliene Novaes Rocha - Eu sou a quinta mulher a presidir o sindicato, então hoje a nossa gestão ela é uma gestão de 10 professores, de 10 dirigentes sendo 7 titulares e 3 suplentes, mas a gente tem feito historicamente uma opção de não separar suplência de diretoria efetiva, então todos os 10 participam ativamente do sindicato. Isso é uma decisão política importante, porque isso possibilita que os professores que estejam na direção não tenham uma separação entre quem é executivo e quem não é então acho que isso é um fato importante para a gente falar de como a gente reestrutura internamente o sindicato, a dinâmica do trabalho da gestão. Sobre a tua pergunta de como é que a ADUnB hoje se articula em relação às grandes pautas, então a gente tem feito um esforço muito grande na nas últimas gestões, não sei se você sabe se alguém comentou com você, mas a gente teve de 2008 até 2018 aproximadamente, o que a gente chama de gestões de direita. Então assim, que foram posições que tomaram o sindicato ali no final dos anos 2008 e a gente fez a partir de 2018, uma retomada nesse sindicato com a gestão do professor Pasquetti, desse coletivo que vem, para retomada do sindicato e uma das pautas que a gente tentou retomar nesse, acho que tem duas- três grandes questões que eu acho que fazem falta dessa reconstrução do que a gente tá chamando de reconstrução do sindicato. Primeiro uma pauta que é a gente aproximar o sindicato da categoria, das demandas reais da categoria, salário, condições de trabalho, então assim uma série de pautas que o sindicato ficou muito tempo sem debater, uma campanha salarial, o movimento assim e o significado durante esse período inclusive se ausentou de grandes lutas, reestruturação da carreira, das grandes greves que aconteceram no período da UnB basicamente não participou, ou se entrava sair antes dos demais, então uma grande pauta que o sindicato retoma a partir de 2018, é essa necessidade da gente trazer as demandas concretas materiais da categoria para

dentro do sindicato, discutir a aposentadoria, discutir carreira, discutir salário, discutir condições de trabalho. E isso tanto numa perspectiva política das ações de articulação junto com o Andes e com os outros espaços, quando na perspectiva jurídica mesmo com o nosso jurídico subsidiar nossa categoria sobre isso, então essa para mim é uma grande questão que, assim é de como Sindicato de luta, dialoga sobre as questões de sua categoria representativa na sua categoria. Uma segunda ação que eu acho que é bem importante, que eu acho que é bem importante destacar, que é o papel desse sindicato junto ao nosso sindicato nacional. Durante esses últimos 10 anos inclusive, as gestões fizeram uma opção de participar muito proforma das ações do sindicato nacional do Andes, e a gente toma isso como princípio importante porque a gente venceu o PROIFES dentro da Universidade, e a gente entende o Andes como nosso espaço de lutas como sindicato nacional. Por que isso é muito importante? Porque muitas vezes nós somos indicados ou apontados pelo fato da gente ser um coletivo que faz a posição atual diretoria do Andes, a gente sempre é indicado como sindicato que nega o sindicato nacional, a gente não nega ao contrário, a gente defende o nosso sindicato nacional, é por isso que nós nos mantemos nele então essa é uma retomada importante, porque a base também tem um entendimento de que o sindicato precisa estar mais próximo do sindicato nacional, que já tá mais próximo e a gente entende que nós a nossa aproximação com sindicato é fundamental. E a terceira, eu acho que é uma articulação política que o sindicato retoma com os segmentos da Universidade, como SINTFUB, como PSE, como os estudantes de que a nossa articulação política não é só para fora, ela precisa ser uma articulação política para dentro, de construir com a Reitoria naquilo que é possível, de criticar a Reitoria naquilo que é necessário, daquilo que se contrapõe, mas principalmente da gente construir uma unidade de luta interna dentro do sindicato, com as outras forças políticas e essa tem sido um movimento que a gente tem feito um esforço de fazer, hoje o ato Unificado dos docentes técnicos e estudantes é um sinal disso, um sinal dessa reconstrução só que diante de tudo isso a gente luta contra o esvaziamento da luta sindical,

O que tá acontecendo em tudo nacionalmente.

É o que a gente tem visto. Cada vez menos pessoas se filiam cada vez menos pessoas! E não é só da categoria docente, é de todas as categorias, e assim é em todos os setores, com exceções raríssimas de movimentos que conseguiram ampliar a sua atuação como movimento de massa como MST, porque a gente vê são os espaços de lutas esvaziados, ou muitas vezes envelhecidos. Não no sentido envelhecidos no sentido de que as pessoas estão conservadoras, mas de que é uma categoria que é muito mais representativa de quem participou historicamente do que da juventude. Então esses pontos eles são sempre nossos pontos de

grande debate aqui internamente nesse novo momento da luta sindical dentro da ADUnB.

Qual que seria o papel do professor, do perfil do professor que se sindicaliza hoje? Qual que seria o perfil dele?

Então nós temos uma categoria de 2.336 associados, afiliados nós chamamos de sindicalizados, desses aproximadamente 30% é de professor aposentado, ou seja, um terço da categoria é de professor que não tá mais na ativa, como professor Sadi, professor Baltazar. Embora a aposentadoria necessariamente não signifique aposentadoria da luta política, eles continuam fazendo luta, mas esse é o perfil muito forte da nossa categoria, que é o aposentado que conhece a história da UnB, que conhece a história do sindicato e que entende o sindicato como sindicato de lutas. Eu não sei precisar exatamente, mas eu acho que a gente deve ter em média 20% que são dos professores mais novos, ou seja, a nossa categoria, é uma categoria de professores históricos, de professores que entenderam a construção da UnB, que entenderam a construção do sindicato, ou seja, também carece da gente ampliar uma mobilização dos professores novos, e isso se reflete em muitas categorias. Os professores que entraram na universidade nos últimos 10 anos, por exemplo, são os professores que menos se sindicalizam, ou seja, isso corrobora com esse perfil que a gente está dizendo que é do esvaziamento da luta política. Então a gente, eu poderia dizer que o perfil majoritário dos nossos professores são daqueles que vem de uma longa história de luta, não só pelo sindicato, mas por democracia, por direitos, por ampliação do acesso ensino superior, então eu diria que majoritariamente são esses sindicalizados que estão no sindicato a mais de 10/15 anos, é claro que a gente tem professores novos, eu sou uma professora recém-chegada da UnB eu tenho 9 anos de UnB, e eu me sindicalizei assim que eu cheguei, e nós temos outros diretores que são jovens dentro da Universidade que estão no sindicato, mas majoritariamente não é o perfil do professor: - *Ah eu saio tomo posse me sindicalizo*. Então esse é um perfil que a gente ainda tem que conquistar mobilizar fazer todo um diálogo sobre importância do sindicato

Você está há 9 anos na UnB, mas você participava já do sindicalismo em outros lugares?

Eu sempre trabalhei (risos). A minha formação anterior a Universidade é do movimento sindical, então eu trabalhei. Eu sou baiana, eu venho da Bahia então na graduação eu fui trabalhar numa organização, numa ONG, que trabalhava com formação de professores e com a organização sindical, que a época prestava assessoria sindicatos rural e fazia o debate da sua organização sindical, então eu fiquei 11 anos depois eu vim para CONTAG que a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura e fiquei assessorando a área de políticas públicas e educação durante 11 anos, então a minha vida anterior à Universidade é sindical, eu fiz o mestrado, fiz o doutorado aqui na UnB e depois passei no concurso em 2013

e entrei 2014. Assim a minha trajetória política é sindical, então estar no sindicato é uma continuidade dessa luta mesmo estando dentro da Universidade de Brasília.

Para finalizar qual a sua opinião em relação da criação da ADUnB com o movimento de democratização da universidade.

Eu diria que a criação da ADUnB, é uma consolidação de um entendimento dos docentes pela sobrevivência da UnB, quando a gente vai conversar com as pessoas que viveram e que tiveram essa necessidade pela materialidade da luta, é de que não era só uma defesa dos estudantes e dos docentes, era uma defesa da Universidade como esse espaço pensado pelo Darcy Ribeiro, é um lugar de formação política, um lugar de pensar a liberdade, de pensar projetos de sociedade, então quando a ADUnB nasce ela nasce com intuito de defender os estudantes e os professores, mas ela nasce principalmente com intuito de defender a Universidade que tinham um interventor, que tinha um militar na sua Reitoria, então eu sempre digo que a história da ADUnB e da UnB elas se entrelaçam numa defesa intransigente, primeiro pela democracia, porque os professores que lutaram pela criação da ADUnB foram os professores que fizeram a luta contra a ditadura. Fora da UnB e dentro da UnB, tanto é que a gente tem estudantes desaparecidos até hoje, o caso do Honestino Guimarães, que são desaparecidos porque, porque eles não lutavam só pela Universidade, lutavam contra ditadura, então eu diria que a Universidade, o nascimento da ADUnB é um nascimento de defesa dos direitos dos professores, mas muito o nascimento de uma luta por dentro da Universidade em defesa da Democracia brasileira. Então eu diria que não dá para pensar a ADUnB sem a grande luta pelo direito, e isso se reproduziu historicamente não só no seu nascimento, mas por exemplo a ADUnB foi instituição central na primeira eleição direta para Reitor, quando elegeu o Cristóvão que foi o primeiro Reitor eleito após a ditadura, ADUnB foi fundamental na posse do Ibaneis, que foi o Reitor eleito e que só tomou posse por pressão interna da Universidade, porque a época sentiu uma questão porque o Ibaneis no caso não era brasileiro era espanhol, então inclusive tem registro, falas assim muita gente de como foi importante o papel que eu sindicato assumiu ali dessa pressão social para que o Ibaneis de tomasse posse, a ADUnB foi central no afastamento do Reitor Timothy acusado de corrupção inclusive na gestão de 2008, a ADUnB foi fundamental na posse nas eleições que aconteceram porque a ADUnB e junto com o DCL e o SINTFUB coordenaram historicamente as consultas públicas para Reitor, elas foram coordenadas pela ADUnB, DCL e SINTFUB nas consultas para Reitor em geral são feitas na Universidade pelos três segmentos e depois ADUnB aparece como uma ampla fundamental para garantir a nomeação dos Reitores que foram eleitos pelas suas comunidades, e que fossem no caso nomeados pelos

ministros como uma primeira indicação, então eu diria que a ADUnB é esse, é também esse movimento de reconfiguração dos processos democráticos dentro da UnB, e que ele reflete para fora porque a UnB é uma instituição muito importante não só Distrito Federal, mas como uma das instituições ensino superior mais importantes do Brasil, então a gente vai vendo que ela vai reproduzindo na vida política, essa ação da defesa da intransigente da Democracia dentro e fora da Universidade do Brasil

Muito obrigada por colaborar e o professor Bauer agradecemos, eu fico muito feliz de ter pessoas com tanta garra e tanta paixão como você tem.

Eu tenho!

Isso e fica expressa na sua fisionomia, esta paixão sabe a única pessoa que eu vi também o professor Sadi assim da luta de estar presente, dá para perceber. Você não fez parte da construção, mas você faz uma parte importante agora e você esta reerguendo toda essa redemocratização.

A gente tem uma coisa bem importante, quando a ganhamos a eleição em 2020, a primeira gestão que eu assumi, esta é segunda gestão, primeira como presidente, mas é a segunda gestão. No debate que a gente fez preparatório ao processo eleitoral e os debates que a gente tinha, os professores da chapa opositora sempre diziam assim para gente: - *Ah mas vocês são muito apegados ao passado, você sempre falam, de uma ADUnB do passado de lutas , a gente tem que pensar o futuro.* Eu aprendi, e aprendi muito na ADUnB, aprendi ao longo da minha vida do movimento sindical que não dá para a gente negar o passado, e boa parte das pessoas que não me militam, que não fazem defesa, não é só do Sindicato da Universidade como um todo, é porque não conhece a história da UnB. Se você conversar com boa parte do professores dessa Universidade ou de alunos, poucos talvez saibam que a Universidade foi invadida seis vezes pela ditadura militar, poucos saberão que é sua Universidade teve 60 estudantes expulsos por enfrentar a ditadura, pouco saberão que mais de 200 professores pediram demissão coletiva por se negar a se dobrar a um militar interventor, e isso tudo nos traz uma responsabilidade, a Universidade, o sindicato seu instrumento de luta é um pacto com aqueles que fizeram a história dessa Universidade, e é por isso que eu digo assim não tem futuro se a gente não conhece nosso passado. Então eu a primeira coisa que eu vim, que quando eu entrei no sindicato, eu me debrucei fui para conhecer a história desse sindicato, e conversar com aqueles que construíram o sindicato ouvir as pessoas: o professor Sadi, professor Ibaneis, a professora Raquel, o professor Coutinho e tantos outros, que se você tivesse a oportunidade de conversar com ele seria bom, porque assim essas pessoas conseguiram ter uma perspectiva de futuro sindical, de uma associação docente que ela é

muito visionária muito visionário. Só para você ter uma ideia se nós somos a segunda sessão sindical do Andes, quando o Andes se transformou em sindicato, a ADUSP que foi a primeira associação se transformar, de associação para sindicato que você sabe que até 1988 a gente não podia, então todos nós éramos associações e nós somos a segunda associação a se transformar em setor sindical do Andes. Isso não é pouca coisa não é qualquer coisa, isso é o caráter visionário de você entender que enquanto o movimento docente você tem uma associação, mas quando a conjuntura permitiu o coletivo que tava para ele não se furtou a transformar isso no sindicato, porque o sindicato tem um papel de representatividade da categoria que é fundamental, então me sinto muito honrada por colocar o meu pouquinho, meu dedinho, minha marca nessa história porque eu acho que é uma história de muita luta e de muito entendimento do papel do ensino superior da Universidade, do processo democrático brasileiro porque o sindicato é só um instrumento de luta, e acho que eu fico muito feliz de contribuir dentro da gestão nesses dois últimos mandatos agora como presidente tá, mais antes como tesoureira de fazer essa marca ,sabe desses 45anos em 4 anos eu botei uma marca de luta.

E a Rede Aste é isso, é resgatar isso mesmo, a construção desse sindicato, dessas pessoas que foram tão importantes na luta. Novamente agradeço.

Figura 40 - Termo de Consentimento Profa. Dra. Eliene



UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Professora Eliene Novaes Rocha

Gostaríamos de convidá-lo para participar voluntariamente da pesquisa “**Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília - ADUnB - (1978-1982)**” A presente pesquisa tem como objetivo reunir e analisar os discursos produzidos pelos representantes da Associação dos docentes da Universidade de Brasília; buscando suas vozes, para compreender o seu papel político e importância no processo de consolidação da profissionalização do professor e demais trabalhadores da educação que congrega em suas fileiras, concebendo-a como um importante capítulo da história da educação brasileira contemporânea.

A coleta de dados dessa investigação consiste na realização de entrevistas com personagens que participaram ativamente da construção do **ADUnB**. Também é resguardada ao entrevistado a garantia de receber esclarecimentos sobre a metodologia desta pesquisa, antes e durante o seu curso.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, para ter ciência do estudo “**Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília – ADUnB - (1978-1982)**”, bem como uso dos resultados desta investigação, que poderão contribuir para estudos futuros.

Ressalto que ficou claro para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos necessários no percurso do estudo. Após o término da pesquisa, as gravações permitidas serão devolvidas aos entrevistados que tiverem interesse em recebê-las.

Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, tendo clareza de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o percurso, sem penalidades se for esse o meu desejo, como também autorizo a divulgação pública do meu nome próprio no corpo do trabalho e em suas referências.

A handwritten signature in black ink, appearing to be the initials "EB" or similar, written over a faint circular stamp.

Esta pesquisa não resultará em nenhuma despesa financeira aos participantes, assim como também não haverá nenhuma compensação financeira pela sua participação. Informamos que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em duas vias. Se forem necessários maiores esclarecimentos, me coloco a disposição dos entrevistados deste estudo por meio do telefone: +55 11 46613649 ou e-mail: carlosbauer@uni9.pro.br

Carlos Bauer e Thabata Lea Maier, responsáveis por esta pesquisa.

"Apontamentos históricos sobre as origens da Associação dos docentes da Universidade de Brasília - ADUnB-(1978-1982)"

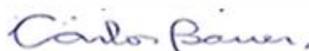
ASSINATURA DOS PARTICIPANTES



Eliene Novaes Rocha, entrevistada



Thabata Lea Maier, responsável pela pesquisa



Carlos Bauer, responsável pela pesquisa



Figura 41 - Quadra de basquete onde ocorreu a invasão militar mais violenta na UnB em 1968. Exército invadiram a UnB e detiveram mais de 500 pessoas na quadra de basquete. MAIER, Thabata (2023)



Figura 42 - Placa em memória aos presos políticos da ditadura civil militar, encontra-se próximo a quadra de basquete na UnB. MAIER, Thabata (2023)



Figura 43 - Primeira sede da ADUnB dentro da UnB. - MAIER, Thabata (2023)



Figura 44 - Sede Atual da ADUnB dentro da UnB. MAIER, Thabata (2023)



Figura 45 - Parte dos Fundos da ADUnB, placa identificando a participação da ADUnB com o ANDES. MAIER,



Thabata (202

Figura 46 - Cartaz em homenagem aos 45 anos da existência da ADUnB. MAIER, Thabata (2023)

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (ADUnB)

CAPÍTULO I

Denominação, Sede e Finalidade

Art. 1º - Denominada ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (ADUnB), fica instituída uma sociedade civil, pessoa jurídica de direito privado, com natureza e fins não luerativos, de duração indeterminada, com sede e foro na cidade de Brasília.

Art. 2º - A Associação, órgão representativo da categoria constitui-se dos docentes da Universidade de Brasília (UnB).

Parágrafo Único - Docentes, para efeito destes estatutos, são os que exercem cargos ou função de ensino ou pesquisa na Universidade de Brasília.

Art. 3º - A Associação tem por finalidade precípua a união da classe, a defesa de seus direitos e interesses e a assistência aos associados.

Art. 4º - No Cumprimento de seu programa, a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília propõe-se a:

- a) amparar e prestigiar os associados dentro da lei e da ordem;
- b) incentivar no seio da classe a cultura científica, intelectual, física e artística;
- c) pleitear, sugerir ou solicitar junto aos poderes competentes medida referentes à classe;
- d) manifestar-se sobre qualquer assunto de interesse nacional ou regional, exceto os de caráter religioso e de política partidária;
- e) manifestar-se sobre atos que dignem respeito às atividades funcionais de seus associados;
- f) colaborar com os poderes constituídos na procura de soluções para os problemas educacionais e do magistério;
- g) promover congressos, conferências, cursos, seminários e outras promoções culturais;
- h) promover reuniões sociais, recreativas e esportivas;
- i) manter intercâmbio com suas congêneres e outras entidades semelhantes, visando à solidariedade de classe.

CAPÍTULO II

Dos associados, seus direitos e deveres

Art. 5º - São sócios da Associação os que assinarem a ata de assembleia de constituição da Associação, chamados fundadores, e os que se inscreverem no quadro social por proposta de um sócio e aprovação da Diretoria nos termos destes Estatutos.

Art. 6º - Os sócios pagarão uma mensalidade fixada pelo Conselho de Representantes, considerando-se sócio quite quem tiver pago a mensalidade de mês em curso.

Art. 7º - São direitos dos sócios:

- a) votar e ser votado para os cargos eletivos da Associação;
- b) discutir e votar na Assembleia Geral;
- c) requerer com mais um décimo menos um (1/10 - 1) de sócios, no mínimo, a convocação da Assembleia Geral, expondo os motivos da convocação;

Art. 8º - São deveres dos sócios:

- a) observar os presentes Estatutos;
- b) pagar pontualmente as mensalidades;
- c) comparecer às reuniões da Assembleia Geral;
- d) exercer com zelo, probidade e responsabilidade as incumbências que receberem por eleição ou que lhes forem outorgadas pela Diretoria ou pela Assembleia Geral.

Art. 9º - São passíveis de penalidades, aplicadas pela Diretoria, ouvido o Conselho de Representantes, os sócios que desrespeitarem os preceitos destes Estatutos e os regulamentos e regulamentos da Associação.

Parágrafo Único - As penalidades a que se refere este artigo são as seguintes:

- a) advertência;
- b) repreensão;
- c) suspensão;
- d) exclusão.

Art. 10 - Serão excluídos do quadro social:

- a) os sócios quitos que solicitarem por escrito a sua exclusão;
- b) os sócios que se atrasarem no pagamento de 2 (duas) ou mais mensalidades;
- c) o sócios que foram excluídos na forma da letra d do parágrafo único do artigo anterior.

Art. 11 - O sócio que se afastar da função de docente da Universidade de Brasília, em caráter temporário, poderá solicitar licença da Associação em pedido encaminhado à Diretoria.

§ 1º - Durante o período de licença o sócio estará dispensado do pagamento da mensalidade.

§ 2º - Enquanto durar a licença, o sócio não poderá votar nem ser votado.

§ 3º - Se o sócio estiver exercendo cargo eletivo na Associação, será substituído de acordo com estes Estatutos durante o tempo que durar a sua licença.

Art. 12 - O sócio que perder a qualidade de docente na Universidade de Brasília poderá manter a sua condição de associado, a critério do Conselho de Representantes

CAPÍTULO III

Da Administração

Art. 13 - São órgãos da Associação:

- a) Assembleia Geral;
- b) Conselho de Representantes;
- c) Diretoria.

CAPÍTULO IV

Da Assembleia Geral

Art. 14 - A Assembleia Geral é o órgão soberano da Associação dentro da lei e destes Estatutos.

ADUnB

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Ca. Postal 16/2975 - Cep 70910 - Brasília/DF

- a) pelo Conselho de Representantes;
- b) pela Diretoria;
- c) por um décimo (1/10) ou mais dos sócios no gozo de seus direitos previstos nestes Estatutos, com a declaração escrita dos motivos de sua convocação.

Art. 17 - A convocação da Assembléia Geral será feita pelo Presidente da Associação, dentro de dois dias a partir do recebimento do requerimento de que trata o art. 16 destes Estatutos, por edital amplamente divulgado entre a classe e publicado em jornal de grande circulação no Distrito Federal.

§ 1º - A data de realização da Assembléia Geral deve ser fixada no edital de convocação, e não poderá ser inferior a 10 (dez) nem superior a 15 (quinze) dias, a contar da data de recebimento, pelo Presidente da Associação, do requerimento de convocação.

§ 2º - Nos casos em que a Assembléia Geral for requerida em regime de urgência, pelo menos, por dois terços (2/3) dos membros do Conselho de Representantes, a data da sua realização será antecipada para 3 (três) dias, no mínimo, e 5 (cinco) no máximo, a partir da data de recebimento, pelo Presidente, do requerimento de convocação, onde constará explicitamente a justificativa da aplicação deste parágrafo.

Art. 18 - Os trabalhos da Assembléia Geral serão regulados por regimento elaborado pelo Conselho de Representantes e aprovado pela Assembléia Geral.

CAPÍTULO V

Do Conselho de Representantes

Art. 19 - O Conselho de Representantes, órgão deliberativo da Associação, é constituído por um sócio e seu suplente, representante de cada Departamento da Universidade de Brasília, eleitos em votação secreta pelos associados pertencentes ao mesmo Departamento.

Parágrafo Único - A eleição a que se refere este artigo será regulamentada pelo Conselho de Representantes, ad referendum da Assembléia Geral.

Art. 20 - Anualmente, o representante dos associados de cada Departamento da Universidade de Brasília que completar dois anos de mandato será substituído, na forma do art. 19 e parágrafo único destes Estatutos, sendo vedada a reeleição para o exercício consecutivo.

Art. 21 - As vagas que ocorrerem no Conselho de Representantes serão preenchidas na forma do art. 19 e seu parágrafo único destes Estatutos.

Parágrafo Único - O representante eleito para preencher vaga exercerá o cargo durante o tempo que faltar ao substituto para terminar o seu mandato.

Art. 22 - O Conselho de Representantes reunir-se-á ordinariamente, de dois em dois meses, em sessão conjunta com a diretoria da Associação, e, extraordinariamente, sempre que convocado:

- a) por um terço (1/3) ou mais de seus membros;
- b) pelo Presidente da Associação.

Parágrafo Único - A Diretoria não tem voto nas reuniões do Conselho de Representantes, salvo no caso previsto no art. 25 destes Estatutos.

Art. 23 - Perdida o mandato o representante que deixar de comparecer a

- tando-os com a respectiva justificativa. Essas deliberações deverão constar do relatório anual a ser submetido à Assembléia Geral ordinária;
- b) deliberar sobre as medidas necessárias à consecução do disposto nos itens do art. 4º e no art. 44 destes Estatutos;
- c) deliberar sobre qualquer assunto de interesse dos sócios e da Associação, exceto alterar estes Estatutos, destituir membros do próprio Conselho de Representantes ou da Diretoria e dissolver a Associação;
- d) deliberar sobre provisões orçamentárias, contratos e negócios a serem realizados pela Associação;
- e) propor à Diretoria medidas de caráter econômico-financeiro;
- f) estudar os assuntos que digam respeito ao bom nome e ao prestígio da classe, procurando resolvê-los de maneira harmoniosa;
- g) eleger as comissões necessárias ao cumprimento deste artigo;
- h) elaborar seu regimento interno e o da Assembléia Geral e submetê-los à aprovação desta;
- i) deliberar sobre os casos omissos nestes Estatutos, propondo à Diretoria quando necessário, as medidas para a sua solução;
- j) apresentar relatório anual de suas atividades à Assembléia Geral ordinária.

Art. 25 - O Conselho de Representantes é presidido pelo Presidente da Associação, o qual, nas votações, só dará o voto de Minerva.

Parágrafo Único - Na ausência do Presidente da Associação, o Conselho de Representantes escolherá um Presidente ad hoc para a reunião.

Art. 26 - O Conselho de Representantes deliberará com a presença da maioria de seus membros, quando em primeira convocação, e com qualquer número quando reunido em segunda convocação.

CAPÍTULO VI

Da Diretoria

Art. 27 - A Diretoria é o órgão executivo da Associação e compõe-se de sete membros: Presidente, Primeiro-Vice-Presidente, Segundo-Vice-Presidente, Primeiro-Secretário, Segundo-Secretário, Primeiro-Tesoureiro e Segundo-Tesoureiro.

Art. 28 - O mandato da Diretoria será de 2 (dois) anos, sendo improrrogável.

Parágrafo Único - Os membros da Diretoria serão eleitos, por votação direta e secreta, pelos associados.

Art. 29 - À Diretoria, coletivamente, compete:

- a) cumprir e fazer cumprir estes Estatutos, os regulamentos e normas administrativas da Associação, assim como as decisões da Assembléia Geral e do Conselho de Representantes;
- b) elaborar o projeto de orçamento anual, remetendo-o ao Conselho de Representantes até 30 (trinta) dias antes da Assembléia Geral ordinária, para aprovação;
- c) elaborar o relatório anual a ser apresentado ao Conselho de Representantes, até 30 (trinta) dias antes da Assembléia Geral ordinária, para aprovação;
- d) resolver sobre a admissão e desligamento de sócios do quadro social, ad referendum do Conselho de Representantes;
- e) aplicar penalidades, nos termos destes Estatutos;
- f) reunir-se em sessão ordinária, uma vez por mês, e em sessão extraordinária sempre que for necessário;



Art. 30 - Ao Presidente compete:

- a) representar a Associação em juízo ou fora dele;
- b) convocar e presidir a Assembléia Geral;
- c) convocar e presidir as reuniões da Diretoria e do Conselho de Representantes;
- d) convocar as eleições da Diretoria e as eleições para o Conselho de Representantes;
- e) nomear comissões de caráter transitório para representar a Associação onde se fizer necessário, desde que não acarretem despesas;
- f) abrir, rubricar e encerrar os livros da Associação;
- g) assinar a correspondência oficial da Associação e, juntamente com Primeiro-Secretário, toda a correspondência que estabeleça quaisquer obrigações para a Associação;
- h) movimentar, com o Tesoureiro em exercício, as contas da Associação;
- i) designar e dispensar auxiliares.

Art. 31 - Ao Primeiro-Secretário compete:

- a) encarregar-se do expediente e da correspondência da Associação;
- b) ter sob sua guarda e responsabilidade o arquivo da Secretaria;
- c) fazer publicações pela imprensa;
- d) secretariar a Assembléia Geral;
- e) secretariar as reuniões da Diretoria;
- f) assinar, com o Presidente, toda a correspondência que estabeleça quaisquer obrigações para a Associação.

Art. 34 - Ao Primeiro-Tesoureiro compete:

- a) ter sob sua guarda e responsabilidade os valores da Associação;
- b) efetuar recebimentos e pagamentos, registrando-os em livro especial;
- c) apresentar ao Presidente, para submê-los à aprovação do Conselho de Representantes, os balancetes trimestrais e o balanço anual, este até 30 (trinta) dias antes da Assembléia Geral ordinária;
- d) organizar, anualmente, o inventário patrimonial da Associação e apresentá-lo ao Presidente, para submetê-lo à aprovação do Conselho de Representantes;
- e) depositar, em nome da Associação, em banco oficial, toda quantia superior a 5 (cinco) salários regionais, disponível na Tesouraria, e movimentar, com o Presidente, a conta bancária da Associação.

Art. 35 - Ao Segundo-Tesoureiro compete auxiliar o Primeiro-Tesoureiro e substituí-lo em suas faltas e impedimentos.

CAPÍTULO VII

Das Eleições

Art. 36 - Os membros do Conselho de Representantes serão eleitos na forma dos artigos 19 e 20 destes Estatutos.

§ 1º - O Presidente da Associação convocará a eleição dos membros do Conselho de Representantes, com 30 (trinta) dias de antecedência, para no máximo 30 (trinta) e no máximo 60 (sessenta) dias após a realização da Assembléia Geral ordinária.

§ 2º - A eleição da metade do Conselho de Representantes será feita nos anos pares e a outra metade nos anos ímpares.

Art. 37 - A eleição da Diretoria será convocada pelo Presidente em exercício da Associação, com 30 (trinta) dias de antecedência, para no máximo 30 (trinta) dias de antecedência.

estas poderão ser convocadas através de uma Assembléa Geral, nos termos do art. 16, letra b, destes Estatutos.

Art. 38 - As eleições serão convocadas por meio de edital no qual constem a data e o horário da votação.

Parágrafo Único - O edital de convocação a que se refere este artigo deve obedecer as normas de divulgação a que estão sujeitos os editais de convocação da Assembléa Geral, nos termos do art. 17 destes Estatutos.

Art. 39 - Qualquer sócio, no gozo de seus direitos, poderá candidatar-se aos cargos eletivos da Diretoria, desde que seja indicado por um mínimo de 10 (dez) sócios também em gozo de seus direitos previstos nestes Estatutos.

Art. 40 - O Conselho de Representantes elaborará o regulamento das eleições e o submeterá à aprovação da Assembléa Geral.

CAPÍTULO VIII

Do Patrimônio

Art. 41 - O patrimônio da Associação é constituído:

- a) dos bens imóveis que a Associação possuir;
- b) dos móveis e utensílios;
- c) dos títulos de primeira ordem;
- d) das doações recebidas com especialização para o patrimônio;
- e) das patentes e royalties cedidas à Associação para o seu patrimônio.

Art. 42 - A decisão de alienar o patrimônio ou parte dele só poderá ser tomada pela Assembléa Geral.

Parágrafo Único - Excetua-se do disposto neste artigo a alienação dos móveis e utensílios, que poderá ser feita por deliberação do Conselho de Representantes, em sessão à qual tenham comparecido e votado pelo menos dois terços (2/3) de seus membros.

CAPÍTULO IX

Da Receita e Despesa

Art. 43 - A receita da Associação é classificada como ordinária e extraordinária.

§ 1º - Constituem a receita ordinária:

- a) o produto das mensalidades dos associados;
- b) os juros provenientes de depósitos bancários realizados pela Associação, bem como dos títulos incorporados ao patrimônio;
- c) a renda dos imóveis de propriedade da Associação quando os possuir;
- d) as rendas de patentes e royalties cedidos à Associação.

§ 2º - Constituem receitas extraordinárias:

- a) as doações e subvenções de qualquer natureza;
- b) as rendas eventuais.

Art. 44 - Parte do saldo verificado no balanço anual deverá ser destinado a constituir um fundo de reserva para atender a compromissos patrimoniais e a despesas decorrentes de documentos e serviços jurídicos de interesse da classe. O restante será utilizado de acordo com as deliberações do Conselho de Representantes.

Parágrafo Único - A razão das duas partes do saldo a que se refere este artigo será fixada anualmente pelo Conselho de Representantes e submetida à aprovação da Assembléa Geral ordinária.

CAPÍTULO X

ADUnB

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Cx. Postal 15/2875 - Cep 70910 - Brasília/DF

Art. 45 - Nenhum sócio, individual ou coletivamente, responderá subsidiariamente pelos encargos contraídos pela Associação.

Art. 46 - Os membros da Diretoria e do Conselho de Representantes não recebem remuneração pelas funções que desempenham nos órgãos da administração da Associação.

Art. 47 - A Associação poderá ser voluntariamente dissolvida em Assembléia Geral, especialmente convocada para esse fim, desde que haja aprovação de dois terços do total dos sócios em pleno gozo dos seus direitos previstos nestes Estatutos.

Parágrafo Único - No caso de dissolução da Associação previsto neste artigo, a Assembléia Geral que a dissolveu decidirá sobre o destino a ser dado ao patrimônio social.

Art. 48 - A reforma dos Estatutos só poderá ser feita em Assembléia Geral convocada para esse fim, com a presença da maioria absoluta dos sócios, no gozo de seus direitos previstos nestes Estatutos, e por deliberação de, no mínimo, dois terços (2/3) dos sócios presentes.

CAPÍTULO XI

Disposições Transitórias

Art. 49 - A primeira Diretoria, de caráter provisório, com mandato não superior a 12 (doze) meses, será eleita na assembléia de constituição da Associação e imediatamente empossada pelo Presidente dessa Assembléia.

Art. 50 - Na assembléia de constituição, após empossada a Diretoria provisória, serão eleitos os representantes dos associados dos departamentos da Universidade de Brasília que assim o desejarem, para o primeiro Conselho de Representantes.

Parágrafo Único - Os associados dos departamentos da Universidade de Brasília que não elegerem os seus representantes para o Conselho de Representantes na assembléia de constituição poderão fazê-lo dentro de 15 (quinze) dias, sendo os mesmos empossados pela Diretoria provisória, à vista da ata da eleição em que foram eleitos.

Art. 51 - Na primeira reunião do Conselho de Representantes da ADUnB será convocada a metade dos representantes cujo mandato será de 1 (um) ano. Os demais terão mandato normal de 2 (dois) anos.

Art. 52 - Estes Estatutos entrarão em vigor logo após a sua aprovação na assembléia de constituição e serão devidamente regulamentados na vigência da Diretoria provisória.

Texto aprovado na assembléia de constituição da ADUnB, realizada a 24 de maio de 1984

Ata da eleição do Representante e suplente do Departamento de DESENHO da UnB junto ao "Conselho e Representantes da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB).

Aos Vinte e seis dias do mês de maio do ano de 1978 estiveram reunidos os sócios da ADUnB do Departamento de DESENHO da UnB, com a finalidade de eleger, de conformidade com os artigos 19 e 50 dos Estatutos da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, o Representante e Suplente do mesmo departamento junto ao "Conselho de Representantes da ADUnB". Realizada a votação secreta, foi obtido o seguinte resultado:

Representante; CHARLES S. MAYER
Suplente; TEREZINHA ROSA CRUZ

Brasília, 26 de 05 de 1978

(assinam os sócios)

Douglas M. de Sa
para Maria Placida de Brito
H. Ch. N. Y.
Terezinha Rosa Cruz
Mayer

Ata da eleição do Representante e Suplente do
Departamento de Geociências da UnB junto ao
" Conselho de Representantes da Associação dos
Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB)

De conformidade com os artigos 19 e 50 do Estatuto da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), estiveram reunidos os sócios do Departamento de Geociências, com a finalidade de eleger o Representante e Suplente do mesmo Departamento junto ao " Conselho de Representantes da ADUnB ". Realizada a votação secreta, foi obtido o seguinte resultado:

Representante: José Caruso Moresco Danni - 15 votos
Suplente: José Alberto Vivas Veloso - 14 votos

Brasília, 31 de maio de 1978.

José Alberto Vivas Veloso

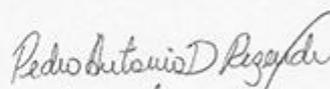
José Caruso Moresco Danni

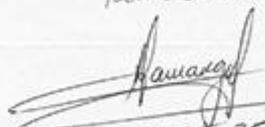
Paulo

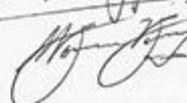
Ata da Reunião dos Membros da Associação
dos Docentes da UnB, do departamento de Matemática-IE

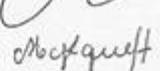
No dia 01 de Junho de 1978, nós
abaixo assinados reunimo-nos para escolher o Re-
presentante do Departamento de Matemática junto ao
conselho de Representantes da ADUnB, para
a primeira Diretoria Provisória.

Foram escolhidos, como representante, o
prop. Pedro Antonio D. Rezende, e como suplente
o prof. João Batista de Camargo. Sem mais
nada a tratar, subscrevemo-nos.

 PEDRO A. D. REZENDE

 JOÃO BATISTA DE CAMARGO

 NORAI ROMEU ROGLO

 MARIA CRISTINA J. SQUETT

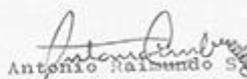
Ata da eleição do Representante e Suplente do Representante do Departamento de Engenharia Civil da UnB junto ao "Conselho de Representantes da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUNB)".

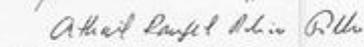
De conformidade com os artigos 19 e 50 do Estatuto da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUNB), estiveram reunidos os sócios do Departamento de Engenharia Civil, com a finalidade de eleger o Representante e Suplente do mesmo Departamento junto ao "Conselho de Representantes da ADUNB". Realizada a votação secreta, foi obtido o seguinte resultado:

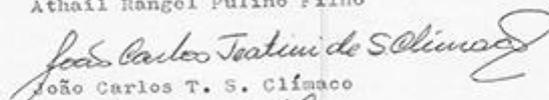
Representante: Antonio Raimundo S. R. Coimbra.

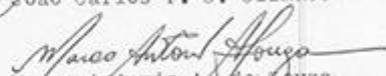
Suplente : Marco Antonio Almeida de Souza.

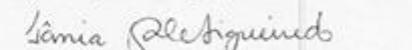
Brasília, 05 de Junho de 1978


Antonio Raimundo S. R. Coimbra


Athail Rangel Pulino Filho


João Carlos T. S. Clímaco


Marco Antonio A. de Souza


Tânia Glacy DeBrasil Figueiredo

ATAS, CONTRATOS, CONVÊNIOS E BALANÇOS**EXTRATO DOS ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (ADUnB)**

A Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, cuja sigla é ADUnB, é uma associação civil de caráter representativo, cultural e social, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, fundada em vinte e quatro de maio de mil novecentos e setenta e oito, com sede o foro nesta cidade de Brasília, Distrito Federal, na CRN 702/3 — bloco G — sobreloja.

A Associação tem por finalidade a união, da classe de docentes da Universidade de Brasília, a defesa de seus direitos e interesses, a assistência aos associados e o estímulo à cultura científica, intelectual, física e artística.

A Associação será administrada por uma Diretoria composta ou Presidente, Primeiro-Vice-Presidente, Segundo-Vice-Presidente, Primeiro-Secretário, Segundo-Secretário, Primeiro-Tesoureiro e Segundo-Tesoureiro. Haverá, ainda, como órgão deliberativo, um Conselho de Representantes.

Compete ao Presidente representar a sociedade ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente.

A reforma dos Estatutos só poderá ser feita em Assembléia Geral convocada para esse fim, com a presença da maioria absoluta dos associados, no

gozo de seus direitos previstos nos Estatutos, e por deliberação de, no mínimo, dois terços (2/3) dos associados presentes.

Os sócios, individual ou coletivamente, não responderão subsidiariamente pelos encargos contraídos pela Associação.

A Associação será extinta, fora os casos previstos em lei, por deliberação de Assembléia Geral, especialmente convocada para esse fim, desde que haja aprovação de dois terços (2/3) do total dos associados em pleno gozo de seus direitos sociais.

A referida Assembléia decidirá do destino a ser dado ao patrimônio social, em caso de aprovada a dissolução da Associação.

Estatutos aprovados na Assembléia de Instalação da ADUnB, realizada a 24 de maio de 1978, às 20hs., no Auditório do Palácio do Comércio, Brasília. João Cláudio Todorov, Presidente da Assembléia. Antônio Agenor Briquet de Lemos e Leandro Amaral Lopes, Secretários.

(DAR, de 05.06.78 — Cr\$ 544,00)

EDITAIS, AVISOS E DECLARAÇÕES

MINISTÉRIO DO TRABALHO
CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DO
DISTRITO FEDERAL

EDITAL ELEITORAL Nº 3

A Presidente do Conselho Regional de Enfermagem do Distrito Federal, no uso de suas atribuições, faz saber que o Plenário deste Conselho, em sua 33ª reunião Ordinária realizada em 24 de maio de 1978 e cumprindo o disposto nos artigos 32 a 37 do Código Eleitoral dos Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem, determinou o registro das seguintes chapas:

QUADRO I

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO
COORDENAÇÃO DO SISTEMA DE PESSOAL
DIVISÃO DE CADASTRO FINANCEIRO

EDITAL Nº 013/78-CONVOCAÇÃO

DIRETOR DA DIVISÃO DE CADASTRO FINANCEIRO

Ata da eleição do Representante e suplente do Departamento de URBANISMO da UnB junto ao "Conselho e Representantes da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB).

Aos seis.... dias do mês de junho.... do ano de 1978...., estiveram reunidos os sócios da ADUnB do Departamento de URBANISMO da UnB, com a finalidade de eleger, de conformidade com os artigos 19 e 50 dos Estatutos da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, o Representante e Suplente do mesmo departamento junto ao "Conselho de Representantes da ADUnB". Realizada a votação secreta, foi obtido o seguinte resultado:

Representante: GERALDO SÁ NOGUEIRA BATISTA

Suplente: MUNDI JOHN KOOSAH

Brasília, 06 de junho de 1978

(assinam os sócios)

Lidia (suey jorgata)

Kozzi (Mundi Koosah)

Claudia Azevedo CLAUDIA AZEVEDO

Aloncio ALONCIO C. CONTINHO

Florencio

Mundi

Gerardo

GERALDO NOGUEIRA



JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO DE REGISTRO CIVIL E CASAMENTO

Registro Civil das Pessoas Naturais e Jurídicas

— Registro de Títulos e Documentos

=CERTIDÃO=

MARCELO CAETANO RIBAS, Oficial Substituto do Cartório do 1º Ofício de Registro Civil das Pessoas Jurídicas, na forma da lei, etc. . .

CERTIFICA, a pedido verbal de parte interessada, que no Livro "A" nº HUM de Registro Civil das Pessoas Jurídicas, consta, sob o número de ordem TREZENTOS E QUATRO (304), lavrado em treze de junho de mil novecentos e setenta e oito, o registro dos atos constitutivos da "ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA", publicados por extrato no Diário Oficial do Distrito Federal do dia 06 de junho de 1978 e protocolado sob o nº 552, no Livro próprio. Registro feito a requerimento do presidente da entidade, Sr. Fausto Alvim Junior. ----- O REFERIDO É VERDADE E DÁ FÉ. Brasília, Capital Federal, aos vinte e quatro dias do mês de abril de mil novecentos e oitenta e quatro. Eu, *[assinatura]*, Oficial Substituto, a fiz datilografar, subscrevo e assino.

[assinatura]

| |
|--|
| CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE REGISTRO CIVIL Marcelo Caetano Ribas Oficial Substituto BRASÍLIA — D.F. |
|--|

002 - to regulação

Ata da eleição para o Conselho de Representantes da Associação
dos Docentes da UnB realizada no Departamento de Biblioteconomia

Aos sete dias do mês de junho do ano de mil novecentos e setenta
e oito os sócios fundadores da ADUnB, que lecionam no Departamento
de Biblioteconomia, elegeram como seus representantes no Conselho
de Representantes da Associação dos Docentes da UnB os professores
Vera Amália Amarente Macedo (efetivo) e Murilo Bastos da Cunha
(suplente).

Brasília, 7 de junho de 1978.

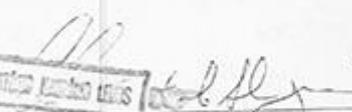
Murilo Bastos da Cunha
Vera Amália Amarente Macedo
Silveira

Ilm^o Sr.
Oficial do Cartório do 1^o Ofício de Registro Civil, Casamentos,
Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas.

Fausto Alvim Junior, infra-assinado, na qualida
de de Presidente da Associação dos Docentes da Universidade de
Brasília, sediada nesta Capital, vem, mui respeitosamente, pe
rante V.Sa., requerer o registro da sociedade supracitada, apre
sentando, para tanto, os documentos exigidos por Lei.

P.E. Deferimento.

Brasília, D.F. 8 de junho de 1978


FAUSTO ALVIM JUNIOR

PRESIDENTE

Endereço residencial: SQN 415 - Bloco H - Apt^o 304

Ata da Reunião dos Professores do Departamento de Biologia Animal para eleição de seus Representantes junto à Associação de Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB)

Aos oito dias do mês de junho do ano de mil novecentos e setenta e oito, professores integrantes do Departamento de Biologia Animal da Universidade de Brasília reuniram-se para eleger seu Representante e respectivo Suplente junto ao Conselho de Representantes da ADUnB.

Estiveram presentes à reunião os professores Agenor de Mello Sobrinho, Felizardo Penalva da Silva, Heloisa Helena D.P. Magalhães Castro, Michele Annie Dardenne, Renato Sergio B. Cordeiro e Tânia Maria dos Santos Danni. Os professores Agenor de Mello Sobrinho e Tânia Maria dos Santos Danni receberam autorização, respectivamente, dos professores Heleny Alves de Minas e Volney Garrafa para representá-los na reunião uma vez que estavam impossibilitados de a ela comparecer pessoalmente.

Por aclamação, foram escolhidos o professor Agenor de Mello Sobrinho como Representante e a professora Michele Annie Dardenne como Suplente.

Decidiu-se ainda dar um voto de louvor à professora Heleny Alves de Minas pelo empenho e esforço desenvolvidos no sentido da criação da ADUnB.

Brasília, 08 de junho, 1978

Agenor de Mello Sobrinho

Felizardo Penalva da Silva

p/ Heleny Alves de Minas

Helôisa H. D. P. Magalhães Castro

Michele Annie Dardenne

Renato Sergio B. Cordeiro

Tânia Maria dos Santos Danni

Volney Garrafa

Agenor de Mello Sobrinho
Felizardo Penalva da Silva
p/ Heleny Alves de Minas
Helôisa H. D. P. Magalhães Castro
Michele Annie Dardenne
Renato Sergio B. Cordeiro
Tânia Maria dos Santos Danni
Volney Garrafa

Universidade de Brasília

Ata da eleição do Representante e suplente do Departamento de Economia da UnB junto ao "Conselho de Representantes da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB)"

Aos oito dias do mês de junho do ano de 1978, estiveram reunidos os sócios da ADUnB do Departamento de Economia da UnB, com a finalidade de eleger, de conformidade com os artigos 19 e 50 dos Estatutos da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, o Representante e Suplente do mesmo departamento junto ao "Conselho de Representantes da ADUnB". Realizada a votação secreta, foi obtido o seguinte resultado:

Representante: Luis Paulo Rosenberg, 14 votos. Em branco, 1 voto.
Suplente: Livio W. de Carvalho, 14 votos. Em branco, 1 voto.

Brasília, 8 de junho de 1978

| | |
|------------------------|--------------------------------|
| · Joaquim F. Pinheiro | JOAQUIM PINTO DE ANDRADE |
| · <i>(Signature)</i> | CHARLES ROBERTO ZAVATTI |
| · <i>(Signature)</i> | LAURO R. S. CAMPOS |
| · Gláucia A. Castro | GLAUCIA A. CASTRO |
| · Luis Paulo Rosenberg | <i>(Signature)</i> |
| · Paul R. Casper | PAUL R. CASPERSON |
| · <i>(Signature)</i> | ELCA R. ROSENBERG |
| · <i>(Signature)</i> | JOSÉ ANTONIO SANTANA |
| · <i>(Signature)</i> | LIVIO WILLIAM R. DE CARVALHO |
| · JUAN CARLOS LERDA | <i>(Signature)</i> |
| · Edmar Bacha | EDMAR BACHA |
| · CHARLES MUELLER | <i>(Signature)</i> |
| · <i>(Signature)</i> | JOSE ROBERTO NOVAES DE ALMEIDA |

ATA DA REUNIÃO PARA ELEIÇÃO DO REPRESENTANTE E SUPLENTE DO DEPARTAMENTO DE FÍSICA NA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DA UnB.

Aos oito dias do mês de junho de 1978 às 16 horas na sala de Reuniões do Departamento de Física, realizou-se a eleição para representante e suplente do Departamento de Física junto à Associação dos Docentes da UnB, estando presentes os socios, Antonio Luciano de Almeida Fonseca, José Antonio Fornés, Kalil Skeff Neto, Manoel Marteleto, Maria Cristina Figueiredo Lima e Lara, Orlando Afonso Valle do Amaral, Otil Lara, Paulo Cesar de Moraes e Paulo Guedes Logrado. Procedendo-se à apuração dos votos verificou-se o seguinte resultado:

PARA REPRESENTANTE

| | |
|--------------------------------|-----------|
| ORLANDO AFONSO VALLE DO AMARAL | - 7 votos |
| KALIL SKEFF NETO | - 1 voto |
| OTIL LARA | - 1 voto |

PARA SUPLENTE

| | |
|------------------|-----------|
| OTIL LARA | - 8 votos |
| KALIL SKEFF NETO | - 1 voto |

Nada mais havendo a tratar, encerro a presente Ata, que após ter sido lida e aprovada será por todos assinada.

Brasília, 08 de junho de 1978

Orlando Afonso Valle do Amaral
Luiz
Manoel Marteleto
Paulo Guedes Logrado
Antonio Fornés
Manoel Marteleto
K. Skeff Neto

Michele Annie Dardenne
MICHELE ANNIE DARDENNE
DEPT. DE BIOLOGIA ANIMAL

Leda Del Caro
LEDA DEL CARO
DEPT. DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Luiz Paulo Rosenberg
LUIZ PAULO ROSENBERG
DEPT. DE ECONOMIA

Wladimir Carvalho
WLADIMIR CARVALHO
DEPT. DE COMUNICAÇÃO

Maria Auxiliadora R. Kneipp
MARIA AUXILIADORA R. KNEIPP
DEPT. LETRAS E LINGÜÍSTICA

Charles S. Mayer
CHARLES S. MAYER
DEPT. DE DESENHO

Eurico Salviati
EURICO SALVIATI
DEPT. DE ARQUITETURA

Geraldo Nogueira Batista
GERALDO NOGUEIRA BATISTA
DEPT. DE URBANISMO

Antonio Raimundo S. Coimbra
ANTONIO RAIMUNDO S. COIMBRA
DEPT. DE ENG. CIVIL

Evandro Emilio Souza Lima
EVANDRO EMÍLIO SOUZA LIMA
DEPT. DE ENG. ELÉTRICA

João Nildo de Souza Vianna
JOÃO NILDO DE SOUZA VIANNA
DEPT. DE ENG. MECÂNICA

Dalva Mello
DALVA MELLO
DEPT. MEDICINA COMPLEMENTAR

Luz Pedone
LUIZ PEDONE
DEPT. DE ADMINISTRAÇÃO

João Cláudio Todorov
JOÃO CLÁUDIO TODOROV
DEPT. DE PSICOLOGIA

Ana Maria Fernandes Skeff
ANA MARIA FERNANDES SKEFF
DEPT. DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Livio W. de Carvalho
LÍVIO W. DE CARVALHO
DEPT. DE ECONOMIA

Climério de Souza Ferreira
CLIMÉRIO DE SOUZA FERREIRA
DEPT. DE COMUNICAÇÃO

Maria Angélica F. da Cunha
MARIA ANGÉLICA F. DA CUNHA
DEPT. LETRAS E LINGÜÍSTICA

Terezinha Rosa Cruz
TEREZINHA ROSA CRUZ
DEPT. DE DESENHO

Matheus Gorovitz
MATHEUS GOROVITZ
DEPT. DE ARQUITETURA

Muhti John Koosan
MUHDI JOHN KOOSAN
DEPT. DE URBANISMO

Marcó Antonio P. de Souza
MARCÓ ANTONIO P. DE SOUZA
DEPT. DE ENG. CIVIL

Sérgio Barroso Assis Fonseca
SÉRGIO BARROSO ASSIS FONSECA
DEPT. DE ENG. ELÉTRICA

Antonio Ibañez Ruiz
ANTONIO IBAÑEZ RUIZ
DEPT. DE ENG. MECÂNICA

Edísio Pereira
EDÍSIO PEREIRA
DEPT. MEDICINA COMPLEMENTAR

João Jorge Vieira Carvalho
JOÃO JORGE VIEIRA CARVALHEDO
DEPT. DE ADMINISTRAÇÃO

Vera Amálio
VERA AMÁLIA A. MACEDO
DEPT. DE BIBLIOTECONOMIA

Aloyson G. de Toledo Pinto
ALOYSON G. DE TOLEDO PINTO
DEPT. MÉTODOS E TÉCNICAS

Murilo Bastos da Cunha
MURILO BASTOS DA CUNHA
DEPT. DE BIBLIOTECONOMIA

Elício Bezerra Pontes
ELÍCIO BEZERRA PONTES
DEPT. MÉTODOS E TÉCNICAS

~~_____~~
~~_____~~

Ata da eleição do Representante e Suplente do Departamento de Letras e Linguística da UnB junto ao "Conselho de Representantes" da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB).

Aos oito dias do mês de junho do ano de 1978, estiveram reunidos os sócios da ADUnB do Departamento de Letras e Linguística da UnB, com finalidade de eleger, de conformidade com os artigos 19 e 50 dos Estatutos da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, o Representante e Suplente do mesmo departamento junto ao "Conselho de Representantes da ADUnB". Realizada a votação secreta, foi obtido o seguinte resultado:

Representante : Maria Auxiliadora Ribeiro Kneipp

Suplente : Maria Angélica Furtado da Cunha

Brasília, 8 de junho de 1978.

Maria Auxiliadora Ribeiro Kneipp
 Maria Angélica Furtado da Cunha
 Sylvia Finella
 Airide de Lanza
 Yara Duarte



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL
Cartório do 1.º Ofício de Registro Civil, Casamentos,
Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas,
Ed. Marília - Setor 14 - Povo 22-4711 - GERAL
26-4024 CHEFEA



~~Escritura de Reconhecimento~~

C E R T I D I C A O

PAULO ROBERTO SALUM VIEIRA, Oficial Substituto do 1.º Ofício de Registro Civil e Casamentos, Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas, na forma da lei, etc...

CERTIFICA que no Livro "A/1" do Registro Civil das Pessoas Jurídicas, consta, sob o número de ordem TREZENTOS E QUATRO, lavrado em treze de junho de hum mil, novecentos e setenta e oito, protocolizado sob o número de ordem quinhentos e cinquenta e dois, no Livro "A/1", na mesma data, o registro da ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, cujo Estatuto foi publicado por extrato no "Diário Oficial do D. F." do dia seis de junho do ano fluente. O referido é verdade e dá fé. Dado e passado nesta Cidade de Brasília, Capital da República Federativa do Brasil, aos treze dias de junho de hum mil, novecentos e setenta e oito. Eu, *Waldir Lopes de Oliveira*, Escrevente Autorizado, a fiz datilografar, conferi, subscrevo, dou fé e assino.-

Waldir Lopes de Oliveira
WALDIR LOPES DE OLIVEIRA
Esc. Autorizado.-



0092-6742/88

ATA DA 1ª REUNIÃO DO CONSELHO DE REPRESENTANTES DA ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - ADUnB

LOCAL E DATA: Clube da Imprensa - 26.06.78 - 20: 45 h.

PRESENTES: - Diretoria: - Fausto Alvim Jr - Presidente
 - Edmar L. Bacha - 1º Vice-Presidente
 - Leandro A. Lopes - 1º Secretário
 - José C. Balthazar - 2º Secretário
 - Antonio A. Briquet de Lemos - 2º Tesoureiro

Conselheiros: - Antonio Ibanez Ruiz - Sup. Eng. Mecânica
 - Orlando A. Valle do Amaral - Física
 - Otil Lara - Física
 - José Caruso M. Danni - Geografia
 - José Alberto V. Veloso - Geografia
 - Pedro Antonio D. Rezende - Matemática
 - Agenor de Mello Sobrinho - Biologia Animal
 - Michele A. Dardeanne - Biologia Animal
 - Leda Del Caro Paiva - Ciências Sociais
 - Ana Maria F. Skeff - Ciências Sociais
 - Luiz Paulo Rosenberg - Economia
 - Lívio W. de Carvalho - Economia
 - Maria Auxiliadora R. Kneipp - Letras
 - Maria Angélica F. da Cunha - Letras
 - Charles S. Mayer - Desenho
 - Matheus Gorovitz - Arquitetura
 - Geraldo N. Batista - Urbanismo
 - Muhdi J. Koosan - Urbanismo
 - Evandro E.M. Souza Lima - Elétrica
 - João Nildo de Souza Vianna - Mecânica
 - Antonio Ibanez Ruiz - Mecânica
 - Dalva Mello - Medicina Complementar
 - Edisio Pereira - Medicina Complementar

- Luiz Pedone - Administração
- Vera Amalia A. Macedo - Biblioteconomia
- Murilo Bastos da Cunha - Biblioteconomia
- Elício Bezerra Pontes - Métodos e Técnicas

Ausente por razão justificada o representante do Departamento de Psicologia.

ASSUNTOS TRATADOS E DELIBERAÇÕES TOMADAS:

1. Foi colocada em discussão pelo Presidente a regulamentação provisória do art. 19 dos Estatutos quanto à composição do Conselho de Representantes, para decidir se o Conselho é constituído por um representante por Departamento, sendo este substituído em suas faltas e impedimentos pelo suplente ou se ambos constituem a representação do Departamento.

Foi decidido por maioria de votos que o Conselho seria constituído pelos dois representantes de cada Departamento até que a próxima Assembléia Geral da ADUnB se manifeste sobre o assunto.

2. O representante do Departamento de Comunicação, Vladimir Carvalho, transmitiu um convite para que a ADUnB enviasse um representante a uma reunião que estava havendo, na sede da ABI, sobre a representatividade política de Brasília.

Consultado, o Conselho decidiu discutir o assunto antes dos temas da pauta, sendo decidido por maioria de votos não enviar representantes, por enquanto, a esta ou outras reuniões, tendo em vista principalmente o estágio de estruturação que se encontra a ADUnB, merecendo sua participação em atividades não diretamente ligadas as suas finalidades uma melhor discussão.

3. O presidente da ADUnB fez algumas comunicações sobre o andamento do registro da Associação, pedido de audiência ao reitor da UnB e edição de um boletim informativo da ADUnB.

4. O Conselho de representantes aprovou a admissão dos seguintes novos sócios:

- Paulo César de Moraes - Deptº de Física
- Sirley Marques - Deptº de Física
- Roberto Machado - Deptº de Física
- Antonio Luciano de A. Fonseca - Deptº de Física
- Othon Henry Leonardos - Deptº de Geociências

nacionais.

- Sergio Luiz Gorgioni - Deptº de Eng. Mecânica
 - Marcos Duarte Maia - Deptº de Matemática
 - Jorge de Souza - Deptº de Estatística
 - Vera Lustig-Arecco - Deptº de Ciências Sociais
 - Alisson Mascarenhas Vaz - Deptº de Geografia e História
 - Celestino Pires - Deptº de Geografia e História
 - Genny da Costa e Silva - Deptº de Geografia e História
 - Nelson Gonçalves Gomes - Deptº de Geografia e História
 - Manoel Vilela de Magalhães - Deptº de Comunicação
 - Fernando José M. Bastos - Deptº de Desenho
 - Maria Elaine Kohlsdorff - Deptº de Urbanismo
 - Gunter R. Kohlsdorff Spiller - Deptº de Urbanismo
 - Juracy Feitosa da Rocha - Deptº de Biblioteconomia
 - João Evangelista de Andrade Fº - Deptº de Biblioteconomia
 - Antonio Lisboa C. de Miranda - Deptº de Biblioteconomia
 - Ronaldo da Silva Ferreira - Deptº de Eng. Civil
 - Stenio Moreira de Deus - Deptº de Eng. Civil
 - Frederico A. Simões Barbosa - Deptº de Med. Geral
 - Stella dos Cherubins G. Trois - Deptº de Planej. e Administ.
 - Oscar Serafini - Deptº de Planej. e Administ.
5. Foi colocado em discussão o valor das mensalidades a serem cobradas dos Associados, sendo decidido cobrar-se Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) mensais.
6. Foram sorteados 16 departamentos, cujos representantes, de acordo com o artigo 51 dos estatutos terão mandato de 1 (um) ano, sendo os seguintes:
- Biologia Vegetal
 - Biblioteconomia
 - Física
 - Química
 - Biologia Animal
 - Direito
 - Medicina Especializada
 - Planejamento e Administração
 - Engenharia Agrônômica
 - Biologia Celular
 - Economia
 - Ciências Sociais
 - Medicina Geral e Comunitária
 - Engenharia Civil

Os representantes dos outros departamentos terão mandato de 2 (dois) anos.

Os mandatos serão contados a partir da data de posse.

7. Foi proposta pela Diretoria a formação de três comissões:

1. Comissão Editorial
2. Comissão de Regulamentação de Estatutos
3. Comissão de Atividades Sócio-Culturais.

Foi aprovada a formação destas comissões e nomeados tres sócios para serem os elementos organizadores destas comissões que são os seguintes:

- Antonio A. Briquet de Lemos - Para a Comissão Editorial
- Luiz Pedone - Para a Comissão de regulamentação dos Estatutos
- Fausto Alvim Jr. - Para a Comissão de Atividades Sócio-Culturais.

8. O Conselho decidiu que os departamentos ainda não representados, teriam os cargos de representantes considerados vagos e poderão eleger seus representantes para completar o mandato respectivo, de acordo com o art. 21 e 19 dos estatutos.

9. O Conselho foi consultado sobre atividades da ADUnB, sendo feita recomendação para que fossem discutidos nos departamentos propostas para atividades.

10. No tema de assuntos gerais foi discutida a conveniência de manifestações da ADUnB, especialmente sobre o caso da UFBA, tendo-se concluído que estas manifestações não são desejáveis no momento.

Foi aprovada ainda uma proposta para que fosse solicitada a reitoria um local na UnB para a próxima reunião do Conselho de Representantes.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião, da qual, eu, Leandro Amaral Lopes, 1º Secretário da ADUnB, lavrei a presente ata que em sendo aprovada, será subscrita por mim e pelo Presidente da ADUnB.

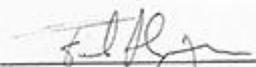
Brasília, 27 de junho de 1978

Ata aprovada na 2ª Reunião do Conselho de Representantes da ADUnB, em 15.08.1978.


Fausto Alvim Jr - PRESIDENTE

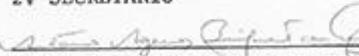
TERMO DE POSSE DE REPRESENTANTES E SUPLENTES DE REPRESENTANTES
DO CONSELHO DA ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA (ADUnB)

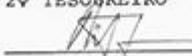
Aos 27 dias do mês de junho de 1978, às 20:30hs, no Clube de Imprensa de Brasília, situado no Setor de Clubes Esportivos Norte, lotes 1A e 1B (próximo ao Clube da Aeronáutica), em Brasília, Distrito Federal, compareceram os Diretores da ADUnB abaixo assinados que em reunião de Diretoria, nos termos do art. 29, letra h, dos Estatutos, deram posse, em vista das respectivas atas de eleição, aos Representantes e Suplentes de Representantes já eleitos pelos associados de Departamentos da Universidade e também abaixo assinados.

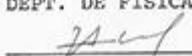

 FAUSTO ALVIM JÚNIOR
 PRESIDENTE

LUÍZ PASQUALI
 2º VICE-PRESIDENTE


 JOSÉ CARLOS BAETHAZAR
 2º SECRETÁRIO


 ANTONIO AGENOR BRIQUET LEMOS
 2º TESOUREIRO

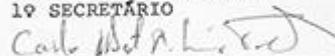

 OTÍL LARA
 DEPT. DE FÍSICA

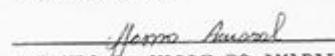

 JOSÉ ALBERTO V. VELOSO
 DEPT. DE GEOCIÊNCIAS

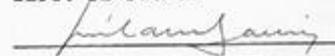
JOÃO BATISTA DE CAMARGO
 DEPT. DE MATEMÁTICA

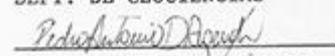

 EDMAR LISBOA BACHA
 1º VICE-PRESIDENTE


 LEANDRO AMARAL LOPES
 1º SECRETÁRIO


 CARLOS ALBERTO MÜLLER
 1º TESOUREIRO


 ORLANDO A. VALLE DO AMARAL
 DEPT. DE FÍSICA


 JOSÉ CARUSO M. DANNI
 DEPT. DE GEOCIÊNCIAS


 PEDRO ANTONIO D. RÉZENDE
 DEPT. DE MATEMÁTICA


 AGENOR DE MELLO SOBRINHO
 DEPT. DE BIOLOGIA ANIMAL

MINISTÉRIO DA FAZENDA
SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL
CADASTRO GERAL DE CONTRIBUÍNTES

C.G.C.
FICHA DE INSCRIÇÃO DO ESTABELECIMENTO-SEDE

01 PARA USO DA REPARTIÇÃO
1

02 ETIQUETA PROTOCOLO DO C.G.C.
M.F. - S.R.F.
CADASTRO GERAL DE CONTRIBUÍNTES
3ª VIA
01-N. INSCRIÇÃO 00 511 568/0001 -77

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES
* CONSULTAR O MANUAL DO CONTRIBUÍNTES C.G.C. AO PREENHER ESTA FICHA.
* PRESENÇA, A MANEIRA, A MANEIRA EM QUE SE ENQUADRA O CONTRIBUÍNTES.
* NÃO PRESENÇA DE QUADRO DE "VISO DA REPARTIÇÃO".
* DEBE EM BRANCO OS VÍCIOS EM QUE NÃO TENHA A INSCRIÇÃO.
* APRESENTAR TODAS AS VÍCIOS EM QUE NÃO TENHA A INSCRIÇÃO DO ESTABELECIMENTO-SEDE.
* PRESENÇA DE CAMPOS BRANCOS EM QUADROS, COLAR, FALTA DE LETRA DENTRO DE UM QUADRO, A CORRELAÇÃO DO PRIMEIRO.

* ESTA FICHA, QUANDO AUTENTICADA, SUBSTITUI O CARTÃO C. G. C. PELO PRAZO DE 90 (NOVENTA) DIAS, CONTADOS DA DATA DE RECEPÇÃO (QUADRO 14) OU DA ÚLTIMA DATA DE REVALIDAÇÃO APOSTA NO VERSO.

03 INFORMAÇÕES GERAIS
03.1 AGENCIA AUTÔNOMA DO C.G.C. Nº 01.000
03.2 DATA DE CRIAÇÃO DO C.G.C. Nº 01.000
03.3 NOME DE REGISTRO ANTERIOR NO C.G.C. Nº 0001

04 RECOLHIMENTO DE TRIBUTOS
04.1 IMPORTE DE REGISTRO (R\$) Nº 0000
04.2 IMPORTE DE INSCRIÇÃO (R\$) Nº 0000
04.3 IMPORTE DE TRIBUTOS (R\$) Nº 0000
04.4 IMPORTE DE TRIBUTOS (R\$) Nº 0000
04.5 IMPORTE DE TRIBUTOS (R\$) Nº 0000
04.6 IMPORTE DE TRIBUTOS (R\$) Nº 0000
04.7 IMPORTE DE TRIBUTOS (R\$) Nº 0000
04.8 IMPORTE DE TRIBUTOS (R\$) Nº 0000
04.9 IMPORTE DE TRIBUTOS (R\$) Nº 0000
04.10 IMPORTE DE TRIBUTOS (R\$) Nº 0000

05 INFORMAÇÕES FINANCEIRAS
05.1 TIPO DE REGISTRO Nº 01
05.2 TIPO DE REGISTRO Nº 01
05.3 TIPO DE REGISTRO Nº 01
05.4 TIPO DE REGISTRO Nº 01
05.5 TIPO DE REGISTRO Nº 01
05.6 TIPO DE REGISTRO Nº 01
05.7 TIPO DE REGISTRO Nº 01
05.8 TIPO DE REGISTRO Nº 01
05.9 TIPO DE REGISTRO Nº 01
05.10 TIPO DE REGISTRO Nº 01

06 NATUREZA JURÍDICA
06.1 TIPO DE REGISTRO Nº 01
06.2 TIPO DE REGISTRO Nº 01
06.3 TIPO DE REGISTRO Nº 01
06.4 TIPO DE REGISTRO Nº 01
06.5 TIPO DE REGISTRO Nº 01
06.6 TIPO DE REGISTRO Nº 01
06.7 TIPO DE REGISTRO Nº 01
06.8 TIPO DE REGISTRO Nº 01
06.9 TIPO DE REGISTRO Nº 01
06.10 TIPO DE REGISTRO Nº 01

07 ATIVIDADE PRINCIPAL DO ESTABELECIMENTO-SEDE
Associação de professores

08 DENOMINAÇÃO
Associação dos Docentes da Universidade de Brasília

09 ENDEREÇO DO ESTABELECIMENTO-SEDE
CRN 702/703 Bloco G Asa Norte Sobreloja Brasília DF 70710-9701

10 PESSOA FÍSICA RESPONSÁVEL PERANTE O MINISTÉRIO DA FAZENDA
Antonio Agenor Briquet de Lemos
Departamento de Biblioteconomia
Universidade de Brasília
70910-Brasília, DF

11 DATA
Brasília, 26/7/1978

12 CONTROLE DE REMISSA DE DOCUMENTOS
10000/9701
27 07 1978
DRF - BRASÍLIA - D.F.

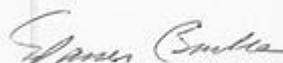
14 PARA USO DO ÓRGÃO LOCAL DA JURISDIÇÃO DA SEDE
270778 0101309

MODELO APROVADO POR INSTRUÇÃO NORMATIVA DO SII
TUBA 3/A - C.R. 56 - Brasília, P.O. Box 400 - 50000 - C.G.C. - 01.000/0001-0001

TERMO DE POSSE DE REPRESENTANTE DO CONSELHO DA ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES
DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - ADUNB

Aos 15 dias do mes de agosto de 1978, às 20:30 h, no centro cultural de Brasília, av. L-2 Norte Q. 601, compareceram os Diretores da ADUNB, abaixo assinados, que deram posse, nos termos do art. 29, letra h, dos Estatutos e da decisão do Conselho de Representantes em sua 1ª reunião de aceitar como conselheiro aqueles sócios que fossem os únicos de seu departamento desde que manifestassem o interesse, O Prof. Luiz Carlos Guedes Pinto do Deptº de Engenharia Agronômica que que manifestou em carta ao presidente da ADUNB seu interesse em participar do Conselho de Representantes.

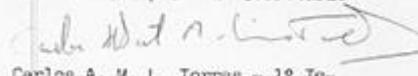

 Fausto Alvin Jr. - Presidente


 Edmar L. Bacha - 1º Vice-Presidente

Luiz Pasquali - 2º Vice-Presidente

Leandro A. Lopes - 1º Secretário


 José C. Balthazar - 2º Secretário


 Carlos A. M. L. Torres - 1º Tesoureiro

Antonio A. Briguet de Lemos - 2º Tesoureiro


 Luiz Carlos G. Pinto

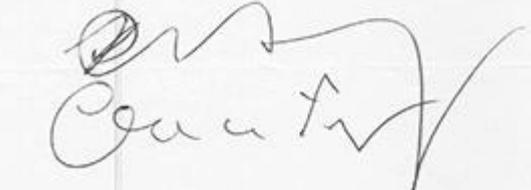
ATA DE ELEIÇÃO DO REPRESENTANTE E
SUPLENTE DOS SÓCIOS DO DEPARTAMEN
TO DE MEDICINA GERAL E COMUNITÁRI
A JUNTO AO CONSELHO DE REPRESENTAN
TES DA ADUnB.

Aos 21 dias do mes de setembro de 1978, reuniram-se os sócios da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília - ADUnB do departamento de Medicina Geral e Comunitária para elegerem o representante e suplente de seu departamento junto ao Conselho de Representantes da ADUnB. Realizada a votação foi verificado o seguinte resultado:

Representante: Profa. Elenice Ferraz
Suplente: Prof. Cláudio Bernardo P. de Freitas

Brasília, 21 de setembro de 1978.



TERMO DE POSSE DE REPRESENTANTE E SUPLENTE DE REPRESENTANTE
DO CONSELHO DA ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE
BRASILIA - ADUnB.

Aos 14 dias do mês de novembro de 1978, às 20:30 horas no auditório do IAB/DF, SCS - Ed. Mineiro 5º andar, compareceram os Diretores da ADUnB, abaixo assinados, que deram posse, nos termos do art. 29, letra h, dos Estatutos, e em vista da respectiva ata de eleição, aos representante e suplente de representante eleitos pelos associados do Departamento de Medicina Geral e Comunitária.

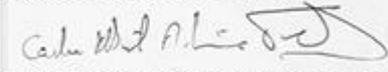

 Fausto Alvim Jr. Pres.


 Edmar Lisboa Bacha - 1º Vice-Pres

Luiz Pasquali - 2º Vice. Pres.


 José Carlos Balthazar - 2º Sec.

Leandro A. Lopes - 1º Sec.


 Carlos Alberto M. Tores - 1º Tes.

Antonio A. Briquet de Lemos - 2º Tes.

Elenice Ferraz - Representante


 Cláudio Bernardo P. de Freitas - Suplente

Ata da eleição de Suplente de Representante do Departamento de Letras e Linguística da UnB junto ao "Conselho de Representantes da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB)".

Aos seis dias do mês de março do ano de 1979, estiveram reunidos os sócios da ADUnB do Departamento de Letras e Linguística da UnB com a finalidade de eleger, em substituição à Suplente Maria Angélica Furtado da Cunha, que se demitiu do cargo em decorrência de seu afastamento da UnB, o Suplente de Representante desse Departamento junto ao "Conselho de Representantes da ADUnB". Realizada a votação secreta, foi eleita, por unanimidade, a Professora Teresa Carmelita Soute Nóbrega.

Brasília, 6 de março de 1979

Maria Auxiliadora Ribeiro Correia
Teresa Carmelita Soute Nóbrega
Mara Conceição M. A. Duarte
Sylvia Sant'Anna Lucille
Márcia de Souza



MINISTÉRIO DA FAZENDA
SECRETARIA DE RECEITA FEDERAL
CENTRO DE INFORMAÇÕES ECONÔMICAS-FISCAIS
CADASTRO GERAL DE CONTRIBUÍNTES

**C G C
FICHA DE
ALTERAÇÃO**

01 PARA USO DA REPARTIÇÃO
3
5

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1. CONSULTAR O MANUAL DO CONTRIBUÍTE C.G.C. AO PRESENTAR ESTA FICHA.
2. PRESENCIA A E MARCA EM A QUANTO DAS PERTECENÇAS LEVADAS.
3. APRESENTAR TODAS AS VÍDEAS DO DADO DA ATRIBUIÇÃO DO ESTABELECIMENTO-SEDE.
4. PRESENCIA APENAS DOS QUADROS CORRESPONDENTES AQUELES QUE ATRIBUÍDO NO QUADRO DA E PRESENCIA O QUADRO 10.
5. NÃO SERÁ ADMITIDO COMO "RESPONSÁVEL" O RESPONSÁVEL, PORANTE O MINISTÉRIO DA FAZENDA.
6. NÃO PRESENCIA OS QUADROS DE USO DA REPARTIÇÃO.

02 CARIMBO PADRONIZADO DO C.G.C. DO ESTABELECIMENTO-SEDE

00 511 568/0001-77

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES
DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SCS - Ed. Média - Sala 712
CEP 00.001
BRASÍLIA - DF.

ESTA FICHA, QUANDO AUTENTICADA POR AMBAS AS REPARTIÇÕES, COMPLEMENTA NO QUE COUBER, O CARTÃO C.G.C. PELO PRAZO DE 90 (NOVENTA) DIAS, CONTADOS DA DATA DE RECEPÇÃO (QUADRO 14) OU DA ÚLTIMA DATA DE REVALIDAÇÃO APOSTA NO VERSO.

03 ESTABELECIMENTO A QUE SE REFERE ESTA ALTERAÇÃO

C.G.C. 00511568000177

04 ALTERAÇÕES NA FICHA

| | |
|---|-----------------------------|
| ASSINALE COM 'X' O ITEM A ALTERAR DO A SE PRIVADO DO ESTABELECIMENTO-SEDE | |
| MÊS DE BALANÇO 06 | FORMA DO RAZÃO SOCIAL 07 |
| PERCENTUAL DO CAPITAL 11 | ATIVIDADE PRINCIPAL 08 |
| FAIXA DE CAPITAL 02 | NOME DE FANTASIA 03 |
| PESSOA FÍSICA RESPONSÁVEL 04 | ENDEREÇO 05 |
| NATUREZA JURÍDICA 09 | RECOLHIMENTO DE TRIBUTOS 10 |

05 NOVAS INFORMAÇÕES FINANCEIRAS

06 PERCENTUAL DO CAPITAL 300

07 FAIXA DE CAPITAL (Selecione um 'X')

08 RECOLHIMENTO DE TRIBUTOS

| | |
|--|---|
| ASSINALE COM 'X' A NOVA RELAÇÃO DE TRIBUTOS QUE RECOLHE PARCIALMENTE | |
| IMPÓSITO DE RENDA (OBRIGADO) 01 | IMPOSTOS E CONTRIBUIÇÕES 07 |
| IMPORTAÇÃO 02 | ENERGIA ELÉTRICA 05 |
| PROPRIEDADE TERRITORIAL RURAL 03 | MINÉRIOS 09 |
| IMPORTAÇÃO (NA FORTA) 04 | TRANSMISSÃO PROPRIETÁRIA 11 |
| IP 05 | ICM 12 |
| OPERAÇÕES FINANCEIRAS 06 | PROPRIEDADE TERRITORIAL E RURAL (SEDE) 13 |
| SERVIÇOS DE TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES (SEDE) 07 | IMPÓSITO SOBRE SERVIÇOS 14 |

09 NOVA ATIVIDADE PRINCIPAL

08 11

10 NOVA DENOMINAÇÃO

NOVA FORMA DO RAZÃO SOCIAL (DENOMINAÇÃO GERAL)

NOVO NOME DE FANTASIA

11 NOVO ENDEREÇO DO ESTABELECIMENTO

SCS EDIFÍCIO NARCIA 7ª Andar sala 712
Setor Comercial Sul 70000-000 DF
Brasília 91901-1000

12 NOVA PESSOA FÍSICA RESPONSÁVEL PERANTE O MINISTÉRIO DA FAZENDA

13 João Claudio Todorov

14 CONTROLE DE REMESSA DE DOCUMENTOS

10000/9701 07/03/79

15 RECEPÇÃO NO ÓRGÃO DA JURISDIÇÃO DA SEDE

10000/9701 07/03/79

16 RECEPÇÃO NO ÓRGÃO DA JURISDIÇÃO DO ESTABELECIMENTO

07/03/79

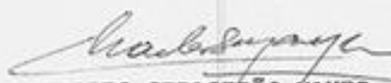
Brasília, 19 de abril de 1979

Ao Professor
JOÃO CLAUDIO TODOROY
DD. Presidente da ADUnB

Senhor Presidente,

De acordo com o Artigo 19 dos Estatutos, tenho a satisfação de encaminhar os nomes do Professor DOUGLAS MARQUES DE SÃ e TEREZINHA ROSA CRUZ escolhidos respectivamente como representante e suplente, pelos demais associados deste Departamento, em reunião realizada em 17 de abril de 1979.

Atenciosamente,


CHARLES SEBASTIÃO MAYER.

ELEIÇÃO DE MEMBRO DO CONSELHO DE REPRESENTANTES DA ADUNB

ATA

Aos 03 de julho de 1979, às 10:00 horas, reuniram-se os sócios da ADUNB pertencentes ao Departamento de Administração elegendo o Profo/a. João Jorge Vieira Canvalhedo como Representante da Entidade. O Profo/a. Fernando Coutinho Garcia foi eleito como suplente. A eleição foi presidida pelo Profo/a. Luiz Pedro

Brasília, 3 de julho de 1979

Nome

Luiz Pedro
 Naimar M. Ramal
 Evaldo Macedo do Oliveira
 JOÃO JORGE VIEIRA CANVALHEDO
 FERNANDO COUTINHO GARCIA
 ROBERTO BOLACCIO PISCITELLI
 CARLOS ALBERTO NUNES LIMA TORRES

Assinatura

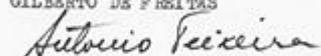
Luiz Pedro
 Naimar M. Ramal
 Evaldo Macedo
 Fernando B. Piscitelli
 Carlos Alberto Nunes Lima Torres

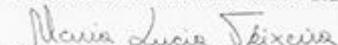
ATA DE ELEIÇÃO DO REPRESENTANTE E SUPLENTE DO DEPARTAMENTO DE MEDICINA
COMPLEMENTAR JUNTO A ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

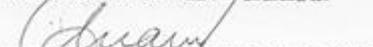
Aos sete dias do mes de junho de hum mil novecentos e setenta e nove, reuniram-se os membros do Departamento de Medicina Complementar, sócios da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, com a finalidade de eleição do Representante e Suplente junto àquela Associação. Dos nove Professores sócios da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, estavam presentes: GILBERTO DE FREITAS, EDISIO PEREIRA, ANTONIO TEIXEIRA, MARIA LUCIA TEIXEIRA, EDUARDO FLÁVIO QUEIROZ e ORIANA LINS SILVA, constituindo maioria absoluta. Por aclamação foram eleitos os Professores GILBERTO DE FREITAS e RONALD DA COSTA ARAÚJO, Representante e Suplente, respectivamente. Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrada a reunião da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, EDISIO PEREIRA, e demais membros presentes.

BRASÍLIA, 7 de junho de 1979.

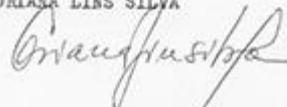

EDISIO PEREIRA

GILBERTO DE FREITAS

ANTONIO RAIMUNDO LIMA CRUZ TEIXEIRA


MARIA LUCIA DA SILVA TEIXEIRA


EDUARDO FLÁVIO OLIVEIRA QUEIROZ

ORIANA LINS SILVA



ATA DA ELEIÇÃO PARA REPRESENTANTE
(E SUPLENTE) DOS SÓCIOS DO DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA CELULAR - CEL - JUNTO AO CONSELHO DA ADUnB.

Aos 15 dias do mês de junho de 1979 realizou-se, no Laboratório de Biofísica do Departamento de Biologia Celular, a reunião com a finalidade de eleger o representante e suplente dos sócios do CEL no Conselho da ADUnB. Votaram os seguintes sócios: Elliot Watanabe Kitajima, Mauro Carneiro, Hiroaki Ikemoto, Spartaco Astolfi Filho, Waldenor Barbosa da Cruz, Isaac Roitman, Eugen Cander, Jaira de Figueiredo, Hélio Peixoto de Azevedo e Kumiko Mizuta. Feita a apuração foram eleitos como representante o sócio Elliot Watanabe Kitajima com 04 (quatro) votos e como suplente Hiroaki Ikemoto com 03 (três) votos. Os demais votos para representante foram assim distribuídos: Hiroaki Ikemoto (2 votos), Isaac Roitman (2 votos) e Waldenor B. da Cruz (2 votos), e para o cargo de suplente, Spartaco A. Filho (2 votos), Isaac Roitman (1 voto), Elliot Watanabe Kitajima (1 voto), Waldenor B. da Cruz (1 voto), Kumiko Mizuta (1 voto) e Eugen Cander (1 voto). Porém, o sócio eleito Elliot Watanabe Kitajima alegou não poder assumir o cargo por ser membro da Diretoria (Vice - Presidente) e assim, uma nova eleição para representante foi realizada aos vinte e dois dias do corrente mês. O resultado foi o seguinte: Spartaco Astolfi Filho 05 (cinco) votos, Isaac Roitman 03 (três) votos, Waldenor B. da Cruz 01 (um) voto e Mauro Carneiro 01 (um) voto. Ficam, portanto, eleitos o sócio Spartaco A. Filho no cargo de representante e Hiroaki Ikemoto no cargo de suplente. Eu, Hiroaki Ikemoto, convidado para secretariar essas reuniões, lavrei a presente ata que vai por mim assinada juntamente com a atual representante.

Brasília, 22 de junho de 1979.


Hiroaki Ikemoto


Kumiko Mizuta

ATA DA APURAÇÃO DA ELEIÇÃO PARA REPRESENTANTE E SUPLENTE DE REPRESENTANTE DO DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL, JUNTO AO CONSELHO DE REPRESENTANTES DA ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - ADUnB

Aos 19 (dezenove) dias do mês de julho do ano de 1979, realizou-se a apuração da eleição para Representante e Suplente de Representante do ENC junto ao CR da ADUnB. Tal eleição, tal apuração efetuou-se na presença dos antigos representante e suplente do ENC junto a ADUnB, respectivamente Srs. Antonio Raimundo Coimbra e Marco Antonio Almeida de Souza e foi feita pelo sócio Sr. Pedro Murrieta dos Santos Neto. Aberta a urna constatou-se a existência de 5 (cinco) votos todos dados aos Srs. Fernando Edmundo Chermont Vidal e Athail Rangel Pulino Filho, candidatos únicos, sendo deste modo os mesmos eleitos para o atual mandato no Biênio 79/80. Como mais nada houve, lavrou-se a presente ata por mim, Dimitri Znamensky, secretário da apuração e vai abaixo assinada pelos presentes.

DIMITRI ZNAMENSKY

ANTONIO R. S. COIMBRA

Marco Antonio Almeida de Souza

MARCO ANTONIO ALMEIDA DE SOUZA

Pedro Murrieta dos Santos Neto

PEDRO MURRIETA DOS SANTOS NETO

VOTAÇÃO PARA REPRESENTANTE E SUPLENTE DO ANIDIA 19 de junho 1979LISTA DOS SÓCIOS

- 1 - Heleny Alves de Minas
- 2 - Tânia Maria dos Santos Danni
- 3 - Michèle Annie Dardenne
- 4 - Agenor Mello Sobrinho
- 5 - Felizardo Penalva da Silva
- 6 - Volnei Garrafa
- 7 - Heloisa Helena M. Castro
- 8 - Cleber José Rodrigues Alho
- 9 - Paulo Espírito Santo Saraiva
- 10 - Cira Coelho Penalva da Silva
- 11 - Ivone Rezende Diniz Rocha
- 12 - José Gilberto Aucélio
- 13 - Maria Rosa Lozano Barrós
- 14 - Mércia Eliana Bicalho Ribeiro

ASSINATURALucia Sabatini[assinatura][assinatura]A. Mello[assinatura][assinatura][assinatura][assinatura]Lucia Sabatini[assinatura][assinatura][assinatura][assinatura][assinatura]Democristão de UnB[assinatura]

Brasília, 19 de Junho de 1979

[assinatura]
 Prof. Agenor Mello Sobrinho
 Representante do ANI

ATA DA ELEÇÃO PARA REPRESENTANTE E SUPLENTE DO DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA ANIMAL NA ADUnB

No dia 19 de junho de 1979 foi realizada no Laboratório de Morfologia e Morfogênese (ANI) a eleição para o novo representante e suplente do Departamento de Biologia Animal junto á ADUnB.

Dos 14 sócios inscritos, 10 votaram, os outros 4 não compareceram a votação (2 estão de licença sabática, 2 de licença de gestação e 1 demissionária da UnB).

A apuração realizada as 16h15 deu os seguintes resultados:

Para representante : Prof. Volnei GARRAPA ;+.....7 votos
 Prof. Michèle DARDENNE 2 votos
 Prof. Felizardo Penalva da SILVA.... 1 voto

total 10 votos

Para suplente : Prof. Felizardo Penalva da SILVA5 votos
 Prof. Tânia Maria dos Santos DANNI.....2 votos
 Prof. Michèle DARDENNE2 votos
 Prof. José Gilberto AUCÉLIO:.....1 voto

total 10 votos

Sendo este o resultado foram eleitos:

Prof. VOLNEI GARRAPA representante do ANI junto a ADUnB
 Prof. FELIZARDO PENALVA DA SILVA suplente do ANI junto a ADUnB

Brasília, 20 de junho de 1979


 Prof. Michèle Dardenne
 Suplente do ANI

NB - anexada as assinaturas dos votantes

ELEIÇÃO DE MEMBRO DO CONSELHO DE REPRESENTANTES DA ADUNB

ATA

Aos 20 de junho de 1979, às 16 horas, reuniram-se os sócios da ADUNB pertencentes ao Departamento de Distúrcio Sênior, elegendo o Profo/a. Sadi Sal. Rosa como Representante da Entidade. O profo/a. Safira B. Ammann foi eleito como suplente. A eleição foi presidida pelo profo/a. Leda del. Caro Paiva.

Brasília, 20 de junho de 1979.

Nome

LIA ZANOTTA MACHADO
 POTYARA A. P. PEREIRA
 Abdias U. da C. Carvalho
 Vilma Figueiredo
 ANA MARIA FERNANDES SKEFF
 MARIA HELENA F. T. HENRIQUES
 ILIBIO GONZALES
 SADI SAL-ROSA
 FERNANDO CORREIA DIAS
 LENITA NIOLETTI
 LEDA DEL CARO PAIVA -
 SAFIRA ANMANN

Assinatura

Sadi Sal. Rosa
Stepia A. P. Pereira
Abdias U. da C. Carvalho
Vilma Figueiredo
ANA MARIA FERNANDES SKEFF
MARIA HELENA F. T. HENRIQUES
ILIBIO GONZALES
S. Sal. Rosa
Fernando Correia Dias
Lenita Nioletti
Leda del. Caro Paiva
Safira Ammann

ELEIÇÃO DE MEMBRO DO CONSELHO DE REPRESENTANTES DA ADUNB

ATA

Aos 28 de Junho de 1979, às 17 horas, reuniram-se os sócios da ADUNB pertencentes ao Departamento de BIBLIOTECONOMIA, elogendo o Profo/a. JOÃO EVANGELISTA DE ANDRADE FILHO como Representante da Entidade. O Profo/a. ANTONIO AGENOR BRIQUET DE LEMUS foi eleito como suplente. A eleição foi presidida pelo Profo/a. VERA AMÁLIA AMARANTE MACEDO.

Brasília, 28 junho de 1979

Hono

Assinatura

ANTONIO AGENOR BRIQUET DE LEMUS

JURACY FEITOSA ROCHA

VERA AMÁLIA A. MACEDO

Nilceia Rossi Gonçalves

JOÃO EVANGELISTA DE ANDRADE F.

Assinatura de J. Rocha
 Juracy B. Rocha
 V. Amado
 Nilceia A. Rossi Gonçalves
 João Evangelista F.

ELEIÇÃO DO MEMBRO DO CONSELHO DE REPRESENTANTES DA ADUNB

ATA

Aos 28 de Junho de 1979, às 20 horas, reuniram-se os sócios da ADUNB pertencentes ao Departamento de Matemática elegendo o Profa. Edson Norberto Caêeres como Representante da Entidade. O Profa. Alfredo Tsuzumo Tokuda foi eleito como suplente. A eleição foi presidida pelo Profa. Maria Cristina Jorge Sèveff

Brasília, 28, Junho de 1979.

Nome

Assinatura

Jana Salgueiro Peregón

Alfredo Tsuzumo Tokuda
MARIA CRISTINA JORGE SÈVEFF

Norai Roman Rocco

Jana Schmitt

Edson Norberto Caêeres

Anamaria Cordeiro Tamba

[Handwritten signatures]
 Maria Cristina Jorge Sèveff
 Jana Schmitt
 Edson Norberto Caêeres

ELEIÇÃO DE MEMBRO DO CONSELHO DE REPRESENTANTES DA ADUNB

ATA

Aos 22 de JULHO de 1979, às 15 horas, reuniram-se os sócios da ADUNB pertencentes ao Departamento de FÍSICA elegendo o Profo/a MANOEL MANTULETE como Representante da Entidade. O Profo/a OTIL LARA foi eleito como suplente. A eleição foi presidida pelo Profo/a ORLANDO AFOUNSO VALLE DO AMARAL

Brasília,

Nome

Assinatura

Edmo José Dias Campos



CHOSALDO RODRIGUES DA COSTA JR.
ORLANDO AFOUNSO VALLE DO AMARAL

M. Mantulete

Chosaldo

Orlando Afonso Valle do Amaral

M. Mantulete

Paulo César de Morais
Paulo Cezar dos Anjos



Mantulete

Mantulete
OTIL LARA



Universidade de Brasília

ATA DA REUNIÃO DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
REALIZADA NO DIA 6/9/79.

Às dezessete horas e trinta minutos do dia seis de setembro de mil novecentos e setenta e nove, na Sala de Reuniões do Departamento de Economia, reuniram-se os professores do ECO, sob a presidência do Chefe do Departamento, para tratar da eleição do Representante e do Suplente do ECO, junto à Associação dos Docentes da UnB. Presentes os Professores Carlito Roberto Zanetti, Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque, Flávio Rabelo Versiani, Joaquim Pinto de Andrade, José Antonio Sant'Ana, Juan Carlos Lerda, Lauro Álvares da Silva Campos, Maria Teresa Ribeiro de Oliveira Versiani, Leandro Amaral Lopes, Manuel Marcos Maciel Formiga, Francisco Salles de Sousa e Steve de Castro, todos sócios da ADUnB, com exceção dos Professores Maria Teresa Ribeiro de Oliveira Versiani, Francisco Salles de Sousa e Steve de Castro, procedeu-se à eleição, tendo sido eleitos, por unanimidade de votos dos presentes, os Professores Flávio Rabelo Versiani e Leandro Amaral Lopes, respectivamente Representante e Suplente, junto à ADUnB. Brasília, dez de setembro de mil novecentos e setenta e nove. Lívio William Reis de Carvalho.

Brasília-DF., 28.III.79.

Os abaixo-assinados, professores do Departamento de Geografia e História da UnB, indicam o Prof. Dr. Celestino Pires para participar do Conselho de Representantes da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília.

Nelson Francisco Alves Junior
S. Pires
Hanschitz
Wimmer
Maria Inês da Góes
Jorge de Barros
Cecilia Kautz

PELO FIM DA INTERVENÇÃO NA UNB

A UnB é uma universidade sob intervenção. Após 1968, superados vários períodos de dificuldades, sofria a Universidade de Brasília mais uma intervenção, que a desviaria definitivamente do caminho de procura histórica em que se encontrava. A UnB procurava, como uma universidade nova e sem vícios, um caminho cultural, científico e tecnológico que visasse o benefício concreto da sociedade. Mas essa procura foi violentamente interrompida pela invasão de um poder autocrático e centralizador, que aqui se mantém até hoje, caracterizando a mais longa intervenção já verificada em uma universidade brasileira.

Assim, criada para ser uma instituição verdadeiramente brasileira, verdadeiramente preocupada com a nação e seus problemas, a Universidade de Brasília foi sendo desfigurada ao longo dos anos até tornar-se o que é hoje: uma universidade fechada aos anseios mais legítimos da sociedade brasileira.

Cumpro, hoje aos professores, alunos e funcionários da UnB, juntamente com os setores mais representativos do pensamento democrático do país, recuperar esta universidade para o seu papel de centro gerador de conhecimento voltado para todos os brasileiros.

Nós, professores e alunos da Universidade de Brasília, que nos últimos tempos fomos obrigados a empregar medidas extremas para exigir o cumprimento de direitos básicos como o enquadramento dos professores colaboradores, o fim de contratos por tempo determinado, a implantação de um projeto de carreira, a contratação de mais professores e melhores condições de ensino, hoje apelamos para o conjunto da sociedade, em particular para a comunidade acadêmico-científica, no sentido de que nos ajudem a recriar em Brasília uma universidade de que todos possamos nos orgulhar.

Neste momento, em que nem mesmo a grave crise econômica impede a nação de buscar o caminho da democracia, é inadmissível que

a Universidade de Capital da República permaneça como reduto intocável do autoritarismo e do arbítrio mais obscurantista.

É preciso ressaltar que os professores da UnB ainda lutam pelo enquadramento de todos os colaboradores. É preciso dizer que os professores ainda querem a implementação do projeto de carreira nascido da vontade do movimento docente desta universidade. É preciso deixar claro que os alunos ainda reclamam a falta de professores e a participação através do voto nos órgãos colegiados.

Mas é preciso ressaltar também que estamos cansados de ver nossa boa-fé torpedeada pela má-fé de quem - legitimado por uma ordem legal sob questão - não hesita em romper acordos, não hesita em humilhar colegas eleitos para a comissão de enquadramento, deturpando de forma vil os seus perfis acadêmicos, em episódio dos mais vergonhosos da história desta Universidade. Da mesma forma, os alunos se viram obrigados a entrar com mandado de segurança para que as suas conquistas fossem garantidas, depois de caracterizado o rompimento, por parte da Administração Central, do acordo firmado por ela com os estudantes.

Sim, nós estamos cansados da má-fé da Administração Central e do seu titular, porém estamos mais do que nunca dispostos a lutar pelos nossos direitos e pelos nossos princípios.

Por isso, soltamos hoje este grito pelo fim da intervenção na Universidade de Brasília, como forma de solucionar definitivamente os problemas que vem sufocando nossa comunidade.

Queremos enfatizar, porém, que o fim da intervenção não se dará com a simples mudança da atual Administração, mas sim com a mudança de estrutura de poder desta universidade, através da escolha num processo democrático, dos nossos próximos dirigentes.

Chegos, pois, a hora de mudar. E as mudanças só poderão começar pelo fim da intervenção na UnB e pela escolha democrática de todos os seus dirigentes.

COMISSÃO ADUNB - OCE

20/09/83.

2º OFÍCIO
REGISTO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS
CAS FICOU CÓPIA ARQUIVADA EM 17304-1
ROFILME SOB N.º _____

ADUnB

Regimento da ADUnB - Seção Sindical da ANDES-SN

Brasília, 27 de novembro de 1995



2.º OFÍCIO
 ADUnB - SEÇÃO SINDICAL
 REGISTRO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS
 CAS FICOU CÓPIA ARQUIVADA EM MICROFILME SOB N.º 17364-1

REGIMENTO

TÍTULO I
 DA ORGANIZAÇÃO, FINS, SEDE E DURAÇÃO

Art. 1º - A Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, ADUnB, pessoa jurídica de direito privado, com natureza e fins não lucrativos, de duração indeterminada, fundada em 24 de maio de 1978, constituiu-se, a partir da Assembleia Geral dos docentes a ela vinculados, realizada a 27 de novembro de 1995, em Seção Sindical dos Docentes da Universidade de Brasília (UnB), com a denominação de ADUnB - SEÇÃO SINDICAL, com sede e foro na cidade de Brasília, como instância organizativa e deliberativa da ANDES - SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR.

§ Único - A ADUnB - SEÇÃO SINDICAL será regida por este Regimento, aprovado em Assembleia Geral, respeitado o Estatuto da ANDES - SINDICATO NACIONAL.

Art. 2º - A ADUnB - SEÇÃO SINDICAL possui autonomia política, administrativa, patrimonial e financeira, nos termos do Estatuto da ANDES - SINDICATO NACIONAL.

Parágrafo Único - Na sede da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL encontrar-se-á o registro atualizado dos seus filiados.

Art. 3º - A ADUnB - SEÇÃO SINDICAL tem por objetivo básico organizar sindicalmente os docentes da UnB gozando, para tanto, das prerrogativas sindicais asseguradas na Constituição Federal, inclusive a de representação dos interesses profissionais e trabalhistas dos filiados ligados à sua base territorial, em juízo ou fora dele, sobretudo na qualidade de substituto processual.

Art. 4º - A ADUnB - SEÇÃO SINDICAL tem por finalidade precípua defender os direitos e interesses profissionais e trabalhistas dos docentes da UnB;

Art. 5º - São objetivos da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL:

- I - representar os interesses dos filiados da ANDES - SINDICATO NACIONAL sob sua jurisdição junto aos órgãos diretivos da UnB bem como junto a qualquer instância administrativa ou judicial;
- II - defender a educação enquanto um bem público e uma política educacional que atenda às necessidades populares, assegurando o direito ao ensino público, gratuito, democrático, laico e de qualidade para todos;
- III - analisar a política educacional, científica e cultural brasileira e sobre ela manifestar-se, principalmente no que se refere ao peculiar interesse da educação superior e ao desenvolvimento da cultura científica, intelectual, física e artística;
- IV - lutar por melhores condições de trabalho e por um padrão elevado de qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão para as instituições de ensino superior do país;
- V - buscar a integração das entidades representativas de professores, estudantes, servidores técnico-administrativos e trabalhadores em geral;
- VI - divulgar e debater com a comunidade as questões relativas à educação.

Art. 6º - São deveres e prerrogativas da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL:

- I - trabalhar pela consecução dos objetivos previstos no Art. 5º;
- II - promover estudos sobre questões relativas à Seção Sindical;
- III - divulgar as atividades da ANDES - SINDICATO NACIONAL no âmbito de sua representação;

ADUnB - Seção Sindical - Regimento



2.º OFÍCIO
REGISTO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS
CAS FICOU CÓPIA ARQUIVADA EM MI-

GRUPO FILME SOB N.º 7364 - /

- IV - manter os filiados informados quanto às atividades da Seção Sindical;
- V - encaminhar propostas e sugestões à ANDES - SINDICATO NACIONAL;
- VI - promover o fortalecimento da ANDES - SINDICATO NACIONAL;
- VII - acatar as resoluções das instâncias deliberativas da ANDES - SINDICATO NACIONAL, na forma do seu Estatuto.

TÍTULO II DOS ASSOCIADOS, SEUS DIREITOS E DEVERES

Art. 7º - O número de filiados da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL é ilimitado, observado o disposto no Art. 8º deste Regimento.

§ Único - Os filiados da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL são sindicalizados à ANDES-SINDICATO NACIONAL por este Regimento, em conformidade com o Parágrafo 3º do Art. 8º do Estatuto da ANDES - SINDICATO NACIONAL.

Art. 8º - Poderá filiar-se à ADUnB - SEÇÃO SINDICAL o docente que se comprometer a cumprir este Regimento e as resoluções da Seção Sindical;

§ 1º - Docente, para efeito deste Regimento é aquele que exerce atividade de magistério na UnB;

§ 2º - O disposto neste Artigo aplica-se aos docentes aposentados, afastados ou em disponibilidade;

§ 3º - O pedido de filiação será submetido à aprovação da Diretoria Executiva, ad referendum do Conselho de Representantes, cabendo recurso, em caso de indeferimento, ao Conselho de Representantes;

§ 4º - O desligamento voluntário de qualquer filiado deverá ser feito mediante ofício à Diretoria, que o homologará.

Art. 9º - São direitos dos filiados:

I - manifestar-se, com direito a voz e voto, na Assembléia Geral da ADUnB-SEÇÃO SINDICAL;

II - votar e ser votado para os cargos eletivos da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL, de todas as instâncias da ANDES - SINDICATO NACIONAL, bem como outros eventos que exijam estes procedimentos, respeitados os dispositivos deste Regimento;

III - requerer ao Presidente da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL convocação de Assembléia Geral, mediante documento expondo os motivos da convocação e a pauta, subscrito por no mínimo dez por cento (10%) dos filiados;

IV - beneficiar-se, em igualdade com os demais filiados, dos serviços prestados pela ADUnB - SEÇÃO SINDICAL;

V - fiscalizar, nos termos deste Regimento, o funcionamento da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL e sobre ele manifestar-se;

VI - apresentar à Assembléia Geral, ao Conselho de Representantes e à Diretoria Executiva propostas, sugestões ou representações de qualquer natureza que demandem providências destes órgãos;

VII - recorrer das decisões do Conselho de Representantes ou da Diretoria Executiva à Assembléia Geral, até no máximo três meses após estas decisões;

VIII - recorrer das decisões da Assembléia Geral atendendo o disposto no inciso III deste Artigo, até no máximo três meses destas decisões;

§ 1º - Os professores visitantes e substitutos não podem ser votados para cargo eletivo da Diretoria Executiva da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL;

§ 2º - O filiado no gozo de seus direitos somente poderá candidatar-se a cargo de diretoria se estiver desligado de funções administrativas no serviço público federal ou distrital, e cargo de chefia ou direção na UnB;

ADUnB - Seção Sindical - Regimento de Trabalho

DOCUMENTO AUTENTICADO



2.º OFÍCIO
REGISTO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS
CAS FICOU CÓPIA ARQUIVADA EM MI-
CROFILME SOB N.º 1.2064

§ 3º - O filiado que exerça cargo da Diretoria Executiva na ADUnB - SEÇÃO SINDICAL que deixar o cargo que ocupa nesta Diretoria se vier a assumir função administrativa no serviço público federal ou distrital e cargo de chefia ou direção na UnB;

§ 4º - O filiado no gozo de seus direitos somente poderá candidatar-se a mandato no Conselho de Representantes se estiver desligado de cargos na Administração Superior da UnB;

§ 5º - O filiado que exerça mandato no Conselho de Representantes da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL terá que deixar o mandato se vier a assumir cargo na Administração Superior da UnB;

§ 6º - O filiado que se afastar da função de docente da UnB, em caráter temporário, poderá votar conforme inciso II deste artigo, mas não poderá ser votado durante o período em que durar o afastamento.

Art. 10 - São deveres dos filiados:

- I - observar o presente Regimento, bem como o Estatuto da ANDES-SINDICATO NACIONAL;
- II - acatar as decisões de caráter geral da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL e da ANDES - SINDICATO NACIONAL;
- III - trabalhar pelos objetivos da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL e da ANDES - SINDICATO NACIONAL;
- IV - manter-se em dia com sua contribuição financeira à ADUnB - SEÇÃO SINDICAL e à ANDES - SINDICATO NACIONAL.

Art. 11 - São passíveis de sanções os filiados que desrespeitarem este Regimento.

§ 1º - As sanções a que se refere este artigo são de advertência, suspensão e exclusão.

§ 2º - As sanções de advertência e suspensão serão aplicadas pela Diretoria ouvido o Conselho de Representantes;

§ 3º - As sanções de exclusão serão aplicadas pela Diretoria ouvida a Assembléia Geral;

§ 4º - Ao filiado incurso nessas sanções será assegurado amplo direito de defesa.

TÍTULO III DOS ÓRGÃOS DIRETIVOS, COMPOSIÇÃO E ATRIBUIÇÕES

CAPÍTULO I DOS ÓRGÃOS DIRETIVOS

Art. 12 - São órgãos da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL:

- I - Assembléia Geral;
- II - Conselho de Representantes;
- III - Diretoria Executiva.

CAPÍTULO II DA ASSEMBLÉIA GERAL

Art. 13 - A Assembléia Geral é o órgão deliberativo máximo da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL, sendo composta por todos os seus filiados no gozo de seus direitos regimentais.

Parágrafo Único - A Assembléia Geral se reunirá ordinariamente uma vez por ano e extraordinariamente quando convocada nos termos deste Regimento.

Art. 14 - Compete à Assembléia Geral:

- I - apreciar e deliberar sobre os assuntos constantes da pauta aprovada, em consórcio com o estabelecido nos Art. 5º, 6º e 17 deste Regimento;

ADUnB-Seção Sindical - Regimento



2.º OFÍCIO
REGISTO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS
CAS FICOU CÓPIA ARQUIVADA EM MI-
CROFILME SOB N.º 1-7364

Art. 52 - Qualquer membro da Diretoria Executiva, ou toda ela conjuntamente poderá, ser destituído pela Assembléia Geral, especialmente convocada para este fim, com a presença de pelo menos vinte por cento (20%) dos filiados no gozo de seus direitos e por deliberação favorável de no mínimo dois terços (2/3) dos presentes.

Art. 53 - A ADUnB-SEÇÃO SINDICAL poderá ser voluntariamente dissolvida pela Assembléia Geral, especialmente convocada para este fim, exigindo-se a aprovação de, pelo menos, dois terços (2/3) dos filiados no gozo de seus direitos.

§ Único - No caso de dissolução da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL, prevista neste artigo, a Assembléia Geral que a dissolver decidirá sobre o destino a ser dado ao seu patrimônio.

Art. 54 - A reforma do presente Regimento só poderá ser feita por Assembléia Geral, especialmente convocada para este fim, exigindo-se a aprovação de, pelo menos, a maioria absoluta (50% + 1) dos filiados no gozo de seus direitos.

§ Único - O disposto no caput deste artigo não se aplica ao Art. 53 o qual só poderá ser alterado em Assembléia Geral especialmente convocada para este fim, exigindo-se a aprovação de pelo menos dois terços (2/3) dos filiados no gozo de seus direitos.

Art. 55 - Os casos omissos neste Regimento serão deliberados pelo Conselho de Representantes.

Art. 56 - O presente Regimento, depois de homologado pela ANDES - SINDICATO NACIONAL, entrará em vigor a partir da data de seu registro junto ao órgão competente, concomitantemente à sua publicação.

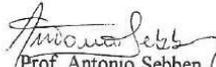
TÍTULO VII DAS DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

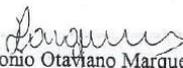
Art. 57 - A Assembléia Geral de 27 de novembro de 1995 reconhece como Diretoria Executiva da ADUnB - SEÇÃO SINDICAL a atual Diretoria da ADUnB, cujo mandato expirará em 16 de agosto de 1996.

Art. 58 - A Assembléia Geral de 27 de novembro de 1995 reconhece como filiados à ADUnB - SEÇÃO SINDICAL os associados à ADUnB, nesta data.

Art. 59 - O patrimônio da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília transfere-se integralmente para a ADUnB - Seção Sindical.

Art. 60 - Os direitos e obrigações, débitos e créditos da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, transfere-se para a ADUnB - Seção Sindical na data de sua transformação.


Prof. Antonio Sebben
Presidente da ADUnB-S.Sind.


Antonio Otaviano Marques
2o. Secretário da ADUnB-S.Sind.

ADUnB - Seção Sindical - Regimento



4.º ANATÓTIPO DE REGISTRO DE TÍTULOS, DOCUMENTOS E PESSOAS JURÍDICAS
 DO DISTRITO FEDERAL
 600 Ed. Ant.º Venâncio de Alencar - Lajeado nº 10 - Fone: 220-9246
 Oficial Rondon Augusto de Assunção
 APRESENTADO HOJE, 03 SET 1996
 MICROFILME SOB N.º 17304 REGISTRADO NA
 ANOTADO A MARGEM DO REGISTRO N.º 5957
 DO LIVRO PROTOCOLO.
 BRASÍLIA (DF) 03 SET 1996
 SERVIÇO DE REGISTRO

4.º OFÍCIO DE NOTAS DE BRASÍLIA
 Autentico esta cópia conforme Art. 7.º V
 da Lei 8935/94.
 BRASÍLIA/DF, 07 de Abril de 2014.
 OLIO-LEONIDAS FABIANO RODRIGUES CRUZ
 ESCRIVENTE AUTORIZADO
 Sela: TJDFT0140090467191NUCK
 Disponível no site www.tjdft.jus.br
 IVAN RODRIGUES ARAUJO

CARTÓRIO DO 2.º OFÍCIO DE REGISTRO CIVIL
 TÍTULOS, DOCUMENTOS E PESSOAS JURÍDICAS
 José Jorge Quirino de Souza
 Escrevente Substituto
 BRASÍLIA

Paul Robert Lopes dos Santos
 4.º Ofício de Notas do DF
 Escrevente Autorizado